*breve

GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Celso Cunha

Lindley Cintra

Celso Cunha
Lindley Cintra

*breve GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

ISBN 972-9230-05-6

Copyright © 1985 EDIÇÕES JOÃO SÁ DA COSTA, LDA.
Av. do Brasil, 120-1.º Esq., 1700-076 Lisboa
Tel.: 21 840 04 28 • Fax 21 840 10 56
E-mail: edjsc@mail.telepac.pt

18.ª edição, 2006

Capa de Sebastião Rodrigues

Distribuidores para livrarias (Portugal):
LIVRARIA FIGUEIRINHAS
Rua do Almada, 47, 4050-036 Porto
Tel.: 22 332 53 00 • Fax 22 332 59 07
Rua da Prata, 208 2.º, 1100-422 Lisboa
Tel.: 21 887 92 68 • Fax 21 887 96 39

Depósito legal n.º 239 606/2006
Printed in Portugal

ISBN 972-9230-05-6

Apresentação

Esta *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, conforme o sugere o próprio título, outra coisa não é do que uma versão abreviada da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* que os autores publicaram em Lisboa (Edições João Sá da Costa), 1984, e no Rio de Janeiro (Nova Fronteira), 1985. Corresponde à necessidade que os autores e o editor logo sentiram de facilitar o acesso à descrição da língua portuguesa que, na versão inicial, tinham procurado fazer com todo o possível cuidado, rigor e também com o pormenor que uma descrição completa exige. Simplesmente a este carácter completo tinha inevitavelmente de corresponder um texto longo, cuja extensão o tornava de leitura talvez menos acessível.

Aos autores e editor depressa se apresentou como muito claro que, sem diminuir no essencial o valor da descrição já realizada, era perfeitamente possível dar dela uma versão mais curta, mais leve e mais facilmente legível por um público mais vasto, sobretudo, por uma camada mais jovem — para a qual este livro poderia servir de introdução numa ciência por ela normalmente encarada com certa desconfiança inicial. Não era para isso — na maior parte dos casos — nem sequer necessário alterar substancialmente a redacção original já voluntariamente feita em linguagem simples e com o menor emprego possível de termos técnicos gramaticais. Bastava em geral retirar *observações* já apontadas na versão anterior como dirigidas a um público mais especializado; reduzir o número de frases usadas como abonação; e algumas vezes recorrer a uma redacção abreviada e um pouco diversa da versão original. Pode-se assim descrever, de forma evidentemente um tanto simplificada, o processo que conduziu à elaboração desta *Breve Gramática*.

Pensam os autores e o editor que, sob esta forma, a *Gramática* poderá atingir mais directamente um vasto sector de leitores com que já se preocupavam, é certo, ao lançar a primeira versão, mas para os quais o acesso à doutrina contida neste livro se tornaria mais fácil e — porque não dizê-lo? — até de certa maneira mais atraente e agradável. Referimo-nos aos alunos do ensino secundário, para os quais a extensão da primeira edição e a entrada

no estudo de certos pormenores não indispensáveis para uma iniciação na análise da estrutura da língua poderiam eventualmente assustar e afastar.

Ora um dos nossos objectivos essenciais desde o início do projecto foi, sem prejuízo do rigor científico na descrição da língua, fornecer, do português-padrão actual, um modelo que pudesse servir na aprendizagem da língua e principalmente da língua escrita, na forma que presentemente se pode considerar «*correcta*». Aliás sempre acentuámos o nosso propósito de que, neste sentido (que não exclui a aceitação de inovações), a própria versão inicial da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* já tivesse um aspecto normativo e uma aplicação pedagógica. Vincámos até que essa característica deliberadamente a afastava de outras gramáticas de carácter essencialmente especulativo.

Que esta obra, na sua versão breve, seja um factor no ensino que contribua para que a juventude portuguesa, brasileira e africana de língua oficial portuguesa — dispondo de um guia de fácil acesso e leitura que até ousamos classificar como muitas vezes atractiva — aprenda a melhorar a sua escrita e o seu falar da língua portuguesa é, sem dúvida, a maior aspiração dos autores e editor e a melhor recompensa possível para o trabalho feito e aqui apresentado.

Setembro de 1985.

Os Autores

Índice geral

Apresentação, *III*

Capítulo 1 CONCEITOS GERAIS, *1*

Linguagem, língua, discurso, estilo *1*
Língua e sociedade: variação e conservação linguística, *2*
Diversidade geográfica da língua: dialecto e falar, *3*
A noção de correcto, *3*

Capítulo 2 DOMÍNIO ACTUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, *5*

Unidade e diversidade da língua portuguesa, *5*
Os dialectos do português europeu, *5*
Os dialectos das ilhas atlânticas, *12*
Os dialectos brasileiros, *13*
O português de África, da Ásia e da Oceânia, *16*

Capítulo 3 FONÉTICA E FONOLOGIA, *18*

Os sons da fala, *18*
Som e fonema, *21*
Classificação dos sons linguísticos, *24*
Classificação das vogais, *25*
Classificação das consoantes, *32*
Encontros vocálicos, *37*
Sílaba, *41*
Acento tónico, *42*

Capítulo 4 ORTOGRAFIA, *45*

Letra e alfabeto, *45*
Notações léxicas, *46*
Regras de acentuação, *51*
Divergências entre as ortografias oficialmente adoptadas em Portugal e no Brasil, *55*

Capítulo 5 CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS, *57*

Palavra e morfema, *57*
Formação de palavras, *62*
Estrutura das palavras, *59*
Famílias de palavras, *62*

Capítulo 6 DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, *63*

Derivação prefixal, *63*
Derivação sufixal, *66*
Derivação regressiva, *75*
Derivação imprópria, *76*
Composição, *77*
Compostos eruditos, *79*
Hibridismo, *84*
Onomatopeia, *84*
Abreviação vocabular, *85*

Capítulo 7 FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, *87*

A frase e a sua constituição, *87*
A oração e os seus termos essenciais, *89*
O sujeito, *91*
O predicado, *97*
A oração e os seus termos integrantes, *102*
Complemento nominal, *103*
Complementos verbais, *104*
A oração e os seus termos acessórios, *110*
Adjunto adnominal, *111*
Adjunto adverbial, *112*
Aposto, *114*
Vocativo, *117*
Colocação dos termos na oração, *117*
Entoação oracional, *122*

Capítulo 8 SUBSTANTIVO, *130*

Classificação dos substantivos, *130*
Flexões dos substantivos, *133*
Número, *133*
Formação do plural, *134*
Género, *141*
Formação do feminino, *143*
Substantivos uniformes, *148*
Grau, *151*
Emprego do substantivo, *152*

Capítulo 9 ARTIGO, *155*

Artigo definido e indefinido, *155*
Formas do artigo, *156*
Valores do artigo, *159*
Emprego do artigo definido, *160*
Repetição do artigo definido, *172*
Omissão do artigo definido, *173*
Emprego do artigo indefinido, *175*
Omissão do artigo indefinido, *177*

Capítulo 10 ADJECTIVO, *180*

Flexões dos adjectivos, *183*
Número, *183*
Género, *184*
Grau, *186*
Emprego do adjectivo, *193*
Concordância do adjectivo com o substantivo, *196*
Adjectivo adjunto adnominal, *196*
Adjectivo predicativo de sujeito composto, *198*

Capítulo 11 PRONOMES, *200*

Pronomes substantivos e pronomes adjectivos, *200*
Pronomes pessoais, *200*
Emprego dos pronomes rectos, *205*
Pronomes de tratamento, *209*
Emprego dos pronomes oblíquos, *214*
Pronomes possessivos, *227*
Pronomes demonstrativos, *233*
Pronomes relativos, *241*
Pronomes interrogativos, *246*
Pronomes indefinidos, *249*

Capítulo 12 NUMERAIS, *255*

Espécies de numerais, *255*
Flexão dos numerais, *256*

Capítulo 13 VERBO, *263*

Noções preliminares, *263*
Tempos simples, *271*
Verbos auxiliares e o seu emprego, *278*
Conjugação dos verbos regulares, *287*
Conjugação da voz passiva, *287*

Conjugação dos verbos irregulares, *290*
Verbos com alternância vocálica, *291*
Outros tipos de irregularidade, *299*
Verbos de particípio irregular, *318*
Verbos abundantes, *319*
Verbos impessoais, unipessoais e defectivos, *321*
Sintaxe dos modos e dos tempos, *325*
Modo indicativo, *325*
Emprego dos tempos do indicativo, *325*
Modo conjuntivo, *333*
Emprego do conjuntivo, *334*
Modo imperativo, *339*
Emprego do modo imperativo, *339*
Emprego das formas nominais, *341*
Emprego do infinitivo, *342*
Emprego do gerúndio, *345*
Emprego do particípio, *346*
Concordância verbal, *348*
Regras gerais, *349*
Casos particulares, *350*
Regência, *360*
Sintaxe do verbo *haver*, *362*

Capítulo 14 ADVÉRBIO, *365*

Classificação dos advérbios, *366*
Gradação dos advérbios, *370*
Palavras denotativas, *372*

Capítulo 15 PREPOSIÇÃO, *374*

Função das preposições, *374*
Significação das preposições, *375*
Conteúdo significativo e função relacional, *377*
Valores das preposições, *380*

Capítulo 16 CONJUNÇÃO, *390*

Conjunção coordenativa e subordinativa, *390*
Conjunções coordenativas, *391*
Conjunções subordinativas, *392*
Locução conjuntiva, *395*

Capítulo 17 INTERJEIÇÃO, *396*

Capítulo 18 O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, *398*

Período simples e período composto, *398*
Coordenação, *400*
Subordinação, *402*
Orações reduzidas, *408*

Capítulo 19 FIGURAS DE SINTAXE, *414*

Elipse, *414*
Zeugma, *416*
Pleonasmo, *417*
Hipérbato, *418*
Anástrofe, *418*
Prolepse, 419
Sínquise, *419*
Assíndeto, *419*
Polissíndeto, *420*
Anacoluto, *420*
Silepse, *421*

Capítulo 20 DISCURSO DIRECTO, DISCURSO INDIRECTO E DISCURSO INDIRECTO LIVRE, *423*

Discurso directo, *423*
Discurso indirecto, *425*
Discurso indirecto livre, *428*

Capítulo 21 PONTUAÇÃO, *429*

Sinais pausais e sinais melódicos, *429*
Sinais que marcam sobretudo a pausa, *429*
Sinais que marcam sobretudo a melodia, *434*

Capítulo 22 NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO, *442*

Estrutura do verso, *442*
Tipos de verso, *450*
A rima, *459*
Estrofação, *464*
Poemas de forma fixa, *468*

Índice ELENCO E DESENVOLVIMENTO DAS PRINCIPAIS ABREVIATURAS, *471*

1.

Conceitos gerais

Linguagem, língua, discurso, estilo.

1. LINGUAGEM é «um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa actividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer»[1]. Usa-se também o termo para designar todo o sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja a LINGUAGEM FALADA OU ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma colectividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no acto, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO[2].

---

1 Tatiana Slama-Casacu. *Langage et contexte*. Haia, Mouton, 1961, p. 20.

2 Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é «a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado» e o ESTILO «o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão» (*Précis de stylistique française*, 2.ª ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenómeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

Língua e sociedade: variação e conservação linguística.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1.º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);

2.º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);

3.º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintáctico, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e sub-sistemas adequados às necessidades dos seus usuários. Mas o facto de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque actua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contra-regrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

Diversidade geográfica da língua: dialecto e falar.

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALECTOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o FALAR do DIALECTO.

DIALECTO seria «um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem». De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialectos «as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua»[3].

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialecto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrónico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialecto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, OS FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos «de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com carácter administrativo»[4].

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática tais modalidades diatópicas, empregaremos neste livro — e particularmente no capítulo seguinte — o termo DIALECTO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A noção de correcto.

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser correctos. O mesmo sucede com a língua, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o «linguisticamente correcto» como aquilo que

[3] Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filología Hispánica, 15*: 57, 1961.

[4] *Id.*, Ibid., p. 60.

é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o «linguisticamente incorrecto». Ou, com suas palavras: «*falar correcto* significa o falar que a comunidade espera, e *erro* em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o valor interno das palavras ou formas». Reconhece, porém, que, independentemente disso, «existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mede com referência a um ideal linguístico», para cuja formação colabora eficazmente a «fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente»[5].

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas — pondera Eugénio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen — se «é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente», a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao que se pode ou se deve dizer, mas «ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada»[6].

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa)[7].

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adoptarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o património comum com formas e construções novas, a patentearem o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

[5] Otto Jespersen. *Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico*, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, Revista do Occidente, 1947, p. 178.

[6] *Sincronía, diacronía e historia; el problema del cambio lingüístico*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1973, p. 55.

[7] Veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 73-74 e ss.

2.

Domínio actual da língua portuguesa

Unidade e diversidade da língua portuguesa.

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade do nosso idioma, facto, aliás, salientado pelos dialectólogos.

Exceptuando-se o caso especial dos CRIOULOS, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que foi a da sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada[1].

Os dialectos do português europeu.

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALECTOS que, de acordo com certas carac-

[1] Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a *Bibliografia dialectal galego-portuguesa*, publicada pelo Centro de Estudos Filológicos, Lisboa 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. *Bibliografia da língua portuguesa do Brasil*. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

terísticas diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALECTOS GALEGOS;
b) DIALECTOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;
c) DIALECTOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS[2].

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa-Coimbra, e que distinguirão pela fala um natural da Galiza, um homem do Norte e um homem do Sul.

A distinção entre três grupos funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES. Assim:

1. Nos dialectos galegos não existem as sibilantes sonoras /z/ nem [z̺]: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [s̺] ou [s] (surda) de *passo; fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de caça. Não existe também a fricativa palatal sonora /ʒ/, grafada em português *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego só há a fricativa [ʃ] (surda) do português *enxada*.

2. Nos dialectos portugueses setentrionais existe a sibilante ápico-alveolar [s̺], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis, passo*. A ela corresponde a sonora [z̺] de *rosa*.

Em alguns dialectos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as predorsodentais [s] (em *cinco, caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialectos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [s̺], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [z̺].

[2] Quanto à classificação dialectal aqui adoptada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22, 81-116 Lisboa, 1971 (ou *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 117-163). Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente,no seu *Mappa dialectologico do continente português* (Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897), depois reproduzida na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris-Lisboa, Aillaud, 1901; 2.ª ed., com aditamentos e correcções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos *Opúsculos*, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O «Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental» (*Boletim de Filologia*, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta em factos linguísticos, principalmente, fonéticos, que, apresentados numa certa e possível hierarquização, permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

3. Nos dialectos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes predorso-dentais que caracterizam a língua padrão:
a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*[3];
b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialectos portugueses setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialectos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialectos galegos: b*inho*, *a*b*ó* por v*inho, avó;*

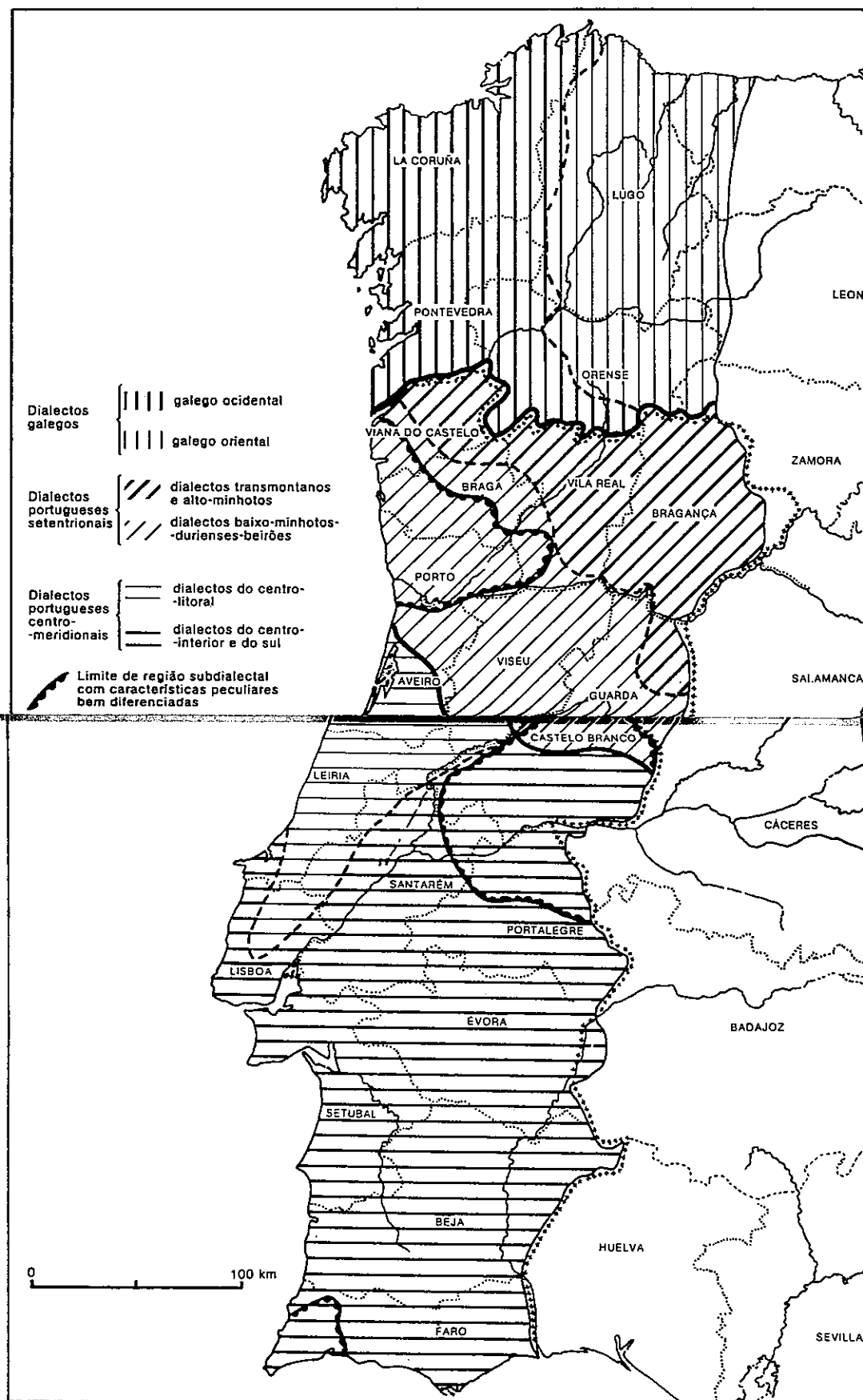
b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialectos centro-meridionais) na maior parte dos dialectos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialectos galegos: tch*ave*, *a*tch*ar* por ch*ave*, *a*ch*ar;*

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: ô*ru* por ou*ro*, *ferrêro* por *ferreiro*) caracteriza os dialectos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão, perante os dialectos portugueses setentrionais e os dialectos galegos[4].

Merecem menção especial — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialectos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialectos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialectos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e]

[3] Pronúncia semelhante à do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

[4] Com referência ao ditongo [ej], a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste caso uma ilhota de conservação ao sul) coincidem com os dialectos setentrionais na sua manutenção. Note-se contudo que, devido a um fenómeno de diferenciação entre os dois elementos do ditongo, este se transformou na referida pronúncia em [αj].

Classificação dos dialectos galego-portugueses

Alguns limites lexicais
(v. Orlando Ribeiro, A propósito de áreas lexicais..., BdF, *21*, 1965)

e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral (incluindo o falar popular da cidade do Porto e dos seus arredores).

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira-Baixa e do Alto--Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialectos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialectos centro-meridionais) em que se regista uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: *a*) a articulação do *u* tónico como [ü] (próximo do *u* francês), por exemplo *tü, müla,* por *tu, mula*; *b*) a representação do antigo ditongo grafado *ou* por [ö] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: *pöca* por *pouca*; *c*) a queda da vogal átona final grafada *-o* ou sua redução ao som [ə], por exemplo *cop(ə), cop(ə)s,* por *copo, copos; tüd(ə)* por *tudo*.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de *u*, encontramos [ü]: *tü, müla* (mas o *ou* está representado por [o]). Por outro lado, o *a* tónico evoluiu para um som semelhante a *o* aberto: *bata* é pronunciado quase *bota*, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira-Baixa e Alto--Alentejo, embora seja aí mais frequente a passagem, em determinados contextos fonéticos, de *a* a um som [ä] semelhante a [ɛ] aberto, por exemplo: *afilhédo*, por *afilhado*, *fumér* por *fumar*. A vogal átona final grafada *o* também cai ou se reduz a [ə]: *cop(ə), cop(ə)s,* por *copo, copos; tud(ə)* por *tudo*.

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os diversos grupos de dialectos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas e sintácticas, a grande variedade e irregularidade na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base[5], já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito número de sectores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialectos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objecto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição *almece* / *soro* (do queijo), *ceifar* / *segar*.

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialectos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialectos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos,

[5] Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como os perfeitos em *-i*, da 1.ª conjugação (*lavi* por *lavei*, *canti* por *cantei*), são exclusivamente centro-meridionais.

se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição de *ordenhar* a *moger, mugir* e *amojar;* de *amojo* a *úbere;* de *borrego* a *cordeiro* e a *anho;* de *chibo* a *cabrito;* de *maçaroca* a *espiga* (de milho), etc.

Advirta-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica na faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos factores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da acção de um mesmo factor histórico: a reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste (e parte do Oeste) mais conservadores, porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico[6].

Os dialectos das ilhas atlânticas.

Os dialectos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam — como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram — um prolongamento dos dialectos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialectos centro-meridionais. Com efeito, não se encontram nos dialectos açorianos e madeirenses nem o [ṣ] ápico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre /v/ e /b/, nem a africada [tʃ] dos dialectos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenómeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel.

[6] Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra, Areas lexicais no território português. *Boletim de Filologia, 20*: 273-307, 1962; e Orlando Ribeiro, A propósito de áreas lexicais no território português, *Boletim de Filologia, 21*: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos, ambos, em L. F. Lindley Cintra, *Estudos de dialectologia portuguesa,* Lisboa, 1983, p. 55-94 e 165-202). Cite-se, ainda, Luís F. Lindley Cintra. Une frontière lexicale et phonétique dans le domaine linguistique portugais. *Boletim de Filologia, 20*: 31-38, 1961 (artigo também reeditado nos referidos *Estudos,* p. 95-105).

Esta ilha, assim como a Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

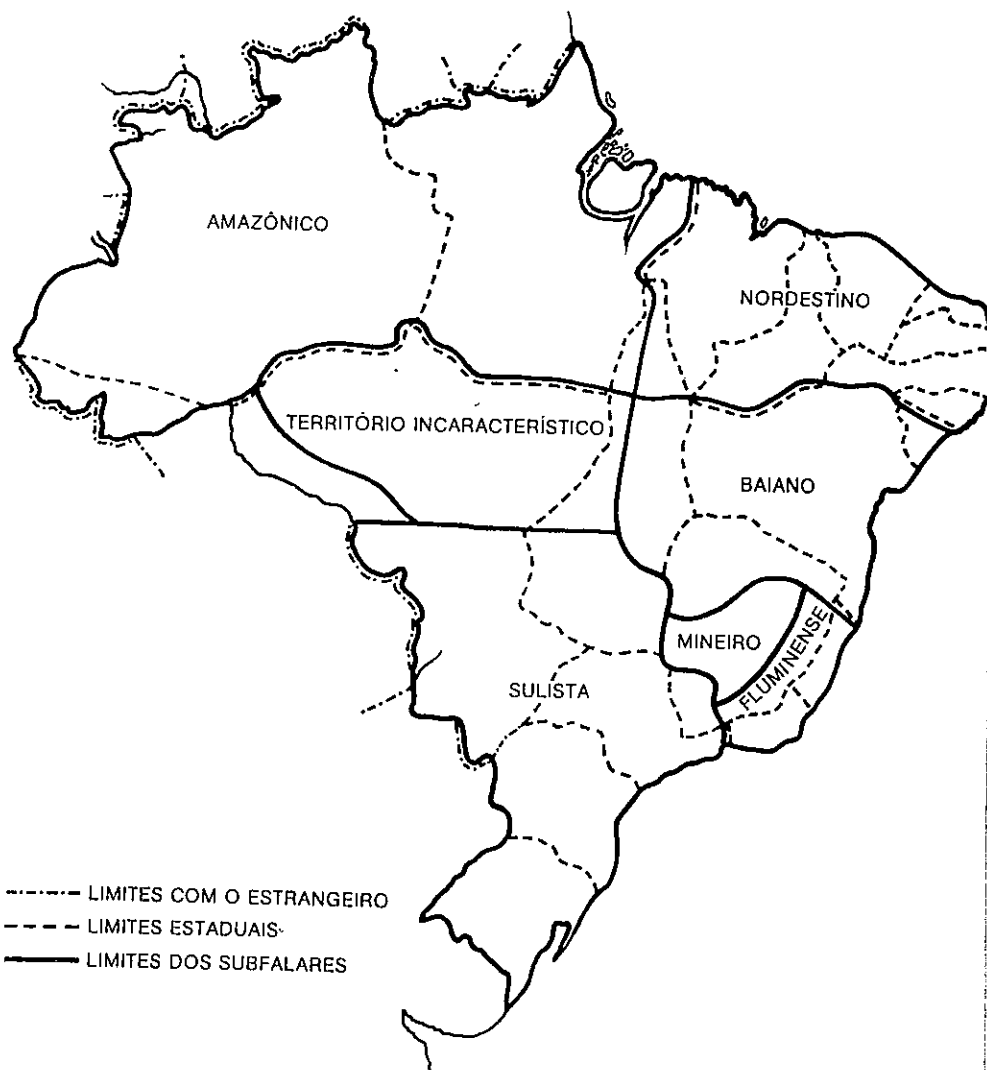
No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos de entre os traços que afastam os seus dialectos dos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira-Baixa e do Alto-Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): *a*) o *u* tónico é articulado como [ü]: *tü, müla; b*) o antigo ditongo *ou* pronuncia-se como [ö]: *pöca, löra; c*) o *a* tónico tende para *o* aberto [ɔ]: quase *bota* por *bata; d*) a vogal final grafada *-o* cai ou reduz-se a [ə]: *cop(ə), cop(ə)s, tüd(ə), pök(ə)*, por *copo, copos, tudo, pouco.*

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialectos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialectos continentais. Assim, o *u* tónico apresenta-se ditongado em [αw], por exemplo: ['lαwα] por *lua;* o *i* tónico em [αj], por exemplo: ['fαjλα] por *filha*. Por outro lado, a consoante *l,* precedida de *i,* palataliza-se: ['vαjλα] por *vila,* ['fαjλα] por *fila* (confundindo-se portanto, desse modo, *fila* com *filha*).

Os dialectos brasileiros.

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfo-sintáctica e lexical que separam as variedades regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adoptadas na classificação dos dialectos do português europeu. Deve-se reconhecer, contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais — o do Estado da Bahia[7] e o do Estado de Minas Gerais[8] — e a anunciada impressão do já concluído *Atlas dos falares de Sergipe*[9], bem como a elaboração de algumas monografias dialectais são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas com carácter provisório, sobreleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nas-

[7] Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.
[8] José Ribeiro et alii. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.* 1.º vol. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.
[9] Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes)

centes, fundada em observações pessoais colhidas nas suas viagens por todos os Estados do país.

A base desta proposta reside — como no caso do português europeu — em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialectos[10] brasileiros — o do Norte e o do Sul —, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretónicas, nos dialectos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr*;

b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a «cadência» da fala: fala «cantada» no Norte, fala «descansada» no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialectos passa por «uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome»[11].

Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte: *a*) o AMAZÓNICO, *b*) o NORDESTINO. E quatro no grupo Sul: *a*) BAIANO, *b*) o FLUMINENSE, *c*) o MINEIRO, *d*) o SULISTA.

Assinale-se, por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

---

10 Empregamos o termo DIALECTO pelas razões aduzidas no Capítulo I e para mantermos o paralelismo com a designação adoptada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALECTO Nascentes denomina SUBFALAR.

11 Antenor Nascentes. *O linguajar carioca*, 2.ª edição completamente refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incaracterística a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com o Amazonas e o Pará.

O português de África, da Ásia e da Oceânia.

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceânia, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO-CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTO-CRIOULO ou LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. Aparecem-nos, actualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas características comuns — ou, pelo menos, paralelas —, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfo-sintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALECTOS, os crioulos devem ser considerados como LÍNGUAS derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa em África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos do Arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:

a) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boavista;

b) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

2. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

a) de São Tomé;
b) do Príncipe;
c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

3. Crioulos continentais:

a) da Guiné-Bissau;
b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:

a) o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão, malaqueiro, malaquês, malaquenho, malaquense, serani, bahasa geragau* e *português basu*;

b) o de Macau, *macaísta* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;

c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;

d) os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java[12].

Quanto às variedades NÃO-CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países[13].

---

12 Sobre o estado actual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete à bibliografia especializada; veja-se, ainda, José G. Herculano de Carvalho, Deux langues créoles: le *criôl* du Cap Vert et le *forro* de S. Tomé, em *Biblos: 57*, 1-15, 1981.

13 Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, v. a tese recente de Michel Laban, *L'oeuvre littéraire de Luandino Vieira*, Paris 1979 (tese do 3.º ciclo apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne); e a de Salvato Trigo, *Luandino Vieira, o logoteta*, Porto, Brasília Editora, 1981.

3.

Fonética e fonologia

OS SONS DA FALA

Os SONS da nossa fala resultam quase todos da acção de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;

b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;

c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ORGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O aparelho fonador.

É constituído das seguintes partes:

a) OS PULMÕES, OS BRÔNQUIOS e a TRAQUEIA — órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;

b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;

c) as CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos activos, sobretudo da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinónimo de «idioma».

Funcionamento do aparelho fonador.

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura da chamada *maçã-de-adão, pomo-de-adão* ou, no Brasil, *gogó,* é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas as CORDAS VOCAIS, o ar escapa-se sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que quanto ao mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO] /p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARÍNGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o VÉU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, consequentemente, de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÉU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjectivo derivado do latim *os, oris* «a boca»). Quando abaixado, o VÉU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoa-se pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL]

em palavras como:

lá / lã mato / manto

É, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÁBIOS.

1 . Cavidade nasal
2 . palato duro
3 . véu palatino
4 . lábios
5 . cavidade bucal
6 . língua
7 . faringe
8 . epiglote
9 . abóbada palatina
10 . rinofaringe
11 . traqueia
12 . esôfago
13 . vértebras
14 . laringe
15 . maçã-de-adão
16 . maxilar superior
17 . maxilar inferior

Aparelho fonador (a laringe e as cavidades supralaríngeas)

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento da nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam.

Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tónica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo.

Na série:

dia	via	mia
tia	fia	pia

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

Toda a distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é a representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONÉMICA.

Descrição fonética e fonológica.

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como eles são produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior

da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Daí serem os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar a descrição acústica à fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

Transcrição fonética e fonológica.

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [ ].

Por exemplo: ['kaw], pronúncia popular carioca, ['kaɫ], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita *cal*.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: / /.

Alfabeto fonético utilizado.

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto[1].

Eis o elenco dos sinais aqui adoptados:

1. Vogais:

[a] — português normal de Portugal e do Brasil: *pá, gato*
português normal do Brasil: *pedra, fazer*

[α] — português normal de Portugal: *cama, cana, pedra, fazer;* português de Lisboa: *lei, lenha*
português normal do Brasil: *cama, cana*

[1] Nessas adaptações e acrescentamentos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*.

[ɛ] — português normal de Portugal e do Brasil: *pé, ferro*

[e] — português normal de Portugal e do Brasil: *medo, saber*
português normal do Brasil: *regar, sedento*

[ə] — português normal de Portugal: *sede, corre, regar, sedento*

[ɔ] — português normal de Portugal e do Brasil: *pó, cola*

[o] — português normal de Portugal e do Brasil: *morro, força*
português normal do Brasil: *correr, morar*

[i] — português normal de Portugal e do Brasil: *vir, bico*
português normal do Brasil: *sede, corre*

[u] — português normal de Portugal e do Brasil: *bambu, sul, caro*
português normal de Portugal: *correr, morar*

2. Semivogais:

[j] — português normal de Portugal e do Brasil: *pai, feito, vário*

[w] — português normal de Portugal e do Brasil: *pau, água*

3. Consoantes:

[b] — português normal de Portugal e do Brasil: *bravo* (!), *ambos*
português normal do Brasil: *o boi, aba, barba, abrir*

[β] — português normal de Portugal: *o boi, aba, barba, abrir*

[d] — português normal de Portugal e do Brasil: *dar* (!), *andar*
português normal do Brasil: *ida, espada*

[δ] — português normal de Portugal: *o dar, ida, espada*

[d'] — português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: *dia, sede*

[dʒ] — português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: *dia, sede*
português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas: *Jesus, jaqueta*

[g] — português normal de Portugal e do Brasil: *guarda* (!), *frango*
português normal do Brasil: *a guarda, agora, agrado*

[γ] — português normal de Portugal: *a guarda, agora, agrado*

[p] — português normal de Portugal e do Brasil: *pai, caprino*

[t] — português normal de Portugal e do Brasil: *tu, canto*

[t'] — português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: *tio, sete*

[tʃ] — português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não delimitadas de Mato Grosso e regiões convizinhas, no Brasil: *chave, encher*
português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: *tio, sete*

[k] — português normal de Portugal e do Brasil: *casa, porco, que*
[m] — português normal de Portugal e do Brasil: *mar, amigo*
[n] — português normal de Portugal e do Brasil: *nada, cano*
[ɲ] — português normal de Portugal e do Brasil: *vinha, caminho*
[l] — português normal de Portugal e do Brasil: *lama, calo*
[ɫ] — português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: *alto, Brasil*
[ʎ] — português normal de Portugal e do Brasil: *filho, lhe*
[r] — português normal de Portugal e do Brasil: *caro, cores, dar*
[r̄] — português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: *roda, carro*
[R] — português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: *roda, carro*
[f] — português normal de Portugal e do Brasil: *filho, afiar*
[v] — português normal de Portugal e do Brasil: *vinho, uva*
[s] — português normal de Portugal e do Brasil: *saber, posso, céu, caça*
[z] — português normal de Portugal e do Brasil: *azar, casa*
[ṣ] — português de certas zonas do Norte de Portugal: *saber, posso;* e, noutras zonas, também: *céu, caça*
[ẓ] — português de certas zonas do Norte de Portugal: *casa;* e, noutras zonas, também: *azar*
[θ] — galego normal: *céu, facer* (port. *fazer*), *caza* (port. *caça*), *azar*
[ʃ] — português normal de Portugal e do Brasil: *chave, xarope*
português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: *este*
[ʒ] — português normal de Portugal e do Brasil: *já, genro*
português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: *mesmo*

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS

Os sons linguísticos classificam-se em VOGAIS, CONSOANTES e SEMIVOGAIS.

Vogais e consoantes.

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supra-laríngeas, que devem estar sempre abertas ou entreabertas à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário,

há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica — outro critério de distinção — cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

Semivogais.

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w].

Exemplificando:

Em *dito* ['ditu] e *viu* ['viw] o /i/ é vogal, mas em *pai* ['paj] e *vário* ['varju] é semivogal. Também é vogal o /u/ em *muro* ['muru] e *lua* ['lua], mas semivogal em *meu* ['mew] e *quatro* ['kwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à região de articulação { anteriores ou palatais / centrais ou médias / posteriores ou velares

b) quanto ao grau de abertura { abertas / semi-abertas / semi-fechadas / fechadas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal { orais / nasais

É de base acústica a classificação em:

d) quanto à intensidade { tónicas / átonas

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são «distintivos» numa perspectiva fonológica ou fonemática, isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fónico a outro segmento fónico.

Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado (como veremos adiante com mais pormenor), do ponto de vista fisiológico, à maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe só por si *peso* (substantivo) a *peso* (forma verbal) e a *piso* (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço é, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (−). Assim: /ɛ/ de *peso* (verbo) será [+ baixo], /e/ de *peso* (substantivo) será [− alto], mas também [− baixo], ao passo que /i/ de *piso* será [+ alto].

Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: *a*) da maior ou menor elevação da língua; *b*) do recuo ou avanço da região de articulação; *c*) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios.

De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à maior ou menor elevação da língua { + altas, − altas, − baixas, + baixas

b) quanto ao recuo ou avanço da articulação { + recuadas, − recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios { + arredondadas, − arredondadas

Articulação.

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos órgãos articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES ou PALATAIS, ou seja [-RECUADAS]:

[ɛ], [e], [i].

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES ou VELARES, isto é, [+ RECUADAS]:

[ɔ], [o], [u].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [α], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÉDIAS ou CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispôr-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [+ ARREDONDADAS]:

[ɔ], [o], [u],

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [− ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

Timbre.

Para a distinção do TIMBRE das vogais — qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmónicos — é ainda determinante, do ponto de vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direcção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais chamadas ABERTAS e SEMI-ABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA: [a] SEMI-ABERTAS: [ɛ], [ɔ]

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMI-FECHADAS [− ALTAS / − BAIXAS]:

[e], [α], [o]

e FECHADAS [+ ALTAS]:

[i], [u]

Intensidade e acento.

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÓNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÓNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ÁTONAS.

Vogais orais e vogais nasais.

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [ɛ], [e], [a], [ɔ], [o], [u].

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão NASAIS:

[ĩ], [ẽ], [ɑ̃], [õ], [ũ].

Vogais tónicas orais.

Para o português normal de Portugal e do Brasil é o seguinte o quadro das vogais orais em posição tónica:

	Anteriores ou palatais	Médias ou centrais	Posteriores ou velares	
Fechadas	[i]		[u]	**+ altas**
Semi-fechadas	[e]	[ɑ]	[o]	**– altas – baixas**
Semi-abertas	[ɛ]		[ɔ]	**+ baixas**
Aberta		[a]		
	– recuadas – arredondadas	**+ recuadas – arredondadas**	**+ recuadas + arredondadas**	

Exemplos:

li / *lê*, *peso* (s.) / *peso* (v.), *pé* / *pá*, *saco* / *soco*, *poça* / *possa*, *todo* / *tudo*.

Observação:

No português normal do Brasil, a vogal [ɑ] só aparece em posição tónica antes de consoante nasal. Por exemplo: *cama* ['kɑma], *cana* ['kɑna], *sanha* ['sɑɲa]. Não ocorre nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fónicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autónomo.
No português europeu normal, [ɑ], quando tónico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de *cama*, *cana* e *sanha*. Mas nessa mesma situação tónica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [a] e [ɑ]. É a que se observa, nos verbos da 1.ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: *amamos* [ɑ'mɑmuʃ]) e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *amámos* [ɑ'mamuʃ]).

Vogais tónicas nasais.

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar — correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil —, possui o nosso idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	Anteriores ou palatais	Média ou central	Posteriores ou velares	
Fechadas	[ĩ]		[ũ]	**+ altas**
Semi-fechadas	[ẽ]	[ɑ̃]	[õ]	**– altas – baixas**
	– recuadas – arredondadas	**+ recuada – arredondada**	**+ recuadas + arredondadas**	

Exemplos:

rim, *senda*, *canta*, *lã*, *bomba*, *atum*.

Como se vê no quadro da página anterior, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semi-fechadas. Só em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semi-abertas como as francesas.

Vogais átonas orais.

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tónica, diferenças que, por nem sempre coincidirem nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [ɛ] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [ɔ] e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.

É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÓNICA:

	Anteriores ou palatais	Média ou central	Posteriores ou velares
Fechadas	[i]		[u]
Semi-fechadas	[e]		[o]
Aberta		[a]	

Exemplos:

ligar [li'gar], *legar* [le'gar], *lagar* [la'gar], *lograr* [lo'grar], *lugar* [lu'gar]; *álamo* ['alamu], *véspera* ['vɛʃpera], *diálogo* [di'alugu], *ciclotron* ['siklotron].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada *e;* e a série posterior ou velar também a uma só vogal [u], escrita *o.*

Temos, assim, três vogais em situação POSTÓNICA FINAL ABSOLUTA:

	Anterior ou palatal	Média ou central	Posterior ou velar
Fechadas	[i]		[u]
Aberta		[a]	

Exemplos:

tarde ['tardi], *povo* ['povu], *casa* ['kaza].

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [ɛ] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [ə], média ou central, fechada [+ alta, + recuada, − arredondada], realização que não ocorre em posição tónica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre [ɔ], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado *o* ou *u.* Finalmente, à vogal média ou central [a], aberta, corresponde a vogal também média ou central, mas semi-fechada [α], grafada naturalmente *a.*

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	Anterior ou palatal	Médias ou centrais	Posterior ou velar
Fechadas	[i]	[ə]	[u]
Semi-fechada		[α]	

Exemplos:

ligar [li'gar], *legar* [lə'gar], *lagar* [lα'gar], *lograr* [lu'grar], *lugar* [lu'gar]; *álamo* ['alαmu], *véspera* ['vɛʃpəra], *diálogo* [di'alugu].

4. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal desaparece e em seu lugar surge a vogal já descrita [ə], grafada *e;* e a série posterior ou velar reduz-se à vogal [u], escrita *o.* Donde o quadro:

	Médias ou palatais	Posterior ou velar
Fechadas	[ə]	[u]
Semi-fechada	[α]	

Exemplos:

tarde ['tardə], *povo* ['povu], *casa* ['kazα].

Observação:

É necessário ressaltar que algumas vogais átonas, por razões em geral relacionadas com a história dos sons ou com a sua posição na palavra, não sofreram a REDUÇÃO a [a], [α], [u] no português de Portugal. Assim aconteceu com as vogais que provêm:
a) da crase entre duas vogais idênticas do português antigo; é o caso do [a] de *padeiro* (< *paadeiro*), do [ɛ] de *esquecer* (< *esqueecer*), do [ɔ] de *corar* (< *coorar*);
b) da monotongação de um antigo ditongo, como o [o] que se ouve na pronúncia normal de *dourar, doutrina.*
Também não se reduziram as vogais átonas de cultismos, como o [a] de *actor*, o [ɛ] de *director*, o [ɔ] de *adopção*, e bem assim o [o] inicial absoluto de *ovelha, obter, opinião,* o [e] inicial absoluto de *enorme, erguer,* que se pronuncia geralmente [i], e as vogais [a], [ɛ], [o] protegidas por *l* implosivo de *altar, delgado, soldado, colchão, Setúbal* e *amável.*
Finalmente, também não sofreram, em geral, redução as vogais tónicas de palavras simples nos vocábulos delas derivados, particularmente com os sufixos *-mente* ou *-inho (-zinho)*: *avaramente, brevemente, docilmente, docemente, pezinho, avezinha, amorzinho* (mas *mesinha, casinha, folhinha,* com [ə], [α] e [u]).

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

1. As consoantes da língua portuguesa, em número de dezanove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em { oclusivas / constritivas { fricativas / laterais / vibrantes } }

b) quanto ao ponto de articulação, em { bilabiais / labiodentais / linguodentais / alveolares / palatais / velares }

c) quanto ao papel das cordas vocais, em { surdas / sonoras }

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em { orais / nasais }

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.

Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.

Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação { [+ contínuas] / [− contínuas] / [+ laterais] / [− laterais] }

b) quanto à zona de articulação { [+ anteriores] / [− anteriores] / [+ coronais] / [− coronais] }

c) quanto ao papel das cordas vocais { [+ sonoras] / [− sonoras] }

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal { [+ nasais] / [− nasais] }

É de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos próximo ao de uma vogal { [+ soante] / [− soante] }

Modo de articulação.

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [− CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: **p***ala*, **b***ala*, **t***ala*, **d***á-la*, **c***ala*, **g***ala*.

Entre as CONSTRITIVAS, distinguem-se as:

1. FRICATIVAS, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.

São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: *fala, vala, selo* (*passo, céu, caça, próximo*), *zelo* (*rosa, exame*), *xarope* (*encher*), *já* (*gelo*)[2].

2. LATERAIS, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.

São laterais as consoantes [l] e [λ]: *fila, filha*.

3. VIBRANTES, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão activo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [r̄] ou [R]: *caro, carro*.

O ponto ou zona de articulação.

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de PONTO DE ARTICULAÇÃO, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. BILABIAIS, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: *pato, bato, mato*.

2. LABIODENTAIS, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: *faca, vaca*.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSO-DENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos. São as consoantes [s], [z], [t], [d]: *cinco, zinco, tardo, dardo*.

4. ALVEOLARES (ou ÁPICO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as consoantes [n], [l], [r], [r̄]: *nada, cala, cara, carro* (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

[2] Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, as fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] aparecem também em formas como *três* e *mesmo*, respectivamente.

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʃ], [ʒ], [λ], [ɲ]: *acho, ajo, alho, anho*.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [R]: *calo, galo, ralo*.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constrição que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r] e [r̄];

2. CONSOANTES [− ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʃ], [ʒ], [ɕ], [λ], [R];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da «coroa», ou seja do dorso (pré-dorso, médio-dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [n], [ɕ], [l], [λ], [r];

4. CONSOANTES [− CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua [p], [b], [m], [f], [v], [k], [g], [R].

O papel das cordas vocais.

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das CORDAS VOCAIS.

São SURDAS [− SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São SONORAS [+ SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [λ], [r], [r̄], [R], [m], [n], [ɲ].

Papel das cavidades bucal e nasal.

Como as vogais, as consoantes podem ser ORAIS [− NASAIS] ou NASAIS [+ NASAIS]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São NASAIS as consoantes [m], [n], [ɲ]: *amo, ano, anho*.

Todas as outras são ORAIS.

Papel das cavidades bucal e nasal		Orais [– nasais]						Nasais [+ nasais]
Modo de articulação		Oclusivas [– contínuas]		Constritivas [+ contínuas]				Oclusivas [– contínuas]
				Fricativas [– soantes] [– laterais]		Laterais [+ soantes] (+ laterais]	Vibrantes [+ soantes] [– laterais]	
Papel das cordas vocais		Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação	Bilabiais [+ anteriores] [– coronais]	[p]	[b]					[m]
	Labiodentais [+ anteriores] [– coronais]			[f]	[v]			
	Linguodentais [+ anteriores] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			
	Alveolares [+ anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
	Palatais [– anteriores] [+ coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
	Velares [– anteriores] [– coronais]	[k]	[g]				[R]	

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são OCLUSIVAS [— CONTÍNUAS]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

Quadro das consoantes.

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezanove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro da página anterior.

Observação:

Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente. Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

[p]		[b]	
	[– contínua]		[– contínua]
	[– sonora]		[+ sonora]
	[– nasal]		[– nasal]
	[+ anterior]		[+ anterior]
	[– coronal]		[– coronal]

Posição das consoantes.

Só em posição intervocálica é possível encontrar as 19 consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes possíveis reduz-se sensivelmente.

Assim, por exemplo, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [R] ou [r]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [λ] ou [ɲ]: *lhano, lhama, nhato*.

ENCONTROS VOCÁLICOS

Ditongos.

O encontro de uma VOGAL + uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL + + uma VOGAL recebe o nome de DITONGO.

Os DITONGOS podem ser:
a) DECRESCENTES e CRESCENTES;
b) ORAIS e NASAIS.

Ditongos decrescentes e crescentes.

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO denomina-se DECRESCENTE. Assim:

pai **céu** **muito**

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

qual **linguiça** **frequente**

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado *q*) ou de [g]. Assim:

quase	igual	quando	enxaguando
equestre	goela	lingueta	quinquénio
quota	quiproquó	tranquilo	saguiguaçu

Ditongos orais e nasais.

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[aj] : *p***ai**
[ɑj] : *s***ei,** no português normal de Portugal
[aw] : *m***au**
[ej] : *s***ei,** no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal
[ɛj] : *pap***éi***s*
[ew] : *m***eu**
[ɛw] : *c***éu**

[iw] : *v***iu**
[oj] : *b***oi**
[ɔj] : *her***ói**
[uj] : *az***ui***s*

Observação:

Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa* / *popa, bouba* / *boba.*

2. Existem os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

[ɐ̃j] : correspondente às grafias *ãe, ãi* e, no português normal de Portugal, *em* (em posição final absoluta) e *en* (no interior de palavras derivadas): *m***ãe,** *c***ãi***bra;* no português normal de Portugal: *v***em,** *lev***em,** *ben***z***inho.*
[ɐ̃w] : correspondente às grafias *ão* e *am: m***ão,** *vej***am.**
[ẽj] : correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias *em* (em posição final de palavra) e *en* (no interior de palavras derivadas): *v***em,** *lev***em,** *ben***z***inho.*
[õj] : correspondente à grafia *õe: p***õe,** *serm***õe***s.*
[ũj] : correspondente à grafia *ui: m***ui***to.*

Tritongos.

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL + VOGAL + + SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os TRITONGOS em ORAIS e NASAIS.

1. São TRITONGOS ORAIS:

[waj] : *Urug***uai**
[wɑj] : *enxag***uei,** no português normal de Portugal
[wej] : *enxag***uei,** no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal
[wiw] : *delinq***uiu**

2. São TRITONGOS NASAIS

[wɐ̃w] : correspondente às grafias *uão, uam: sag***uão**, *enxág***uam.**
[wɐ̃j] : correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): *delinq***uem.**
[wẽj] : correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): *delinq***uem.**
[wõj] : correspondente à grafia *uõe: sag***uõe***s*.

Hiatos.

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:

a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [ˈpajʃ].
b) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [paˈiʃ].

À passagem que, por vezes, se observa de um hiato da pronúncia normal a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de SINÉRESE. E chama-se DIÉRESE o fenómeno contrário, ou seja a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA.

Estes fenómenos têm importância particular no verso.

Dígrafos.

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro, pêssego, chave, malho* e *canhoto* as letras *rr, ss, ch, lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não se pode afirmar que exista ENCONTRO de CONSOANTES em palavras como *campo* e *ponto*, embora a análise, em fonética experimental, de palavras como estas revele a existência de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o *m* e o *n* funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um TIL (*cãpo, põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de DÍGRAFOS.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fónicos que serão tantos quantas forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou,

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

A SÍLABA pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é	eu	uai!

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

a-plau-dir	trans-por	U-ru-guai

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas.

Quanto ao número de SÍLABAS, classificam-se as palavras em MONOSSÍLABAS, DISSÍLABAS, TRISSÍLABAS e POLISSÍLABAS.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a	eu	mão
ti	grou	quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	he-rói	sa-guão
á-gua	li-vro	so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no	Eu-ro-pa	ban-dei-ra
cri-an-ça	por-tu-guês	en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te	u-ni-ver-si-da-de
li-ber-da-de	em-pre-en-di-men-to

ACENTO TÓNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e **noi**tes os hori**zon**tes se re**pe**tem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em normando) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tónicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;

b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais na sua emissão;

c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;

d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tónicos) ou FRACOS (átonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos) ou GRAVES (baixos); pelo TIMBRE, ABERTOS ou FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS ou BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama ACENTO TÓNICO.

Classificação das palavras quanto ao acento tónico.

1. Quanto ao ACENTO, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em OXÍTONAS, PAROXÍTONAS e PROPAROXÍTONAS.

OXÍTONAS, ou agudas, quando o acento recai na última sílaba:

ca**fé**	fu**nil**	Nite**rói**
dis**por**	mandaca**ru**	para**béns**

PAROXÍTONAS, ou graves, quando o acento recai na penúltima sílaba:

ba**í**a	es**co**la	re**tor**no
brasi**lei**ro	he**rói**co	tri**ton**go

PROPAROXÍTONAS, ou esdrúxulas, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

arit**mé**tica	**lâ**mina	**pú**blico
e**xér**cito	**pês**sego	qui**ló**metro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba:

a**má**vamo-lo **fa**ça-se-lhe

Diz-se BISESDRÚXULA a acentuação dessas combinações.

3. Os MONOSSÍLABOS podem ser ÁTONOS ou TÓNICOS.

ÁTONOS são os pronunciados tão fracamente, que, na frase, precisam apoiar-se no acento tónico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

Diga-**me** / o **pre**ço / do **li**vro.

TÓNICOS são os emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *cá, flor, mau, mão, mês, mim, pôr, vou*, etc.

Valor distintivo do acento tónico.

Pela variabilidade da sua posição, o acento pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando, por exemplo, os vocábulos:

dúvida / du**vi**da

percebemos que a posição do acento tónico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

Acento principal e acento secundário.

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba

acentuada em que se apoiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tónica fundamental, uma ou mais subtónicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *decididamente* e *inacreditavelmente* são PAROXÍTONAS, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba *(men)*. Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *decididamente*, a sílaba *-di-*, mais fraca do que a sílaba *-men-*, é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *inacreditavelmente*, as sílabas *-cre-* e *-ta-*, embora mais débeis do que a sílaba *-men-*, são sensivelmente mais fortes que as demais. Daí considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a sílaba *-men-* (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sílaba *-di-* (em *decididamente*) ou sobre as sílabas *-cre-* e *-ta-* (em *inacreditavelmente*).

Ênclise e próclise.

Denomina-se ÊNCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tónico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PRÓCLISE é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento tónico se subordina. São PROCLÍTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente ENCLÍTICOS os pronomes pessoais átonos.

Acento de insistência.

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afectividade (emoção), quer dando ênfase à ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: O ACENTO AFECTIVO e O ACENTO INTELECTUAL.

4.

Ortografia

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos na escrita as palavras da nossa língua empregamos um certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.

O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

2. O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

Além dessas, há as letras *k, w* e *y*, que hoje só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin	Wagner	Byron
frankliniano	wagneriano	byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K. (= potássio)	kg (= quilograma)	km (= quilómetro)
W. (= oeste)	w (= watt)	yd. (= jarda)

Observação:

O *h* usa-se apenas:

a) no início de certas palavras:

haver	hoje	homem

b) no fim de algumas interjeições:

ah!	oh!	uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiénico	pré-histórico	super-homem

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave	talho	banho

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de um certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exacta da palavra. Estes sinais acessórios da escrita, chamados NOTAÇÕES LÉXICAS, são os seguintes:

O acento.

O ACENTO pode ser AGUDO (´), GRAVE (`) e CIRCUNFLEXO (^).

1. O ACENTO AGUDO é empregado para assinalar:

a) as vogais tónicas fechadas *i* e *u*:

aí	horrível	físico
baú	açúcar	lúgubre

b) as vogais tónicas abertas e semi-abertas *a*, *e* e *o*:

há	amável	pálido
pé	tivésseis	exército
pó	herói	inóspito

2. O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com os pronomes demonstrativos *a(s)*, *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*:

à	àquele(s)	àquilo
às	àquela(s)	

3. O ACENTO CIRCUNFLEXO é empregado para indicar o timbre semi-fechado das vogais tónicas *a*, *e* e *o*:

câmara	cânhamo	hispânico
mês	dêem	fêmea
avô	pôs	cômoro

O til.

O TIL (~) emprega-se sobre o *a* e o *o* para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã	mãe	pão
caixões	põe	sermões

O trema.

O TREMA (¨) só se emprega na ortografia em vigor no Brasil, em que assinala o *u* que se pronuncia nas sílabas *gue*, *gui*, *que* e *qui*:

agüentar	cinqüenta
argüição	tranqüilo

O apóstrofo.

O APÓSTROFO (') serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares ou em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

c'roa	esp'rança	'tá bem! (popular)
pau-d'alho	pau-d'arco	galinha-d'água

A cedilha.

A CEDILHA (¸) coloca-se debaixo do *c*, antes de *a*, *o* e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar	maciço	açúcar
praça	cresço	muçulmano

O hífen.

O HÍFEN (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

couve-flor	guarda-marinha	pão-de-ló
pré-escolar	super-homem	ex-director

b) para unir pronomes átonos a verbos:

ofereceram-me	retive-o	levá-la-ei

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes:

estudan-/te	estu-/dante	es-/tudante

Emprego do hífen nos compostos.

O emprego do HÍFEN é simples convenção. Estabeleceu-se que «só se ligam por HÍFEN os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido».

Dentro desse princípio, deve-se empregar o HÍFEN:

1.º) nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, pé-de-meia* (= pecúlio), *pára-choque, bel-prazer, és-sueste;*

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjectiva, reduzida ou não: *afro-asiático, dólico-louro, galego-português, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, luso-brasileiro, lusitano-castelhano.*

3.º) nos compostos com os radicais (ou pseudoprefixos) *auto-, neo-, proto-, pseudo-* e *semi-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal, h, r* ou *s: auto-educação, auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo--republicano, proto-árico, proto-histórico, proto-renascença, proto-sulfureto, pseudo--herói, pseudo-revelação, pseudo-sábio, semi-homem, semi-recta, semi-selvagem;*

4.º) nos compostos com os radicais *pan-* e *mal-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h: pan-americano, pan-helénico, mal-educado, mal--humorado;*

5.º) nos compostos com *bem*, quando o elemento seguinte tem vida autónoma, ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso, bem-aventurança;*

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém* e *recém: sem-cerimónia, além--mar, aquém-fronteiras, recém-casado.*

Advirta-se, por fim, que as abreviaturas e os derivados desses compostos conservam o HÍFEN: *ten.-c.el* (= tenente-coronel), *pára-quedista, bem--te-vizinho, sem-cerimonioso.*

Emprego do hífen na prefixação.

O prefixo escreve-se geralmente aglutinado ao radical. Há casos, porém, em que a ligação dos dois elementos se deve fazer por HÍFEN. Assim, nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) *contra-, extra-, infra-, intra-, supra-* e *ultra-*, quando seguidos de radical iniciado por *vogal, h, r* ou *s: contra-almirante, extra-regimental, infra--escrito, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido;* exclui-se a palavra *extraordinário*, cuja aglutinação está consagrada pelo uso;

b) *ante-, anti-, arqui-* e *sobre-*, quando seguidos de radical principiado por *h, r* ou *s: ante-histórico, anti-higiénico, arqui-rabino, sobre-saia;*

c) *super-* e *inter-* quando seguido de radical começado por *h* ou *r: super-homem, super-revista, inter-helénico, inter-resistente;*

d) *ab-, ad-, ob-, sob-* e *sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r: ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda, sub-reino;*

e) *sota-, soto-, vice-* (ou *vizo-*) e *ex-* (este último com o sentido de cessamento ou estado anterior): *sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vizo-rei, ex-director;*

f) *pós-, pré-* e *pró*, quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte: *pós-diluviano*, mas *pospor; pré-escolar*, mas *preestabelecer; pró-britânico*, mas *procônsul.*

Emprego do hífen com as formas do verbo haver.

Em Portugal, a ortografia oficialmente adoptada impõe o emprego do HÍFEN entre as formas monossilábicas de *haver* e a preposição *de: hei-de, hás-de, há-de, hão-de.* No Brasil, não se usa nestes casos o HÍFEN, escrevendo-se: *hei de, hás de, há de, hão de.*

Partição das palavras no fim da linha.

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Esta separação, que se indica

por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia, ie, io, oa, ua, ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (DITONGO CRESCENTE), mas podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra	Pa-ra-guai	má-goa
mui-to	gló-ria	ré-gua
par-tiu	cá-rie	té-nue
a-guen-tar	Má-rio	con-tí-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch, lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co	a-bro-lhos	ra-char
psi-có-lo-go	es-cla-re-cer	fi-lho
mne-mó-ni-co	re-gre-dir	ma-nhã

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar	fi-el	ra-i-nha
ca-í-eis	mi-ú-do	sa-ú-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car	bis-ne-to	sub-ju-gar
abs-tra-ir	oc-ci-pi-tal	subs-cre-ver

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

ter-ra	des-cer	cres-ça
pro-fes-sor	abs-ces-so	ex-ce-der

Observações:

1.ª Quando a palavra já se escreve com HÍFEN — quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono —, e coincidir o fim da linha com o lugar onde está o HÍFEN, pode-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte. Assim:

couve = couve-/-flor
unamo-nos = unamo-/-nos

2.ª Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como *água, aí, aqui, baú, rua*, etc. Melhor será também que se dividam vocábulos como *abrasar, aguentar, agradar, equidade, ortografia, pavio* e outros apenas nos lugares indicados pelo HÍFEN:

abra-sar	aguen-tar	agra-dar
equi-da-de	or-to-gra-fia	pa-vio

Ditongos.

Vimos no capítulo anterior que, normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais:

Observe-se, porém, que:

a) a 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do conjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em *-oar* escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe	amaldiçoes	perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue	habitues	preceitue

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1.ª) Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a* aberto, *e* e *o* semi-abertos, e com acento circunflexo os que acabam em *e* e *o* semifechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós; dendê, lês, trisavô;* etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* do pronome *lo, la, los, las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-los-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.ª) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem o acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a* aberta, *e* ou *o* semi-abertas, *i* ou *u*; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na sílaba predominante as vogais *a, e, o* semifechadas: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; lâmina, lâmpada, devêssemos, lêmures, pêndula, fôlego, recôndito,* etc.

Observações:

1.ª Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, vácuo,* etc.
2.ª Nas palavras proparoxítonas que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n,* estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), razão por que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semi-abertas, pelo que a ortografia em vigor manda que se lhes ponha acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semi-abertas. Por isso, de acordo com a pronúncia-padrão, escrevem-se no Brasil: *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro* e, da mesma forma, *acadêmico, anêmona, cênico, Amazônia, Antônio, fenômeno, quilômetro;* ao passo que em Portugal, também de acordo com a pronúncia-padrão, se adoptam as grafias *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro,* mas *académico, anémona, cénico, Amazónia, António, fenómeno, quilómetro.*

3.ª) Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u,* seguidos, ou não, de *s,* marcam-se com acento agudo quando na sílaba tónica figuram *a* aberto, *e* ou *o* semi-abertos, *i* ou *u*: *lápis, béribéri, miosótis, íris, júri.*

Observações:

1.ª Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparoxítonas, nas palavras paroxítonas que têm na penúltima sílaba as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n,* estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semi-abertas, pelo que recebem acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semi-abertas. Estas as razões por que se adoptam, no Brasil, as grafias *ânus, certâmen,* e também *fêmur, Fênix, tênis, ônus, bônus;* ao passo que, em Portugal, se escrevem *ânus, certâmen,* mas *fémur, Fénix, ténis, ónus, bónus.*
2.ª Entre as palavras paroxítonas, cumpre ressaltar o caso da 1.ª pessoa do plural dos verbos da 1.ª conjugação, que, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, apresentam *a* tónico seguido de *m.* No português-padrão do Brasil (e em vários dialectos portugueses meridionais) a vogal é igualmente semifechada nos dois tempos, enquanto no português-padrão de Portugal ela é semifechada no presente e aberta no pretérito perfeito do indicativo. Assim sendo, nenhuma das formas é acentuada no Brasil, ao passo que, pelo sistema ortográfico português, recebe acento agudo a forma do pretérito perfeito: *amamos* (presente), *amámos* (pretérito perfeito).
3.ª Também no português-padrão do Brasil a forma *demos* pronuncia-se com *e* semifechado [e], seja ela 1.ª pessoa do presente do conjuntivo ou do pretérito perfeito do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. Já no português-padrão europeu, a vogal é semifechada no presente do conjuntivo [e] e semi-aberta no pretérito perfeito do indicativo [ɛ], pelo que a ortografia portuguesa manda apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias *demos* (presente do conjuntivo) e *démos* (pretérito perfeito do indicativo).
4.ª As palavras paroxítonas terminadas em *-oo,* apesar de terem a mesma pronúncia em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente no português de Portugal, ao passo que no português do Brasil recebem um acento circunflexo no primeiro *o.* Assim: *enjoo, voo* (em Portugal), *enjôo, vôo* (no Brasil).
5.ª Tanto em Portugal como no Brasil emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tónica semifechada da forma *pôde,* do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la de *pode,* do presente do indicativo, com vogal tónica semi-aberta.
6.ª Pelos sistemas ortográficos vigentes nos dois países, os paroxítonos terminados em *-um, -uns* recebem acento agudo na sílaba tónica: *álbum, álbuns,* etc.
7.ª Também é comum aos dois sistemas ortográficos não se acentuarem os pseudoprefixos paroxítonos terminados em *-i*: *semi-oficial,* etc.

4.ª) Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tónicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí, balaústre, cafeína, caís, contraí-la, distribuí-lo, egoísta, faísca, heroína, juízo, país, peúga, saía, saúde, timboúva, viúvo,* etc.

Observações:

1.ª Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de *l, m, n, r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail, contribuinte, demiurgo, juiz, paul, retribuirdes, ruim, ventoinha,* etc.
2.ª Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tónicos *iu* e *ui* quando precedidos de vogal: *atraiu, contribuiu, pauis,* etc.

5.ª) Assinala-se com o acento agudo o *u* tónico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *argúi, argúis, averigúe, averigúes, oblique, obliqúes,* etc.

6.ª) Põe-se o acento agudo na base dos ditongos semi-abertos *éi, éu, ói,* quando tónicos: *bacharéis, chapéu, jibóia, lóio, paranóico, rouxinóis,* etc.

Observação:

No português-padrão do Brasil distinguem-se na pronúncia dois grupos de palavras terminadas em *-eia:* um em que a vogal é semi-aberta e vem marcada com acento agudo: *assembléia, hebréia, idéia;* outro em que a vogal é semifechada e, por conseguinte, não se acentua graficamente: *feia, meia, passeia.* No português-padrão de Portugal não se diferenciam fonicamente estes dois grupos de palavras, razão por que o *e* nunca vem acentuado. O ditongo neste caso é sempre pronunciado [ɑj].

7.ª) Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém, armazém, convém, convéns, detém-lo, mantém-na, parabéns, retém-no, também,* etc.

Observações:

1.ª Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *em* ou *ens: ontem, imagens, jovens, nuvens,* etc.
2.ª A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter, vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tónica: *(eles) contêm, (elas) convêm, (eles) têm, (elas) vêm,* etc.
3.ª Conserva-se, por clareza gráfica, o acento circunflexo do singular *crê, dê, lê, vê* no plural *crêem, dêem, lêem, vêem* e nos compostos desses verbos, como *descrêem, desdêem, relêem, revêem,* etc.

8.ª) Sobrepõe-se o acento agudo ao *a* aberto, ao *e* ou *o* semi-abertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l, n, r* e *x;* e o acento circunflexo ao *a, e* e *o* semifechados: *açúcar, afável, alúmen, córtex, éter, hífen, aljôfar, âmbar, cânon, êxul,* etc.

Observação:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r: inter-humano, super-homem,* etc.

9.ª) Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tónica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis, devêreis, escrevêsseis, faríeis, férteis, fôsseis, fôsseis, imóveis, jóquei, pênseis, pusésseis, quisésseis, tínheis, túneis, úteis, variáveis,* etc.

10.ª) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tónico se outro acento não figura no vocábulo: *afã, capitães, coração, devoções, põem,* etc.

Observação:

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão, bênção, órfã,* etc.

11.ª) No Brasil, de acordo com a ortografia oficial em vigor, emprega-se o trema no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i: agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo,* etc. Em Portugal, o emprego do trema foi abolido em todos os casos a partir do acordo ortográfico de 1945.

12.ª) Recebem acento agudo os seguintes vocábulos que estão em homografia com outros: *ás* (s. m.), cf. *às* (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*); *pára* (v.), cf. *para* (prep.); *péla, pélas* (s. f. e v.), cf. *pela, pelas* (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la, las*); *pélo* (v.) cf. *pelo* (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*); *péra* (el. do s. f. comp. *péra-fita*), cf. *pera* (prep. ant.); *pólo, pólos* (s. m.), cf. *polo, polos* (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo, los*); etc.

13.ª) O acento grave assinala as contracções da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a, aquele, aqueloutro, aquilo,* as quais se escreverão assim: *à, às, àquele, àquela, àqueles, àqueles, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras.*

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS OFICIALMENTE ADOPTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito ao emprego do trema, do hífen e, principalmente, da acentuação — divergência esta que, como vimos, corresponde, em geral, à diversidade de pronúncia de certas vogais tónicas —, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adoptados em Portugal[1] e no Brasil[2]: o tratamento das chamadas «consoantes mudas».

No Brasil, por disposição do *Formulário Ortográfico* de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas — ou

[1] Em Portugal, a ortografia oficialmente adoptada é a do *Acordo Ortográfico de* 1945, assinado em Lisboa, a 10 de Agosto de 1945, por uma Comissão composta de membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse *Acordo* não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.
[2] No Brasil vigoram oficialmente as normas do *Formulário Ortográfico de* 1943, consubs-

seja, quando «mudas» — deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do *Acordo* de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem às vogais átonas *a* (aberta), *e* ou *o* (semi-abertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais[3]. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tónica nas palavras pertencentes à mesma família ou flexão.

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretónicas abertas ou semi-abertas das reduzidas, não se justifica no português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão não há pretónicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num *a* aberto e num *e* ou num *o* semifechados. Daí escrever-se em Portugal: *acto, acção, accionar, accionista, baptismo, baptizar, director, correcto, correcção, óptimo, optimismo, adoptar, adopção;* e no Brasil: *ato, ação, acionar, acionista, batismo, batizar, diretor, correto, correção, ótimo, otimismo, adotar, adoção.*

Existe, no entanto, um certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: *autóctone, compacto, apto, inepto,* etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efectivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como *facto* (em Portugal) e *fato* (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: *aspecto / aspeto, dactilografia / datilografia, infecção / infeção,* etc.

---

tanciadas no *Vocabulário Ortográfico,* publicado no mesmo ano, com as leves alterações determinadas pela Lei n.º 5 765, de 18 de Dezembro de 1971.

[3] Há, porém, no português-padrão de Portugal vogais pretónicas, provenientes de antiga crase, que conservam o timbre aberto ([a]) ou semi-aberto ([ɛ], [ɔ]), sem que o facto seja assinalado na escrita. Assim: *padeiro, pegada, corar.*

5.

Classe, estrutura e formação de palavras

Palavra e morfema.

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado — as PALAVRAS — e em unidades ainda menores, que apresentam apenas a face significante — OS FONEMAS.

As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

> Évora! Ruas ermas sob os céus
> Cor de violetas roxas...
>
> (Florbela Espanca, *S,* 149.)

distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas. Por exemplo, cinco em *Évora:*

/ɛ/ /v/ /o/ /ɾ/ /a/,

e quatro em *ruas:*

/ʀ/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em *ruas* temos de reconhecer a existência de duas unidades significativas: *rua* e *-s.* O primeiro elemento — *rua* — também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: *arruaça, arruamento,* etc. Já a forma plural *-s,* que vai aparecer no final

de muitas outras palavras (*ermas, céus, violetas, roxas*, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autónoma.

A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMAS.

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, nas suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte.

Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o *-s* plural de *casas* assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

Casas amarelas.
Casas bonitas.
Casas pequenas.

Realiza-se:

a) como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas;*
b) como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;
c) como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] é também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas *amarelas, bonitas* e *pequenas* dos exemplos citados.

A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA OU ALOMORFE.

Tipos de morfemas

1. Quando, na análise da palavra *ruas*, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles — *rua* — forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema *-s* não tem existência autónoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.

Os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque referente a factos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objectiva ou subjectiva. Assim:

Évora	céu	roxa	tristeza
erma	cor	rua	violeta

Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, na nossa frase-exemplo, o artigo *o*, as preposições *de* e *sob*, a marca de feminino *-a* (*rox-a, erm-a*) e a de plural *-s* (*rua-s, erma-s, o-s, céu-s, violeta-s, roxa-s*).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Consequentemente, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam freqüência média baixa, em contraste com a frequência média alta dos últimos.

Classes de palavras.

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.

São morfemas lexicais os substantivos, os adjectivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, género, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências.

São variáveis os substantivos, os adjectivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o género e o número; o verbo, que se liga a morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.

São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.

A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Radical.

Ao que chamámos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente

o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA.

Desinência.

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:

a) o género e o número dos substantivos, dos adjectivos e de certos pronomes;
b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjectivo *ermas* e numa forma verbal como *renovamos*, temos as seguintes desinências:

-a, para caracterizar o feminino (em *ermas*);
-s, para denotar o plural (em *ermas*);
-mos, para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *renovamos*).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

Afixo.

Os AFIXOS, ou MORFEMAS DERIVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam.

Os AFIXOS que se antepõem ao radical chamam-se PREFIXOS; os que a ele se pospõem denominam-se SUFIXOS.

Assim, em *desterrar* e *renovamos* aparecem os PREFIXOS:

des-, que empresta ao primeiro verbo a ideia de separação;
re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um facto.

Os SUFIXOS, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o género, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIXOS transformam substancialmente o radical a que se juntam. Assim, em *terroso*, *terreiro*, *novinho* e *novamente*, encontramos os SUFIXOS:

-oso, que do substantivo *terra* forma um adjectivo (*terroso*);
-eiro, que do substantivo *terra* forma outro substantivo (*terreiro*);
-inho, que do adjectivo *novo* forma um diminutivo (*novinho*);
-mente, que do feminino do adjectivo *novo* forma um advérbio (*novamente*).

Vogal temática.

Na análise da forma verbal *renovamos*, distinguimos três elementos formativos:

a) O RADICAL: *nov-*
b) A DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL: *-mos*
c) O PREFIXO: *re-*

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *nov-* e a desinência *-mos*, vogal que encontramos também na forma de infinitivo *fumar*, entre o radical *fum-* e a desinência *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-a-, para os verbos da 1.ª conjugação (*fum*-**a**-*r*, *renov*-**a**-*mos*);
-e-, para os da 2.ª (*dev*-**e**-*r*, *faz*-**e**-*mos*);
-i-, para os da 3.ª (*part*-**i**-*r*, *constru*-**í**-*mos*).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

Vogal e consoante de ligação.

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasómetro* e *cafeteira*, verificamos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais — *gás-* + *-metro* —, ligados

pela vogal *-o-*, sem valor significativo;

b) o segundo é constituído do radical *café-* + o sufixo *-eira*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-t-* para evitar o desagradável hiato *-éê-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufónica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavras primitivas e derivadas.

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma. Assim:

fumo	mar	novo	pedra

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua, mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo. Assim:

fumoso	marinha	novinho	pedreiro
defumar	marear	renovar	empedrar

Palavras simples e compostas.

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES. Assim:

mar	marinha	pedra	pedreiro

São COMPOSTAS as que contêm mais de um radical:

quebra-mar	guarda-marinha	pedra-sabão	pedreiro-livre
aguardente	pernalta	pontapé	vaivém

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvidamente no Capítulo seguinte.

6.

Derivação e composição

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os prefixos que aparecem nas palavras portuguesas são de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como tais.

Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que indica «privação» *(an-ónimo)* assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia; in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz, in-activo;* mas *i-legal, i-moral.*

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de *ad-* *(a-doçar)*; *em-* ou *en-*, de *in-* *(em-barcar, en-terrar)*.

Na lista a seguir, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando a houver.

Prefixos de origem latina.

Prefixo	Sentido	Exemplificação
ab- abs- a-	afastamento, separação.................	abdicar, abjurar abster, abstrair amovível, aversão
ad- a- (ar-, as-)	aproximação, direcção	adjunto, adventício abeirar, arribar, assentir
ante-	anterioridade	antebraço, antepor
circum- (circun-)	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino

Prefixo	Sentido	Exemplificação
com- (con-) co- (cor-)	contiguidade, companhia	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, acção conjunta	contradizer, contra-selar
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, acção contrária	desviar, desfazer
dis- di- (dir-)	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender dilacerar, dirimir
entre-	posição intermediária	entreabrir, entrelinha
ex- es- e-	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extra-oficial, extraviar
in-[1] (im-) i- (ir-) em- (en-)	movimento para dentro	ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-[2] (im-) i- (ir-)	negação, privação	inactivo, impermeável ilegal, irrestrito
intra-	posição interior	intradorso, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob- o-	posição em frente, oposição	objecto, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade	pospor, postónico
pre-	anterioridade	prefácio, pretónico
pro-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- sota-	posição inferior	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
sub- sus- su- sob- so-	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- sobre-	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado sobrepor, sobrecarga

Prefixo	Sentido	Exemplificação
supra-	posição acima, excesso	supradito, supra-sumo
trans- tras- tres-	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tresvariar, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultra-som
vice- vis- (vizo-)	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Prefixos de origem grega.

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

Prefixo	Sentido	Exemplificação
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	acção ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, acção contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
árqui- (arc-, arque-, arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacrese
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi-	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipó-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjectivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjectivo: *pont*-**eiro,** *pont*-**inha,** *pont*-**udo**;

b) VERBAL, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo: *bord*-**ejar,** *suav*-**izar,** *amanh*-**ecer**;

c) ADVERBIAL, que é o sufixo *-mente,* acrescentado à forma feminina de um adjectivo: *bondosa*-**mente,** *fraca*-**mente,** *perigosa*-**mente.**

Sufixos nominais.

Entre os SUFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afectivo do que lógico.

Sufixos aumentativos.

Eis os principais SUFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-ão	caldeirão, paredão	**-anzil**	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	**-aréu**	fogaréu, provaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	**-arra**	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	**-orra**	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	**-astro**	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	**-az**	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	**-alhaz**	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	**-arraz**	pratarraz

Observações:

1.ª Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjectivos (*ricaço,* de *rico; sabichão,* de *sábio*) e também sobre radicais verbais (*chorão,* de *chorar; mandão,* de *mandar*).

2.ª Nos aumentativos em *-ão,* o género normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina. Assim: *uma mulher — um mulherão; a casa — o casarão.* Só os adjectivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados: *chorão — chorona; solteirão — solteirona.*

Sufixos diminutivos.

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim	**-ete**	artiguete, lembrete
-acho, -a	fogacho, riacho	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-icho, -a	governicho, barbicha	**-ito, -a**	rapazito, casita
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-zito, -a**	jardinzito, florzita
		-ote, -a	velhote, velhota
-ebre	casebre	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-eco, -a	livreco, soneca	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-ola**	fazendola, rapazola
-ela	ruela, viela		

Observações:

1.ª O sufixo *-inho (-zinho)* é de enorme vitalidade na língua. Junta-se não só a substantivos e adjectivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis: *cedinho, sozinho, adeusinho.*

2.ª Ao contrário dos aumentativos em *-ão,* os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de género. O diminutivo conserva o género da palavra derivante: *casa — casinha; cão — cãozinho, cãozito, canito.* Em formações com outros sufixos não é, porém, estranha tal mudança: *ilha — ilhote, ilhéu; chuva — chuvisco.*

Diminutivos eruditos.

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram os sufixos *-ulo, (-ula)* e *-culo (-cula),* com as variantes *-áculo (-ácula), -ículo (-ícula), -úsculo (-úscula)* e *-únculo (-úncula):*

corpo	corpúsculo	nota	nótula
febre	febrícula	obra	opúsculo
globo	glóbulo	parte	partícula
gota	gotícula	pele	película
grão	grânulo	questão	questiúncula
homem	homúnculo	raíz	radícula
modo	módulo	rei	régulo
monte	montículo	verme	vermículo
nó	nódulo	verso	versículo

Observação:

Como vemos, nestas formações latinas, ou feitas em idênticos moldes, o sufixo *-culo* (*-a*) e sua variante *-únculo* (*-a*) podem juntar-se ao radical directamente (*mús-culo, hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo, quest-i-úncula*).

Outros sufixos nominais.

1. FORMAM SUBSTANTIVOS DE OUTROS SUBSTANTIVOS:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	*a*) multidão, colecção	boiada, papelada
	b) porção contida num objecto...	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida......	bananada, laranjada
	f) duração prolongada..............	invernada, temporada
	g) acto ou movimento enérgico ...	cartada, saraivada
-ado	*a*) território subordinado a titular.	bispado, condado
	b) instituição, titulatura	almirantado, doutorado
-ato	*a*) instituição, titulatura	baronato, cardinalato
	b) na nomenclatura química = sal	carbonato, sulfato
-agem	*a*) noção colectiva	folhagem, plumagem
	b) acto ou estado	aprendizagem, ladroagem
-al	*a*) ideia de relação, pertinência....	dedal, portal
	b) cultura de vegetais	arrozal, cafezal
	c) noção colectiva ou de quantidade	areal, pombal
-alha	colectivo-pejorativo	canalha, gentalha

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ama	noção colectiva e de quantidade....	dinheirama, mourama
-ame	noção colectiva e de quantidade....	vasilhame, velame
-aria	*a*) actividade, ramo de negócio ...	carpintaria, livraria
	b) noção colectiva	gritaria, pedraria
	c) acção própria de certos indivíduos	patifaria, pirataria
-ário	*a*) ocupação, ofício, profissão	operário, secretário
	b) lugar onde se guarda algo	herbário, vestiário
-edo	*a*) lugar onde crescem vegetais.....	olivedo, vinhedo
	b) noção colectiva	lajedo, passaredo
-eiro (-a)	*a*) ocupação, ofício, profissão	barbeiro, copeira
	b) lugar onde se guarda algo	galinheiro, tinteiro
	c) árvore e arbusto	laranjeira, craveiro
	d) ideia de intensidade, aumento...	nevoeiro, poeira
	e) objecto de uso	cinzeiro, pulseira
	f) noção colectiva	berreiro, formigueiro
-ia	*a*) profissão, titulatura	advocacia, baronia
	b) lugar onde se exerce uma actividade	delegacia, reitoria
	c) noção colectiva	cavalaria, clerezia
-io	noção colectiva, reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo)	ferrugem, penugem
-ume	noção colectiva e de quantidade...	cardume, negrume

2. FORMAM SUBSTANTIVOS DE ADJECTIVOS. Os substantivos derivados, geralmente nomes abstractos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-dade	crueldade, dignidade	-ice	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	-ície	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	-or	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	-(i)tude	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	-ura	alvura, doçura

Observações:

1.ª Antes de receberem o sufixo *-dade,* os adjectivos terminados em *-az, -iz, -oz* e *-vel* retomam a forma latina em *-ac(i), -ic(i), -oc(i)* e *-bil(i):*

sagaz > sagacidade — atroz > atrocidade
feliz > felicidade — amável > amabilidade

2.ª O sufixo *-ície* só aparece em palavras modeladas sobre o latim: *calvície* (latim *calvities*), *planície* (latim *planities*), etc. Também *justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça,* porque a palavra é continuação do latim *justitia.* Da mesma forma *cobiça* (do baixo latim *cupiditia*), *preguiça* (do latim *pigritia*), etc.

3. FORMA SUBSTANTIVOS DE SUBSTANTIVOS E DE ADJECTIVOS:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ismo	*a*) doutrinas ou sistemas	artísticos ...	realismo, simbolismo
		filosóficos ..	kantismo, positivismo
		políticos ...	federalismo, fascismo
		religiosos ..	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar...		heroísmo, servilismo
	c) forma peculiar da língua		galicismo, neologismo
	d) na terminologia científica		daltonismo, reumatismo

4. FORMA SUBSTANTIVOS E ADJECTIVOS DE OUTROS SUBSTANTIVOS E ADJECTIVOS:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ista	*a*) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em **-ismo**)	artísticos ...	realista, simbolista
		filosóficos ..	kantista, positivista
		políticos ...	federalista, fascista
		religiosos ..	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício....................		dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos		nortista, paulista

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista.* Por exemplo: a *protestantismo* correspondente *protestante*; a *maometismo, maometano;* a *islamismo, islamita.*

5. FORMAM SUBSTANTIVOS DE VERBOS:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança -ância -ença -ência	acção ou o resultado dela, estado...	lembrança, vingança observância, tolerância descrença, diferença anuência, concorrência
-ante -ente -inte	agente	estudante, navegante afluente, combatente ouvinte, pedinte
-(d)or -(t)or -(s)or	agente, instrumento da acção.......	jogador, regador inspector, interruptor agressor, ascensor
-ção -são	acção ou o resultado dela............	nomeação, traição agressão, extensão
-douro -tório	lugar ou instrumento da acção ...	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura -(t)ura -(s)ura	resultado ou instrumento da acção, noção colectiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	*a*) acção ou resultado dela........ *b*) instrumento da acção .... *c*) noção colectiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

6. FORMAM ADJECTIVOS DE SUBSTANTIVOS:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	*a*) provido ou cheio de .... *b*) que tem o carácter de..........	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al -ar	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ano	*a*) proveniência, origem, pertença *b*) sectário ou partidário de .... *c*) semelhante ou comparável a ...	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário -eiro	relação, posse, origem	diário, fraccionário caseiro, mineiro
-engo	relação, pertinência, posse	mulherengo, solarengo
-enho	semelhança, procedência, origem...	ferrenho, estremenho
-eno	referência, origem....................	terreno, chileno
-ense -ês	relação, procedência, origem......	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	*a*) provido ou cheio de .... *b*) que tem o carácter de...........	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco -isco	referência, semelhança...............	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este	relação	agreste, celeste
-estre	relação	campestre, terrestre
-eu	relação, procedência, origem	europeu, hebreu
-ício	referência	alimentício, natalício
-ico	participação, referência	geométrico, melancólico
-il	referência, semelhança...............	febril, senhoril
-ino	relação, origem, natureza	londrino, cristalino
-ita	pertinência, origem	ismaelita, israelita
-onho	propriedade, hábito constante	enfadonho, risonho
-oso	provido ou cheio de	brioso, venenoso
-tico	relação	aromático, rústico
-udo	provido ou cheio de	pontudo, barbudo

Observações:

1.ª Alguns desses sufixos servem também para formar adjectivos de outros adjectivos. Por exemplo: *-al* junta-se a *angélico,* formando *angelical; -onho* acrescenta-se a *triste,* produzindo *tristonho.*
2.ª São peculiares aos adjectivos os sufixos eruditos *-imo* e *-íssimo,* que se ligam a radicais latinos: *humil-imo, fidel-íssimo.* Do seu valor e emprego tratamos no Capítulo 10.

7. FORMAM ADJECTIVOS DE VERBOS:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ante -ente -inte	acção, qualidade, estado	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel -(í)vel	possibilidade de praticar ou sofrer uma acção	durável, louvável perecível, punível
-io -(t)ivo	acção, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço -(t)ício	possibilidade de praticar ou sofrer uma acção, referência	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro -(t)ório	acção, pertinência	duradouro, casadouro preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos *-ante, -ente* e *-inte* provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjectivos, que se substantivam facilmente.

Sufixos verbais.

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjectivos. Assim:

esqui-ar	radiograf-ar	(a)doç-ar	(a)frances-ar
nivel-ar	telefon-ar	(a)fin-ar	(a)portugues-ar

A terminação *-ar,* já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-,* característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r,* do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar	lamb-isc-ar	ded-ilh-ar	salt-it-ar
bord-ej-ar	cusp-inh-ar	depen-ic-ar	amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: *-ent(o)*, *-ej(o)*, *-isc(o)*, *-inh(o)*, *-ic(o)* e *-it(o)*.

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (acção repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA *(-a)* + SUFIXO DO INFINITIVO *(-r)* vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didácticas, razão por que a adoptamos aqui.

Eis os principais SUFIXOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo.	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados INCOATIVOS, ou seja dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer	amadur-ecer	envelh-ecer	flor-escer
anoit-ecer	embranqu-ecer	escur-ecer	rejuven-escer

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (*-e[s]c-*)+ VOGAL TEMÁTICA (*-e-*)+ SUFIXO (*-r*).

Sufixo adverbial.

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* «a mente, o espírito, o intento». Com o

sentido de «intenção» e, depois, com o de «maneira», passou a aglutinar-se a adjectivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo. Assim: *boamente* = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjectivo:

bondosa-mente	nervosa-mente
fraca-mente	pia-mente

Desta norma exceptuam-se os advérbios que se derivam de adjectivos terminados em *-ês*: *burgues-mente*, *portugues-mente*, etc. Mas o facto tem explicação histórica: tais adjectivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês*, *uma galinha pedrês*; *um cabrito montês*, *uma cabra montês*. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego *pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* *(en-)* é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar	amanhecer
embainhar	ensurdecer

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de AFIXOS (PREFIXOS ou SUFIXOS) a determinado RADICAL. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exactamente contrário. É a chamada DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA tem importância maior na criação dos SUBSTANTIVOS DEVERBAIS ou PÓS-VERBAIS, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo.

Exemplos:

Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais possuem forma masculina e feminina:

Verbo	Deverbais		Verbo	Deverbais	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: «se o substantivo denota acção, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objecto ou substância, verificar-se-á o contrário.» (*De gramática e de linguagem*, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim: *dança, ataque* e *amparo* — denotadores, respectivamente, das acções de *dançar, atacar* e *amparar* — são formas derivadas; *âncora, azeite* e *escudo*, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos *ancorar, azeitar* e *escudar*.

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo. Assim:

Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.
Esperava **um sim** e recebeu **um não.**

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de Mac Adam), *quixote*;
b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira;*
c) de adjectivos a substantivos: *capital, circular, veneziana;*
d) de substantivos a adjectivos: *burro*, (café)-*concerto*, (colégio)-*modelo;*
e) de substantivos, adjectivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer;*
g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já;*
h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo;*
i) de particípios (passados) a substantivos e adjectivos: *conteúdo, resoluto.*

COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autónoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta; *pé-de-galinha*, o de uma ruga no canto externo dos olhos.

Tipos de composição.

1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor bem-me-quer madrepérola

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tónico e sofrem perda da sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente) pernalta (perna + alta)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura reflectir, pois que na JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos: *passatempo, varapau,* etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família, fim de semana, Idade Média,* etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo,* o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria,* ao inverso, *mãe* é o DETERMINANTE, e *pátria* o DETERMINADO.

Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO em regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exactamente o contrário — o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim: *agricultura* (= cultivo do campo), *suaviloquência* (= linguagem suave), *mundividência* (= visão do mundo), etc.

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:

1.º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

manga-rosa — porco-espinho — tamanduá-bandeira

2.º) SUBSTANTIVO + ADJECTIVO:

a) com o adjectivo posposto ao substantivo:

aguardente — amor-perfeito — criado-mudo

b) com o adjectivo anteposto ao substantivo:

alto-forno — belas-artes — gentil-homem

3.º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

chapéu-de-sol — mãe-d'água — pai de família

4.º) ADJECTIVO + ADJECTIVO:

azul-marinho — luso-brasileiro — tragicómico

5.º) NUMERAL + SUBSTANTIVO:

mil-folhas — segunda-feira — trigémeo

6.º) PRONOME + SUBSTANTIVO:

meu-bem — nossa-amizade — Nosso Senhor

7.º) VERBO + SUBSTANTIVO:

beija-flor — guarda-roupa — passatempo

8.º) VERBO + VERBO:

corre-corre — perde-ganha — vaivém

9.º) ADVÉRBIO + ADJECTIVO:

bem-bom — não-euclidiana — sempre-viva

10.º) ADVÉRBIO (OU ADJECTIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:

bem-aventurar — maldizer — vangloriar-se

Observações:

1.ª No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de *bem* e *mal* + SUBSTANTIVO ou ADJECTIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjectivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: *bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem--vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante,* etc.

2.ª Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumerámos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, disse-que-disse, louva-a--deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), *não-sei-que-diga* (nome do diabo), etc.

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos.

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis-, -is	ave	avifauna
bis- / bi-	bis	duas vezes	bisavô / bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilátero
ferri- / ferro-	ferrum, -i	ferro	ferrífero / ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero
olei- / oleo-	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno / oleoduto
omni-	omnis, -e	todo	omnipotente
pedi-	pes, pedis	pé	pedilúvio
pisci-	piscis, -is	peixe	piscicultor
quadri- / quadru-	quattuor	quatro	quadrimotor / quadrúpede
recti-	rectus, -a -um	recto	rectilíneo
sesqui-	sesqui-	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, fratricida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	acto de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme

Forma	Sentido	Exemplos
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais gregos.

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos.

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

Forma	Sentido	Exemplos
anemo-	vento	anemógrafo, anemómetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronómetro
dactilo-	dedo	dactilografia, dactiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipétalo, dissílabo
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- / hemato-	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo

Forma	Sentido	Exemplos
hexa-	seis	hexágono, hexâmetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
miria-	dez mil	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitómano
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- / **nevro-**	nervo	neurologia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopeia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	recto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilómetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotónico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeiro	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em *-o*. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de *-antropo (filantropo)*, *-crono (isócrono)*, *-dáctilo (pterodáctilo)*, *-filo (germanófilo)*, *-lito (aerólito)*, *-pótamo (hipopótamo)* e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	acto de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-géneo	que gera	heterogéneo, homogéneo
-glota, -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monogamia
-mano	louco, inclinado	bibliómano, mitómano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrómetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo

Forma	Sentido	Exemplos
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autónomo, metrónomo
-peia	acto de fazer	melopeia, onomatopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	díptero, helicóptero
-scopia	acto de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HIBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino; em *sociologia,* ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como:

autoclave	decímetro	monocultura
bicicleta	endovenoso	neolatino
bígamo	monóculo	oleografia

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque	zás-trás	zunzum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopeica. Assim:

ciciar	cicio	(da cigarra)
chilrear	chilreio	(dos pássaros)
coaxar	coaxo	(da rã, do sapo)

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa dos nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas.

Também moderno — e cada vez mais generalizado — é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Actualmente, instituições de natureza vária — como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. — são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

ONU	= Organização das Nações Unidas
UNESCO	= United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
OEA	= Organização dos Estados Americanos
OUA	= Organização de Unidade Africana
ABI	= Associação Brasileira de Imprensa
APU	= Aliança Povo Unido
PCP	= Partido Comunista Português
PPM	= Partido Popular Monárquico
PS	= Partido Socialista
PSD	= Partido Social Democrático
PDS	= Partido Democrático Social
PDT	= Partido Democrático Trabalhista
PMDB	= Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PT	= Partido dos Trabalhadores
PTB	= Partido Trabalhista Brasileiro
FRELIMO	= Frente de Libertação de Moçambique

MPLA = Movimento Popular de Libertação de Angola
PAIGC = Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
MEC = Ministério da Educação e Cultura
CGTP = Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses
UGT = União Geral dos Trabalhadores
UNE = União Nacional dos Estudantes
TAP = Transportes Aéreos Portugueses
VARIG = Viação Aérea Rio-Grandense
FIFA = Fédération Internationale de Football Association

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *cegetista, petebista,* etc.

Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aqui vulgarizado a sigla inglesa.
Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil.

7.

Frase, oração, período

A FRASE E A SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação.

A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... /
Cai a chuva lentamente...

(Da Costa e Silva, *PC*, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Frase e oração.

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.

(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.

(Josué Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

— **Podem vir** os dois...

(Vitorino Nemésio, *MTC*, 446.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Busco, / **volto**, / **abandono**, / e **chamo** de novo.

(Agustina Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**, / enquanto os cavalos **iam pastando**.

(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus; / a vida, a escada.

(Fernanda de Castro, *ANE*, 73.)

Oração e período.

1. PERÍODO é a frase organizada em oração ou orações.

Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.

(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

Não bulia uma folha, / não cintilava um luzeiro.

(Aquilino Ribeiro, *ES*, 211.)

2. O PERÍODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

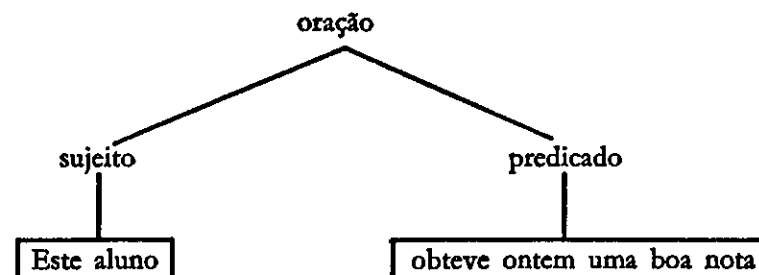
A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

Sujeito e predicado.

1. São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.

O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO. Assim, na oração

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

temos:

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO vêm materialmente expressos: Assim em:

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.

(Fernando Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em:

Boa cidade, Santa Rita.

(Mário Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.

Chamam-se ELÍPTICAS as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS.

Sintagma nominal e verbal.

1. Na oração:

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:

a) o SUJEITO: *este aluno;*
b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota.*

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

este aluno

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno,* palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.

Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).

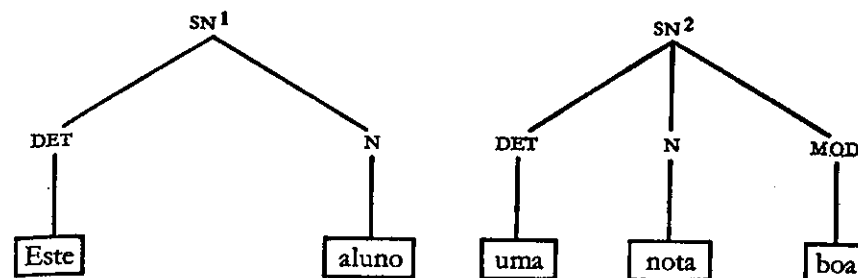
A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:

a) SN^1 = *este aluno;*

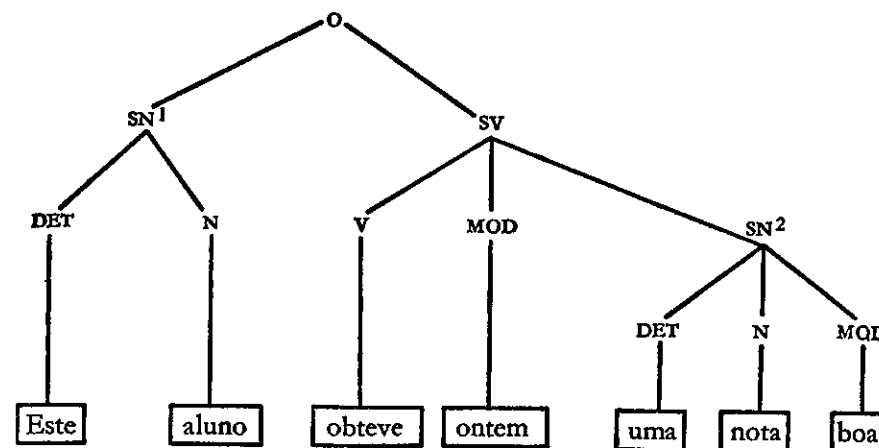
b) SN^2 = *uma boa nota.*

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição na ordem directa e lógica do enunciado é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjectivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjectivos ou expressões adjectivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.

O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).

A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

O SUJEITO

Representação do sujeito.

Os SUJEITOS da 1.ª e da 2.ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu,* no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu e tu, tu e ele,* etc.), no plural.

Os SUJEITOS da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

Matilde entendia disso.
(Agustina Bessa Luís, *OM*, 170.)

b) os pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.
(Érico Veríssimo, *LS*, 128.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?
(Augusto Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.
(Érico Veríssimo, *LS*, 131.)

Quem disse isso?
(Fernanda Botelho, *X*, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.
(Clarice Lispector, *BF*, 81.)

d) um numeral:

Ambos alteraram os roteiros originais.
(Nélida Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,
só o **existirdes** me consola.
(Tasso da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.
(Fernando Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjectiva:

Era forçoso / **que fosse assim.**
(António Sérgio, *E*, IV, 245.)

Sujeito simples e composto.

Sujeito simples.

Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

Sujeito composto.

É COMPOSTO o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

As **vozes** e os **passos** aproximam-se.
(Manuel da Fonseca, *SV*, 248.)

b) mais de um pronome:

Ele e **eu** somos da mesma raça.
(David Mourão-Ferreira, *I*, 98.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**
(Carlos Drummond de Andrade, *R*, 148.)

d) mais de uma oração substantiva:

Era melhor **esquecer o nó** e **pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.**
(Graciliano Ramos, *VS*, 62.)

Sujeito oculto (determinado).

1. É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

Ficamos um bocado sem falar.
(Luís Bernardo Honwana, *NMCT*, 10.)

O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

Soropita ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.
(Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

O sujeito de *viera, dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira oração, antes de *viera*.

2. Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Sujeito indeterminado.

Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a acção, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o SUJEITO é INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

Reputavam-no o maior comilão da cidade.
(Ciro dos Anjos, *MS*, 44.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
(Agustina Bessa Luís, *OM*, 296.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.
(Aníbal M. Machado, *JT*, 13.)

Oração sem sujeito.

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes:

Chove. Anoitece. Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenómenos da natureza:

Amanheceu a chover.
(António Botto, *OA*, 235.)

b) com o verbo *haver* na acepção de «existir»:

Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.
(Fernando Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver, fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.
(Ciro dos Anjos, *MS*, 327.)

Faz hoje oito dias que comecei.
(Augusto Abelaira, *B*, 133.)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crónica do Curvelo.
(Manuel Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

Era por altura das lavouras.
(Agustina Bessa Luís, *S*, 187.)

Observações:

1.ª Nas orações impessoais o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o Capítulo 13.
2.ª Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

Como **podia haver** tantas casas e tanta gente?
(Graciliano Ramos, *VS*, 109.)

3.ª Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária.

Hoje **tem** festa no brejo!
(Carlos Drummond de Andrade, *R*, 16.)

O uso de *ter* impessoal deve estender-se ao português das nações africanas.

Da sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

— Aqui **tem** galinha, **tem** quintal...
(*L*, 63.)

4.ª Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenómenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

Choviam os ditos ao passo que ela seguia pelas mesas.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Da atitude do sujeito.

Com os verbos de acção.

Quando o verbo exprime uma acção, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de actividade, de passividade, ou de actividade e passividade ao mesmo tempo.

1. Neste exemplo:

Maria levantou o menino.

o sujeito *Maria* executa a acção expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, o AGENTE.

2. Neste exemplo:

O menino foi levantado por Maria.

a acção não é praticada pelo sujeito *o menino*, mas pelo agente da passiva — *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a acção; é dela o PACIENTE.

3. Neste exemplo:

Maria levantou-se.

a acção é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Como vemos, na voz activa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJECTO DIRECTO. Na voz passiva, o OBJECTO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo.

Com os verbos de estado.

1. Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.
João permanece doente.
O porteiro ficou pálido.

2. Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer*, *emagrecer*, *empalidecer*, equivalentes a *ficar doente*, *ficar magro*, *ficar pálido*.

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL.

Predicado nominal.

O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.

(Carlos de Oliveira, *CD*, 90.)

b) estado transitório:

O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.

(Castro Soromenho, *TM*, 236.)

c) mudança de estado:

Amaro **ficou** muito perturbado.

(Érico Veríssimo, *LS*, 137.)

d) continuidade de estado:

O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.

(Fernando Namora, *TJ*, 177.)

e) aparência de estado:

Ela **parecia** uma figura de retrato.

(Autran Dourado, *TA*, 14.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de carácter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.
Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto. Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Estavas triste.	Estavas em casa.
Andei muito preocupado.	Andei muito hoje.
Fiquei pesaroso.	Fiquei no meu posto.
Continuamos silenciosos.	Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar, andar, ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

— O boato é um **vício** detestável.

(Carlos de Oliveira, *AC*, 183.)

Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio.**

(Clarice Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjectivo ou locução adjectiva:

A praia estava **deserta.**

(Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)

— Esta linha é **de morte.**

(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou **eu**...

(Abgar Renault, *LSL*, XVIII.)

d) por numeral:

Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...

(Fernando Pessoa, *OP*, 298.)

e) por oração substantiva predicativa:

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana.**

(Nélida Piñon, *FD*, 73.)

Observações:

1.ª O pronome *o*, quando funciona como PREDICATIVO, é demonstrativo:

Cada coisa é **o** que é.

(Fernando Pessoa, *OP*, 175.)

2.ª O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJECTO, aplicação esta que estudaremos adiante.
3.ª Quando se deseja dar ênfase ao PREDICATIVO, costuma-se relembrá-lo com o pronome demonstrativo *o:*

Tive depois motivo para crer que **o perverso e a peste** fora-o ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço.
(Raul Pompéia, *A*, 50.)

É o que se chama PREDICATIVO PLEONÁSTICO.

Predicado verbal.

O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Verbos intransitivos.

Nestas orações de Da Costa e Silva:

Sobe a névoa... A sombra **desce**...
(*PC*, 281.)

verificamos que a acção está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a acção não vai além do verbo.

Verbos transitivos.

Nestas orações de Fernanda Botelho:

Ele não **me agradece,** / nem eu **lhe dou tempo.**
(*X*, 41.)

vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRECTOS, INDIRECTOS, ou DIRECTOS e INDIRECTOS ao mesmo tempo.

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRECTOS. Neste exemplo de Agustina Bessa Luís:

Ela **invejava os homens.**
(*OM*, 207.)

a acção expressa por *invejava* transmite-se a outro elemento *(os homens)* directamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. É, por isso, chamado VERBO TRANSITIVO DIRECTO, e o termo da oração que lhe integra o sentido recebe o nome de OBJECTO DIRECTO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRECTOS. Neste exemplo:

Perdoem ao pobre tolo.
(Ciro dos Anjos, *DR*, 235.)

a acção expressa por *perdoem* transita para outro elemento da oração *(o pobre tolo)* indirectamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tal verbo denomina-se, por conseguinte, TRANSITIVO INDIRECTO. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRECTO denomina-se OBJECTO INDIRECTO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRECTOS E INDIRECTOS. Neste exemplo:

O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba.**
(Miguel Torga, *NCM*, 51.)

a acção expressa por *deu* transita para outros elementos da oração, a um tempo, directa e indirectamente. Por outras palavras: este verbo requer simultaneamente OBJECTO DIRECTO e INDIRECTO para completar-lhe o sentido.

Predicado verbo-nominal.

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Neste exemplo:

Paulo **riu despreocupado.**
(Afrânio Peixoto, *RC*, 191.)

o verbo *rir* é significativo. *Despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicativo), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL.

Observação:

No PREDICADO VERBO-NOMINAL o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como:*

O acto foi acusado **de ilegal.**
Carlos saiu estudante e voltou **como doutor.**

Variabilidade de predicação verbal.

A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente; ora com objecto directo, ora com objecto indirecto. Comparem-se estes exemplos:

Perdoai sempre [= INTRANSITIVO].
Perdoai **as ofensas** [= TRANSITIVO DIRECTO].
Perdoai **aos inimigos** [= TRANSITIVO INDIRECTO].
Perdoai **as ofensas aos inimigos** [= TRANSITIVO DIRECTO E INDIRECTO].

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

Alguns colegas mostravam **interesse por ele.**
(Raul Pompéia, *A*, 234.)

Tinha os olhos **rasos de lágrimas.**
(Agustina Bessa Luís, *QR*, 272.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(Fernando Pessoa, *OP*, 175.)

Não sei que diga do marido **relativamente ao baile da ilha.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome *ele* está relacionado com o substantivo *interesse* por meio da preposição *por;* no segundo, o substantivo *lágrimas* relaciona-se com o adjectivo *rasos* através da preposição *de;* no terceiro, o substantivo *poemas*, modificado pelo adjectivo *bastantes*, integra o sentido da forma verbal *tenho escrito;* no quarto, *o baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjectivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjectivo ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjectivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra «uma ideia de relação e o complemento é o objecto desta relação».

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

O pior é a demora **do vapor.**
(Vitorino Nemésio, *MTC*, 361.)

Só Joana parecia alheia **a toda essa actividade.**
(Fernando Namora, *TJ*, 231.)

b) pronome:

Tinha nojo **de si mesma.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 487.)

c) numeral:

A vida dele era necessária **a ambas.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 393.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, **de um Além.**

(Fernando Pessoa, *OP*, 392.)

e) oração completiva nominal:

Comprei a consciência **de que sou**
Homem de trocas com a natureza.

(Miguel Torga, *CH*, 11.)

Observações:

1.ª O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objecto directo, o objecto indirecto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.
2.ª Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor **da pátria** .... amar a **pátria**
ódio **aos injustos** .... odiar **os injustos**

COMPLEMENTOS VERBAIS

Objecto directo.

OBJECTO DIRECTO é o complemento de um verbo transitivo directo, ou seja o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a acção verbal.

Pode ser representado por:

a) substantivo:

Vou descobrir **mundos**, quero **glória** e **fama**!...

(Guerra Junqueiro, *S*, 12.)

b) pronome (substantivo):

Os jornais **nada** publicaram.

(Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 135.)

c) numeral:

— Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?

(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 31.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Como quem compõe roupas
O **outrora** compúnhamos.

(Fernando Pessoa, *OP*, 206.)

Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida.**

(Autran Dourado, *TA*, 36.)

e) oração substantiva (objectiva directa):

Não quero **que fiques triste.**

(José Régio, *SM*, 295.)

Objecto directo preposicionado.

1. O OBJECTO DIRECTO costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

Só não amava **a Jorge** como amava **ao filho.**

(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.

(Marcelino Mesquita, *LT*, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

A homem pobre ninguém roube.
A médico, confessor e letrado nunca enganes.

2. O OBJECTO DIRECTO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tónico:

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala a mulher e **a si.**

(Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

Objecto directo pleonástico.

1. Quando se quer chamar a atenção para o OBJECTO DIRECTO que precede o verbo, costuma-se relembrá-lo por um pronome oblíquo. É o que se chama OBJECTO DIRECTO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono:

> **Palavras** cria-as o tempo e o tempo **as** mata.
>
> (José Cardoso Pires, *D*, 300.)

2. O OBJECTO DIRECTO PLEONÁSTICO pode também ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tónica preposicionada:

> Mas não encontrou Marcelo nenhum. **Encontrou-nos a nós.**
>
> (David Mourão-Ferreira, *I*, 23.)

Objecto indirecto.

1. OBJECTO INDIRECTO é o complemento de um verbo transitivo indirecto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.

Pode ser representado por:

a) substantivo:

> Duvidava **da riqueza da terra.**
>
> (Nélida Piñon, *CC*, 190.)

b) pronome (substantivo):

> Que ela afaste **de ti** aquelas dores
> Que fizeram **de mim** isto que sou!
>
> (Florbela Espanca, *S*, 24.)

c) numeral:

> Os domingos, porém, pertenciam **aos dois.**
>
> (Fernando Namora, *CS*, 113.)

d) palavra ou expressão substantivada:

> Mas — quem daria dinheiro **aos pobres?**
>
> (Clarice Lispector, *BF*, 138.)

> Seu formidável vulto solitário
> Enche **de estar presente** o mar e o céu.
>
> (Fernando Pessoa, *OP*, 14.)

e) oração substantiva (objectiva indirecta):

> — Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças.**
>
> (Josué Montello, *DP*, 236.)

2. Não vem precedido de preposição o OBJECTO INDIRECTO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe (lhes)* é essencialmente OBJECTO INDIRECTO:

> As noites não **lhe** trouxeram repouso, mas deram-**lhe**, em contrapartida, tempo para a meditação.
>
> (Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 1177.)

> Luís Garcia dera-**se** pressa em visitar o filho de Valéria.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 336.)

Objecto indirecto pleonástico.

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJECTO INDIRECTO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tónico antecedido de preposição:

> — Quem **lhe** disse **a você** que estavam no palheiro?
>
> (Carlos de Oliveira, *AC*, 119.)

Predicativo do objecto.

1. Tanto o OBJECTO DIRECTO como o INDIRECTO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJECTO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

Uns a nomeiam **primavera.** Eu lhe chamo **estado de espírito.**
(Carlos Drummond de Andrade, *FA*, 125.)

b) por adjectivo:

Os trabalhadores da Gamboa julgam-**no assombrado.**
(Orlando Mendes, *P*, 140.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o do OBJECTO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

Quaresma então explicou porque **o** tratavam **por major.**
(Lima Barreto, *TFPQ*, 215.)

Considero-**o como o primeiro dos precursores do espírito moderno.**
(Antero de Quental, *C*, 313.)

Observação:

Somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJECTO INDIRECTO:

A gente só ouvia o Pancário chamar-**lhe ladrão e mentiroso.**
(Castro Soromenho, *V*, 220.)

Agente da passiva.

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a acção sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

— Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano.
(Fernando Namora, *DT*, 120.)

b) por pronome:

A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
(Cassiano Ricardo, *VTE*, 26.)

c) por numeral:

Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um.**
(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 350.)

d) por oração substantiva:

Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 746.)

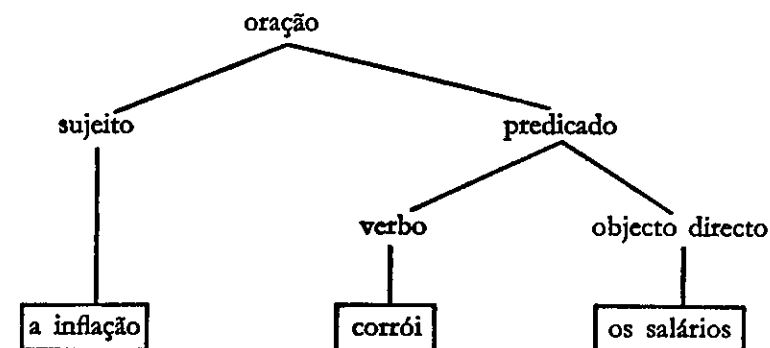
Transformação de oração activa em passiva.

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objecto directo, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:

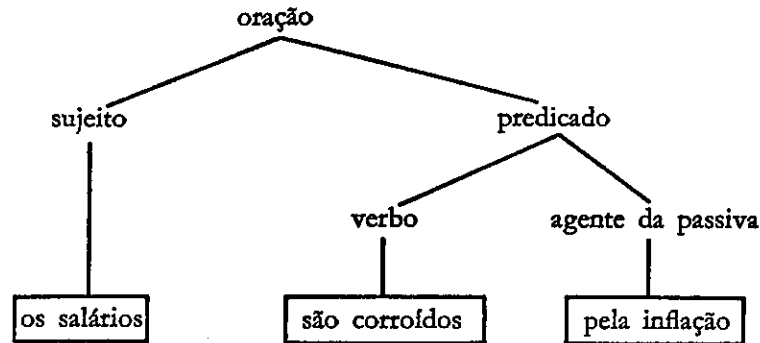
a) o objecto directo passa a ser sujeito da passiva;
b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração activa:

A inflação corrói os salários.

poderíamos colocá-la no esquema:

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:

2. Se numa oração da voz activa o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente.

Assim:

VOZ ACTIVA	VOZ PASSIVA
Aumentaram os salários.	Os salários foram aumentados.
Contiveram a inflação.	A inflação foi contida.

Observações:

1.ª Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz activa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintáctica diferente.

2.ª Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos.
Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS OS TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para lhes precisar o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS: *a*) o ADJUNTO ADNOMINAL; *b*) o ADJUNTO ADVERBIAL; *c*) O APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjectivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O ADJUNTO ADNOMINAL pode vir expresso por:

a) adjectivo:

Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.
(Rubem Braga, *CCE*, 251.)

b) locução adjectiva:

Era um homem **de consciência.**
(Augusto Abelaira, *NC*, 15.)

c) artigo (definido ou indefinido):

O ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega **na** vida.
(Clarice Lispector, *FC*, 51.)

d) pronome adjectivo:

Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.
(Fernanda Botelho, *X*, 118.)

e) numeral:

Casara-se havia **duas** semanas.
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 29.)

f) oração adjectiva:

Os cabelos, **que tinha fartos e lisos,** caíram-lhe todos.
(Maria Judite de Carvalho, *AV*, 116.)

ADJUNTO ADVERBIAL

ADJUNTO ADVERBIAL é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do facto expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjectivo, ou de um advérbio.

O ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado:

a) por advérbio:

Amou-a **perdidamente.**

(Lygia Fagundes Telles, *DA*, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala.**

(Branquinho da Fonseca, *B*, 61.)

c) por oração adverbial:

Fechemos os olhos **até que o sol comece a declinar.**

(Aníbal M. Machado, *CJ*, 82.)

Classificação dos adjuntos adverbiais.

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exacta. Não obstante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?!

(Augusto Gil, *LJ*, 25.)

b) DE COMPANHIA:

Vivi **com Daniel** perto de dois anos.

(Clarice Lispector, *BF*, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...

(Vitorino Nemésio, *MTC*, 105.)

d) DE FIM:

Há homens **para nada,** muitos **para pouco,** alguns **para muito,** nenhum **para tudo.**

(Marquês de Maricá, *M*, 87.)

e) DE INSTRUMENTO:

Dou-te **com o chicote,** ouviste!

(Luandino Vieira, *L*, 41.)

f) DE INTENSIDADE:

Gosto **muito** de ti.

(Miguel Torga, *NCM*, 32.)

g) DE LUGAR:

O vulto escuro entrou **no jardim,** sumiu-se **em meio as árvores.**

(Érico Veríssimo, *LS*, 133.)

h) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.**

(Machado de Assis, *OC*, I, 413.)

i) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava **de bicicleta,** imaginem!

(Augusto Abelaira, *NC*, 19.)

j) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.

(Lygia Fagundes Telles, *ABV*, 7.)

l) DE NEGAÇÃO:

— **Não,** senhor Cónego, vejo. Mas **não** concordo, **não** aceito.

(Bernardo Santareno, *TPM*, 109.)

m) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se **cedo** a essa mesa e escrevia **até as dez, onze horas.**

(Pedro Nava, *BO*, 330.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de carácter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

Eles, **os pobres desesperados,** tinham uma euforia de fantoches.

(Fernando Namora, *DT*, 237.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como no exemplo acima.

Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO. Por exemplo:

A cidade **de Lisboa** — O rei **D. Manuel**
O poeta **Bilac** — O mês **de Junho**

Este APOSTO, chamado DE ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como:

O clima **de Lisboa** — A época **de D. Manuel**
O soneto **de Bilac** — As festas **de Junho**

em que *de Lisboa, de Bilac, de D. Manuel* e *de Junho* equivalem a adjectivos (= *lisboeta, bilaquiano, manuelina* e *juninas*) e funcionam, portanto, como ATRIBUTOS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:

a) ser representado por uma oração.

Homem feio tem esta vantagem: **mulher burra não o persegue.**

(Gilberto Amado, *DP*, 254.)

b) referir-se a uma oração inteira:

O importante é saber para onde puxa mais a corredeira — **coisa, aliás, sem grandes mistérios.**

(Mário Palmério, *VC*, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**

(Almada Negreiros, *NG*, 112.)

Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pés de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.

(José Lins do Rego, *FM*, 289.)

Valor sintáctico do aposto.

O APOSTO tem o mesmo valor sintáctico do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

Ela, **Dora,** foi, de resto, muitíssimo discreta.

(Maria Judite de Carvalho, *AV*, 105.)

b) aposto no predicativo:

Ele era o famoso Ricardão, **o homem das beiras do Verde Pequeno.**

(Guimarães Rosa, *GS-V*, 203.)

c) aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, **o Calisto.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 521.)

d) aposto no objecto directo:

Jogamos uma partida de xadrez, **uma luta renhida,** quase duas horas...

(Augusto Abelaira, *NC*, 54.)

e) aposto no objecto indirecto:

Meu pai cortava cana para a égua, **sua montaria predileta.**

(Jorge Amado, *MG*, 13.)

f) aposto no agente da passiva:

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, **avô do Engenheiro.**
(José Cardoso Pires, *D*, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Você não tem relações aqui, **no Rio,** menino?
(Lima Barreto, *REIC*, 89.)

h) aposto no aposto:

Os primeiros foram os Vilelas, família composta de Justiniano Vilela, **chefe de secção aposentado,** D. Margarida, **sua esposa,** e D. Augusta, **sobrinha de ambos.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 193.)

i) aposto no vocativo:

Razão, **irmã do Amor e da Justiça,**
Mais uma vez escuta a minha prece.
(Antero de Quental, *SC*, 71.)

Aposto e predicativo.

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objecto, o mesmo facto ou a mesma ideia.

Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjectivo que, em função de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte:

E a noite vai descendo **muda e calma...**
(Florbela Espanca, *S*, 60.)

que também poderia ser enunciada:

E a noite, **muda e calma,** vai descendo...

ou:

E, **muda e calma,** a noite vai descendo...

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjectivo que nelas desempenha a função de PREDICATIVO. É o caso de frases do tipo:

Rico, desdenhava dos humildes.

em que *rico* não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= *porque era rico*], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjectivo, enquanto adjectivo, «não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa *uma característica* do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa».

VOCATIVO

Examinando estes versos de António Nobre:

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
(*S*, 51.)

Ó sinos de Santa Clara,
Por quem dobrais, quem morreu?
(*S*, 47.)

vemos que, neles, os termos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.

A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase dá-se o nome de VOCATIVO.

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

Ordem directa e ordem inversa.

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRECTA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferentemente na sequência:

SUJEITO + VERBO + OBJECTO DIRECTO + OBJECTO INDIRECTO

ou

SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

Essa preferência pela ORDEM DIRECTA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS OU DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

> Carlos ofereceu um livro ao colega.
> Carlos é gentil.
> Paulo não perdoou a ofensa do colega.
> Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem directa em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

Inversões de natureza estilística.

Dos factores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO:

> Quero levar-te a dédalos profundos,
> Onde refervem **sóis... e céus... e mundos...**
>
> (Castro Alves, *EF*, 44.)

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJECTO (DIRECTO OU INDIRECTO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra pela sua antecipação ao verbo:

> **Fraca** foi a resistência.
>
> (Ciro dos Anjos, *MS*, 313.)

> **Minha espada,** pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei.
>
> (Fernando Pessoa, *OP*, 67.)

> **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso.
>
> (Fernando Namora, *DT*, 59.)

> **Acolá, na entrada do Catongo,** é uma festa de mutirão.
>
> (Adonias Filho, *LP*, 30.)

Inversões de natureza gramatical.

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

Inversão *verbo + sujeito.*

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

> Que **fazes tu** de grande e bom, contudo?
>
> (Antero de Quental, *SC*, 64.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

> **Dize**-me **tu,** ó céu deserto,
> **dize**-me **tu** se é muito tarde.
>
> (Cecília Meireles, *OP*, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

> **Formam-se bolhas** na água...
>
> (Fernando Pessoa, *OP*, 160.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no conjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

> — Que **venha essa coisa melhor!**
>
> (Murilo Rubião, *D*, 17.)

> **Chovam lírios e rosas** no teu colo!
>
> (Antero de Quental, *SC*, 35.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo *dizer, sugerir, perguntar, responder* e sinónimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRECTO ou neles se inserem:

— Isso não se faz, moço, **protestou Fabiano.**
(Graciliano Ramos, *VS*, 40.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras,** mocinhas postavam-se diante do Solar.
(Geraldo França de Lima, *JV*, 5.)

Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu.
(Jorge Amado, *MG*, 112.)

Acabada a lengalenga, pretendi que bisasse.
(Aquilino Ribeiro, *CRG*, 16.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

Tivesse eu tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade.
(Augusto Frederico Schmidt, *AP*, 68.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

Aconteceu no Rio, como **acontecem tantas coisas.**
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Basta o amor ao trabalho...
(Augusto Abelaira, *NC*, 14.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objecto (directo ou indirecto) ou por adjunto adverbial:

Majestoso **assoma o astro rei.**
(José de Alencar, *OC*, II, 1123.)

Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o meu velho mestre.**
(Rui Barbosa, *R*, 86.)

A nós, homens de letras, **impõe-se o dever da direcção deste movimento.**
(Olavo Bilac, *DN*, 112.)

Num paquete como este não **existe a solidão!**
(Augusto Abelaira, *NC*, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjectiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

É preciso **que eles nos temam.**
(Castro Soromenho, *V*, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...
(Antero de Quental, *SC*, 114.)

Observações:

1.ª Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO + SUJEITO, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correcta — a construção SUJEITO + VERBO.
2.ª O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objecto.

Inversão ***predicativo + verbo.***

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

Que monstro seria ela?
(José Lins do Rego, *E*, 255.)

b) em construções afectivas do tipo:

Probidade — essa foi realmente a qualidade primacial de Veríssimo.
(Manuel Bandeira, *PP*, II, 415.)

c) em frases afectivas denotadoras de desejo:

> **Amaldiçoados sejam** eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.
>
> (José Saramago, *LC*, 121.)

ENTOAÇÃO ORACIONAL

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTOAÇÃO.

Grupo acentual e grupo fónico.

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia em um acento tónico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se o nome de GRUPO FÓNICO.

Por exemplo: numa elocução lenta, o seguinte período de Marques Rebelo:

> O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcámos com um traço inclinado. Mas encerra apenas três GRUPOS FÓNICOS.

> O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

O grupo fónico, unidade melódica.

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os do GRUPO FÓNICO. Podemos, pois, considerar o GRUPO FÓNICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA.

O grupo fónico e a oração.

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA e a EXCLAMATIVA.

Oração declarativa.

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fónico:

> Os alunos chegaram tarde,

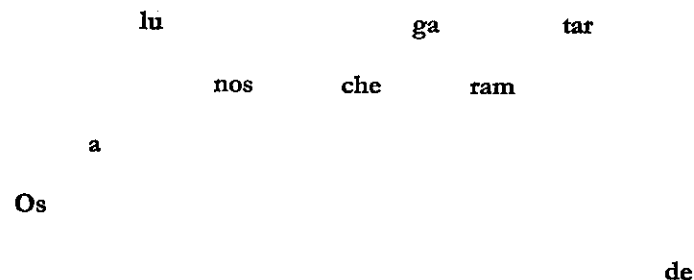
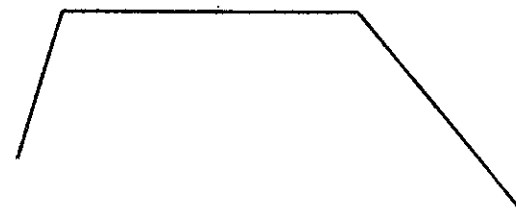
observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu **ga** **tar**

nos **che** **ram**

a

Os

de

que poderíamos simplificar no esquema:

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fónico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tónica *(lu)*;

b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;

c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba *(tar)*, atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fónico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

Oração interrogativa.

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA temos de considerar previamente o facto de se iniciar ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo.

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa:

Os alunos chegaram tarde?

observamos que ela descreve a curva melódica:

tar

ga

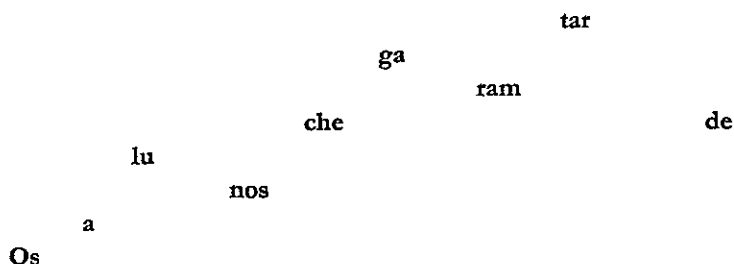
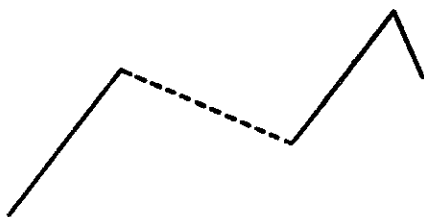
ram

che de

lu

nos

a

Os

que poderíamos assim apresentar esquematicamente:

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica *sim*, ou *não*:

a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;

b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o carácter ascendente desta modalidade de interrogação;

c) subir a voz acentuadamente na última vogal tónica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.

Distinguem-se, porém:

a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente na interrogativa;

b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;

c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tónica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o carácter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional na nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo.

Tomemos como exemplo a oração:

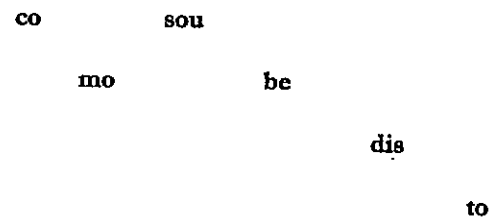
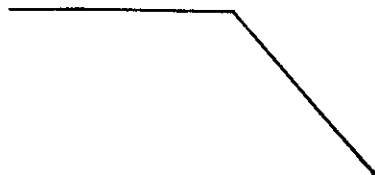
Como soube disto?

Em sua enunciação a voz descreve a seguinte curva melódica:

co sou

mo be

dis

to

que poderíamos assim esquematizar:

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente até à primeira sílaba tónica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;

b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tónica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação directa e indirecta.

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Os alunos chegaram tarde?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, por exemplo:

Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é *directa*.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRECTA, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.

Exemplo:

Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRECTAS a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tónica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;

b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação directa;

c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura reflectir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adoptar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação directa, e o simples PONTO, para o da indirecta.

Oração exclamativa.

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos factores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh!* nestes dois versos de Castro Alves:

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Oh! ver não posso este labéu maldito!

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica. Assim, nas exclamações:

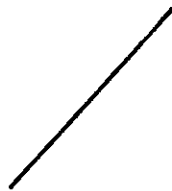
Bandido! Insolente! Fantástico!

a voz eleva-se até a sílaba tónica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema

semelhante ao da entoação declarativa.

Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fónico é ascendente, e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

2. Maior variedade em matizes de entoação encontramos, naturalmente, nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

1.ª) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente. Exemplo:

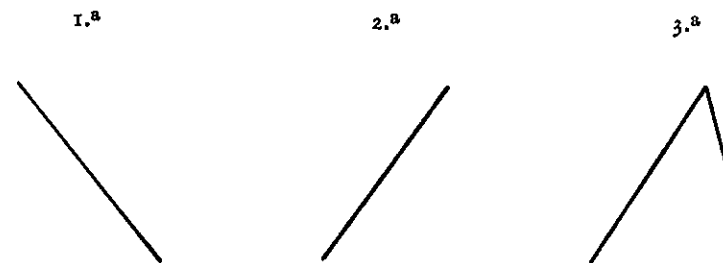
Deus de minha alma!

2.ª) Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

Meu **amor!**

3.ª) Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes exemplos colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da **frente!**
Todo o **mundo!!!**

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

Conclusão.

Do exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como

Pois não!
Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim: a entoação reflecte e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a «alma da palavra», devemos considerá-la a «alma da oração».

8.

Substantivo

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.

São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um género, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

Maria	Lisboa	Senado	árvore	cedro

b) os nomes de noções, acções, estados e qualidades, tomados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente,* de núcleo do sujeito, do objecto directo, do objecto indirecto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Substantivos concretos e abstractos.

Chamam-se CONCRETOS os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um género, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cão
Pedro	Lisboa	Fórum	cedro	cavalo

Dá-se o nome de ABSTRACTOS aos substantivos que designam noções, acções, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	optimismo	doçura

Substantivos próprios e comuns.

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (DESIGNAÇÃO GENÉRICA) ou um indivíduo de determinada espécie (DESIGNAÇÃO ESPECÍFICA).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstracção, o substantivo é chamado COMUM.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO.

Assim, os substantivos *homem, país* e *cidade* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro, Brasil* e *Lisboa,* ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

Substantivos colectivos.

COLECTIVOS são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

> **Cento e vinte milhões** de brasileiros pensam assim.
> O **povo** brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos.* Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma

forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja *todos* os brasileiros como um conjunto harmónico.

Além desses colectivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, *regimento, batalhão, companhia* (partes do colectivo geral *exército*);

b) um grupo acidental, como *grupo, multidão, bando: bando de andorinhas, bando de salteadores, bando de ciganos;*

c) um grupo de seres de determinada espécie *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos).

Costumam-se também incluir entre os colectivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como *assembleia, congresso, congregação, concílio, conclave* e *consistório*. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos colectivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns colectivos que merecem ser conhecidos:

alcateia (de lobos)
armento (de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago (de ilhas)
atilho (de espigas)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cacho (de bananas, de uvas, etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de malandros, e, no Brasil, também de caranguejos, de chaves, etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de actores)
falange (de soldados, de anjos)
farândula (de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de autocarros ou onibus)
girândola (de foguetes)
horda (de povos selvagens nómadas, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demónios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
mó (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
plêiade (de poetas, de artistas)

quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
récua (de bestas de carga)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
vara (de porcos)

Observações:

1.ª Excluímos dessa lista os NUMERAIS COLECTIVOS, como *novena, década, dúzia*, etc., que designam um número de seres absolutamente exacto. Leia-se, a propósito, o que dizemos no Capítulo 12.
2.ª O colectivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o colectivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A ramaria balouçava ao vento.
A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do colectivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois, etc.
Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GÉNERO e GRAU.

NÚMERO

Quanto à flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar:

a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO COLECTIVO):

aluno povo

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos povos

FORMAÇÃO DO PLURAL

Substantivos terminados em vogal ou ditongo.

Regra geral:

O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se *-s* ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajá	rajás	chapéu	chapéus
boné	bonés	camafeu	camafeus
javali	javalis	herói	heróis
cipó	cipós	boi	bois
peru	perus	mãe	mães

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *bem* faz no plural *bens; flautim* faz *flautins; som* faz *sons; atum* faz *atuns.*

Regras especiais:

1. Os substantivos terminados em *-ão* formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões:*

Singular	Plural	Singular	Plural
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fracção	fracções	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

Singular	Plural	Singular	Plural
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	paredão	paredões
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões
facão	facões	vagalhão	vagalhões
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões

b) um reduzido número muda a terminação *-ão* em *-ães:*

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão	alemães	charlatão	charlatães
bastião	bastiães	escrivão	escrivães
cão	cães	guardião	guardiães
capelão	capelães	pão	pães
capitão	capitães	sacristão	sacristães
catalão	catalães	tabelião	tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	bênção	bênçãos
cristão	cristãos	gólfão	gólfãos
desvão	desvãos	órfão	órfãos
irmão	irmãos	órgão	órgãos
pagão	pagãos	sótão	sótãos

Observações:

1.ª Neste grupo se incluem os monossílabos tónicos *chão, grão, mão* e *vão,* que fazem no plural *chãos, grãos, mãos* e *vãos.*
2.ª *Artesão,* quando significa «artífice», faz no plural *artesãos;* no sentido de «adorno arquitectónico», o seu plural pode ser *artesãos* ou *artesões.*

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

Singular	Plural	Singular	Plural
alão	alãos / alões / alães	ermitão	ermitães / ermitãos / ermitões
alazão	alazães / alazões	hortelão	hortelãos / hortelões
anão	anãos / anões	rufião	rufiães / rufiões
aldeão	aldeãos / aldeões / aldeães	refrão	refrães / refrãos
castelão	castelãos / castelões	truão	truães / truões
ancião	anciãos / anciões / anciães	sultão	sultões / sultãos / sultães
corrimão	corrimãos / corrimões	verão	verões / verãos
deão	deães / deões	vilão	vilãos / vilões

Plural com alteração de timbre da vogal tónica.

1. Alguns substantivos, cuja vogal tónica é *o* fechado, além de receberem a desinência *-s*, mudam, no plural, o *o* fechado [o] para aberto [ɔ].

Apontam-se os seguintes:

abrolho	escolho	olho	rogo
caroço	esforço	osso	sobrolho
contorno	estorvo	ovo	socorro
corcovo	fogo	poço	tijolo
coro	forno	porco	toco
corno	foro	porto	tojo
corpo	fosso	posto	tordo
corvo	imposto	povo	torno
despojo	jogo	reforço	troco
destroço	miolo	renovo	troço

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o *o* fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tónica:

acordo	encosto	moço	potro
adorno	engodo	molho	reboco
bojo	estojo	morro	repolho
bolo	ferrolho	mosto	restolho
cachorro	globo	namoro	rolo
coco	golfo	piloto	rosto
colmo	gosto	piolho	sopro
consolo	lobo	poldro	suborno
dorso	logro	polvo	topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma culta de Portugal e a do Brasil. É o caso, por exemplo, dos substantivos *almoço, bolso* e *sogro*, que, no plural, apresentam a vogal aberta [ɔ] em Portugal e a fechada [o] no Brasil.

Cumpre advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tónica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação:

Atente-se na distinção entre *molho* «condimento» (por ex.: o *molho da carne*) e *molho* «feixe» (por ex.: *um molho de chaves*), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tónica.

Substantivos terminados em consoante.

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural acrescentando *-es* ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
mar	mares	rapaz	rapazes	abdómen	abdómenes
açúcar	açúcares	xadrez	xadrezes	cânon	cânones
colher	colheres	raiz	raízes	dólmen	dólmenes
reitor	reitores	cruz	cruzes	líquen	líquenes

Observações:

1.ª O plural de *carácter* (escrito *caráter* na ortografia brasileira) é, tanto em Portugal como no Brasil, *caracteres*, com deslocação do acento tónico e articulação do *c* que possuía de origem.
2.ª Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos *espécimen*, *Júpiter* e *Lúcifer*: *especímenes*, *Jupíteres* e *Lucíferes*.
Advirta-se, porém, que, a par de *Lúcifer*, há *Lucifer*, forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente, *Luciferes*.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também *-es* ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

Singular	Plural	Singular	Plural
o ananás	os ananases	o atlas	os atlas
o português	os portugueses	o pires	os pires
o revés	os reveses	o lápis	os lápis
o país	os países	o oásis	os oásis
o retrós	os retroses	o ónibus	os ónibus

Observações:

1.ª O monossílabo *cais* é invariável. *Cós* é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural *coses*.
2.ª Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos existentes em *-x* são invariáveis: *o tórax — os tórax, o ônix — os ônix*.

3. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	Plural	Singular	Plural
animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	lençol	lençóis
móvel	móveis	álcool	álcoois
níquel	níqueis	paul	pauis

Observação:

Exceptuam-se as palavras *mal*, *real* (moeda) e *cônsul* e seus derivados, que fazem, respectivamente, *males*, *réis*, *cônsules* e, por este, *procônsules*, *vice-cônsules*.

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	Plural	Singular	Plural
ardil	ardis	funil	funis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	Plural	Singular	Plural
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações:

1.ª A palavra *projéctil*, paroxítona na norma culta de Portugal, tem aí como plural *projécteis*. Na norma culta brasileira, a pronúncia mais generalizada é *projetil*, que apresenta o plural *projetis*.
2.ª *Réptil*, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante *reptil*, cujo plural é, naturalmente, *reptis*.

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o *-s* do plural do substantivo primitivo. Assim:

Singular	Plural
balãozinho	balõe(s) + zinhos > balõezinhos
papelzinho	papéi(s) + zinhos > papeizinhos
colarzinho	colare(s) + zinhos > colarezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos > cãezitos

Substantivos de um só número.

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvíssaras cãs fezes primícias

anais	condolências	matinas	víveres
antolhos	esponsais	núpcias	copas (naipe)
arredores	exéquias	óculos	espadas (naipe)
belas-artes	fastos	olheiras	ouros (naipe)
calendas	férias	pêsames	paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstractos: *ferro, ouro, cobre; fé, esperança, caridade.* Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos.

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente, sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

aguardente(s)	clarabóia(s)	malmequer(es)	lobisomen(s)
varapau(s)	ferrovia(s)	pontapé(s)	vaivén(s)

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	Plural	Singular	Plural
couve-flor	couves-flores	grão-mestre	grão-mestres
obra-prima	obras-primas	guarda-marinha	guardas-marinha
salvo-conduto	salvos-condutos	guarda-roupa	guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjectivo, só o segundo vai para o plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
guarda-chuva	guarda-chuvas	bate-boca	bate-bocas
sempre-viva	sempre-vivas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes	grão-duque	grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
chapéu-de-sol	chapéus-de-sol	peroba-do-campo	perobas-do-campo
pão-de-ló	pães-de-ló	joão-de-barro	joões-de-barro
pé-de-cabra	pés-de-cabra	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

Singular	Plural	Singular	Plural
navio-escola	navios-escola	banana-prata	bananas-prata
salário-família	salários-família	manga-espada	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjectivo:

Singular	Plural	Singular	Plural
carta-bilhete	cartas-bilhetes	gentil-homem	gentis-homens
tenente-coronel	tenentes-coronéis	água-marinha	águas-marinhas
amor-perfeito	amores-perfeitos	vitória-régia	vitórias-régias

GÉNERO

1. Há dois géneros em português: o MASCULINO e o FEMININO. O masculino é o termo não marcado; o feminino, o termo marcado.

2. Pertencem ao género masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o aluno	o pão	o poema	o jabuti

Pertencem ao género feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a:*

a casa	a mão	a ema	a juriti

3. O género de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.

Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação:

1. São geralmente masculinos:

a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João	mestre	padre	rei

b) os nomes de animais do sexo masculino:

cavalo	galo	gato	peru

c) Os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago, monte, oceano, rio* e *vento,* que são masculinas:

o Amazonas [= o rio Amazonas]
o Atlântico [= o oceano Atlântico]
o Ládoga [= o lago Ládoga]
o Minuano [= o vento Minuano]
os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo	o Norte
setembro vindouro	o Sul

2. São geralmente femininos:

a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Maria	professora	freira	rainha

b) os nomes de animais do sexo feminino:

égua	galinha	gata	perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha,* que são femininas:

a antiga Ouro Preto	a Sicília	as Antilhas

Observação:

Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro, Porto, Cairo, Havre,* são masculinos pelas razões que aduzimos, no Capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO ARTIGO.

Quanto à terminação:

1. São masculinos os nomes terminados em *-o* átono:

o aluno	o livro	o lobo	o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em *-a* átono:

a aluna	a caneta	a loba	a mesa

Exceptuam-se, porém, *clima, cometa, dia, fantasma, mapa, planeta, telefonema, fonema* e outros mais, que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em *-ão,* os concretos são masculinos e os abstractos, femininos:

o agrião	o algodão	a educação	a opinião
o balcão	o feijão	a produção	a recordação

Exceptua-se *mão,* que, embora concreto, é feminino.

Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o género de um dado substantivo.

FORMAÇÃO DO FEMININO

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em género, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino. Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja proveniente de um radical distinto:

bode cabra homem mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno aluna cantor cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos da nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes.

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror (ou soror)	zângão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino.

Regras gerais:

1.ª) Os substantivos terminados em *-o* átono formam normalmente o

feminino substituindo essa desinência por *-a:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação:

Além das formações irregulares, que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em *-o*, que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais. Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2.ª) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*. Exemplos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

Regras especiais:

1.ª) Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a final *-ão* em *-oa:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
ermitão	ermitoa	leitão	leitoa
hortelão	horteloa	patrão	patroa

b) mudando a final *-ão* em *-ã:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
aldeão	aldeã	castelão	castelã
anão	anã	cidadão	cidadã

c) mudando a final *-ão* em *-ona:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bonachão	bonachona	moleirão	moleirona
folião	foliona	solteirão	solteirona

Observações:

1.ª Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em *-ona* são ou aumentativos ou adjectivos substantivados.
2.ª Além dos anómalos *cão* e *zângão,* a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão	baronesa	maganão	magana
ladrão	ladra	perdigão	perdiz
lebrão	lebre	sultão	sultana

Usa-se às vezes *ladrona* por *ladra.*

2.ª) Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	pastora	remador	remadora

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira.* Assim: *cantador — cantadeira, cerzidor — cerzideira.*

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor,* mudam estas terminações em *-triz.* Assim: *actor — actriz, imperador — imperatriz.*

Observação:

De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (a esposa de embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe de embaixada).

3.ª) Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-esa, -essa* e *-isa:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
abade	abadessa	diácono	diaconisa
barão	baronesa	duque	duquesa
conde	condessa	sacerdote	sacerdotisa

Observação:

De *prior* há o feminino *prioresa* (superiora de certas ordens) e *priora* (irmã da Ordem Terceira). *Príncipe* faz no feminino *princesa.*

4.ª) Os substantivos terminados em *-e,* não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois géneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em *-nte,* de regra originários de particípios presentes e de adjectivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição *-o* (masculino) por *-a* (feminino), troca o *-e* por *-a.* Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	governanta	monge	monja
infante	infanta	parente	parenta

Observação:

Os femininos *giganta* (de *gigante*), *hóspeda* (de *hóspede*) e *presidenta* (de *presidente*) têm ainda curso restrito no idioma.

5.ª) São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
avô	avó	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa
frade	freira	rajá	râni
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
jogral	jogralesa	réu	ré

Observação:

Rapariga é o feminino de *rapaz* mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se *moça* em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, o primeiro termo adquiriu.

SUBSTANTIVOS UNIFORMES

Substantivos epicenos.

Denominam-se EPICENOS os nomes de *animais* que possuem um só género gramatical para designar um e outro sexo. Assim:

a águia	a mosca	o besouro	o polvo
a baleia	a onça	o condor	o rouxinol
a borboleta	a pulga	o crocodilo	o tatu
a cobra	a sardinha	o gavião	o tigre

Observação:

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras *macho* e *fêmea*: *crocodilo macho, crocodilo fêmea; o macho* ou *a fêmea do jacaré.*

Substantivos sobrecomuns.

Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só género gramatical para designar *pessoas* de ambos os sexos. Assim:

o algoz	o cônjuge	a criança	a testemunha
o apóstolo	o indivíduo	a criatura	a vítima
o carrasco	o verdugo	a pessoa	

Observação:

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: *o cônjuge feminino; uma pessoa do sexo masculino.*

Substantivos comuns de dois géneros.

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois géneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo género do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÉNEROS estes substantivos.

Exemplos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações:

1.ª São COMUNS DE DOIS GÉNEROS todos os substantivos ou adjectivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista, a pianista; um anarquista, uma anarquista.*
2.ª Diz-se, indiferentemente, *o personagem* ou *a personagem* com referência ao protagonista homem ou mulher.

Mudança de sentido na mudança de género.

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de género:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em *-a*.

Vimos que, embora a final *-a* seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta,* etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta (poetisa)* e *profeta (profetisa)*; a maioria, no entanto, distingue o género apenas pelo determinativo empregado: *o compatriota, a compatriota; este jornalista, aquela jornalista; meu camarada, minha camarada.*

Um pequeno número de substantivos em *-a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou actividade própria do homem. Assim:

jesuíta	nauta	patriarca	heresiarca
monarca	papa	pirata	tetrarca

Observações:

1.ª Entre os substantivos que designam *coisas,* são masculinos os terminados em *-ema* e *-oma* que se originam de palavras gregas:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

2.ª Embora a palavra *grama* se use também no género feminino *(quinhentas gramas)*, os seus compostos mantêm-se no género masculino: *um miligrama, o quilograma.*

Substantivo de género vacilante.

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de género. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÉNERO MASCULINO:

ágape	clã	gengibre	sanduíche
antílope	contralto	lança-perfume	soprano
caudal	diabete(s)	praça (soldado)	suéter

b) GÉNERO FEMININO:

abusão	áspide	jaçanã	ordenança
alcíone	fácies	juriti	sentinela
aluvião	filoxera	omoplata	sucuri

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *chapéu, boca;*

b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra; chapéu grande, boca enorme;*

c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afectivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha; chapéu pequeno, boca minúscula.*

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudámos no Capítulo 6; assim: *chape-l-ão, boc-arra; chapeu-zinho, boqu-inha;*

b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjectivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme; chapéu pequeno, boca minúscula.*

Valor das formas aumentativas e diminutivas.

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjectivos *grande* e *pequeno,* ou sinónimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, beiçorra, pratalhaz* ou *pratarraz, atrevidaço, porcalhão,* etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

Os sufixos diminutivos apresentam em geral valor AFECTIVO. O seu emprego mostra o interesse emocional, o sentimento de quem fala ou escreve

naquilo que enuncia. Daí a frequência com que aparecem nas formas de carinho.

Especialização de formas.

Muitas formas, originariamente aumentativas e diminutivas, adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, em rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras na sua acepção normal. Assim:

cartão	portão	corpete	lingueta
ferrão	cartilha	flautim	pastilha
florão	cavalete	folhinha (= calendário, no Brasil)	vidrilho

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

Funções sintácticas do substantivo.

O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

2. PREDICATIVO:

a) DO SUJEITO:

Eu já não sou **funcionário.**
(Castro Soromenho, *TM*, 243.)

b) DO OBJECTO DIRECTO:

De toda parte, aclamavam-no **herói.**
(Raul Pompéia, *A*, 108.)

c) DO OBJECTO INDIRECTO:

Eram capazes de me chamar **sacristão.**
(Fernando Namora, *TJ*, 214.)

Irmão lhe chamaria...
(Carlos Drummond de Andrade, *R*, 169.)

3. OBJECTO DIRECTO:

O velho não desvia os **olhos.**
(Alves Redol, *FM*, 195.)

4. OBJECTO INDIRECTO:

O que Amélia, naquele instante, pediria a **Deus?**
(José Lins do Rego, *FM*, 236.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de **defeitos.**
(Fernando Namora, *E*, 119.)

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

Contemplaram-se em **silêncio.**
(Érico Veríssimo, *LS*, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

A investida é observada de longe pelos **sitiantes.**
(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 355.)

8. APOSTO:

Os dois, **governador e filho,** encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai.
(Jaime Cortesão, *IHB*, II, 104.)

9. VOCATIVO:

Eu tenho, **Amor,** a cinta esbelta e fina...
(Florbela Espanca, *S*, 96.)

Substantivo como adjunto adnominal.

1. Precedido de preposição, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUÇÃO ADJECTIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL. Assim:

uma vontade **de ferro** [= férrea]
um menino **às direitas** [= correcto]

2. Em função de ADJUNTO ADNOMINAL, pode também o SUBSTANTIVO referir-se directamente a outro SUBSTANTIVO. Comparem-se expressões do tipo:

um riso **canalha** uma recepção **monstro**

Substantivo, caracterizador de adjectivo.

Os adjectivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes. Assim:

amarelo-**canário** verde-**garrafa**
azul-**petróleo** roxo-**batata**

O substantivo como núcleo das frases sem verbo.

As FRASES NOMINAIS, organizadas sem verbo, têm o substantivo como centro. É o que se verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!

(Teixeira de Pascoaes, *OC*, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Canto litúrgico em latim abastardado: Vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.

(Bernardo Santareno, *TPM*, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã.

9.

Artigo

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dá-se o nome de ARTIGO às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objecto de um conhecimento de experiência, como neste exemplo:

Atravessaram **o** pátio, deixaram **na** escuridão **o** chiqueiro e **o** curral, vazios, de porteiras abertas, **o** carro de bois que apodrecia, **os** juazeiros.

(Graciliano Ramos, *VS*, 161.)

b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

Vi que estávamos **num** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas.

(Branquinho da Fonseca, *B*, 21.)

No primeiro caso dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

FORMAS DO ARTIGO

Formas simples.

1. São estas as formas simples do artigo:

	Artigo definido		Artigo indefinido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo (la, los, las)* e *el* do artigo definido.

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte.

Formas combinadas do artigo definido.

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, se constrói com uma das preposições *a, de, em* e *por*, o ARTIGO DEFINIDO que o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

Preposições	Artigo definido			
	o	a	os	as
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

2. **Crase.** O artigo definido feminino, quando vem precedido da preposição *a*, funde-se com ela e tal fusão (= CRASE) é representada na escrita

por um acento grave sobre a vogal *(à)*. Assim:

Vou a	+	a cidade	=	Vou à cidade
preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.		artigo que determina o substantivo *cidade*.		*a* craseado, a que se aplica o acento grave

Não raro, o *à* vale como redução sintáctica da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*):

> Mas o major? Por que não ria **à inglesa,** nem **à alemã,** nem **à francesa,** nem **à brasileira?** Qual o seu gênero?
>
> (Monteiro Lobato, *U*, 117.)

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição *a*. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescindível no caso dos falantes do português do Brasil, que não distinguem, pela pronúncia, a vogal singela *a* (do artigo ou da preposição) daquela proveniente de crase. Convém, por isso, atentar-se sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

> Vou **à feira** e, depois, irei **a Copacabana.**

porque também diremos:

> Vim **da feira** e, depois, passei **por Copacabana.**

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se neste caso:

a) ou evitar a contracção, pelo modelo:

> Camões é o autor **de Os Lusíadas.**
> A notícia saiu **em O Globo.**

b) ou indicar pelo apóstrofo a supressão da vogal da preposição:

Camões é o autor **d'Os Lusíadas.**
A notícia saiu **n'O Globo.**

Tenha-se presente que as grafias *dos Lusíadas* e *no Globo* — talvez as mais frequentes — deturpam o título do poema e do jornal em causa.

Observação:

As duas soluções apontadas são admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, porém, o Formulário Ortográfico de 1943 não preceitua o emprego do apóstrofo para indicar a supressão da vogal da preposição.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos da sua aglutinação na prática dos melhores escritores:

A circunstância **de as** vindimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda.

(Miguel Torga, *V*, 159.)

Formas combinadas do artigo indefinido.

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

num	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

Sofríamos do que, **em Um olhar sobre a Vida,** qualifiquei de «insónia internacional».

(Genolino Amado, *RP*, 21.)

Ou no caso da outra Maria, a **de «Um capitão de voluntários»**, criatura esta «mais quente e mais fria do que ninguém».

(Augusto Meyer, *SE*, 45.)

3. Também não é aconselhável a contracção do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

A obra atrasou-se em virtude **de uns operários** se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A determinação.

Quer seja DEFINIDO (*o* e suas variações *a, os, as*), quer seja INDEFINIDO (*um* e suas variações *uma, uns, umas*), o ARTIGO caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o género e o número.

Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

O acto literário é o conjunto **do escrever** e **do ler.**

(Fernando Namora, *E*, 111.)

Entendem os filósofos que nosso conflito essencial e drama talvez único seja mesmo **o estar-no-mundo.**

(Guimarães Rosa, *T*, 101.)

b) o artigo faz aparecer o género e o número do substantivo:

o Amazonas	as amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os Astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o pão	a mão	um barão	a produção
o clã	a irmã	um poema	a ema

Com isso, permite a distinção de substantivos homónimos, tais como:

o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

1. Com os substantivos comuns

Na língua dos nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objectos da espécie. Assim:

Sumiu-se a rapariga.
(Carlos de Oliveira, *AC*, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o carácter único ou universal do elemento representado pelo substantivo:

Não era uma loja qualquer: era a Loja.
(Ciro dos Anjos, *MS*, 350.)

É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

Emprego como demonstrativo.

O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu **a** [= esta, ou aquela] semana inteira em casa.
Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo.
Levarei produtos **da** [= desta] região.

Emprego do artigo pelo possessivo.

1. Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei **a mão** pelo **queixo.**
(Lygia Fagundes Telles, *ABV*, 15.)

b) peças de vestuário ou objectos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa.**
(Orlando Mendes, *P*, 130.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações.**
(Augusto Abelaira, *D*, 19.)

d) relações de parentesco:

— Já não chamou pela **mãe!...**
(Miguel Torga, *V*, 186.)

2. Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *de* ou *a* uma locução adverbial.

Pus-me **de joelhos.**
Emagrece **a olhos vistos.**
Ficou **de bolsos vazios.**
Guardou isso **de memória.**

Emprego do artigo antes dos possessivos.

1. Antes de pronome substantivo possessivo.

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é **meu.**
Este cinto é **o meu.**

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: «Este cinto pertence-me, é de minha propriedade».

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objecto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: «Este é o meu cinto, o que possuo».

2. Antes de pronome adjectivo possessivo.

1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu.	Estive com **tua irmã.**
O meu amor é só teu.	Estive com **a tua irmã.**

A presença do artigo antes de pronome adjectivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com excepção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória. Comparem-se estes exemplos:

— **A minha irmã** e **o meu cunhado** costumam receber **os seus amigos** mais íntimos.

(Augusto Abelaira, *D*, 107.)

Meu avô materno foi verdadeiramente **minha primeira amizade,** companheiro de brinquedo **da minha primeira infância.**

(Gilberto Amado, *HMI*, 4.)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor, Nossa Senhora:*

Sua Excelência Reverendíssima escusou-se de recebê-los pessoalmente.

(Bernardo Santareno, *TPM*, 37.)

Nosso Senhor tinha o olhar em pranto.
Chorava **Nossa Senhora.**

(Alphonsus de Guimaraens, *OC*, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

— Morrer, **meu Amo,** só uma vez!

(António Nobre, *S*, 106.)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião, em meu poder, a seu bel-prazer, por minha vontade, por meu mal,* etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

— Não aguento mais **esse teu silêncio** antipático.

(Urbano Tavares Rodrigues, *TO*, 162.)

Observação:

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de ARTIGO:

Quanto mistério
Nos olhos teus...

(Vinícius de Morais, *PCP*, 334.)

Pode, no entanto, dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso ou vago:

Tenho estado à espera **de notícias tuas,** mas vejo que não chegam nunca.

(António Nobre, *CI*, 117.)

Emprego genérico.

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um género, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

Este emprego é frequente nos provérbios:

O homem não é propriedade do **homem.**
O pão pela cor, e **o vinho** pelo sabor.
O avarento não tem e **o pródigo** não terá.

Se o substantivo é abstracto, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo **o bem** e todo **o mal, a miséria** e **o pão, o luto** e **a alegria.**

(Branquinho da Fonseca, *MS*, 173.)

Entre os abstractos incluem-se naturalmente os adjectivos substantivados:

Eu trabalho com **o inesperado.**

(Clarice Lispector, *SV*, 14.)

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstracto, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

Pobreza não é **vileza.**
Cão que ladra não morde.
Homem não é **bicho.**
Preto como **azeviche.**

Emprego em expressões de tempo.

1. Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

Estou seguro de ir até o Rio em fins **de junho** ou princípios **de julho.**

(Mário de Andrade, *CMB*, 102).

Era **um setembro puro.**
(Miguel Torga, *NCM*, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

O parecer é **de 28 de janeiro** de 1640.
(Jaime Cortesão, *IHB*, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

Por ser precisamente um dos feriados extintos, **o 19 de Novembro** faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.
(Carlos Drummond de Andrade, *FA*, 116.)

2. Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

Queres ir comigo à Itália **no domingo?**
(Augusto Abelaira, *D*, 45.)

Aos domingos saíam cedo para a missa.
(Coelho Netto, *OS*, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial. Assim:

— **Domingo** à tarde. **Domingo** será a vez do teu moinho...
(Fernando Namora, *DT*, 221.)

3. Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite:*

Meia-noite? Não se teria enganado?
(Josué Montello, *SC*, 25-26.)

O ARTIGO é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça **às 9 da manhã**
e não se janta **às 4.**
(Carlos Drummond de Andrade, *MA*, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida.
(Urbano Tavares Rodrigues, *JE*, 47.)

4. Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

Será goivo **no outono,** assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi **na primavera...**
(Alphonsus de Guimaraens, *OC*, 342)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite **de inverno!** Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol **de verão!**
(António Nobre, *S*, 13.)

5. Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o Ano-Bom
o Carnaval
o Natal
a Páscoa

É, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia, noite, semana, presente*, etc.:

O primeiro **dia de Carnaval.**
A **noite de Natal.**
A **semana de Páscoa.**
Um **presente de Ano-Bom.**

Com a palavra *casa*.

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa:*

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de «residência», «lar»:

Chegada **a casa,** não os encontrou.
(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 358.)

Chorei como todos **de casa.**

(José Lins do Rego, *E*, 21.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

Estava **em casa própria** lá para Ipanema.

(Aquilino Ribeiro, *M*, 356.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de «prédio», «edifício», «estabelecimento»:

Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija **a casa.**

(Augusto Abelaira, *D*, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri à **casa de Virgília.**

(Machado de Assis, *OC*, I, 484.)

Observação:

Diz-se *o dono* (ou *a dona*) **da casa** para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: *uma boa dona* **de casa.**

Emprego com o superlativo relativo.

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

Era **o** aluno **mais estudioso da** turma.

Ou o superlativo:

Era **o mais estudioso** aluno **da** turma.
Era aluno **o mais estudioso da** turma.

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

Era **o** aluno **o mais estudioso da** turma.

2. Com os nomes próprios.

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil a América o Atlântico

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

o Porto o Havre (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintáctica do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso o Ticiano a Patti

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afectiva ou familiar:

— **O Adrão** foi a novena?
— Creio que não. Quem esteve lá foi **a Marta** com **a Teixeira.**

(Graciliano Ramos, *C*, 147.)

Com os nomes de pessoas.

Os nomes próprios de pessoas (de baptismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos. Assim:

Camões Dante Napoleão

Emprega-se, porém, o ARTIGO DEFINIDO:

1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar. **O divino Dante.**

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era **o Daniel de outrora** que eu tinha diante de mim.

(Josué Montello, *DVP*, 237.)

3.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:

a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plínios. **Os três Horácios.**

b) seja para designar uma colectividade familiar:

Os Andradas. **Os Braganças.**

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

Que importa isso tudo, se, aqui, **os Clemenceaus** andam a monte, **os Hindemburgos** rolam aos tombos, **os Gladstones** pululam aos cardumes, **os Bismarcks** se multiplicam em ninhadas, e **os Thiers** cobrem o sol como nuvens de gafanhotos.

(Rui Barbosa, *EDS*, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Os Goyas do Museu do Prado.

Com os nomes geográficos.

O estado actual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.º) Emprega-se normalmente o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões,

desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil	o Himalaia	o Nilo
a França	os Alpes	o Lemano
os Estados Unidos	o Teide	o Atlântico
a Guiné	o Atacama	o Báltico
o Nordeste	o Saara	o Mediterrâneo
a África	o Cruzeiro do Sul	os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

O promontório tapava para **o norte.**

(Branquinho da Fonseca, *MS*, 104.)

Também os ventos nordestinos se acharam presentes:
o Nordeste e **o Sudeste...**

(Joaquim Cardoso, *SE*, 60.)

2.º) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Lisboa Águeda Creta

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte Canópus

3.º) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas.

A maioria leva ARTIGO. Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas	Pernambuco	Sergipe
Goiás	Rondônia	Trás-os-Montes
Mato Grosso	Santa Catarina	
Minas Gerais	São Paulo	

4.º) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!

(António Nobre, *D*, 68.)

Observações:

1.ª Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: *Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Aragão, Castela, Leão.*
2.ª À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: *a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.*
3.ª Quando indicam apenas direcção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

Marcha **para oeste** — Vento **de leste**
Percurso **de norte a sul**

Com os nomes de obras literárias e artísticas.

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, à noite, comecei a ler **a Ana Karenina.**
(Augusto Abelaira, *D*, 64.)

3. Casos especiais

Antes da palavra *outro*.

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demónio, **o outro** um anjo.
(Camilo Castelo Branco, *OS*, I, 290.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a **outros** estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci — mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.
(Pedro Nava, *BC*, 228.)

Depois das palavras *ambos* e *todo*.

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, costumam anteceder o artigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos.**
(Érico Veríssimo, *LS*, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.
Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim.
Todo Portugal pensa assim.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente. Assim:

1.º) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

Os discípulos amavam-na, prontos a **todos os obséquios.**
(Aquilino Ribeiro, *CRG*, 100.)

Iam-se-me as **esperanças todas;** terminava a carreira política.
(Machado de Assis, *OC*, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer.
(Raul Brandão, *P*, 165.)

2.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos:*

Vi-os felizes a **todos quatro.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a **todos os quatro meninos.**

3.º) No SINGULAR, *todo:*

a) virá acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade.
(Alves Redol, *FM*, 306.)

b) poderá vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como **todo francês.**
(Gilberto Amado, *PP*, 168.)

Toda a gente sabe que Mónica é seriíssima.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 120.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

4.º) Anteposto ao artigo indefinido, *todo* significa «inteiro», «completo»:

Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo **toda uma geração**, e lançou as bases de **toda uma remodelação social.**

(Gilberto Amado, *TL*, 29.)

5.º) Quanto *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

Todo barbeado de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres.

(Aquilino Ribeiro, *CRG*, 228.)

6.º) Em numerosas locuções do português contemporâneo, *todo* (ou *toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionem-se as seguintes:

a todo o custo
a todo o galope
a todo o instante
a todo o momento
em todo o caso

a toda a brida
a toda a hora
a toda a pressa
em toda a parte
por toda a parte

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Com substantivos.

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo género e do mesmo número:

Cantava para **os** anjos, para **os** presos, para **os** vivos e para **os** mortos.

(José Lins do Rego, *MVA*, 347.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

Não viram **sumo bem** ao derredor,
Mas sim **o mal, a tentação, o crime,**
Orgulho, humilhações, remorso e dor.

(António Corrêa d'Oliveira, *VSVA*, 213.)

3. Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

Presenteou-me este livro **o** compadre e amigo Carlos.
A fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

O estudo [do folclore] era necessitado pela existência **das** histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, supertições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.

(João Ribeiro, *Fl*, 6.)

Com adjectivos.

1. Repete-se o artigo antes de dois adjectivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando os adjectivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

Conhecia **o** novo e **o** velho Testamento.

A boa ou **a** má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o ARTIGO se os dois adjectivos ligados pelas conjunções *e*, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

Mas porque não lhe telefona logo à noite, porque não recomeçam **a velha e quase esquecida** amizade?

(Augusto Abelaira, *D*, 22.)

3. Se os adjectivos não vêm unidos pelas conjunções *e* e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

É o povo, **o verdadeiro, o nobre, o austero** povo português.

(Augusto Frederico Schmidt, *F*, 102.)

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o género e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.). Assim, diremos:

> Na revolução de 17 muito sofrera **este padre.**
>
> (José Lins do Rego, *MVA*, 281.)

> Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas.**
>
> (Augusto Abelaira, *D*, 121.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado. Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

> Foi acusado **do crime** [acusação precisa].
> Foi acusado **de um crime** [acusação vaga].
> Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

> Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: **lápis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar.**
>
> (Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 143-4.)

b) de dispersão, como neste exemplo de ENUMERAÇÃO CAOTICA:

> Volteiam dentro de mim,
> Em rodopio, em novelos,
> **Milagres, uivos, castelos,**
> **Forcas de luz, pesadelos,**
> **Altas torres de marfim.**
>
> (Mário de Sá-Carneiro, *P*, 75.)

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

> Oh! **dias da minha infância!**
> Oh! **meu céu de primavera!**
>
> (Casimiro de Abreu, *O*, 94.)

b) nos apostos que indicam simples apreciação:

> Tardes de minha terra, **doce encanto,**
> Tardes duma pureza de açucenas.
>
> (Florbela Espanca, *S*, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e sinónimos.

> Aprender **Inglês.** Estudar **Latim.**
> Cursar **Direito.** Ensinar **Geometria.**

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinónimos:

> Não houve **tempo** para descanso.
> Não dei **motivo** à crítica.
> Pedimos **permissão** para sair.
> Não tive **ânimo** para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

1. Com os substantivos comuns.

1. O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objecto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.

> Pouco depois, atraído também pelo espectáculo, foi chegando **um caboclinho** magro, com **uma taquara** na mão.
>
> (Alceu Amoroso Lima, *AA*, 40.)

Uma vez apresentados o ser e o objecto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido. É o que se observa na continuação do texto em causa:

> Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia **da taquara do caboclinho.**
>
> (*Ibid.*)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

> Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura.**
>
> (Érico Veríssimo, *LS*, 140.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

— Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)

4. A anteposição do plural *uns, umas*, a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

Teria, quando muito, **uns doze anos.**
(Urbano Tavares Rodrigues, *PC*, 168.)

2. Com os nomes próprios.

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Papai era **um Quixote.**
(Ciro dos Anjos, *MS*, 298.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

A fortuna, toda nossa, é que não temos **um Kant.**
(João Ribeiro, *F*, 36.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era **um Bragança.**

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

Apesar disso tudo, **um Joaquim risonho,** a satisfação em pessoa.
(Genolino Amado, *RP*, 115.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
(Vergílio Ferreira, *A*, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão **dum Egeu de deuses vivos.**
(Luís Forjaz Trigueiros, *ME*, 269.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Em expressões de identidade.

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual, semelhante* e *tal;* ou um dos indefinidos *certo, outro, qualquer* e *tanto:*

Certo amigo meu já usou de **igual argumento.**
Em **outra circunstância** eu aprovaria **semelhante atitude.**
Se continuares com **tal inapetência** e com **tanta febre,** podes tomar o remédio a **qualquer hora.**

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjectivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

Ele disse **uma coisa certa.**
Quero **um livro igual** a esse.
Uma hora qualquer irei vê-lo.
Tens **um modo semelhante** de falar.

Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

Nunca li **coisa igual.**
Jamais se ouviu **barbaridade tal!**
Já viste **trejeitos semelhantes?**

Em expressões comparativas.

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto:*

Nunca passei por **lugar tão perigoso como** aquele.
Trabalhava com **tanto cuidado como** o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não encontrarias **melhor amigo** nesta emergência.
Conseguiste **maior renda** este mês?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

Qual furacão, revolveu tudo.
Bailava **como nume da floresta.**

Em expressões de quantidade.

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: *coisa, gente, infinidade, multidão, número, parte, pessoa, porção, quantia, quantidade, soma* e equivalentes), seja por adjectivos (como: *escasso, excessivo, suficiente* e sinónimos):

Havia **grande número de pessoas** no casamento.
Reservou para si **boa parte do lucro.**

Com substantivo denotador da espécie.

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria, de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece frequentemente em provérbios:

Cão ladrador nunca é **bom caçador.**
Espada na mão de **sandeu, perigo** de quem lha deu.

Outros casos de omissão do artigo indefinido.

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: **avô, tios, amigos de infância, companheiros queridos** — a lista é aterradora...

(Augusto Frederico Schmidt, *GB*, 151.)

b) nos apostos:

Meu pai, **homem de boa família,** possuía fortuna grossa, como não ignoram.

(Graciliano Ramos, *AOH*, 28.)

e sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Observação:

Em rigor, não se trata propriamente nestes casos e nos seguintes de omissão do artigo indefinido, mas de casos onde ele nunca se empregou de forma regular.
Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

10.

Adjectivo

O ADJECTIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve:

1.º) para caracterizar os seres, os objectos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência **lúcida** homem **perverso**

b) o modo de ser:

pessoa **simples** rapaz **delicado**

c) o aspecto ou aparência:

céu **azul** vidro **fosco**

d) o estado:

casa **arruinada** laranjeira **florida**

2.º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJECTIVO DE RELAÇÃO):

nota **mensal** (= nota relativa ao mês)
movimento **estudantil** (= movimento feito por estudantes)
casa **paterna** (= casa onde habitam os pais)
vinho **português** (= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

Os ADJECTIVOS DE RELAÇÃO, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restrin-

gindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

Nome substantivo e nome adjectivo.

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) e o ADJECTIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase. Comparem-se, por exemplo:

Uma preta velha vendia laranjas.
Uma velha preta vendia laranjas.

Na primeira oração, *preta* é substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por *velha,* que, por sua vez, é adjectivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjectivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjectivos obedece a um critério basicamente sintáctico, funcional.

Substantivação do adjectivo.

Sempre que a qualidade referida a um ser, objecto ou noção for concebida com grande independência, o adjectivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. Dá-se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJECTIVO, facto que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjectivo.

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu **cinzento** indica chuva.
O cinzento do céu indica chuva.

Na primeira, *cinzento* é adjectivo; na segunda, substantivo.

Substitutos do adjectivo.

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase.

Valem, portanto, por verdadeiros adjectivos, semântica e sintacticamente falando.

Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio **Joaquim** Moça **cabeça-de-vento**

b) empregar locuções formadas, quer de PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

Coração **de anjo** [= angélico]
Indivíduo **sem coragem** [= medroso]

quer de PREPOSIÇÃO + ADVÉRBIO:

Jornal **de hoje** [= hodierno]
Patas **de trás** [= traseiras]

c) substituir o adjectivo por um substantivo abstracto, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu **o destino cruel.**
Sofreu **a crueldade do destino.**

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Há homens **que não acham nunca a sua expressão.**
(Gilberto Amado, *TL*, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor **andando no corpo,** a febre **queimando,** o pai já apodrecia por dentro.
(Adonias Filho, *LP*, 53.)

Morfologia dos adjectivos.

Poucos são os adjectivos que podemos considerar PRIMITIVOS, ou seja, «que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou acção que a representem»[1]. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando, claro, curto, grande, largo, liso, livre, triste* e de boa parte dos adjectivos referentes a cor: *azul, branco, preto, verde*, etc.

A maioria dos adjectivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico[2].

FLEXÕES DOS ADJECTIVOS

Como os substantivos, os adjectivos podem flexionar-se em NÚMERO, GÉNERO e GRAU.

Número

O adjectivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso**	alunos **estudiosos**
mulher **hindu**	mulheres **hindus**
perfume **francês**	perfumes **franceses**

Plural dos adjectivos simples.

Na formação do plural, os adjectivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjectivos compostos.

Nos adjectivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios **médico-cirúrgicos** institutos **afro-asiáticos**

Observação:

Exceptuam-se:

a) *surdo-mudo*, que faz *surdos-mudos*;
b) os adjectivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

uniformes **verde-oliva** canários **amarelo-ouro**

---

[1] Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española*. 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1970, p. 83.
[2] Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjectivos, veja-se o que dissemos no Capítulo 6, p. 70-72.

Género

O substantivo tem sempre um GÉNERO, o que não sucede com o adjectivo, que assume o género do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjectivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de género, sem que, com isso, seja uma palavra de género determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um género real.

Formação do feminino.

1. Como dissemos, os adjectivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bom	boa	mau	má
formoso	formosa	nu	nua
lindo	linda	português	portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjectivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em *-o* átono formam o feminino mudando o *-o* em *-a:*

belo bela ligeiro ligeira

2.º) Os terminados em *-u, -ês* e *-or* formam geralmente o feminino acrescentando *-a* ao masculino:

cru	crua	nu	nua
francês	francesa	inglês	inglesa
encantador	encantadora	morador	moradora

Exceptuam-se, porém:

a) dos finalizados em *-u:* os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;

b) dos finalizados em *-ês: cortês, descortês, montês* e *pedrês*, que são invariáveis;

c) dos finalizados em *-or:* os comparativos *melhor, pior, maior, menor, superior, inferior, interior, exterior, posterior, ulterior, citerior* e, ainda, formas como *multicor, incolor, sensabor* e poucas mais, que são invariáveis; *gerador, motor* e outros terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam estas sílabas em *-triz: geratriz, motriz*, etc.; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira: trabalhador, trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona:*

são sã chorão chorona

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em *-eu* (com *e* fechado) formam o feminino em *-eia:*

europeu europeia plebeu plebeia

Exceptuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em *-éu* (com *e* aberto) formam o feminino em *-oa:*

ilhéu ilhoa tabaréu tabaroa

6.º) Alguns adjectivos que no masculino possuem *o* tónico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o *o* fechado para aberto [ɔ], no feminino:

brioso briosa formoso formosa

Outros, porém, conservam no feminino o *o* fechado [o] do masculino:

chocho chocha fosco fosca

Adjectivos uniformes.

Há adjectivos que têm uma só forma para os dois géneros.

São de regra UNIFORMES os adjectivos:

a) terminados em *-a*, muitos dos quais funcionam também como substantivos: *hipócrita, homicida, indígena; asteca, celta, israelita, maia, persa; agrícola, silvícola, vinícola, cosmopolita*, etc.;

b) terminados em *-e*: *árabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste* e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense, -ante, -ente* e *-inte*: *cearense, constante, crescente, pedinte*, etc.;

c) terminados em *-l*: *cordial, infiel, amável, pueril, ágil, reinol, azul, êxul*, etc.;

d) terminados em *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): *exemplar, ímpar, maior, superior*, etc.;

e) paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;

f) terminados em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc.;

g) terminados em *-m* gráfico: *virgem, ruim, comum*, etc..

Observação:

Fazem excepção: *andaluz*, fem. *andaluza*; *bom*, fem. *boa*; *espanhol*, fem. *espanhola*; e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjectivos compostos.

Nos ADJECTIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a literatura **hispano-americana** uma intervenção **médico-cirúrgica**

A única excepção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda*:

um menino **surdo-mudo** uma criança **surda-muda**

Grau

A gradação pode ser expressa em português por processos sintácticos ou morfológicos.

Comparativo e superlativo.

Dois são os GRAUS do adjectivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO.

1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior, igual* ou *inferior* a outro:

Pedro é **mais estudioso do que** Paulo.
Álvaro é **tão estudioso como** [ou **quanto**] Pedro.
Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior, igual* ou *inferior* a outra que possui:

Paulo é **mais inteligente que estudioso.**
Pedro é **tão inteligente como** [ou **quanto**] **estudioso.**
Álvaro é **menos inteligente do que estudioso.**

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é **inteligentíssimo.**
Pedro é **muito inteligente.**

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO):

Carlos é **o** aluno **mais estudioso do** Colégio.
João é **o** aluno **menos estudioso do** Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

Formação do grau comparativo.

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjectivo:

Pedro é **mais idoso do que** Carlos.
João é **mais nervoso que desatento.**

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjectivo:

Carlos é **tão jovem como** Álvaro.
José é **tão nervoso quanto desatento.**

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjectivo:

Paulo é **menos idoso** que Álvaro.
João é **menos nervoso do que desatento.**

Formação do grau superlativo.

Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO. O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjectivo + sufixo):

amicíssimo acérrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso — *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente,* etc.:

muito estudioso excessivamente fácil

Superlativo absoluto sintético.

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjectivo do sufixo *-íssimo:*

fértil fertilíssimo
original originalíssimo

Se o adjectivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo belíssimo
lindo lindíssimo

2. Muitas vezes o adjectivo, ao receber o sufixo *-íssimo,* reassume a primitiva forma latina. Assim:

a) os adjectivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo:*

amável amabilíssimo
terrível terribilíssimo

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo:*

capaz capacíssimo
feliz felicíssimo

c) os terminados em vogal nasal (representada por *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo:*

comum comuníssimo

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo:*

pagão paganíssimo
vão vaníssimo

3. Não raro a forma portuguesa do adjectivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo ou simplíssimo
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam simples formações latinas. Com exclusão de *facílimo, dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de *fácil, difícil* e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
acre	acérrimo	magro	macérrimo (ou magríssimo)
célebre	celebérrimo	negro	nigérrimo (ou negríssimo)
humilde	humílimo (ou humildíssimo)	pobre	paupérrimo (ou pobríssimo)
íntegro	integérrimo		
livre	libérrimo		
salubre	salubérrimo		

Superlativo relativo.

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico.
O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao

comparativo de superioridade:

Este aluno é **o mais estudioso do** Colégio.
João foi **o** colega **mais leal que** conheci.

O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

Este aluno é **o menos estudioso do** Colégio.
Jorge foi **o** colega **menos leal que** conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição *de* (e também *entre*, *em* e *sobre*), ou por uma oração adjectiva restritiva, como nos exemplos mencionados.

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

O arraial era **o mais monótono possível.**
(Guimarães Rosa, *S*, 264.)

Era **a** pessoa **mais cortês deste mundo,** e não deu corpo às suas aversões.
(Aquilino Ribeiro, *V*, 34.)

Comparativos e superlativos anómalos.

Quatro adjectivos — *bom, mau, grande* e *pequeno* — formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

Adjectivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom	melhor	óptimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Observações:

1.ª Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer *mais bom, mais mau* e *mais grande;* e sim: *melhor, pior* e *maior*. Possível é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjectivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

Ele foi **mais mau do que desgraçado.**
Ele é bom e inteligente; **mais bom do que inteligente.**

Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno,* que é a forma preferida em Portugal.

2.ª A par de *óptimo, péssimo, máximo* e *mínimo,* existem os superlativos absolutos regulares: *boníssimo* e *muito bom, malíssimo* e *muito mau, grandíssimo* e *muito grande, pequeníssimo* e *muito pequeno.*

3.ª *Grande* e *pequeno* possuem dois superlativos: *o maior* ou *o máximo* e *o menor* ou *o mínimo.*

4.ª Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

Comparativo	Superlativo
superior	supremo ou sumo
inferior	ínfimo
anterior	—
posterior	póstumo
ulterior	último

As formas *superior* e *inferior, supremo* (ou *sumo*) e *ínfimo* podem ser empregadas como comparativo e superlativo de *alto* e *baixo,* respectivamente.

Outras formas de superlativo.

Pode-se formar também o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudo-prefixo, como *arqui-, extra-, hiper-, super-, ultra-,* etc.: *arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultra-rápido:*

b) a repetição do próprio adjectivo:

É um Abril de pureza: — é **lindo, lindo!**
(António Patrício, *P*, 130.)

c) uma comparação breve:

— Isso é **claro como água.**
(Castro Soromenho, *TM*, 101.)

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos), e outras semelhantes:

A Zorilda era uma pianista **de mão cheia.**
(Herberto Sales, *DBFM*, 120.)

Adjectivos que não se flexionam em grau.

Vimos que os chamados ADJECTIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjectivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrónico,* etc.

Para que um adjectivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

EMPREGO DO ADJECTIVO

Funções sintácticas do adjectivo.

A rigor, o ADJECTIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o ADJECTIVO desempenhará as funções sintácticas de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

A diferença entre o ADJECTIVO em função de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJECTIVO em função de PREDICATIVO baseia-se, principalmente, em dois pontos:

1.º) O primeiro é TERMO ACESSORIO da oração, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo é, por si próprio, um TERMO ESSENCIAL da oração.

Se disséssemos, por exemplo:

O campo é **imenso,**

o adjectivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

O campo **imenso** está alagado,

o adjectivo *imenso* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um TERMO, por conseguinte, ACESSÓRIO da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjectivo em função PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjectivo ao substantivo. Comparem-se estas frases:

O **bom** aluno estuda.

Ele está **nervoso,** mas era **calmo.**

Na primeira, acrescentamos a noção de *bom* à de *aluno* sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo. Já na segunda, as noções expressas pelos adjectivos *nervoso* e *calmo* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *nervoso,* no presente; *calmo,* no passado.

Emprego adverbial do adjectivo.

1. Examinemos as seguintes orações:

O menino dorme **tranquilo.**
A menina dorme **tranquila.**
Os meninos dormem **tranquilos.**
As meninas dormem **tranquilas.**

Vemos que, nelas, o adjectivo em função predicativa concorda em género e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjectivo modifica em todas elas a acção expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será o preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O menino dorme **tranquilamente.**
A menina dorme **tranquilamente.**
Os meninos dormem **tranquilamente.**
As meninas dormem **tranquilamente.**

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjectivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a acção indicada pelo verbo *dormir.*

2. É esse emprego do adjectivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenómeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjectivos sem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Por exemplo, nestas orações:

> Canta o canário de penas de ouro.
> **Alegre** canta. Cantara **triste,**
> Se se lembrasse que **livre** outrora
> Voava com os outros que andam lá fora.
>
> (Alberto de Oliveira, *P*, IV, 70.)

as palavras *alegre, triste* e *livre* são advérbios.

Observação:

Embora o adjectivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, facto justificável pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjectivo e o advérbio.

Colocação do adjectivo adjunto adnominal.

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRECTA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.

Como elemento acessório da oração, o adjectivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afectivas da linguagem e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJECTIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjectivo posposto possui valor objectivo:

noite **escura** dia **triste**

b) sendo a sequência ADJECTIVO + SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjectivo assume um valor subjectivo:

escura noite **triste** dia

Adjectivo posposto ao substantivo.

Colocam-se normalmente depois do substantivo:

a) os adjectivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie designada pelo substantivo:

animal **doméstico** água **mineral**

b) os adjectivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno **plano** calça **preta**
homem **baixo** mamoeiro **carregado**

c) os adjectivos seguidos de um complemento nominal:

um programa **fácil de cumprir**

Adjectivo anteposto ao substantivo.

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: *o melhor, o pior, o maior, o menor:*

O melhor meio de ganhar é poupar.
O maior castigo da injúria é havê-la feito.

b) certos adjectivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

bom dia **má hora**

c) adjectivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um **simples** escrevente [= um mero escrevente].
Este escritor tem um estilo **simples** [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjectivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um **grande** homem [= grandeza figurada]
um homem **grande** [= grandeza material]
uma **pobre** mulher [= uma mulher infeliz]
uma mulher **pobre** [= uma mulher sem recursos]

CONCORDÂNCIA DO ADJECTIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJECTIVO, dissemos, varia em género e número de acordo com o género e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase. Assim:

> Disse o **mostrengo,** e rodou três vezes,
> Três vezes rodou **imundo** e **grosso**...
>
> (Fernando Pessoa, *OP,* 17.)

Adjectivo referido a um substantivo.

O ADJECTIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a *um único substantivo,* com ele concorda em género e número.

Assim:

> O Barão continuava a contar aventuras, **pequenos casos** que revivia com um **prazer doentio.**
>
> (Branquinho da Fonseca, *B,* 27.)
>
> A **casa** ficou **vazia.**
>
> (Aníbal M. Machado. *HR.* 231.)

Adjectivo referido a mais de um substantivo.

Quando o ADJECTIVO se associa *a mais de um substantivo,* importa considerar:

a) o GÉNERO dos substantivos;
b) a FUNÇÃO do adjectivo (ADJUNTO ADNOMINAL ou PREDICATIVO);
c) a POSIÇÃO do adjectivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjectivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

ADJECTIVO ADJUNTO ADNOMINAL

O adjectivo vem antes dos substantivos.

Regra geral. O ADJECTIVO concorda em género e número com o substantivo mais próximo, ou seja com o primeiro deles:

> Vivia em **tranquilos bosques** e montanhas.
> Vivia em **tranquilas montanhas** e bosques.
> Tinha por ele **alto respeito** e admiração.
> Tinha por ele **alta admiração** e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJECTIVO vai sempre para o plural:

> Conheci ontem **as gentis irmã e cunhada** de Laura.
> Portugal cultua os feitos **dos heróicos Diogo Cão e Bartolomeu Dias.**

O adjectivo vem depois dos substantivos.

Neste caso, a concordância depende do género e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo género* e do *singular,* o adjectivo toma o género (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

> A professora estava com um **vestido e um chapéu escuro.**
> Estudo a **língua e a literatura portuguesa.**

b) para o plural (concordância mais rara):

> A professora estava com um **vestido e um chapéu escuros.**
> Estudo a **língua e a literatura portuguesas.**

2. Se os substantivos são de *géneros diferentes* e do *singular,* o adjectivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

> A professora estava com uma **saia e um chapéu escuro.**
> Estudo o **idioma e a literatura portuguesa.**

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

> A professora estava com uma **saia e um chapéu escuros.**
> Estudo o **idioma e a literatura portugueses.**

3. Se os substantivos são do *mesmo género,* mas de *números diversos,* o

adjectivo toma o género dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

Ela comprou dois **vestidos** e um **chapéu escuros.**
Estudo as **línguas** e a **civilização ibéricas.**

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

Ela comprou dois **vestidos** e um **chapéu escuro.**
Estudo as **línguas** e a **civilização ibérica.**

4. Se os substantivos são de *géneros diferentes* e do *plural,* o adjectivo vai:

a) para o plural e para o género do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Ela comprou **saias** e **chapéus escuros.**
Estudo os **idiomas** e as **literaturas ibéricas.**

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Ela comprou **chapéus** e **saias escuros.**
Estudo os **idiomas** e as **literaturas ibéricos.**

5. Se os substantivos são de *géneros* e *números diferentes,* o adjectivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou **saias** e **chapéu escuros.**
Estudo os **falares** e a **cultura portugueses.**

b) para o género e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou **saias** e **chapéu escuro.**
Estudo o **idioma** e as **tradições portuguesas.**

ADJECTIVO PREDICATIVO DE SUJEITO COMPOSTO

Quando o adjectivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria

dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjectivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo género,* o adjectivo toma o género dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O **livro** e o **caderno** são **novos.**
A **porta** e a **janela** estavam **abertas.**

b) se os substantivos sujeitos são de *géneros diversos,* o adjectivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O **livro** e a **caneta** são **novos.**
A **janela** e o **portão** estavam **abertos.**

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjectivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto aos sujeitos, como nos exemplos abaixo:

Era **novo** o **livro** e a caneta.
Estava **aberta** a **janela** e o portão.

Observações:

1.ª O adjectivo predicativo do objecto directo obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjectivo predicativo do sujeito.
2.ª Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do género masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjectivo predicativo fica no masculino singular:

É **justo** que uma nação venere os seus poetas.
É **honroso** morrer pela pátria.

11.

Pronomes

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJECTIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.

Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

> Os **campos, que** suportaram a longa presença solar a queimá-**los** incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.
>
> (Augusto Frederico Schmidt, *GB*, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

> — Quanto valem, és capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de **alguma bisavó do meu tio** cónego, com **estas pérolas** de prata e oiro!
>
> (Fernando Namora, *TJ*, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJECTIVOS, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjectivos.

2. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS e INDEFINIDOS.

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a

capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem fala* = 1.ª PESSOA: *eu* (singular), *nós* (plural);
b) *com quem se fala* = 2.ª PESSOA: *tu* (singular), *vós* (plural);
c) *de quem se fala* = 3.ª PESSOA: *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> Levantaram **Dona Rosário,** quiseram levantá-la, embora **ela** se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.
>
> (Maria Judite de Carvalho, *AV*, 137.)

3.º) por variarem de forma, segundo: *a*) a função que desempenham na oração; *b*) a acentuação que nela recebem.

Formas dos pronomes pessoais.

Quanto à **função,** as formas do pronome pessoal podem ser RECTAS ou OBLÍQUAS. RECTAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente como objecto (directo ou indirecto).

Quanto à **acentuação,** distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÓNICAS das ÁTONAS.

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		Pronomes pessoais rectos	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
			Átonos	Tónicos
Singular	1.ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2.ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3.ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1.ª pessoa	nós	nos	nós, connosco
	2.ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3.ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Formas *o, lo* e *no* do pronome oblíquo.

Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objecto

directo, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o, a, os, as*. Assim:

> Não **o** ver para mim é um suplício.
> Nunca **a** encontramos em casa.
> João ainda não fez anos; ele **os** faz hoje.
> Eles **as** trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo. Assim:

1.º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o, a, os, as:*

Louvo-**o**	Louvei-**os**
Louvava-**a**	Louvou-**as**

2.º) Se a forma verbal terminar em *-r, -s* ou *-z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo, la, los, las,* como nestes exemplos:

> Vê-**lo** para mim é um suplício.
> Encontramo-**la** em casa.
> João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.
> Não quero vendê-**las.**

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos:*

> **Ei-lo** sorridente.
> O nome não **vo-lo** direi.

3.º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no, na, nos, nas.*

Dão-**no**	Tem-**nos**
Põe-**na**	Trouxeram-**nas**

Observações:

1.ª As formas antigas do pronome oblíquo objecto directo eram *lo(s)* e *la(s)*, provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille, illa, illud* (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em *-r, -s* ou *-z*, o seu *l-* inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

> **fazer-lo** > **fazel-lo** > **fazê-lo**
> **fazes-lo** > **fazel-lo** > **faze-lo**
> **fiz-lo** > **fil-lo** > **fi-lo**

Igual assimilação sofreu o *-s* de *eis, nos* e *vos,* quando em contacto com o *l-* do pronome.

2.ª Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao *l-* do pronome, que passou a *n-*:

> **fazem-lo** > **fazem-no** **façam-lo** > **façam-no**

3.ª No futuro do presente e no futuro do pretérito[1] o pronome oblíquo não pode ser ENCLÍTICO, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em *-r*, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo, la los, las.* Assim:

Futuro do presente		Futuro do pretérito	
vender-(h)ei	vendê-lo-ei	vender-(h)-ia	vendê-lo-ia
vender-(h)ás	vendê-lo-ás	vender-(h)ias	vendê-lo-ias
vender-(h)á	vendê-lo-á	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)emos	vendê-lo-emos	vender-(h)íamos	vendê-lo-íamos
vender-(h)eis	vendê-lo-eis	vender-(h)íeis	vendê-lo-íeis
vender-(h)ão	vendê-lo-ão	vender-(h)iam	vendê-lo-iam

4.ª Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

Pronomes reflexivos e recíprocos.

1. Quando o objecto directo ou indirecto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO.

O REFLEXIVO apresenta três formas próprias — *se, si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

> Ele vestiu-**se** rapidamente.
> Ela fala sempre **de si.**

---

[1] Sobre o emprego desta designação para as formas que, na tradição terminológica de Portugal, são habitualmente chamadas formas de CONDICIONAL, v. adiante, p. 332.

O pintor não trouxe o quadro **consigo.**
Eles vestiram-**se** rapidamente.
Elas falam sempre **de si.**
Os pintores não trouxeram os quadros **consigo.**

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me, te, nos* e *vos.*

Eu **me** feri.
Tu **te** lavas.
Nós **nos** vestimos.
Vós **vos** levantais.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (*nos, vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da acção, isto é, para indicar que a acção é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu abraçamo-**nos.**
Vós **vos** queríeis muito.
José e António não **se** cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e António enganaram-**se.**

pode significar que o grupo formado por Joaquim e António cometeu o engano, ou que Joaquim enganou António e este a Joaquim.

Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais. Assim:

a) para marcar expressamente a acção reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo,* etc.:

Joaquim e António enganaram-**se a si mesmos.**

b) para marcar expressamente a acção recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro, uns aos outros, entre si:*

Joaquim e António enganaram-**se entre si.**
Joaquim e António enganaram-**se um ao outro.**

ou um advérbio, como *reciprocamente, mutuamente:*

Joaquim e António enganaram-**se mutuamente.**

Não raro, a reciprocidade da acção esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre-:*

Marido e mulher **entreolharam-se.**
(Vitorino Nemésio, *MTC,* 360.)

EMPREGO DOS PRONOMES RECTOS

Funções dos pronomes rectos.

1. Os PRONOMES RECTOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

Nós vamos em busca de luz.
(Agostinho Neto, *SE,* 36.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

Meu Deus!, quando serei **tu?**
(José Régio, *ED,* 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser VOCATIVOS:

Ó **vós,** que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece...
(Olavo Bilac, *P,* 158.)

Omissão do pronome sujeito.

Os pronomes sujeitos *eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas)* são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

and**o**	escreve**s**	dormi**u**
ri**mos**	partiste**s**	volta**ram**

Presença do pronome sujeito.

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

> **Eu,** náufraga da vida, ando a morrer!
>
> (Florbela Espanca, *S*, 31.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

> Abraçamo-nos ambos contristados,
> **Ele,** porque há de ser, como **eu,** um velho,
> E **eu,** por ter sido já, como **ele**, um moço.
>
> (Eugénio de Castro, *UV*, 68.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

> É preciso que **eu repita** o que **ele disse?**
> É preciso que **ele repita** o que **eu disse?**

Extensão de emprego dos pronomes rectos.

Na linguagem formal certos pronomes rectos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. **O plural de modéstia.** Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas pelos seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento colectivo. A este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.

> As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.
>
> (F. Adolfo Varnhagen, *CTA*, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito *nós* é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou particípio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito fosse efectivamente *eu*. Assim, em vez de:

> **Fiquei perplexo** com o que ele disse.

podemos dizer:

> **Ficámos perplexo** com o que ele disse.

2. **O plural de majestade.** O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> **Nós,** Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber**...

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

3. **Fórmula de cortesia (3.ª pessoa pela 1.ª).** Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

> **Fulano de tal,** aluno desse Colégio, **requer** a V. Ex.ª se digne mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano lectivo.

4. **O *vós* de cerimónia.** O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.

Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

> Ainda de longe, pensarei **em vós,** e pensarei **convosco.** Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que **vos** posso dar, poderei dar-**vos** o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.
>
> (*DN*, 56.)

Realce do pronome sujeito.

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio:*

— **Tu mesmo** serás o novo Hércules.
(Machado de Assis, *OC*, II, 548.)

Muitas vezes **eu próprio** me sinto ser o que ela pensa que eu sou.
(Augusto Abelaira, *B*, 129.)

b) seja com a expressão invariável *é que:*

Vocês **é que** morrem, meu alferes, mas nós **é que** pagamos.
(Luandino Vieira, *NM*, 63.)

Precedência dos pronomes sujeitos.

Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular *(eu)*, é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Equívocos e incorrecções.

1. Como o pronome *ele (ela)* pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.
Por exemplo, uma frase como:

Álvaro disse a Paulo que **ele** chegaria primeiro.

é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a *Álvaro* como a *Paulo*.

2. Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objecto directo em frases do tipo:

Vi **ele** Encontrei **ela**

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada.

3. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objecto directo.
Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objecto directo enunciado pela forma normal átona *(o, a, os, as):*

Não sei se elas me compreendem
Nem se eu **as** compreendo **a elas.**
(Fernando Pessoa, *OP*, 160.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só:*

— Conheço bem **todos eles.**
(Herberto Sales, *DBFM*, 150.)

Contracção das preposições *de* e *em* com o pronome recto da 3.ª pessoa.

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome recto de 3.ª pessoa *ele(s)*, *ela(s)*, dando, respectivamente, *dele(s)*, *dela(s)* e *nele(s)*, *nela(s)*.

A pasta é **dele,** e **nela** está o meu caderno.

É de norma, porém, não haver a contracção quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome. Assim:

Pouco depois **de eles** saírem, levantei-me da mesa.
(Luís Bernardo Honwana, *NMCT*, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência.*
Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

— Onde é que **vocês vão?**
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita.

Abreviaturas	Tratamento	Usado para:
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do Governo e oficiais generais das Classes Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem, em princípio, se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das Universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.ma	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª ou V. Rev.ma	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimónia.

Observação:

1.ª Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas *Sua Alteza, Sua Eminência*, etc.

Emprego dos pronomes de tratamento da 2.ª pessoa.

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. **O senhor.** *O senhor, a senhora* (e *a senhorita,* no Brasil, *a menina,* em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você,* em Portugal, e a *você,* na maior parte do Brasil.

Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas *o senhor* e *a senhora* da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor **o senhor capitão**

Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de *senhor, senhora,* o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor **o engenheiro**

Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome — o que implica certa proximidade — ou nome de família do interpelado):

o doutor Orlando **o engenheiro Silva**

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde só em casos especialíssimos vêm precedidos de *o senhor.*

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso	**O Major Fagundes**

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes	**O Embaixador Ouro Preto**
O Príncipe D. João	**A Condessa Pereira Carneiro**

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja a partir dos bispos:

D. Pedro	**D. Clemente**
D. Duarte	**D. Hélder**

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino *Dona* (também abreviado em *D.*) se aplica, em princípio, a senhoras de qualquer classe social.

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de *Doutor*. Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutoramento, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *Professor* é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior.

Observação:

As formas *você* e *o senhor (a senhora)* empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

— **Você** amanhã não vá as ceifas.
(Aquilino Ribeiro, *M*, 354.)

Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado **pelo senhor.**
(José Lins do Rego, *P*, 59.)

— Deixem-me ir **com vocês!**
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objecto (directo ou indirecto), substituindo com frequência as correspondentes átonas *o, a* e *lhe:*

— Devo **a você** e ao doutor Rodrigo.
(Jorge Amado, *MM*, 229.)

— Eu aprecio muito **o senhor** e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.
(Rodrigo M. F. de Andrade, *V*, 124.)

3. **Tratamento cerimonioso.** As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

1.º) **Vossa Excelência (V. Ex.ª).** Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma *Vossa Excelência,* na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: Academias, Corpo Diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação nítida quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial *Vossência.*

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada *V. Ex.ª*, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil, só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos Estados, senadores, deputados e oficiais generais. E assim mesmo quase que exclusivamente na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, directores de serviço e altas autoridades em geral.

2.º) **Vossa Senhoria (V. S.ª).** É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades idiomáticas — mas cada vez menos — em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência.*

3.º) As outras formas — *Vossa Eminência, Vossa Magnificência, Vossa Santidade,* etc. — são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados.

4. **Outras formas de tratamento.** Frequente no português de Portugal e muito raro no do Brasil, é o emprego de formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento.

São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de baptismo, seja o de família:

— **O Manuel** já leu este livro?
— **O Martins** já leu este livro?

b) os nomes de parentesco ou equivalentes:

— **O pai** já leu este livro?
— **O menino** já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

— **O meu amigo** já leu este livro?
— **O patrão** já leu este livro?

Fórmulas de representação da 1.ª pessoa.

No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu:*

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou.
(Fernando Pessoa, *QGP,* n.º 270.)

— Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
(Ciro dos Anjos, *DR,* 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular.

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Formas tónicas.

Sabemos que as formas oblíquas tónicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) COMPLEMENTO NOMINAL:

Vou ver-me livre **de ti**...
(Bernardo Santareno, *TPM,* 24.)

b) OBJECTO INDIRECTO:

— Posso mandar incumbi-la de mostrar **a ti** os pontos pitorescos de Piratininga.
(Ciro dos Anjos, *M,* 302.)

c) OBJECTO DIRECTO (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

Paciente, obreira e dedicada, **é a ela** que em verdade eu amo.
(José Rodrigues Miguéis, *GTC,* 159.)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Os nossos amores não serão esquecidos nunca, — **por mim,** está claro, e estou certo que nem **por ti.**
(Machado de Assis, *OC,* I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

Eu já te vejo amanhã a colher flores **comigo** pelos campos.
(Fernando Pessoa, *OP,* 167.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente correctas:

Isto não é trabalho **para eu fazer**

e

Isto não é trabalho **para mim,**

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho **para mim fazer,**

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.
A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma.

Emprego enfático do pronome oblíquo tónico.

Para se ressaltar o objecto (directo ou indirecto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tónica regida da preposição *a:*

Ele não via nada, via-se **a si** mesmo.
(Machado de Assis, *OC,* I, 431.)

O Abravezes dava-lhe razão **a ela,** em princípio...
(Urbano Tavares Rodrigues, *PC,* 202.)

Pronomes precedidos de preposição.

As formas oblíquas tónicas *mim, ti, ele (ela), nós, vós, eles (elas)* só se

usam antecedidas de preposição. Assim:

Fez isto **para mim.**
Gosto **de ti.**
A ele cabe decidir.
Orai **por nós.**
Confiamos **em vós.**
Não há discordância **entre elas.**

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo, contigo, conosco* e *convosco*. É regular, no entanto, a construção *com ele (com ela, com eles, com elas)*:

Estive **com ele** agora mesmo.
Fui **com elas** visitar o irmão.

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou qualquer numeral:

Terá de resolver **com nós mesmos.**
Estava **com vós outros.**
Saiu **com nós três.**
Contava **com todos vós.**

Observações:

1.ª Empregam-se as formas *eu* e *tu* depois das preposições acidentais *afora, fora, excepto, menos, salvo* e *tirante*:

Afinal, todos **excepto eu,** sabem o que sou...
(Ciro dos Anjos, *DR*, 43.)

2.ª A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tónicas depois da preposição *entre*. Exemplo:

Que diferença há **entre mim** e um fidalgo qualquer?
(Sttau Monteiro, *FL*, 29.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas rectas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

Entre eu e tu,
Tão profundo é o contrato.
Que não pode haver disputa.
(José Régio, *ED*, 91.)

Entre eu e minha mãe existe o mar.
(Ribeiro Couto, *PR*, 365.)

3.ª Com a preposição *até* usam-se as formas oblíquas ***mim, ti,*** etc..

Curvam-se, agarram a rede, erguem-na **até si.**
(Raul Brandão, *P*, 154.)

Se, porém, *até* denota inclusão, e equivale a *mesmo, também, inclusive*, constrói-se com a forma recta do pronome:

Pois é de pasmar, mas é verdade. E **até eu** já tive hoje quem me oferecesse champanhe.
(José Régio, *SM*, 156.)

Formas átonas.

1. São formas próprias do OBJECTO DIRECTO: *o, a, os, as:*

Ele olhou-**a**, espantado.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os.**
(Raul Pompéia, *A*, 222.)

2. São formas próprias do OBJECTO INDIRECTO: *lhe, lhes:*

Soube inspirar-**lhes** confiança.
(Bernardo Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJECTO DIRECTO OU INDIRECTO: *me, te, nos* e *vos*.

a) OBJECTO DIRECTO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?
(Urbano Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

b) OBJECTO INDIRECTO:

— Ninguém **te** vai agradecer.
(Alves Redol, *BSL*, 355.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo.

Se compararmos as duas frases:

Mandei **que ele saísse.**
Mandei-**o sair.**

verificamos que o objecto directo, exigido pela forma verbal *mandei,* é expresso:

a) na primeira, pela oração *que ele saísse;*

b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: *o sair.* E verificamos, também, que o pronome *o* está para o infinitivo *sair* como o pronome *ele* para a forma finita *saísse,* da qual é sujeito. Logo, na frase acima o pronome *o* desempenha a função de sujeito do verbo *sair.*

Construções semelhantes admitem os pronomes *me, te, nos, vos* (e o reflexivo *se,* que estudaremos à parte). Exemplos:

> Deixe-**me falar.**
> Mandam-**te entrar.**
> Fez-**nos sentar.**

Emprego enfático do pronome oblíquo átono.

1. Para dar realce ao objecto directo, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o (a, os, as),* como nestes passos:

> — **Verdades,** quem é que **as** quer?
> (Fernando Pessoa, *OP,* 530.)

Note-se que, se o objecto directo for constituído de substantivos de géneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os:*

> Se Paulo desejava mesmo **escândalo e agitação,** teve-**os** à vontade.
> (Mário Palmério, *VC,* 307.)

2. Também o pronome *lhe (lhes)* pode reiterar o objecto indirecto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

> **Ao médico e ao abade,** diga-**lhes** sempre a verdade.

O pronome de interesse.

Nesta frase:

> Olhem-**me** para ela: é o espelho das donas de casa!
> (Aquilino Ribeiro, *M,* 101.)

o pronome *me* não desempenha função sintáctica alguma. É apenas um

recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO ÉTICO ou DE PROVEITO, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Pronome átono com valor possessivo.

Os pronomes átonos que funcionam como objecto indirecto *(me, te, lhe, nos, vos, lhes)* podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objectos de seu uso particular:

> Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
> (Fagundes Varela, *PC,* II, 272.)

Valores e empregos do pronome *se.*

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJECTO DIRECTO (emprego mais comum):

> Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranquilizou-**se** e tranquilizou-o.
> (Gilberto Amado, *HMI,* 124.)

b) OBJECTO INDIRECTO:

> Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.
> (Machado de Assis, *OC,* I, 656.)

emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da acção:

> Os nossos olhos muito perto, imensos
> No desespero desse abraço mudo,
> Confessaram-se tudo!
> (José Régio, *PDD,* 83.)

c) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

> Moura Teles deixou-**se conduzir** passivamente.
> (Joaquim Paço d'Arcos, *CVL,* 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *OS*, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(Raul Brandão, *P*, 165.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

... **Vão-se** as situações, e eles com elas.
(Adelino Magalhães, *OC*, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado: *admirar-se, arrepender-se, atrever-se, indignar-se, queixar-se; congelar-se, derreter-se*, etc.:

— **Atreva-se. Atreva-se,** e verá.
(Miguel Torga, *NCM*, 48.)

Observações:

1.ª No português contemporâneo só se usa a passiva pronominal quando não vem expresso o agente.

2.ª Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.
Compram-**se** móveis.

consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

Combinações e contracções dos pronomes átonos.

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objecto directo e outro indirecto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me, te, nos, vos, lhe* e *lhes* (formas de objecto indirecto) juntam-se a *o, a, os, as* (de objecto directo), dando:

mo = me + o	ma = me + a	mos = me + os	mas = me + as
to = te + o	ta = te + a	tos = te + os	tas = te + as
lho = lhe + o	lha = lhe + a	lhos = lhe + os	lhas = lhe + as
no-lo = nos + [l]o	no-la = nos + [l]a	no-los = nos + [l]os	no-las = nos + [l]as
vo-lo = vos + [l]o	vo-la = vos + [l]a	vo-los = vos + [l]os	vo-las = vos + [l]as
lho = lhes + o	lha = lhes + a	lhos = lhes + os	lhas = lhes + as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me, te, nos, vos, lhe* e *lhes* (e nunca a *o, a, os, as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

O coração **se me confrange**...
(Olegário Mariano, *TVP*, I, 216.)

A aventura **gorou-se-lhe** aos primeiros passos.
(Carlos de Oliveira, *AC*, 155.)

3.ª) As formas *me, te, nos* e *vos*, quando funcionam como objecto directo, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objecto indirecto assume em tais casos a forma tónica preposicionada:

— Como **me** hei-de livrar **de ti?**
(José Régio, *JA*, 85.)

Observações:

1.ª As combinações *lho, lha* (equivalentes a *lhes + o, lhes + a*) e *lhos, lhas* (equivalentes a *lhes + os, lhes + as*) encontram sua explicação no facto de, na língua antiga, a forma *lhe* (sem *-s*) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contracções em tudo normais.

2.ª No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.

Colocação dos pronomes átonos.

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele:

Calei-**me**.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele:

Eu **me** calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

> Calar-**me**-ei.
> Calar-**me**-ia.

2. Sendo o pronome átono objecto directo ou indirecto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ÊNCLISE:

> Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la.**
> (Eça de Queirós, *O*, I, 124.)

Há, porém, casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação, sendo por vezes divergentes neste aspecto a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PRÓCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

Regras gerais:

1. Com um só verbo.

1.º) Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, dá-se tão somente a PRÓCLISE ou a MESÓCLISE do pronome:

Eu **me** calarei.	Calar-**me**-ei.
Eu **me** calaria.	Calar-**me**-ia.

2.º) É, ainda, preferida a PRÓCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não, nunca, jamais, ninguém, nada,* etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

> — **Não lhes dizia** eu?
> (Mário de Sá-Carneiro, *CF*, 348.)

> **Nunca o vi** tão sereno e obstinado.
> (Ciro dos Anjos, *M*, 316).

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

> **Quem me busca** a esta hora tardia?
> (Manuel Bandeira, *PP*, I, 406.)

> **Como a julgariam** os pais se conhecessem a vida dela?
> (Urbano Tavares Rodrigues, *NR*, 23.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

> — **Que** Deus **o abençoe!**
> (Bernardo Santareno, *TPM*, 18.)

> — Bons olhos **o vejam!** exclamou.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

> — Prefiro **que me desdenhem, que me torturem,** a **que me deixem** só.
> (Urbano Tavares Rodrigues, *NR*, 115.)

> — Que é que desejas **te mande** do Rio?
> (Afrânio Peixoto, *RC*, 174.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em:*

> **Em se** ela **anuviando, em a** não **vendo,**
> Já se me a luz de tudo anuviava.
> (João de Deus, *CF*, 205.)

3.º) Não se dá a ÊNCLISE nem a PRÓCLISE com os PARTICÍPIOS. Quando o PARTICÍPIO vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição. Exemplo:

> **Dada a mim** a explicação, saiu.

4.º) Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a PRÓCLISE ou a ÊNCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

> Canta-me cantigas para **me embalar!**
> (Guerra Junqueiro, *S*, 118.)

> Para **não fitá-lo,** deixei cair os olhos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 807.)

> Para **assustá-lo,** os soldados atiravam a esmo.
> (Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 82.)

A ÊNCLISE é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma *o* (prin-

cipalmente no feminino *a*) e o INFINITIVO vem regido da preposição *a:*

Se soubesse, não continuaria **a lê-lo.**
(Rui Barbosa, *EDS*, 743.)

Logo os outros, Camponeses e Operários, começam **a imitá-la.**
(Bernardo Santareno, *TPM*, 120.)

5.º) Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à PRÓCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez*, etc.) ou expressões adverbiais, e não há pausa que os separe:

Ao despertar, **ainda as encontro** lá, **sempre se mexendo e discutindo.**
(Aníbal M. Machado, *CJ*, 174.)

Nas pernas me fiava eu.
(Aquilino Ribeiro, *M*, 88.)

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objecto directo ou predicativo:

— **A grande notícia te dou** agora.
(Fernando Namora, *NM*, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo, tudo, alguém, outro, qualquer*, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados.
(Fernando Namora, *TJ*, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.
(Aníbal M. Machado, *JT*, 208.)

d) nas orações alternativas:

— Das duas uma: **ou as faz** ela **ou as faço** eu.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 39.)

6.º) Observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 403.)

2. Com uma locução verbal.

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:

1.º) *Sempre* a ÊNCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

Só **quero preveni-lo** contra as exagerações do Prólogo.
(Antero de Quental, *C*, 314.)

Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa,
Ia desenrolando-se a paisagem.
(Raimundo Correia, *PCP*, 304.)

2.º) A PRÓCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

Rita é minha irmã, **não me ficaria querendo** mal e acabaria rindo também.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1.051.)

— **Ninguém o havia de dizer.**
(Aquilino Ribeiro, *M*, 68.)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

— **Que** mal **me havia de fazer?**
(Miguel Torga, *NCM*, 47.)

Como te hei de receber em dia tão posterior?
(Cecília Meireles, *OP*, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Como se vinha trabalhando mal!
Deus **nos há de proteger!**

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, mesmo quando a conjunção está oculta:

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou **me mandassem buscar** ao seminário.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

3.º) A ÊNCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a PRÓCLISE:

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,
Noiva-menina, as doidas caravelas,
Ao ignoto País da minha infância...
(Florbela Espanca, *S*, 179.)

A cidade **ia-se perdendo** à medida que o veleiro rumava para São Pedro.
(Baltasar Lopes da Silva, *C*, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

— **Tenho-o trazido** sempre, só hoje é que o viste?
(Maria Judite de Carvalho, *TM*, 152.)

— Arrependa-se do que me disse, e **tudo lhe será perdoado.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 645.)

Que se teria passado?
(Coelho Netto, *OS*, I, 1412.)

Queria mesmo dali adivinhar o **que se tinha passado** na noite da sua ausência.
(Alves Redol, *F*, 195.)

Observação:

A colocação dos pronomes átonos no colóquio normal do Brasil, tende à próclise. Parece suceder o mesmo no português falado em África.
Esta colocação é, assim, possível:

a) no início de frases:

— **Me desculpe** se falei demais.
(Erico Veríssimo, *A*, II, 487.)

Me arrepio todo...
(Luandino Vieira, *NM*, 138.)

b) nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

— Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.
(Josué Montello, *TSL*, 176.)

— **A sua prima Júlia,** do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas.
(Luandino Vieira, *NM*, 54.)

c) nas locuções verbais antes do verbo principal:

Será que o pai **não ia se dar** ao respeito?
(Autran Dourado, *SA*, 68.)

— Não, não sabes e **não posso te dizer** mais, já não me ouves.
(Luandino Vieira, *NM*, 46.)

PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjectivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de (de mim, de ti, de nós, de vós, de si)*, mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Meu livro é este.
Este livro é o **meu.**
Sempre com **suas histórias!**
Fazer das **suas.**

Formas dos pronomes possessivos.

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o género e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

		Um possuidor		Vários possuidores	
		Um objecto	Vários objectos	Um objecto	Vários objectos
1.ª pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nossos
	fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2.ª pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vossos
	fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3.ª pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

Concordância do pronome possessivo.

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em género e número com o substantivo que designa o objecto possuído; e em pessoa, com o possuidor do objecto em causa:

> **Suas mudanças** súbitas, **seu jeito** provocante, **sua mímica** muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a **meus olhos,** em **nossas conversações.**
>
> (Ciro dos Anjos, *DR,* 124.)

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

> E o meu corpo, **minh'alma e coração,**
> Tudo em risos poisei em tua mão...
>
> (Florbela Espanca, *S,* 177.)

Posição do pronome adjectivo possessivo.

O PRONOME ADJECTIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados.

Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1.º) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

> Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.
>
> (António Nobre, *CI,* 119.)

2.º) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

> Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu,** de felicitações...
>
> (Euclides da Cunha, *OC,* II, 639.)

> Note **este erro seu:** não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.
>
> (Jackson de Figueiredo, *C,* 177.)

> Como tu foste infiel
> A **certas ideias minhas!**
>
> (Fernando Pessoa, *QGP,* 83.)

3.º) nas interrogações directas:

> Onde estais, **cuidados meus?**
>
> (Manuel Bandeira, *PP,* 23.)

4.º) quando há ênfase:

> — Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna **filha minha!** pobre, mas honesta!
>
> (Machado de Assis, *OC,* I, 672.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa.

As formas *seu, sua, seus, suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O facto de o possessivo concordar unicamente com o substantivo denotador do objecto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s), sua(s),* pelas formas *dele(s), dela(s), de você, do senhor* e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

> Estando com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **seus exames.**

tem um enunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a sua intenção:

> Estando com Júlia, Pedro fez comentários sobre **os exames dela.**
> Estando com Júlia, Pedro fez comentários sobre **os exames dele.**
> Estando com Júlia, Pedro fez comentários sobre **os exames deles.**

Reforço dos possessivos.

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse — quer visando à clareza, quer à ênfase —, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra *próprio* ou *mesmo:*

> Mais unidos sigamos e não tarda
> Que eu ache a vida em **tua própria morte.**
> (Guimarães Passos, *VS*, 46.)

> Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços.**
> (Machado de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele(s), dela(s),* no caso do possessivo da 3.ª pessoa:

> Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 556.)

Valores dos possessivos.

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

> Tinha tido **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza.**
> (Miguel Torga, *V*, 216.)

b) para indicar aproximação numérica:

> Entrou uma mulherzinha de **seus quarenta anos,** decidida e de passo firme.
> (Fernando Sabino, *HN*, 164.)

c) para designar um hábito:

> Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com **um repente dos seus.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 110.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afectiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

Valores afectivos.

1. Variados são os matizes afectivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

> — Morrer, **meu Amo,** só uma vez!
> (António Nobre, *S*, 106.)

b) de intimidade, de amizade:

> — Dispõe de mim, **meu velho,** estou às suas ordens, bem sabes.
> (Artur Azevedo, *CFM*, 6.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

> Ora bem, deixa-me transcrever **o meu Saint-Exupéry.**
> (Fernando Namora, *RT*, 190.)

> Onde está **o meu Tenentes do Diabo?**
> (José Lins do Rego, *E*, 282.)

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

> Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 17.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o possessivo vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado carácter afectivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer* (ou *dizer*)

uma das = praticar uma acção ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

> Com aquele génio esquentado é capaz de **fazer uma das dele.**
>
> (Castro Soromenho, *TM*, 175.)

Nosso **de modéstia e de majestade.**

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudámos, aparece o do POSSESSIVO *nosso (-a)* por *meu (minha)*. Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

> Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi **nosso** escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização.
>
> (Serafim da Silva Neto, *IELPB*, 11.)

b) de majestade:

> Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em **nossos** Reinos e Senhorios.
>
> (Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

Vosso **de cerimónia.**

O uso do pronome pessoal *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditório qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO *vosso (-a)*. Exemplos:

> Nunca **vosso** avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender o ânimo dum grande português.
>
> (José Régio, *ERS*, 69.)

> Levareis, Senhores **Delegados,** aos **vossos** Governos, à **vossa** Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.
>
> (Barão do Rio-Branco, *D*, 98.)

Substantivação dos possessivos.

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

> A rapariga não tinha um minuto **de seu.**
>
> (Alberto Rangel, *IV*, 61.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

> Não me podia a Sorte dar guarida
> Por não ser eu **dos seus.**
>
> (Fernando Pessoa, *OP*, 12.)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

> Lia coisas incríveis para **aquele lugar** e **aquele tempo.**
>
> (Ciro dos Anjos, *DR*, 105.)

A capacidade de mostrar um objecto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEÍCTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1.124).

> O mal foi **este:** criar os filhos como dois príncipes.
>
> (Miguel Torga, *V*, 309.)

É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória).

Formas dos pronomes demonstrativos.

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

2. As formas variáveis (*este, esse, aquele,* etc.) podem funcionar como pronomes adjectivos e como pronomes substantivos:

> **Este** livro é meu.
> Meu livro é **este.**

3. As formas invariáveis *(isto, isso, aquilo)* são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições *de* e *em,* tomando as formas: *deste, desta, disto; neste, nesta, nisto; desse, dessa, disso; nesse, nessa, nisso; daquele, daquela, daquilo; naquele, naquela, naquilo.*

Aquele, aquela e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a,* dando: *àquele, àquela* e *àquilo.*

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS *o (a, os, as), mesmo, próprio, semelhante* e *tal,* como veremos adiante.

Valores gerais.

Considerando-os nas suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

1.º) *Este, esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

> **Esta casa** estará cheia de flores!
> Cá te espero amanhã! Não te demores!
>
> (Eugénio de Castro, *UV,* 59.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

> **Esta tarde** para mim tem uma doçura nova.
>
> (Ribeiro Couto, *PR,* 83.)

2.º) *Esse, essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

> **Essas** tuas **fúrias** avulso, **esse** teu **calor, esse riso, essa amizade** mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre.
>
> (Luandino Vieira, *NM,* 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

> Bons tempos, Manuel, **esses** que já lá vão!
>
> (António Nobre, *S,* 51.)

> **Desses longes** imaginados, **dessas expectativas** de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.
>
> (Gilberto Amado, *DP,* 92.)

3.º) *Aquele, aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

> — **Aquele sujeito** mora ali há muito tempo? Você deve saber...
> — Que sujeito?
> — **Aquele** que está escrevendo acolá, no jardim da casa de pensão, — não vê?
>
> (Artur Azevedo, *CFM,* 90.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

> — **Naquele tempo** era uma boa casa de banho.
> — **Naquele tempo,** filho... Ora, **naquele tempo!**
>
> (Maria Judite de Carvalho, *TM,* 41.)

Diversidade de emprego.

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objectos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em

sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este (esta, isto)* onde seria de esperar *esse* ou *aquele.*

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance *Fogo Morto,* de José Lins do Rego, em que o advérbio *lá* se aplica à sua casa, da qual no momento estava ausente:

> — Eu só queria estar lá para receber **estes cachorros** a chicote.
>
> (*FM,* 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este,* como no seguinte passo:

> Tudo é lícito aqui **nessa Sumatra.**
>
> (Jorge de Lima, *OC,* I, 681.)

Outros empregos.

1. *Este (esta, isto)* é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

> — Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?
> **Dizendo isto,** Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
>
> (Machado de Assis, *OC,* I, 564.)

> Minha tristeza é **esta** —
> A das coisas reais.
>
> (Fernando Pessoa, *OP,* 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse (essa, isso):*

> Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. **Nisso,** ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
>
> (Alves Redol, *G,* 94.)

3. *Esse (essa, isso)* é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

> — Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
> — Já tenho feito **isso.**
>
> (Machado de Assis, *OC,* II, 586.)

4. Tradicionalmente, usa-se *nisto* no sentido de «então», «nesse momento»:

> **Nisto,** ouvimos vozes e passos.
>
> (Augusto Abelaira, *TM,* 112.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso, isto é, isto de, por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso.*

Posição do pronome adjectivo demonstrativo.

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJECTIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

> **Estes homens** e **estas mulheres** nasceram para trabalhar.
>
> (José Saramago, *LC,* 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> Por outro lado, Siá Bina era ainda comadre de Nhô Felício, pois baptizara um filho dele, há poucos anos, **filho esse** do segundo casamento.
>
> (Ribeiro Couto, *C,* 145.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objecto:

> Arlequim é o D. Quixote, **esse** livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.
>
> (Almada Negreiros, *OC,* III, 90.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

> O padre, **esse** andava de coração em aleluia.
>
> (Miguel Torga, *CM,* 47.)

Alusão a termos precedentes.

Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencio-

nados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO *este* para o que foi nomeado por último:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
> (Machado de Assis, *OC,* I, 1.124.)

Reforço dos demonstrativos.

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios *aqui, aí, ali, cá, lá, acolá:*

> — Espera aí. **Este aqui** já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.
> (Carlos Drummond de Andrade, *CB,* 33.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio:*

> — O Relógio da Sé em casa de Serralheiro?
> — **Esse mesmo.**
> — O da Matriz?
> — **Esse próprio.**
> (D. Francisco Manuel de Melo, *AD,* 16.)

Valores afectivos.

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de actualização ao de determinação. São verdadeiros «gestos verbais», acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afectivos, em especial os irónicos.

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) surpresa, espanto:

> Passam vinte anos: chega Ele;
> Vêem-se (Pasmo) Ele e Ela:
> — Santo Deus! **este** é **aquele?!...**
> — Mas, meu Deus! **esta** é **aquela?!...**
> (Fontoura Xavier, *O,* 172.)

b) admiração, apreço:

> **Aquilo** é que são homens fortes.
> (Ferreira de Castro, *OC,* I, 154.)

c) indignação:

> — É tudo claro como água: **este** cão roubou-me. Acabo ainda hoje com **este** malandro! **Isto** não fica assim.
> (Fernando Namora, *NM,* 193.)

d) pena, comiseração:

> Coitada de D. Ritinha!
> **Aquilo** é que é mesmo uma santa.
> (Gastão Cruls, *QR,* 442.)

e) ironia, malícia:

> — **Este** Brás! **Este** Brás! Não lhes digo nada!
> (A. de Alcântara Machado, *NP,* 57.)

f) sarcasmo, desprezo:

> — Depois transformaram a senhora **nisso,** D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.
> (Graciliano Ramos, *A,* 136.)

3. Digno de nota é o acentuado valor irónico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto, isso* e *aquilo,* quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

> **Aquilo,** aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...
> (Urbano Tavares Rodrigues, *JE,* 158.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afectivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa. Assim:

> — Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.
> (Castro Soromenho, *C,* 160.)

4. As formas femininas *esta* e *essa* fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora **essa**!	**Essa** é boa!
Essa, não!	**Essa** cá me fica!
Mais **esta**!...	**Esta** é fina!

O(s), a(s) como demonstrativo.

O DEMONSTRATIVO *o (a, os, as)* é sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjectiva, e tem o significado de *aquele(s), aquela(s), aquilo:*

> Ingrata para **os** da terra,
> boa para **os** que não são.
>
> (Carlos Pena Filho, *LG*, 120.)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto, isso, aquilo,* e exerce as funções de objecto directo ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjectivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

> O valor de uma desilusão, sabia-**o** ela.
>
> (Miguel Torga, *NCM*, 153.)

> Não cuides que não era sincero, era-**o**.
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 893.)

Substitutos dos pronomes demonstrativos.

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras *tal, mesmo, próprio* e *semelhante.*

1. *Tal* é DEMONSTRATIVO quando sinónimo:

a) de «este», «esta», «isto», «esse», «essa», «isso», «aquele», «aquela», «aquilo»:

> — Quando **tal** ouvi, respirei...
>
> (António de Assis Júnior, *SM*, 176.)

b) de «semelhante»:

> Houve tudo quanto se faz em **tais** ocasiões.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 197.)

2. *Mesmo* e *próprio* são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de «exacto», «idêntico», «em pessoa»:

> Eu não posso viver muito tempo **na mesma** casa, na **mesma** rua, no **mesmo** sítio.
>
> (Luandino Vieira, *JV*, 62.)

> — Foi a **própria** Carmélia quem me fez o convite.
>
> (Ciro dos Anjos, *DR*, 161.)

3. *Semelhante* serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

> O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de **semelhante** descuido.
>
> (Miguel Torga, *CM*, 84.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, em regra geral, a um termo anterior — o ANTECEDENTE.

Formas dos pronomes relativos.

1. Os PRONOMES RELATIVOS apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	——	quantas	onde

b) formas simples: *que, quem, cujo, quanto* e *onde;* e forma composta: *o qual.*

2. Antecedido das preposições *a* e *de,* o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde.*

Natureza do antecedente.

O ANTECEDENTE do PRONOME RELATIVO pode ser:

a) um SUBSTANTIVO:

Dêem-me as **cigarras que** eu ouvi menino.
(Manuel Bandeira, *PP*, I, 387.)

b) um PRONOME:

Não serás **tu que** o vês assim?
(António Sérgio, *D*, 31.)

c) um ADJECTIVO:

As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **astringentes que** dantes eram.
(Marquês de Maricá, *M*, 166.)

d) um ADVÉRBIO:

Lá, por onde se perde a fantasia
No sonho da beleza; **lá, aonde**
A noite tem mais luz que o nosso dia...
(Antero de Quental, *SC*, 61.)

e) uma ORAÇÃO (em regra resumida pelo demonstrativo *o*):

Só a febre aumenta um pouco, **o que** não admirará ninguém.
(António Nobre, *CI*, 145-6.)

Pronomes relativos sem antecedente.

1. Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

Quem tem amor, e tem calma,
tem calma... Não tem amor...
(Adelmar Tavares, *PC*, 81.)

Passeias **onde** não ando,
Andas sem eu te encontrar.
(Fernando Pessoa, *QGP*, 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

Aquele que tem amor...
Passeias **no lugar em que** não ando...

3. O antecedente do RELATIVO *quanto(s)* costuma ser omitido:

Hoje penso **quanto** faço.
(Fernando Pessoa, *OP*, 92.)

Função sintáctica dos pronomes relativos.

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintáctica nas orações a que pertencem.

Valores e empregos dos relativos.

Que

1. *Que* é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJECTIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

— Não diz nada **que se aproveite,** esse rapaz!
(Agustina Bessa Luís, *QR*, 134.)

O ministro, **que acabava de jantar,** fumava calado e pacífico.
(Machado de Assis, *OC*, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
(António Nobre, *S*, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

> Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude.
>
> (Ciro dos Anjos, *MS*, 328.)

3. Por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso:

> A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia **que** responder.
>
> (Miguel Torga, *NCM*, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJECTIVAS EXPLICATIVAS, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual (a qual, os quais, as quais)*:

> Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do **latim vulgar,** falado na península, *o qual* vinha de há muito diversificando-se em dialectos vários.
>
> (Jaime Cortesão, *FDFP*, 42.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual.*

Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por:*

> A verdade é um postigo
> **A que** ninguém vem falar.
>
> (Fernando Pessoa, *QGP*, 21.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome *o qual:*

> Tinha vindo para se libertar do abismo **sobre o qual** sua negra alma vivia debruçada.
>
> (Miguel Torga, *NCM*, 49.)

> Uma visita de dez minutos apenas, **durante os quais** D. Benedita disse quatro palavras no princípio: — Vamos para o Norte.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 316.)

c) *o qual* é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

> Cinco cadeiras **das quais uma** de braços no centro do semicírculo.
>
> (Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

Quem

1. Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

> Feliz é **quem** tiver netos
> **De quem** tu sejas avó!
>
> (Fernando Pessoa, *QGP*, 118.)

> A mim **quem** converteu foi o sofrimento.
>
> (Coelho Netto, *OS*, I, 105.)

2. Como simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a «o qual» e vem sempre antecedido de preposição:

> A senhora **a quem** cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 172.)

Cujo

Cujo é, a um tempo, relativo e possessivo, equivalente pelo sentido a *do qual, de quem, de que*. Emprega-se apenas como pronome adjectivo e concorda com a coisa possuída em género e número:

> Convento d'águas do Mar, ó verde Convento,
> **Cuja** Abadessa secular é a Lua
> E **cujo** Padre-capelão é o Vento...
>
> (António Nobre, *S*, 28.)

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos *tudo, todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

> Em tudo **quanto** olhei fiquei em parte.
>
> (Fernando Pessoa, *OP*, 231.)

Entre **quantos** te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

Sou o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.
(António Nobre, *S*, 90.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, nunca foi rigorosa nos melhores escritores do idioma.

Não é, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em passos como os seguintes:

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Não perceberam ainda **onde** quero chegar.
(Alves Redol, *BC*, 47.)

Nem mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

Ela quem é, meu coração? Responde!
Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde?**
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes *que, quem, qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta directa ou indirecta:

Que trabalho estão fazendo?
Diga-me **que** trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa?
Ignoramos **quem** disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?
Não sei **qual** dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram?
Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

Flexão dos interrogativos.

Os INTERROGATIVOS *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número *(qual — quais)*; *quanto*, em género e em número *(quanto — quanta — — quantos — quantas)*.

Valor e emprego dos interrogativos.

Que

1. O INTERROGATIVO *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa «que coisa»:

Que tenciona fazer quando sair daqui?
(Augusto Abelaira, *TM*, 86.)

b) pronome adjectivo, quando significa «que espécie de», e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

Que mal me havia de fazer?
(Miguel Torga, *NCM*, 47.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se *o que:*

O mundo? **O que** é o mundo, ó meu amor?
(Florbela Espanca, *S*, 90.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por *é que:*

— **Que é que** o senhor está fazendo? gritou-lhe.
(Clarice Lispector, *ME*, 313.)

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 24.)

Quem

1. O INTERROGATIVO *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

> **Quem** não a canta? **Quem**? **Quem** não a canta e sente?
> (Jorge de Lima, *OC*, I, 212.)

> Mas a Ideia **quem** é? **quem** foi que a viu,
> Jamais, a essa encoberta peregrina?
> (Antero de Quental, *SC*, 59.)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

> Sabem, acaso, os vultos, **quem** vão sendo?
> (Cecília Meireles, *OP*, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO *qual* tem valor selectivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjectivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual:*

> — **Qual** é o hotel, em que rua fica?
> (Urbano Tavares Rodrigues, *NR*, 76.)

2. A ideia selectiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos (das* ou *de)*, anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

> **Qual dos senhores** é pai dum menino que está de cócoras no jardim há mais de meia hora?
> (Aníbal M. Machado, *JT*, 51.)

> **Qual deles** tinha coragem para começar?
> (Fernando Namora, *TJ*, 293.)

Quanto

O INTERROGATIVO *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjectivo:

> — **Quanto** devo?
> (Graciliano Ramos, *A*, 167.)

> **Quantas** sementes lhe dás tu?
> (Fernando Namora, *TJ*, 158.)

Emprego exclamativo dos interrogativos.

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afectivos.

Comparem-se as frases seguintes:

> **Que** inocência! **Que** aurora! **Que** alegria!
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

> — Coitada!... **quem** diria... **quem** imaginaria que acabaria assim!?...
> (António de Assis Júnior, *SM*, 52.)

> — **Quais** feitios, **qual** vida!
> (Miguel Torga, *CM*, 50.)

> Ai, **quanto** veludo e seda,
> e **quantos** finos brocados!
> (Cecília Meireles, *OP*, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Formas dos pronomes indefinidos.

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

Locuções pronominais indefinidas.

Dá-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: *cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, seja quem for, seja qual for,* etc.

Pronomes indefinidos substantivos e adjectivos.

1. Os INDEFINIDOS *alguém, ninguém, outrem, algo, nada* e *tudo* só se usam como pronomes substantivos:

E se **alguém** fosse avisar a Guarda?
(Miguel Torga, *NCM*, 52.)

Ninguém ainda inventou fósforos contra o vento?
(Augusto Abelaira, *QPN*, 25.)

Outrem a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.
(Machado de Assis, *OC*, I, 921.)

Minha Teresa tem **algo** a me dizer, não é?
(Jorge Amado, *TBCG*, 289.)

Não devo **nada** a **ninguém.**
(Alves Redol, *BC*, 43.)

Tudo na vida são verdades de relação.
(Urbano Tavares Rodrigues, *JE*, 309.)

2. *Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, vário, tanto* e *quanto* são pronomes adjectivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

Todos estavam admirados.
(Castro Soromenho, *TM*, 186.)

Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o **outro** a mínima palavra.
(Raul Pompéia, *A*, 205.)

3. *Certo* só se usa como pronome adjectivo:

Certos homens ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.
(Augusto Abelaira, *TM*, 79.)

4. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
(Fernando Pessoa, *OP*, 206.)

Qualquer caminho
Em **qualquer ponto** seu em dois se parte.
(Fernando Pessoa, *OP*, 476.)

Valores de alguns indefinidos.

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem valor positivo. É o contrário de *nenhum*:

— Com ele podes arranjar **alguma coisa.**
(Castro Soromenho, *TM*, 248.)

Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; **nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade,** e sim um compreensível orgulho.
(Augusto Frederico Schmidt, *F*, 237.)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. Em geral, o INDEFINIDO adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como *não, nem, sem:*

Já não morria naquele dia e não tinha **pressa alguma** em chegar a casa.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 694.)

3. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao INDEFINIDO *um:*

Esse capitão **não** foi **nenhum** oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.
(Vitorino Nemésio, *CI*, 205.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO *cada* apenas como PRONOME ADJECTIVO. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um (uma), cada qual:*

Lá no fundo **cada um** espera o milagre.
(Carlos de Oliveira, *PB*, 156.)

Cada qual sabe de sua vida.

(Jorge Amado, *MM*, 95.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação ntre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De **cada dúzia** de ovos que vendia, a metade era lucro.
Vinha ver-me **cada três** dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

— Você tem **cada uma!**

(Graciliano Ramos, *AOH*, 75.)

Certo

1. *Certo* é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. :aracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, istinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.

Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expres- io menos vaga e dá-lhe um matiz afectivo:

Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anónimo; pede **um certo amor,** nomeado e predestinado.

(Machado de Assis, *OC*, II, 552.)

2. É adjectivo, com o significado de «seguro», «verdadeiro», «exacto», iel», «constante»:

a) quando posposto ao substantivo:

Homens de **piso certo,** seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.

(Arnaldo Santos, *P*, 177.)

b) quando anteposto ao substantivo, mas precedido de palavra que prima gradação:

Mais certo amigo é João do que Pedro, **tão certo amigo** é João como Paulo.

(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

Nada

1. *Nada* significa «nenhuma coisa», mas equivale a «alguma coisa» em ses interrogativas negativas do tipo:

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria **nada.**

(Mário de Andrade, *CMB*, 285.)

2. Junto a um adjectivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

— Não foi **nada caro,** tive um grande desconto.

(Augusto Abelaira, *QPN*, 14.)

O cavalo não **correu nada.**

Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) *outro dia,* ou *o outro dia* = um dia passado mas próximo:

— **Outro dia** fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.

(Carlos Drummond de Andrade, *FA*, 209.

Contou-me a Ama, **o outro dia,**
Que Deus, somente o veria
Quem fosse Anjo, ninguém mais.

(António Corrêa d'Oliveira, *M*, 92.)

b) *no outro dia,* ou *ao outro dia* = no dia seguinte:

No outro dia, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim.

(Graciliano Ramos, *SB*, 52.)

Partiu o navio, **ao outro dia** de manhã.

(Manuel Ferreira, *HB*, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro, um do outro, um para o outro,* conserva-se em geral a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa **um do outro.**

(Almada Negreiros. *NG*, 93.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjectivo na acepção de «diferente», «mudado», «novo»:

Era **outro** homem, fora fundido **noutro** cadinho.

(Ferreira de Castro, *OC*, II, 93.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido

de artigo indefinido:

— Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como **um qualquer.**
(José Lins do Rego, *E*, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

Já não era **uma Judite qualquer,** era a Judite do Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 86.)

Todo

No Capítulo 9, estudámos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

O conflito acordou **o colégio todo.**
(Gilberto Amado, *HMI*, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

A casa, **toda ela,** gelava.
(Carlos de Oliveira, *AC*, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

Todos os homens caminhavam em silêncio.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 446.)

As culpas todas eram deles; aguentassem com elas!
(Afrânio Peixoto, *RC*, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de «inteiramente», «em todas as suas partes», «muito»:

Eras **toda graça e incompreensão.**
(Ribeiro Couto, *PR*, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.
(José Cardoso Pires, *D*, 339.)

12.

Numerais

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exacta de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACCIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

Dois e **dois** são **quatro.**

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjectivos:

— Botou a **cinco cântaros** o mel... e a **dois lagares** o azeite.
(Aquilino Ribeiro, *M*, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objectos numa dada série. Equivalem a adjectivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

Foi aí que se tornou **a primeira** de sua classe.
(António de Alcântara Machado, *NP*, 125.)

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjectivos e, com mais

equência, a substantivos, por virem geralmente antecedidos de artigo:

É **um duplo receber,** que é **um duplo dar.**

(Joaquim Manuel de Macedo, *RQ*, 2.)

Tinha **o dobro** da minha grossura e era vermelho como malagueta.

(Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACCIONÁRIOS exprimem a diminuição proporcional . quantidade, a sua divisão.

Já pagámos **a metade** da dívida.
Só recebeu **dois terços** do ordenado.

umerais colectivos.

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos colecros, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no tanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exacto. É o caso *novena, dezena, década, dúzia, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par.*

FLEXÃO DOS NUMERAIS

ırdinais.

1. Os NUMERAIS CARDINAIS *um, dois,* e as centenas a partir de *duzentos* riam em género:

um	uma	duzentos	duzentas
dois	duas	trezentos	trezentas

2. *Milhão, bilião* (ou *bilhão*), *trilhão,* etc. comportam-se como substantivos rariam em número:

dois milhões vinte trilhões

3. *Ambos,* que substitui o CARDINAL *os dois,* varia em género.

ambos os pés ambas as mãos

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

Ordinais.

Os NUMERAIS ORDINAIS variam em género e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
vigésimo	vigésima	vigésimos	vigésimas

Multiplicativos.

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos. Empregados com o valor de adjectivo, flexionam-se em género e em número:

Podia ser meu avô, tem **o triplo** da minha idade.

Costuma tomar o remédio em **doses duplas.**

2. As formas multiplicativas *dúplice, tríplice,* etc. variam apenas em número:

Deram-se alguns saltos **tríplices.**

Fraccionários.

1. Os NUMERAIS FRACCIONÁRIOS concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

Subscrevi **um terço** e Carlos **dois terços do capital.**

2. *Meio* concorda em género com o designativo da quantidade de que é fracção:

Comprou **três quilos e meio** de carne.
Andou **duas léguas e meia** a pé.

Observação:

No Brasil, em lugar de *meio dia e meia (hora),* diz-se normalmente *meio dia e meio:*

Meio dia e meio... nada de Luzardo.

(Gilberto Amado, *DP*, 147.)

Numerais colectivos.

Todos os numerais colectivos se flexionam em número:

três décadas	cinco dúzias
dois milheiros	quatro lustros

Quadro dos numerais

I. NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Números		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezasseis ou dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezassete ou dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezanove ou dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
XXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\overline{\text{X}}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\overline{\text{C}}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\overline{\text{M}}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{\text{M}}}$	1 000 000 000	um bilião (ou bilhão)	bilionésimo

Valores e empregos dos cardinais.

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir *zero* (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

grau **zero**	desinência **zero**

2. *Cem,* forma reduzida de *cento,* usa-se como um adjectivo invariável:

cem rapazes	cem meninas

Cento é também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos:*

cento e dois homens	**cento e duas** mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

Comprou **um cento** de bananas.
Pagou caro **pelo cento** de peras.

c) na expressão *cem por cento.*

3. Usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de «mil escudos» (em Portugal) e «mil cruzeiros» (no Brasil):

A gravura custou **dois contos.**

4. *Bilião* (que também se escreve *bilhão*, principalmente no Brasil), significava outrora «um milhão de milhões», valor que ainda conserva em Portugal, na Grã-Bretanha, na Alemanha e no mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje «mil milhões».

Observação:

No Brasil *quatorze* alterna com *catorze*, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se normalmente *dezasseis, dezassete* e *dezanove*, variantes desusadas no Brasil.

Valores e empregos dos ordinais.

1. Ao lado de *primeiro*, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo (-a)*, empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco *(os primos)* e, na forma feminina *(a prima)*, «a primeira das horas canónicas» e «a mais elevada corda» de alguns instrumentos;

b) seja como adjectivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima*, ou em expressões como *números primos*.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjectivos. Comparem-se:

Um material de **primeira** categoria [= superior].
Um artigo de **segunda** qualidade [= inferior].

Emprego dos cardinais pelos ordinais.

Em alguns casos o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente. Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e

de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até *décimo*, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Gregório VII (sétimo) | João XXIII (vinte e três)
Pedro II (segundo) | Luís XIV (quatorze)
Século X (décimo) | Século XX (vinte)
Acto III (terceiro) | Capítulo XI (onze)
Canto VI (sexto) | Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século | Vigésimo século
Terceiro acto | Décimo primeiro capítulo
Sexto Canto | Décimo quinto tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até *nove*, e o CARDINAL de dez em diante:

Artigo 1.º (primeiro) | Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono) | Artigo 41 (quarenta e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os CARDINAIS.

Chegaremos às **seis horas** do dia **primeiro de maio.**
São **duas horas** da tarde do dia **vinte e oito de julho** de **mil novecentos e oitenta e três.**

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra *número:*

Página 3 (três) | Casa 31 (trinta e um)
Folha 8 (oito) | Apartamento 102 (cento e dois)
Cabine 2 (dois) | Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal:

Terceira página | Segunda cabine
Oitava folha | Trigésima primeira casa

II. NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACCIONÁRIOS

Multiplicativos	Fraccionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

nprego dos multiplicativos.

Dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro, duplo* e *triplo* são de uso corrente s demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o ımeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes, oito vezes, doze vezes*, etc.

mprego dos fraccionários.

1. Os NUMERAIS FRACCIONÁRIOS apresentam as formas próprias *meio* ›u *metade*) e *terço*. Os demais são expressos:

a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de uma só alavra: *quarto, quinto, décimo, vigésimo, milésimo*, etc.;

b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra AVOS, quando ORDINAL é uma forma composta: *treze avos, dezoito avos, vinte e três avos,* ›nto e quinze avos.*

2. Exceptuando-se *meio*, OS NUMERAIS FRACCIONÁRIOS vêm antecedi-los de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço,* ›rês quintos, cinco treze avos.*

13.

Verbo

NOÇÕES PRELIMINARES

VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. Na oração exerce a função obrigatória de predicado. Assim:

> Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre.
> (Augusto Meyer, *SI*, 25.)

> Como **estavam** velhos!
> (Agustina Bessa Luís, *S*, 189.)

> **Anoitecera** já de todo.
> (Carlos de Oliveira, *AC*, 19.)

Flexões do verbo.

O verbo apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ.

Números.

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

Singular	estudo	estudas	estuda
Plural	estudamos	estudais	estudam

Pessoas.

O verbo possui três PESSOAS relacionadas directamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

estudo estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

estudas estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele, ela* (singular) e *eles, elas* (plural):

estuda estudam

Modos.

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao facto que enuncia.

Há três modos em português: o INDICATIVO, o CONJUNTIVO e o IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante, neste mesmo Capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Tempos.

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente, um facto ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala.*

O PRESENTE é indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se no MODO INDICATIVO e no CONJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

- **Indicativo**
  - Presente: *estudo*
  - Pretérito
    - imperfeito: *estudava*
    - perfeito
      - simples: *estudei*
      - composto: *tenho estudado*
    - mais-que-perfeito
      - simples: *estudara*
      - composto: *tinha* (ou *havia*) *estudado*
  - Futuro
    - do presente
      - simples: *estudarei*
      - composto: *terei* (ou *haverei*) *estudado*
    - do pretérito
      - simples: *estudaria*
      - composto: *teria* (ou *haveria*) *estudado*
- **Conjuntivo**
  - Presente: *estude*
  - Pretérito
    - imperfeito: *estudasse*
    - perfeito: *tenha* (ou *haja*) *estudado*
    - mais-que-perfeito: *tivesse* (ou *houvesse*) *estudado*
  - Futuro
    - simples: *estudar*
    - composto: *tiver* (ou *houver*) *estudado*
- **Imperativo** — Presente: *estuda* (tu), *estude* (você), *estudemos* (nós), *estudai* (vós), *estudem* (vocês).

Aspectos.

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa «uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo». Pode ele considerá-la como *concluída,* isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída,* ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.

É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o

conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.

Assim, nestas frases:

João **começou a comer.**
João **continua a comer.**
João **acabou de comer.**

não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.

Dentro dessa lata conceituação, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1.ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela acção verbal. Assim:

Aspecto pontual	Aspecto durativo
Acabo de ler Os Lusíadas.	**Continuo a ler** Os Lusíadas.

2.ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da acção:

Aspecto contínuo	Aspecto descontínuo
Vou lendo Os Lusíadas.	**Voltei a ler** Os Lusíadas.

3.ª) ASPECTO INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO. O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial, o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	Aspecto conclusivo
Comecei a ler Os Lusíadas.	**Acabei de ler** Os Lusíadas.

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

Leio — **Estou lendo** (ou **estou a ler**)

A perífrase de *estar* + GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da preposição *a*), que designa o «aspecto do momento rigoroso» (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída

por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar, ir, vir, viver,* etc.) ou de implicação (*continuar, ficar,* etc.):

Ando lendo (ou **a ler**).
Vai lendo.
Continuo lendo (ou **a ler**).
Ficou lendo (ou **a ler**).

b) *Ser / estar:*

Ele **foi ferido.** — Ele **está ferido.**

A oposição *ser / estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de acção; *estar,* a passiva de estado.

4. Como vemos, tais oposições baseiam-se fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o PARTICÍPIO exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o INFINITIVO ou o GERÚNDIO expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudarmos OS VERBOS AUXILIARES e as FORMAS NOMINAIS do verbo.

Vozes.

O facto expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.
Não **se vêem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado e sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se.**
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ACTIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objecto directo da VOZ ACTIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objecto di-

:to ou indirecto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo mita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer ıjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, gular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [= é vista] **uma rosa** neste jardim.
Não **se vêem** [= são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas bais da voz activa os pronomes oblíquos *me, te, nos, vos* e *se* (singular e ral):

Eu **feri-me** (ou **me feri**) [= a mim mesmo]
Tu **feriste-te** (ou **te feriste**) [= a ti mesmo]
Ele **feriu-se** (ou **se feriu**) [= a si mesmo]
Nós **ferimo-nos** (ou **nos ferimos**) [= a nós mesmos]
Vós **feristes-vos** (ou **vos feristes**) [= a vós mesmos]
Eles **feriram-se** (ou **se feriram**) [= a si mesmos]

ervações:

1.ª Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar, andar, viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir, vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.
Ficou atormentado pelo remorso.
Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

:.ª Nas formas da VOZ PASSIVA O PARTICÍPIO concorda em género e número :om o sujeito:

Ele foi **ferido.**	**Eles** foram **feridos.**
Ela foi **ferida.**	**Elas** foram **feridas.**

Formas rizotónicas e arrizotónicas.

Em certas formas verbais o acento tónico recai no radical. Assim:

ando	andas	anda	andam
ande	andes	ande	andem

Em outras, o acento tónico recai na terminação. Assim:

andamos	andais	andou	andar
andemos	andeis	andava	andará

Às primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTÓNICAS; às segundas, de FORMAS ARRIZOTÓNICAS.

Classificação do verbo.

1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.

Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar, vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar*; os da 2.ª, como *vender*; os da 3.ª, como *partir*.

São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar, estar, fazer, ser, pedir, ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como *abolir, falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPESSOAIS, e especialmente os IMPESSOAIS, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover, ventar*, etc.

ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado, aceito* e *aceite*; o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue*; o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

2. Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR.

PRINCIPAL é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração Assim:

Estudei português.

c) a DESINÊNCIA PESSOAL, na 3.ª pessoa do singular do presente do indi-:ativo *(canta)*; na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito *(cantava)*, lo mais-que-perfeito (*cantara*) e do futuro do pretérito *(cantaria)* do indica-ivo; e nestas mesmas pessoas do presente *(cante)*, do imperfeito *(cantasse)* : do futuro *(cantar)* do conjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal *'cantar)*.

Mas, salvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas de ım só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos lexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa ›elo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples.

Como artifício didático para apreender-se o mecanismo das conjuga-:ões, admite-se que o verbo apresente três tempos PRIMITIVOS, sendo os ›utros deles DERIVADOS.

São tempos primitivos: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRETÉRITO PER-EITO DO INDICATIVO e O INFINITIVO IMPESSOAL.

Derivados do presente do indicativo.

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-se O IMPERFEITO DO INDICATIVO, › PRESENTE DO CONJUNTIVO e O IMPERATIVO.

1.º) IMPERFEITO DO INDICATIVO. É formado do radical do PRESENTE .crescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinên-ias pessoais);

b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências ›essoais);

c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal :mática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.

Assim, nos verbos *cantar, vender* e *partir*, temos:

Radical do presente	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
	cant-	vend-	part-
Pretérito imperfeito do indicativo	cant-ava cant-avas cant-ava cant-ávamos cant-áveis cant-avam	vend-ia vend-ias vend-ia vend-íamos vend-íeis vend-iam	part-ia part-ias part-ia part-íamos part-íeis part-iam

Observação:

Fogem à regra acima os verbos *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no IMPERFEITO *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

2.º) PRESENTE DO CONJUNTIVO. Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência *-o* pelas flexões próprias do presente do conjuntivo: *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em*, nos verbos da 1.ª conjugação; *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação. Assim:

Presente do indicativo 1.ª pessoa do singular	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
	cant-o	vend-o	part-o
Presente do conjuntivo	cant-e cant-es cant-e cant-emos cant-eis cant-em	vend-a vend-as vend-a vend-amos vend-ais vend-am	part-a part-as part-a part-amos part-ais part-am

Observação:

Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do conjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*.

3.º) IMPERATIVO. O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do *-s* final. Assim:

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

)bservações:

1.ª Exceptua-se o verbo *ser*, que faz *sê* (tu) e *sede* (vós).
2.ª Costumam perder o *-e* na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e os terminados em *-uzir*: *dize* (ou *diz*) tu, *faze* (ou *faz*) tu, *traze* (ou *traz*) tu, *aduze* (ou *aduz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do mperativo negativo, são supridas pelas equivalentes do presente do conuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

)erivados do pretérito perfeito do indicativo.

Do tema do PRETÉRITO PERFEITO formam-se os seguintes tempos sim›les:

1.º) O MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, juntando-se as terminações = sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais): *-ra*, *-ras*, *-ra*, *-ramos*, *-reis*, *ram*:

Radical do perfeito + vogal temática	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
	canta-	vende-	parti-
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) O IMPERFEITO DO CONJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais): *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

Radical do perfeito + vogal temática	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
	canta-	vende-	parti-
Pretérito imperfeito do conjuntivo	canta-sse canta-sses canta-sse cantá-ssemos cantá-sseis canta-ssem	vende-sse vende-sses vende-sse vendê-ssemos vendê-sseis vende-ssem	parti-sse parti-sses parti-sse partí-ssemos partí-sseis parti-ssem

3.º) O FUTURO DO CONJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais): *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*.

Radical do perfeito + vogal temática	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
	canta-	vende-	parti-
Futuro do conjuntivo	canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-rem	vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem	parti-r parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações:

1.ª O TEMA do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)	fize(ste)	vie(ste)	puse(ste)
cantá(mos)	fize(mos)	vie(mos)	puse(mos)

2.ª Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do conjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: *fizer* — *fazer*; *for* — *ser*; *souber* — *saber*, etc.

Derivados do infinitivo impessoal.

Do INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois FUTUROS SIMPLES do indicativo, o INFINITIVO PESSOAL, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

1.º) O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das terminações *-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão:*

Infinitivo impessoal	**1.ª conjugação**	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
	cantar	vender	partir
Futuro do presente	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam:*

Infinitivo impessoal	**1.ª conjugação**	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
	cantar	vender	partir
Futuro do pretérito	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações:

1.ª Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do FUTURO DO PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

2.ª O FUTURO DO PRESENTE e o FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO DO INDICATIVO do auxiliar *haver: amar + hei, amar + + hia* (por *havia*), etc.

3.º) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos, -des, -em:*

Infinito impessoal	**1.ª conjugação**	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
	cantar	vender	partir
Infinitivo pessoal	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo:*

Infinitivo impessoal	**1.ª conjugação**	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
	canta-r	vende-r	parti-r
Gerúndio	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do,* sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª, a da 2.ª conjugação passou a *-i-*:

Imfinitivo impessoal	**1.ª conjugação**	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
	canta-r	vende-r	parti-r
Particípio	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação:

1.ª Os verbos *dizer, escrever, fazer, ver, pôr, abrir, cobrir, vir* e seus derivados formam o PARTICÍPIO irregularmente: *dito, escrito, feito, visto, posto, aberto, coberto, vindo.* Dos derivados exclui-se *prover,* cujo PARTICÍPIO é *provido.*

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo princi-
ıl chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se ape-
ıs o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais:
ɔ PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são *ter, haver, ser* e *estar.*

Ter e **haver** empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos com-
ostos da voz activa, denotadores de um facto acabado, repetido ou con-
nuo:

> **Tenho feito** exercícios.
> **Havíamos comprado** livros.

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição
', para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito
e realizar o facto:

> **Tenho de fazer** exercícios.
> **Havemos de comprar** livros.

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os
mpos da voz passiva de acção:

> Exercícios **foram feitos** por mim.
> Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz
ıssiva de estado:

> **Estou arrependido** do que fiz.
> **Estamos impressionados** com o facto.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antece-
ido da preposição *a,* para indicar uma acção durativa, continuada:

> **Estava ouvindo** música.
> **Estava a ouvir** música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição

para, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a acção expressa pelo verbo principal:

> O avião **está para chegar.**
> Há dias **estou para visitá-lo.**

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por,* para indicar que uma acção que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

> O trabalho **está por terminar.**

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir, vir, andar, ficar, acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da acção. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a acção se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

> O navio **ia encostando** ao cais (pouco a pouco).
> Os convidados **iam chegando** de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a acção, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

> **Vou procurar** um médico.
> O navio **vai partir.**

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a acção se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

> **Vinha rompendo** a madrugada.
> **Venho tratando** desse assunto.

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direcção a determinado fim ou intenção de realizar um acto:

> **Veio fazer** compras.
> **Vieste interromper**-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da acção:

> **Vim a saber** dessas coisas muito tarde.
> **Veio a dar** com os burros nágua.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar o término recente da acção:

> **Viemos de tratar** desse assunto.
> **Vinha de chegar** de Aveiro.

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, à semelhança de *estar,* emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma acção durativa, continuada:

> **Ando lendo** os clássicos.
> **Ando a ler** os clássicos.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado *(ficou molhado)*, emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma acção durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar;* comparem-se:

Ficava cantando	**Ficava a cantar**
Estava cantando	**Estava a cantar**

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma acção que deveria ter sido realizada não o foi:

> O trabalho **ficou por terminar.**

Compare-se à construção paralela com *estar:*

> O trabalho **está por terminar.**

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma acção recém-concluída:

> O avião **acabou de aterrar.**

Observação:

A construção de *estar* (ou *andar*)+ gerúndio, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma. Na língua moderna de Portugal predomina a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*)+ preposição *a*+ infinitivo:

> **Estou a ler** o Quixote.
> **Andava a escrever** um romance.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS *TER, HAVER, SER* E *ESTAR*

MODO INDICATIVO

	Presente		
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão
	Pretérito imperfeito		
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam
	Pretérito perfeito		
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente

terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito

teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

MODO CONJUNTIVO

Presente

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

tem	(desusado)	sê	está
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tende	havei	sede	estai
tenham	hajam	sejam	estejam

Negativo

não tenhas	não sejas
não tenha	não seja
não tenhamos	não sejamos
não tenhais	não sejais
não tenham	não sejam

não hajas	não estejas
não haja	não esteja
não hajamos	não estejamos
não hajais	não estejais
não hajam	não estejam

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal

ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal

ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

ormação dos tempos compostos.

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz activa merecem realce particular ueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *ver*) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque é costume :luí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

MODO INDICATIVO

1.º) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDI- ·TIVO do verbo *ter* com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO. Formado do IMPER- TO DO INDICATIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo ncipal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRESENTE SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

MODO CONJUNTIVO

1.º) PRETÉRITO PERFEITO. Formado do PRESENTE do CONJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais vendido	tenhais partido
tenham cantado	tenham vendido	tenham partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO CONJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem vendido	tivessem partido

3.º) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO CONJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem vendido	tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

1.º) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (ou PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3.º) GERÚNDIO COMPOSTO (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal.

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA da sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar, vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar;* os da 2.ª, pelo de *vender;* os da 3.ª, pelo de *partir.*

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA

Modelo: *ser louvado*

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito
sou louvado (-a)	era louvado (-a)
és louvado (-a)	eras louvado (-a)
é louvado (-a)	era louvado (-a)
somos louvados (-as)	éramos louvados (-as)
sois louvados (-as)	éreis louvados (-as)
são louvados (-as)	eram louvados (-as)

Pretérito perfeito (simples)	Pretérito perfeito (composto)
fui louvado (-a)	tenho sido louvado (-a)
foste louvado (-a)	tens sido louvado (-a)
foi louvado (-a)	tem sido louvado (-a)
fomos louvados (-as)	temos sido louvados (-as)
fostes louvados (-as)	tendes sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	têm sido louvados (-as)

Pretérito mais-que-perfeito (simples)	Pretérito mais-que-perfeito (composto)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
foras louvado (-a)	tinhas sido louvado (-a)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
fôramos louvados (-as)	tínhamos sido louvados (-as)
fôreis louvados (-as)	tínheis sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)

serei louvado (-a)
serás louvado (-a)
será louvado (-a)
seremos louvados (-as)
sereis louvados (-as)
serão louvados (-as)

Futuro do presente (composto)

terei sido louvado (-a)
terás sido louvado (-a)
terá sido louvado (-a)
teremos sido louvados (-as)
tereis sido louvados (-as)
terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)

seria louvado (-a)
serias louvado (-a)
seria louvado (-a)
seríamos louvados (-as)
seríeis louvados (-as)
seriam louvados (-as)

Futuro do pretérito (composto)

teria sido louvado (-a)
terias sido louvado (-a)
teria sido louvado (-a)
teríamos sido louvados (-as)
teríeis sido louvados (-as)
teriam sido louvados (-as)

MODO CONJUNTIVO

Presente

seja louvado (-a)
sejas louvado (-a)
seja louvado (-a)
sejamos louvados (-as)
sejais louvados (-as)
sejam louvados (-as)

Pretérito imperfeito

fosse louvado (-a)
fosses louvado (-a)
fosse louvado (-a)
fôssemos louvados (-as)
fôsseis louvados (-as)
fôssem louvados (-as)

Pretérito perfeito

tenha sido louvado (-a)
tenhas sido louvado (-a)
tenha sido louvado (-a)
tenhamos sido louvados (-as)
tenhais sido louvados (-as)
tenham sido louvados (-as)

Pretérito mais-que-perfeito

tivesse sido louvado (-a)
tivesses sido louvado (-a)
tivesse sido louvado (-a)
tivéssemos sido louvados (-as)
tivésseis sido louvados (-as)
tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)

for louvado (-a)
fores louvado (-a)
for louvado (-a)
formos louvados (-as)
fordes louvados (-as)
forem louvados (-as)

Futuro (composto)

tiver sido louvado (-a)
tiveres sido louvado (-a)
tiver sido louvado (-a)
tivermos sido louvados (-as)
tiverdes sido louvados (-as)
tiverem sido louvados (-as)

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal presente

ser louvado (-a)

Infinitivo impessoal pretérito

ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente

ser louvado (-a)
seres louvado (-a)
ser louvado (-a)
sermos louvados (-as)
serdes louvados (-as)
serem louvados (-as)

Infinitivo pessoal pretérito

ter sido louvado (-a)
teres sido louvado (-a)
ter sido louvado (-a)
termos sido louvados (-as)
terdes sido louvados (-as)
terem sido louvados (-as)

Gerúndio presente

sendo louvado (-a, -os, -as)

Gerúndio pretérito

tendo sido louvado (-a, -os, -as)

Particípio

louvado (-a, -os, -as)

Observações:

1.ª Só há uma forma simples na voz passiva, que é o PARTICÍPIO. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações SIMPLES e COMPOSTO para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz activa que apresentam semelhante oposição.

2.ª Na voz passiva não se usa o IMPERATIVO.

Verbo reflexivo e verbo pronominal.

1. Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exactamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se
condoer-se
queixar-se
suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir]	enganar alguém
debater-se [= agitar-se]	enganar-se com alguém

2. Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo,* etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro, reciprocamente, mutuamente,* etc.

Conjugação de um verbo reflexivo.

Pareceu-nos desnecessário darmos o modelo da conjugação de um verbo reflexivo, porque o pronome átono que os acompanha se coloca de acordo com as normas que indicamos no Capítulo 11. Note-se apenas que, quando o pronome vem enclítico a uma forma verbal da 1.ª pessoa do plural, esta perde o *-s:*

lavamo-nos lavemo-nos.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

Irregularidade verbal.

1. A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir,* verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa;

b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-,* distinto do radical *med-,* que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir, med-es, med-i, med-ira,* etc.

2. Num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares: *dava, davas, dava, dávamos, daveis, davam; media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.*

3. Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excep-

tuando-se a anomalia que apontámos na conjugação dos verbos *dar, estar, haver, querer, saber, ser* e *ir,* a irregularidade dos demais é sempre constante na forma de cada um dos grupos:

1.º grupo	2.º grupo	3.º grupo
Pres. do indicativo Pres. do conjuntivo Imperativo	Pretérito perfeito do indicativo Pret. mais-que-perf. do indicativo Pretérito imperfeito do conjuntivo Futuro do conjuntivo	Futuro do presente Futuro do pretérito

Atentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO DO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica.

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita. Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c, -ç,* e *-g* mudam estas letras, respectivamente, em *-qu, -c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e:*

ficar — fiquei *justiçar — justicei* *chegar — cheguei*

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c, -g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç, -j* e *-g* sempre que se lhes segue um *-o* ou um *-a:*

vencer — venço — vença	*ressarcir — ressarço — ressarção*
tanger — tanjo — tanja	*restringir — restrinjo — restrinja*
erguer — ergo — erga	*extinguir — extingo — extinga*

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

VERBOS COM ALTERNÂNCIA VOCÁLICA

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tónico. Estas dife-

renças não são exactamente as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenómeno da redução das vogais em sílaba átona, a que nos referimos no capítulo sobre Fonética e Fonologia. Assim, às formas *levamos* e *levais* — com [ə] fechado no português normal de Portugal e com [e] semi-fechado no português do Brasil — contrapõem-se *levo, levas, leva* e *levam*, com *e* semi-aberto [ɛ]; às formas *rogamos* e *rogais* — com [u] no português de Portugal e com [o] semi-fechado no português do Brasil — opõem-se *rogo, rogas, roga* e *rogam*, com [ɔ] semi-aberto. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotónicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes, sobe* e *sobem; firo*, em oposição a *feres, fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam excepções, mas a norma dentro da nossa complexa morfologia.

Uma palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qualquer conjugação que têm no radical a vogal *a*.

No português do Brasil não se observa nenhuma alternância na referida vogal, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotónicas e arrizotónicas, embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com menos intensidade. Assim: *lavo, lavas, lava, lavamos, lavais, lavam; lave, laves, lave, lavemos, laveis, lavem* (sempre com o *a* tónico ou pretónico aberto).

No português de Portugal, porém, a vogal radical *a*, sujeita nas formas arrizotónicas ao fenómeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o timbre [α]. Temos assim: *lavo, lavas, lava, lavam; lave, laves, lave, lavem* (com *a* tónico aberto [a]), mas *lavamos, lavais; lavemos, laveis; lavai* (com *a* pretónico semifechado [α]).

Quando a vogal radical é a nasal [α̃], grafada *an* ou *am*, não se regista qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Portugal, pois a vogal é sempre semi-fechada, como se disse no Capítulo 3. Assim: *canto, cante, cantamos, cantemos*, etc. (sempre com [α̃]).

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos em que existem formas rizotónicas: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRESENTE DO CONJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO e O IMPERATIVO NEGATIVO.

1.ª Conjugação

Modelo: *levar* e *lograr*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
levo	leve		
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre		
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, à vogal fechada [ə] do português normal de Portugal e à semifechada [e] do português normal do Brasil, que aparecem na 1.ª e 2.ª pessoas do plural, corresponde a semi-aberta [ɛ] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural. No segundo, há uma mutação semelhante: à vogal fechada [u] do português normal de Portugal e à semi-fechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotónicas, corresponde a semi-aberta [ɔ] nas formas rizotónicas.

Observações:

1.ª Seguem o modelo de *levar* os verbos da 1.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito *ei* — e pronunciado [ej] no português do Brasil e [αj] no português normal de Portugal —, como em *cheirar*, por exemplo: *cheiro, cheiras, cheira*, etc. (sempre com [e] ou [α]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [ɲ]): *remo, remas, rema*, etc.; *ordeno, ordenas, ordena*, etc.; *empenho, empenhas, empenha*, etc. (no português do Brasil sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [α] antes de [ɲ] nas formas rizotónicas, e com [ə] nas arrizotónicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([ʃ], [ʒ] ou [λ]): *fecho, fechas, fecha*, etc.; *desejo, desejas, deseja*, etc.; *aparelho, aparelhas, aparelha*, etc. (no português do Brasil sempre com [e]; no português normal de Portugal, com [α] ou [e] nas formas rizotónicas, e com [ə] nas arrizotónicas).

Apenas os verbos *invejar, embrechar, frechar* e *vexar,* dentre os em que ao *e* se segue uma consoante palatal, apresentam a vogal [ɛ] nas formas rizotónicas.

2.ª Embora não se enquadre em nenhuma das excepções apontadas, o verbo *chegar* (e seus derivados, como *achegar, conchegar,* etc.) conserva a vogal semi-fechada [e] em todas as formas rizotónicas.

3.ª Seguem o modelo de *lograr* os verbos da 1.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo *oi* (seguido de consoante) e do antigo ditongo *ou: pernoito, pernoitas, pernoita,* etc.; *douro, douras, doura,* etc. (sempre com [o]);

b) antecede consoante nasal articulada ([m]), [n], [ɲ]): *tomo, tomas, toma,* etc.; *lecciono, leccionas, lecciona,* etc.; *sonho, sonhas, sonha,* etc. (no português do Brasil sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotónicas e com [u] nas arrizotónicas);

c) pertence a verbos terminados em *-oar,* como *voar: voo, voas, voa,* etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotónicas e com [u] nas arrizotónicas).

4.ª Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *tento, tentas, tenta; tentava, tentavas, tentava,* etc.; *conto, contas, conta; contava, contavas, contava,* etc.

2.ª Conjugação

Modelos: *dever* e *mover*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
devo	deva		
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova		
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Verificamos que:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotónicas apresentam uma alternância da vogal semi-fechada [e] e [o] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semi-aberta [ɛ] e [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotónicas observa-se a distinção entre as vogais átonas fechadas [ə] e [u] do português de Portugal e as semi-fechadas [e] e [o] do português do Brasil.

b) no PRESENTE DO CONJUNTIVO, o português do Brasil mantém em todas as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal somente nas formas rizotónicas, pois nas arrizotónicas se dá a redução normal a [ə] ou [u].

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semi-aberta [ɛ] ou [ɔ]; no português do Brasil, a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotónica, e as formas derivadas do PRESENTE DO CONJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semi-fechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotónicas derivadas do PRESENTE DO CONJUNTIVO mantêm a vogal semi-fechada [e] ou [o], mas as formas arrizotónicas apresentam a redução a [ə] ou [u].

Observações:

1.ª Seguem o modelo de *dever* os verbos da 2.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, com excepção:

a) do verbo *querer,* cujo PRESENTE DO CONJUNTIVO é irregular (*queira, queiras, queira; queiramos, queirais, queiram*) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotónicas com *e* semi-aberto [ɛ]: *quero, queres, quer, querem.*

b) no português do Brasil, dos verbos em que o *e* antecede uma consoante nasal, como *temer: temo, temes, teme; temia, temias, temia; temi, temeste, temem,* etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes verbos seguem o modelo de *dever.*

2.ª Seguem o modelo de *mover* os verbos da 2.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, com excepção:

a) do verbo *poder,* em que a vogal semi-aberta [ɔ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todas as formas rizotónicas do PRESENTE DO CONJUNTIVO: *posso, podes, pode, podem; possa, possas, possa, possam;*

b) no português do Brasil, dos verbos em que o *o* antecede consoante nasal, a exemplo de *comer: como, comes, come; comia, comias, comia,* etc. (sempre com

[o]); no português normal de Portugal estes verbos seguem o modelo de *mover*.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o *o* do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de *mover*.

3.ª Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *encho, enches, enche; enchia, enchias, enchia*, etc.; *rompo, rompes, rompe; rompia, rompias, rompia*, etc.

3.ª Conjugação

Modelos: *servir* e *dormir*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
sirvo serves serve servimos servis servem	sirva sirvas sirva sirvamos sirvais sirvam	serve sirva sirvamos servi sirvam	não sirvas não sirva não sirvamos não sirvais não sirvam
durmo dormes dorme dormimos dormis dormem	durma durmas durma durmamos durmais durmam	dorme durma durmamos dormi durmam	não durmas não durma não durmamos não durmais não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível. Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotónicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semi-aberta [ɛ] ou [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotónicas observa-se a redução vocálica normal a [ə] ou [u] no português europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no português do Brasil, com predominância da vogal fechada [i] ou [u] por influência assimilatória da vogal tónica;

b) no PRESENTE DO CONJUNTIVO, derivado da 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, mantêm-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [ɛ] ou [ɔ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta a vogal [ə] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português do Brasil; as formas derivadas do PRESENTE DO CONJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações:

1.ª Seguem o modelo de *servir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* gráfico no INFINITIVO. Assim:

aderir	conferir	digerir	ingerir	repelir
advertir	convergir	discernir	inserir	repetir
aferir	deferir	divergir	preferir	seguir
compelir	desferir	ferir	referir	sugerir
competir	despir	inferir	reflectir	vestir

e também *mentir* e *sentir*. Exceptuam-se, no entanto:

a) os verbos *medir, pedir, despedir* e *impedir*, que apresentam *e* semi-aberto [ɛ] em todas as formas rizotónicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas do PRESENTE DO CONJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO: *meço, medes, mede, medem; meça, meças, meça, meçam; peço, pedes, pede, pedem; peça, peças, peça, peçam*, etc.

b) os verbos *agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir* e *transgredir*, que apresentam [i] nas quatro formas rizotónicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o PRESENTE DO CONJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele derivadas:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
agrido agrides agride agredimos agredis agridem	agrida agridas agrida agridamos agridais agridam	agride agrida agridamos agredi agridam	não agridas não agrida não agridamos não agridais não agridam

2.ª Seguem o modelo de *dormir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *o* gráfico no INFINITIVO: *tossir, engolir, cobrir* (e seus derivados, como *descobrir, encobrir* e *recobrir*). Exceptuam-se, porém:

a) os verbos em que o *o* corresponde ao antigo ditongo [ow], caso em que se conserva como [o] em toda a conjugação: *ouço, ouves, ouve,* etc.;

b) os verbos *polir* e *sortir,* que apresentam [u] nas formas rizotónicas, formas, aliás, de pouco uso: *pulo, pules, pule, pulem; surto, surtes, surte, surtem.*

Modelos: *frigir* e *acudir*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
frijo	frija		
freges	frijas	frege	não frijas
frege	frija	frija	não frija
frigimos	frijamos	frijamos	não frijamos
frigis	frijais	frigi	não frijais
fregem	frijam	frijam	não frijam
acudo	acuda		
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos com *e* e *o* gráficos no INFINITIVO, conjugando-se nos quatro tempos mencionados pelos modelos de *servir* e *dormir.*

Observações:

1.ª Seguem o modelo de *acudir* os seguintes verbos:

bulir	cuspir	fugir	subir
consumir	escapulir	sacudir	sumir

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir,* que num registo mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares *entupo, entupes, entupe, entupem; desentupo, desentupes, desentupe, desentupem.*

2.ª Os verbos *construir, destruir* e *reconstruir,* dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: *construo, construis* ou *constróis, construi* ou *constrói, construem* ou *constroem,* etc. Os outros derivados do latim *struĕre,* como *instruir* e *obstruir,* só conhecem a conjugação regular: *instruo, instruis, instrui, instruem; obstruo, obstruis, obstrui, obstruem.*

3.ª Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] do radical em toda a conjugação, entre outros menos usuais, os verbos:

aludir	curtir	influir	resumir
assumir	iludir	presumir	urdir

e seus derivados.

Pelo modelo de *influir* conjugam-se os demais verbos terminados em *-uir: anuir, arguir, atribuir, constituir, destituir, diluir, diminuir, estatuir, imbuir, instituir, restituir, redarguir* e *ruir.*

4.ª Os verbos *aspergir* e *submergir* têm *e* semifechado [e] na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todo o PRESENTE DO CONJUNTIVO. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de *servir,* apresentam *e* semi-aberto [ɛ].

OUTROS TIPOS DE IRREGULARIDADE

1.ª Conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar,* cuja conjugação estudámos, há apenas os seguintes:

1. Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
dêem	dessem	derem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
	não dês
dá	
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
dêem	não dêem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

O derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

2. Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

1. Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* depois do *e* nas formas rizotónicas. Sirva de exemplo o verbo *passear,* que assim se conjuga no PRESENTE DO INDICATIVO, NO PRESENTE DO CONJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
passeio	passeie		
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2. Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares.

Sirva de modelo o verbo *anunciar:*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
anuncio	anuncie		
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação:

O verbo *mobiliar* (port. do Brasil) apresenta, nas formas rizotónicas, o acento na sílaba *bí:* PRESENTE DO INDICATIVO: *mobílio, mobílias, mobília, mobíliam;* PRESENTE DO CONJUNTIVO: *mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem;* etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve *mobilhar,* variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar,* conjugada regularmente.

3. Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [i] em [ej] nas formas rizotónicas. São eles: *ansiar, incendiar, mediar, odiar* e *remediar.*

Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar:*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
incendeio	incendeie		
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

4. Finalmente, há um grupo de verbos em *-iar* que, no português de Portugal e na língua popular do Brasil, não seguem uma norma fixa, antes vacilam entre os modelos de *anunciar* e *incendiar*. São, entre outros, os verbos *agenciar, comerciar, negociar, obsequiar, premiar* e *sentenciar*.

Observações:

1.ª *Criar*, em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em *-iar*: *crio, crias, cria, criamos*, etc.

2.ª Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em *-ear* e *-iar*, de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros: *afear* (relacionado com *feio*) e *afiar* (relacionado com *fio*), *enfrear* (relacionado com *freio*) e *enfriar* (com *frio*), *estear* (relacionado com *esteio*) e *estiar* (com *estio*), *estrear* (relacionado com *estreia*) e *estriar* (com *estria*), *mear* (relacionado com *meio*) e *miar* (com *mio, miado*), *pear* (relacionado com *peia*) e *piar* (com *pio*), *vadear* (relacionado com *vau*) e *vadiar* (com *vadio*).

2.ª Conjugação

Além dos verbos *haver, ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

1. Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação:

No sentido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

2. Crer e ler

São irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no PRESENTE DO CONJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
creio	creia		
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
crêem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia		
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
lêem	leiam	leiam	não leiam

Observação:

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como *descrer, reler*, etc.

3. Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares neste verbo. Estas as formas simples:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
digo dizes diz dizemos dizeis dizem	dizia dizias dizia dizíamos dizíeis diziam	disse disseste disse dissemos dissestes disseram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
dissera disseras dissera disséramos disséreis disseram	direi dirás dirá diremos direis dirão	diria dirias diria diríamos diríeis diriam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga digas diga digamos digais digam	dissesse dissesses dissesse disséssemos dissésseis dissessem	disser disseres disser dissermos disserdes disserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
dize diga digamos dizei digam	não digas não diga não digamos não digais não digam

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
dizer	dizer dizeres, etc.	dizendo	dito

Observação:

Segundo o modelo de *dizer* conjugam-se os verbos dele formados: *bendizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*, etc.

4. Fazer

Também neste verbo só o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares. As outras formas conjugam-se:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
faço fazes faz fazemos fazeis fazem	fazia fazias fazia fazíamos fazíeis faziam	fiz fizeste fez fizemos fizestes fizeram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
fizera fizeras fizera fizéramos fizéreis fizeram	farei farás fará faremos fareis farão	faria farias faria faríamos faríeis fariam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
faça faças faça façamos façais façam	fizesse fizesses fizesse fizéssemos fizésseis fizessem	fizer fizeres fizer fizermos fizerdes fizerem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
fazer	fazer	fazendo	feito
	fazeres		
	fazer		
	fazermos		
	fazerdes		
	fazerem		

Observação:

Por *fazer* se conjugam os seus compostos e derivados, como *afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, refazer* e *satisfazer*.

5. Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta transmite-se às formas derivadas do PRESENTE DO CONJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
perco	perca		
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

6. Poder

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e, em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa	pudesse	puder
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

Observação:

É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

7. Pôr

Pôr, forma contracta do antigo *poer* (ou *pöer*, derivado do latim *ponere*), é o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular, razão por que alguns gramáticos o incluem numa quarta conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
ponho pões põe pomos pondes põem	punha punhas punha púnhamos púnheis punham	pus puseste pôs pusemos pusestes puseram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
pusera puseras pusera puséramos puséreis puseram	porei porás porá poremos poreis porão	poria porias poria poríamos poríeis poriam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
ponha ponhas ponha ponhamos ponhais ponham	pusesse pusesses pusesse puséssemos pusésseis pusessem	puser puseres puser pusermos puserdes puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
põe ponha ponhamos ponde ponham	não ponhas não ponha não ponhamos não ponhais não ponham

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observação:

Pelo paradigma de *pôr* se conjugam todos os seus derivados: *antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, supor, transpor*, etc.

8. Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
praz	prouve	prouvera

MODO CONJUNTIVO

Pretérito imperfeito	Futuro
prouvesse	prouver

Observações:

1.ª As outras formas, inclusive o PRESENTE DO CONJUNTIVO (= *praza*), são regulares. Por *prazer* se conjugam *aprazer* e *desprazer*.

2.ª O derivado *comprazer*, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, *comprazi, comprazeste, comprazeu*, etc.; *comprazera, comprazeras, comprazera*, etc.; *comprazesse, comprazesses, comprazesse*, etc.; *comprazer, comprazeres, comprazer*, etc.

9. Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
quero queres quer queremos quereis querem	quis quiseste quis quisemos quisestes quiseram	quisera quiseras quisera quiséramos quiséreis quiseram

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
queira queiras queira queiramos queirais queiram	quisesse quisesses quisesse quiséssemos quisésseis quisessem	quiser quiseres quiser quisermos quiserdes quiserem

Observações:

1.ª A par de *quer*, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*. O derivado *requerer* faz *requeiro* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requeri, requereste, requereu*, etc.; *requerera, requereras, requerera*, etc.; *requeresse, requeresses, requeresse*, etc.; *requerer, requereres, requerer*, etc. Além disso, emprega-se no IMPERATIVO. *Bem-querer* e *malquerer* fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respectivamente.

2.ª É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

10. Saber

Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
sei sabes sabe sabemos sabeis sabem	soube soubeste soube soubemos soubestes souberam	soubera souberas soubera soubéramos soubéreis souberam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
saiba saibas saiba saibamos saibais saibam	soubesse soubesses soubesse soubéssemos soubésseis soubessem	souber souberes souber soubermos souberdes souberem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

11. Trazer

É regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS. Esta a sua conjugação:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxéramos	traremos	traríamos
trouxéreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

12. Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, irregularidade que se transmite ao PRESENTE DO CONJUNTIVO e às formas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
valho	valha		
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação:

Por *valer* se conjugam *desvaler* e *equivaler*.

13. Ver

É irregular no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, nas formas deles derivadas, assim como no PARTICÍPIO, que é *visto*. Assim:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
vêem	viram	viram

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

Observações:

1.ª Assim se conjugam *antever, entrever, prever* e *rever.*

2.ª *Prover,* embora formado de *ver,* é regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: *provi, proveste, proveu,* etc.; *provera, proveras, provera,* etc.; *provesse, provesses, provesse,* etc.; *prover, proveres, prover,* etc. O PARTICÍPIO é *provido,* também regular.
Por *prover* conjuga-se o seu derivado *desprover.*

1. Ir

É verbo anómalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO e nos FUTUROS DO PRESENTE e do PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: *ia, irei, iria;* nas FORMAS NOMINAIS — INFINITIVO: *ir;* GERÚNDIO: *indo;* PARTICÍPIO: *ido.*

As suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser: fui, fora, fosse e for.*

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
vou	vá		
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

2. Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotónicas e arrizotónicas, estes verbos apresentam modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, no PRESENTE DO CONJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
meço	meça		
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça		
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam

Observações:

1.ª Por *medir* conjuga-se *desmedir.*

2.ª Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir*, etc.

3. Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO CONJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
ouço	ouça		
ouves	ouças	ouve	não ouças
ouve	ouça	ouça	não ouça
ouvimos	ouçamos	ouçamos	não ouçamos
ouvis	ouçais	ouvi	não ouçais
ouvem	ouçam	ouçam	não ouçam

Observação:

Em Portugal, ao lado de *ouço*, há *oiço* para a 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO CONJUNTIVO e às pessoas do IMPERATIVO dele derivadas: *ouça* ou *oiça*, *ouças* ou *oiças*, etc.

4. Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
rio	ria		
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

Observação:

Pelo modelo de *rir* conjuga-se *sorrir*.

5. Vir

É verbo anómalo, assim conjugado nos tempos simples:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

MODO CONJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha	viesse	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesse	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viessem	vierem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
vem	
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
vir	vir	vindo	vindo
	vires		
	vir		
	virmos		
	virdes		
	virem		

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como *advir, avir, convir, desavir, intervir, provir* e *sobrevir.*

6. Verbos terminados em *-uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir, conduzir, deduzir, induzir, introduzir, luzir, produzir, reduzir, reluzir, traduzir,* etc., não apresentam a vogal *-e* na 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele) *aduz, conduz, deduz, induz, introduz, luz,* etc.

VERBOS DE PARTICÍPIO IRREGULAR

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em *-ido.*

São os seguintes:

Infinitivo	Particípio	Infinitivo	Particípio
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações:

1.ª Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim, *desdito,* de *desdizer; reescrito,* de *reescrever; contrafeito,* de *contrafazer; previsto,* de *prever; imposto,* de *impor; entreaberto,* de *entreabrir; descoberto,* de *descobrir; convindo,* de *convir,* etc.

2.ª Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação — *ganhar, gastar* e *pagar* — de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem actual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar *ser* como naquelas em que entra o auxiliar *ter,* as formas irregulares *ganho, gasto* e *pago,* sendo que a última substituiu completamente o antigo *pagado.*

VERBOS ABUNDANTES

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido.*

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ACTIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver;* a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, ou seja acompanhada do auxiliar *ser.*

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

Primeira conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

Segunda conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

Terceira conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações:

1.ª Somente as formas irregulares se usam como adjectivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar, ficar, andar, ir* e *vir*.

2.ª A forma *aceite* é mais usada em Portugal.

3.ª *Morto* é particípio de *morrer* e estendeu-se também a *matar*.

4.ª O particípio *rompido* usa-se também com o auxiliar *ser*. Ex.: **Foram rompidas** *as nossas relações*. *Roto* emprega-se mais como adjectivo.

5.ª *Imprimir* possui duplo particípio quando significa «estampar», «gravar». Na acepção de «produzir movimento», «infundir», usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *Este livro* **foi impresso** *em Portugal*. Mas, por outro lado: **Foi imprimida** *enorme velocidade ao carro*.

6.ª Pelo modelo de *entregue*, formou-se *empregue*, de uso corrente em Portugal e na linguagem popular do Brasil.

7.ª Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: *cinto*, do verbo *cingir; colheito* do verbo *colher; despeso*, do verbo *despender*. Alguns, como *absoluto* (de *absolver*) e *resoluto* (de *resolver*), continuam na língua, mas com valor de adjectivos.

VERBOS IMPESSOAIS, UNIPESSOAIS E DEFECTIVOS

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenómenos da natureza, como *chover, trovejar, ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir, ladrar, zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos, UNIPESSOAIS.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de DEFECTIVOS.

Verbos impessoais.

Não tendo sujeito, os VERBOS IMPESSOAIS são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenómenos da natureza, como:

alvorecer chover nevar saraivar

b) o verbo *haver* na acepção de «existir» e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

> **Houve** momentos de pânico.
> **Faz** cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

> **Basta** de provocações!
> **Chega** de lamúrias.

Verbos unipessoais.

São, como dissemos, UNIPESSOAIS os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural. Assim:

a) os verbos que exprimem uma acção ou um estado peculiar a determinado animal, como *ladrar, rosnar, galopar, trotar, pipilar, zurrar:*

> **Zumbem** à porta insectos variegados.
> Os periquitos verdes **grazinavam.**

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que:*

> **Urgem** as providências prometidas.
> **Convém** sair mais cedo.

c) os verbos *acontecer, concernir, grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> **Aconteceu** o que eu esperava.
> Os vestidos **assentaram**-lhe bem.

Observação:

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenómenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas.

> Tanto **ladras, rosnei** com os meus botões, que trincas a língua.
> (Aquilino Ribeiro, *ES*, 189.)

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos.

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO CONJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir:*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
———	———		
banes	———	bane	———
bane	———	———	———
banimos	———	———	———
banis	———	bani	———
banem	———	———	———

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	carpir	exaurir	imergir
aturdir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir
brunir	emergir	haurir	ungir

2.º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotónicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO CONJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; e, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir:*

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
———	———		
———	———	———	———
———	———	———	———
falimos	———	———	———
falis	———	fali	———
———	———	———	———

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir	delinquir	empedernir	punir
combalir	descomedir-se	foragir-se	remir
comedir-se	embair	fornir	renhir

bem como o verbo *adequar*, da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade.

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no INFINITIVO PESSOAL e no PARTICÍPIO. *Transir* só aparece no PARTICÍPIO *transido*: Estava **transido** de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas do INDICATIVO: *sói, soem* (PRESENTE) e *soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam* (IMPERFEITO).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotónicas do PRESENTE DO INDICATIVO: *precavemo-nos, precaveis-vos;* a 2.ª pessoa do plural do IMPERATIVO AFIRMATIVO: *precavei-vos;* e nenhuma do PRESENTE DO CONJUNTIVO e do IMPERATIVO NEGATIVO. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver*, nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi-me, precaveste-te, precaveu-se*, etc., no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO; *precavesse-me, precavesses-te, precavesse-se*, etc., no IMPERFEITO DO CONJUNTIVO, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do IMPERATIVO AFIRMATIVO.

5. Há certos verbos que são desusados no PARTICÍPIO e, consequentemente, nos tempos compostos. É o caso de *concernir, esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos.

As carências de um VERBO DEFECTIVO podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinónimas. Diremos, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *remir* e *falir; acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se;* e assim por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma acção ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

EMPREGO DOS TEMPOS DO INDICATIVO

Presente.

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.º) para enunciar um facto actual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

> **Cai** chuva. **É** noite. Uma pequena brisa
> **Substitui** o calor.
>
> (Fernando Pessoa, *OP*, 474.)

2.º) para indicar acções e estados permanentes ou assim considerados como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE DURATIVO):

> A Terra **gira** em torno do próprio eixo.
>
> A lei não **distingue** entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis.
>
> (*Código Civil Brasileiro*, Art. 3.º)

3.º) para expressar uma acção habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL OU FREQUENTATIVO):

> **Sou** tímido: quando me vejo diante de senhoras, **emburro, digo** besteiras.
>
> (Graciliano Ramos, *A*, 31.)

4.º) para dar vivacidade a factos ocorridos no passado (PRESENTE HISTÓRICO ou NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, inserta num romance de Marques Rebelo:

> A Avenida **é** o mar dos foliões. Serpentinas **cortam** o ar carregado de éter, **rolam** das sacadas, **pendem** das árvores e dos fios, **unem** com os seus matizes os automóveis do corso. «Sai da frente! Sai da frente!» — o grupo dos cartolas **empurra** para passar, com a corneta que **arrebenta** os ouvidos. O chão **é** um espesso tapete de confetes. **Há** uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...
> E o corso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.
> (*M*, 48 e 51.)

5.º) para marcar um facto futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> Outro dia eu **volto,** talvez depois de amanhã, ou na primavera.
> (Agustina Bessa Luís, *QR*, 277.)

Pretérito imperfeito.

A própria denominação deste tempo — PRETÉRITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental; o de designar um facto passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> Debaixo de um itapicuru, eu **fumava, pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

2.º) para indicar, entre acções simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

> **Falava** alto, e algumas mulheres acordaram.
> (Miguel Torga, *V*, 183.)

3.º) para denotar uma acção passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

> Se o cacique **marchava,** a tribo inteira o **acompanhava.**
> (Jaime Cortesão, *IHB*, II, 178.)

4.º) para designar factos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

> Sentou-se no muro que **dava** para o rio, o jornal nas mãos.
> (Augusto Abelaira, *CF*, 173.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um facto que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

> — O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.
> (Monteiro Lobato, *U*, 236.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA):

> Diz-lhe:
> — Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.
> (Ciro dos Anjos, *M*, 192.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial):

> **Era** uma vez uma rapariga chamada Judite.
> (Almada Negreiros, *NG*, 13.)

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a acção vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só facto preciso. Assim:

> **No dia seguinte** Geraldo Viramundo **era expulso** do seminário.
> (Fernando Sabino, *GM*, 42.)

Pretérito perfeito.

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em por-

tuguês clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A FORMA SIMPLES indica uma acção que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para «descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente»:

> **Ergui-me,** tonto, e **vi** em rebolo no chão os dois faroleiros.
> (Monteiro Lobato, *U*, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um acto ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

> — Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso ziguezague.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.)

> **Tenho escrito** bastantes poemas.
> (Fernando Pessoa, *OP*, 175.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma acção completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de um facto repetido ou contínuo, aproxima-se do presente.

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito.

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do PRETÉRITO IMPERFEITO e do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime o facto passado habitual; o PRETÉRITO PERFEITO, o não habitual:

> Quando o **via, cumprimentava-o.**
> Quando o **vi, cumprimentei-o.**

b) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime a acção durativa, e não a limita no tempo; o PRETÉRITO PERFEITO, ao contrário, indica a acção momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> O mancebo **desprezava** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtavam** de longe, **levava** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

> O mancebo **desprezou** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtaram** de longe, **levou** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Pretérito mais-que-perfeito.

1. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO indica uma acção que ocorreu antes de outra acção já passada:

> O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.
> (Fernando Namora, *TJ*, 193.)

> Quando voltei
> as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.
> (Agostinho Neto, *SE*, 121.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:

a) um facto vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

> **Casara, tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro.
> (Miguel Torga, *NCM*, 55.)

> No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido.**
> (Graciliano Ramos, *VS*, 177.)

b) um facto passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

> — Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir--lhe que apoiasse Hermeto.
> (Ciro dos Anjos, *M*, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, uma vez por outra, o MAIS--QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:

a) do FUTURO DO PRETÉRITO (SIMPLES ou COMPOSTO):

> Um pouco mais de sol — e **fora** [= teria sido] brasa,
> (Mário de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

> Oh! se lutei!... mas **devera** [= deveria]
> Expor-te em pública praça,
> Como um alvo à populaça,
> Um alvo aos dictérios seus!
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

b) do PRETÉRITO IMPERFEITO DO CONJUNTIVO:

Sê propícia para mim, socorre
Quem te adorara, se adorar **pudera!**
(Alphonsus de Guimaraens, *OC*, 139.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me **dera!** [= Quem me desse!]
Prouvera a Deus! [= Prouvesse a Deus!]
Pudera!
Tomara (que)!

Futuro do presente.

1. **O futuro do presente simples** emprega-se:

1.º) para indicar factos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

Não **escreverei** o poema.
(Agostinho Neto, *SE*, 98.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre factos actuais:

— Quem está aqui? **Será** um ladrão?
(Graciliano Ramos, *Ins*, 9.)

— **Será** que desta vez ele fica mesmo?
(Miguel Torga, *CM*, 47.)

3.º) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi:** sei lá. Aconteceram: eis tudo.
(Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 141.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o carácter imperativo:

Morrerás da tua beleza!
(Teixeira de Pascoais, *OC*, VII, 88.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a factos de realização provável:

Se assim fizeres, **dominarás** como rainha.
(Óscar Ribas, *U*, 21.)

Substitutos do futuro do presente simples.

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um acto futuro:

— **Hei-de castigá**-los; **havemos de castigá**-los.
(Machado de Assis, *OC*, I, 653.)

b) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma acção futura de carácter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito:

Temos de resolver isso em primeiro lugar.
(Pepetela, *M*, 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma acção futura imediata:

O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí-lo.**
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 613.)

2. **O futuro do presente composto** emprega-se:

1.º) para indicar que uma acção futura estará consumada antes de outra:

Os homens serão prisioneiros das estruturas que **terão criado.**
(Pepetela, *M*, 122.)

2.º) para exprimir a certeza de uma acção futura:

Só o Direito perdurará e não **terá sido** vão o esforço da minha vida inteira.
(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 721.)

3.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre factos passados:

Terá passado o furacão?
(Ciro dos Anjos, *DR*, 191.)

Futuro do pretérito.

1. O **futuro do pretérito simples** emprega-se:

1.º) para designar acções posteriores à época de que se fala:

Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não **lamentaria** tamanho sacrifício?
(Augusto Abelaira, *NC*, 155.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre factos passados:

Quem **seria** aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?
(Mário Palmério, *VC*, 34.)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Desejaríamos ouvi-lo sobre o crime.
(Carlos Drummond de Andrade, *BV*, 103.)

4.º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o **diria?**
(Florbela Espanca, *S*, 168.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a factos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.
(Graciliano Ramos, *SB*, 102.)

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projecto de *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não se ter adoptado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata, na verdade, de um tempo (e não de um modo) que só se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a factos passados, ao passo que o último se relaciona com factos presentes. E acrescente-se que ambos aparecem nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não **sairei.**
Se ele viesse, não **sairia.**

2. O **futuro do pretérito composto** emprega-se:

1.º) para indicar que um facto teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Se eu estivesse cá, nada disso **se teria passado.**
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

2.º) para exprimir a possibilidade de um facto passado:

— Sem ti, quem sabe? **teria sido** uma grande cantora.
(Augusto Abelaira, *B*, 163.)

3.º) para indicar a incerteza sobre factos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

Aquele malandro os **teria engolido?**
(Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 144.)

MODO CONJUNTIVO

Indicativo e conjuntivo.

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o facto expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.

Ao empregarmos o MODO CONJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do facto como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou, mesmo, *irreal*.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Tempo	Modo indicativo	Modo conjuntivo
Presente	Afirmo que ela **estuda**	Duvido que ela **estude**
Imperfeito	Afirmei que ela **estudava**	Duvidei que ela **estudasse**
Perfeito	Afirmo que ela **estudou** (ou **tem estudado**)	Duvido que ela **tenha estudado**
Mais-que-perfeito	Afirmava que ela **tinha estudado** (ou **estudara**)	Duvidava que ela **tivesse estudado**

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (no sentido afirmativo), *dizer, pensar, ver, verificar.*

2.º) O CONJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar* e *suplicar.*

EMPREGO DO CONJUNTIVO

Como o próprio nome indica, o CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* «que serve para ligar») denota que uma acção, ainda não realizada, é concebida como ligada a outra, expressa ou subentendida, de que depende (de onde a designação alternativa SUBJUNTIVO, preferida pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*). Emprega-se normalmente na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a acção verbal de um matiz afectivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala.

Conjuntivo independente.

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o CONJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

> **Chovam** hinos de glória na tua alma!
> (Antero de Quental, *SC*, 35.)

b) uma hipótese, uma concessão:

> **Seja a minha agonia** uma centelha
> De glória!...
> (Olavo Bilac, *T*, 197.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

> Um cachorro talvez **rosnasse ou mordesse.**
> (Adonias Filho, *LBB*, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

> Que não se **apague** este lume!
> (Augusto Meyer, *P*, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

> Raios **partam** a vida e quem lá ande!
> (Fernando Pessoa, *OP*, 316.)

Conjuntivo subordinado.

O CONJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJECTIVAS e nas ADVERBIAIS.

Nas orações substantivas.

Usa-se geralmente o CONJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao facto de que se fala:

> Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
> (Maria Judite de Carvalho, *AV*, 119.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio facto em causa:

> — Pior será que nos **enxotem** daqui...
> (Afrânio Peixoto, *RC*, 273.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do facto enunciado:

> Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice.
> (Augusto Abelaira, *NC*, 14.)

Nas orações adjectivas.

O CONJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJECTIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

— Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão.

(António Callado, *MC*, 99.)

b) um facto improvável:

Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma cousa que me **obrigasse** a ouvi-lo.

(Machado de Assis, *OC*, I, 1.098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido?**

(Maria Judite de Carvalho, *AV*, 138.)

Nas orações adverbiais.

1. Nas ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS O CONJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintáctico de emprego regulado por certas conjunções.

Em princípio, podemos dizer que o CONJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS que negam a ideia da causa (*não porque, não que*):

Não que não **quisesse** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.

(Lygia Fagundes Telles, *DA*, 107.)

b) CONCESSIVAS (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que*, etc.):

O povo não gosta de assassinos, embora **inveje** os valentes.

(Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 7.)

c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*):

Para que tudo **retomasse** a quietude inicial, e os coelhos se **resolvessem** a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.

(Miguel Torga, *NCM*, 64.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que, até que* e semelhantes):

E vai custar muito até que a pobre **assente** juízo.

(José Lins do Rego, *MR*, 227.)

Usa-se também o CONJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados.**

(Camilo Castelo Branco, *OS*, I, 761.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Ó Morte, dava-te a vida,
Se tu lha **fosses** levar!...

(Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem «simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade» (Epifânio Dias):

— Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela **pudesse chegar** até junto dele.

(Fernando Namora, *TJ*, 70.)

Tempos do conjuntivo.

Dissemos anteriormente que as formas do CONJUNTIVO enunciam a acção do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de acções concebidas em sua realidade.

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do CONJUNTIVO.

1. O PRESENTE DO CONJUNTIVO pode indicar um facto:

a) presente:

Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.
(Otto Lara Resende, *BD*, 128.)

b) futuro:

Meus olhos **apodreçam** se abençoar você.
(Adonias Filho, *LP*, 140.)

2. O IMPERFEITO DO CONJUNTIVO pode ter o valor:

a) de passado:

Não havia intenção que ele não lhe **confessasse,** conselho que lhe não **pedisse.**
(Agustina Bessa Luís, *S*, 58.)

b) de futuro:

Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem...
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

c) de presente:

Tivesses coração, terias tudo.
(Guimarães Passos, *VS*, 166.)

3. O PRETÉRITO PERFEITO DO CONJUNTIVO pode exprimir um facto:

a) passado (supostamente concluído):

Espero que não a **tenha ofendido.**
(Maria Judite de Carvalho, *AV*, 109.)

b) futuro (terminado em relação a outro facto futuro):

Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO CONJUNTIVO pode indicar:

a) uma acção anterior a outra acção passada (dentro do sentido eventual do modo conjuntivo):

Esperei-a um pouco, até que **tivesse terminado** sua *toilette* e pudéssemos sair juntos.
(Ciro dos Anjos, *DR*, 167.)

b) uma acção irreal no passado:

Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.
(Rui Barbosa, *EDS*, 794.)

5. O FUTURO DO CONJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

Se **quiser,** irei vê-lo.
Se **quiser** vê-lo, vá a sua casa.

Farei conforme **mandares.**
Faça como **souber.**

Quando **puder,** passarei por aqui.
Quando **puder,** venha ver-me.

b) ADJECTIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem.**
Diga uma palavra amiga aos que o **ajudarem.**

6. O FUTURO DO CONJUNTIVO COMPOSTO indica um facto futuro como terminado em relação a outro facto futuro (dentro do sentido geral do MODO CONJUNTIVO):

Quando **tiverdes acabado,** sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.
(Rubem Braga, *CCE*, 250.)

MODO IMPERATIVO

EMPREGO DO MODO IMPERATIVO

1. Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* «comandar», não é para ordem ou comando que, na maioria dos

casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a acção indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

Cala-te, **não** lhe **digas** nada.
(Carlos de Oliveira, *AC*, 98.)

b) uma exortação, um conselho:

Sê todo em cada coisa. **Põe** quanto és
No mínimo que fazes.
(Fernando Pessoa, *OP*, 239.)

c) um convite, uma solicitação:

Vinde ver! **Vinde** ouvir, homens de terra estranha!
(Olegário Mariano, *TVP*, I, 273.)

d) uma súplica:

Não me **deixes** só, meu filho!...
(Luandino Vieira, *NM*, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressas por SE + FUTURO DO CONJUNTIVO:

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
[Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, numa frase como a seguinte:

Saiam da chuva, meninos!
(Luís Jardim, *MP*, 47.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo presente, mas na realidade este «presente do imperativo» tem valor de um futuro, pois a acção que exprime está por realizar-se.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

Características gerais.

São FORMAS NOMINAIS do verbo o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) o INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da acção, aproximando-se, assim, do substantivo:

Sofrer por **sofrer,**
Somente eu sofria.
(Cecília Meireles, *OP*, 581.)

b) o GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjectivo:

Metendo o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além.
(Miguel Torga, *P*, 87.)

Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando,** de muito longe.
(José Lins do Rego, *FM*, 146.)

c) o PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjectivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

Uma das cenas fora **filmada** numa loja do bairro, ampla, bem **iluminada,** com prateleiras **carregadas** dos mais diversos produtos.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 47.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) o INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples,

uma forma composta, que exprime a acção concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de ASPECTO:

	Aspecto não concluído	Aspecto concluído
Infinitivo	ler	ter lido
Gerúndio	lendo	tendo lido

b) o INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) o GERÚNDIO é invariável;

d) o PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

EMPREGO DO INFINITIVO

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal.

A par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa o INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se. Assim, em:

> Se **criar** é **criar-se**,
> **cantar** é **ser**.
>
> (Emílio Moura, *IP*, 187.)

Já na frase:

> O difícil é **estarmos** atentos.
>
> (Vergílio Ferreira, *NN*, 128.)

estamos diante de uma forma do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a 2.ª pessoa do singular.

Emprego da forma não flexionada.

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA:

1.º) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> **Viver** é **exprimir-se.**
>
> (Gilberto Amado, *TL*, 9.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> — **Formar!** — ordenou o sipaio Jacinto.
>
> (Castro Soromenho, *V*, 197.)

3.º) quando, em frase nominal de acentuado carácter afectivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO):

> Mais dois dias. E Catarina **a piorar.**
>
> (Óscar Ribas, *U*, 243.)

4.º) quando, precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjectivos como *fácil, possível, bom, raro* e outros semelhantes:

> Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, **impossíveis de ler, gratas de ler,** pois derramavas nelas uma intacta ternura...
>
> (Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 137.)

5.º) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar, andar, ficar, viver* e semelhantes:

> **Andam a montar** casa.
>
> (Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 704.)

2. É também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1.º) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

> Importavam menos as palavras, essas talvez **pudessem esquecer**-se, porque outras se lhes **viriam sobrepor** e **cobri**-las, e **assimilá**-las.
>
> (Alves Redol, *BC*, 57.)

2.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar, mandar, fazer* e sinónimos) ou sensitivos (*ver, ouvir, sentir* e sinónimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

> **Deixas correr** os dias como as águas do Paraíba?
>
> (Machado de Assis, *OC*, II, 119.)

Esta **viu**-os **ir** pouco a pouco.
(Machado de Assis, *OC*, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

Domingos **mandou** os homens **levantarem-se.**
(Castro Soromenho, *C*, 56.)

Finalmente, **viu** os três pastores **pegarem** nos alforges e **dirigirem**-se ao regato, para **lavar** as mãos.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

Ele **viu**-as **entrarem, prostrarem**-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...
(Coelho Netto, *OS*, I, 1328.)

Emprego da forma flexionada.

O INFINITIVO assume a forma FLEXIONADA:

1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca «ilusão» alguma.
(Vergílio Ferreira, *NN*, 312.)

2.º) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

— Acho melhor não **fazeres** questão.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.
(Gilberto Amado, *HMI*, 143.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / **a quebrarem,** / **a espicaçarem,** / **a torturarem a pedra,** / pareciam um punhado de demónios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(Aluísio Azevedo, *C*, 66.)

Conclusão.

Como vemos, «a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da acção ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da acção» (Said Ali). No primeiro caso, preferiremos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um emprego selectivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

EMPREGO DO GERÚNDIO

Forma simples e composta.

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES *(lendo)*, outra COMPOSTA *(tendo* ou *havendo lido)*.

A forma COMPOSTA é de carácter perfeito e indica uma acção concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

Não **tendo conseguido** dormir, fui escaldar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.
(Otto Lara Resende, *BD*, 112.)

A forma SIMPLES expressa uma acção em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre da sua colocação na frase.

Gerúndio anteposto à oração principal.

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

a) uma acção realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

Ganhando a praça, o engenheiro suspirou livre.
(Aníbal M. Machado, *HR*, 41.)

b) uma acção que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

> **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.
> (Otto Lara Resende, *BD*, 51.)

Gerúndio ao lado do verbo principal.

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma acção simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão.
> (Castro Soromenho, *TM*, 203.)

Gerúndio posposto à oração principal.

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma acção posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

> As trajectórias recomeçaram, **processando**-se a um ritmo regular.
> (Fernanda Botelho, *X*, 158.)

Gerúndio antecedido da preposição *em*.

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da acção com referência à do verbo principal:

> **Em** se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.
> (Monteiro Lobato, *U*, 127.)

O gerúndio na locução verbal.

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos durativos da acção verbal, examinados por nós ao estudarmos o emprego desses auxiliares.

EMPREGO DO PARTICÍPIO

Elemento de tempos compostos.

O PARTICÍPIO desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo

com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz activa:

> **tendo escrito** **havia escrito**

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de acção:

> A carta **foi escrita** por mim.

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

> **Estamos impressionados** com a situação.

Particípio sem auxiliar.

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamentalmente o estado resultante de uma acção acabada:

> **Achada** a solução do problema, não mais torturou a cabeça.
> (Afonso Arinos, *OC*, 456.)

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

> **Lidas** uma e outra, procedeu-se às assinaturas.
> (Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem quase sempre valor activo:

> **Chegado** aos pés, olhava-me para cima.
> (Vergílio Ferreira, *NN*, 66.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma acção acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a acção em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) acção passada:

Aberta uma excepção, estávamos perdidos.

b) acção presente:

Aberta uma excepção, estamos perdidos.

c) acção futura:

Aberta uma excepção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.

Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

Embaraçado, não **consegui** chegar à porta.
(Otto Lara Resende, *BD*, 121.)

Encerrados na quinta, Baltasar e Blimunda assistem ao passar dos dias.
(José Saramago, *MC*, 191.)

5. Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjectivo:

Com a cabeça **levantada,** olhava o céu.
(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

O vento **enfurecido** açoitava a rancharia.
(Augusto Meyer, *SI*, 15.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada:

Eu acabei por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei,** já era tarde, não **vi** meu pai.
(Aquilino Ribeiro, *CRG*, 257.)

REGRAS GERAIS

1. **Com um só sujeito.**

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E **uma nova poesia**
Desceu do céu, **subiu** do mar, **cantou** na estrada...
(Manuel Bandeira, *PP*, 70.)

2. **Com mais de um sujeito.**

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

Só **eu e Florêncio ficámos calados,** à margem.
(Ciro dos Anjos, *DR*, 39.)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.
(Camilo Castelo Branco, *J*, I, 21.)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

Quando o **Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram.**
(Fernando Namora, *TJ*, 227.)

Observação:

Na linguagem corrente do Brasil evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento

vós e, também, da substituição do tratamento *tu* por *você*, na maior parte do país.
Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, uma vez por outra, tanto no Brasil como em Portugal, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular *(tu)* e os demais da 3.ª pessoa:

Em que língua **tu e ele falavam?**
(Rubem Fonseca, *C*, 35.)

— **O Pomar e tu** os **esperam.**
(Fernando Namora, *NM*, 242.)

CASOS PARTICULARES

1. Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva.

1. Quando o sujeito é constituído por uma expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

A maior parte deles já não **vai** à fábrica!
(Bernardo Santareno, *TPM*, 40.)

A maior parte destes quartos não tinham tecto, nem portas, nem pavimento.
(Camilo Castelo Branco, *OS*, I, 196.)

2. A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada.

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares o verbo vai normalmente para o plural:

Ainda assim, **restavam cerca de cem viragos...**
(João Ribeiro, *FE*, 53.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão *menos de dois* leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um*, seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

Mais de um sujeito correu na salvação do pescoço-pelado.
(José Cândido de Carvalho, *CLH*, 137.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

Mais de um velho, mais de uma criança não **puderam fugir** a tempo.
Mais de um orador **se criticaram** mutuamente na ocasião.

O sujeito é o pronome relativo *que*.

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

És **tu que vais** acompanhá-lo.
(Alves Redol, *BC*, 343.)

2. Se o antecedente do relativo *que* é um demonstrativo que serve de predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo pode:

a) concordar com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando o antecedente é o demonstrativo *o (a, os, as)*:

Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além--mundo.
(Rui Barbosa, *EDS*, 680.)

b) ir para a 3.ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, se não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

Fui **Essa que** nas ruas **esmolou**
E fui **a que habitou** Paços Reais...
(Florbela Espanca, *S*, 103.)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões **um dos, uma das** (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

És **um dos** raros homens **que têm** o mundo nas mãos.
(Augusto Abelaira, *NC*, 121.)

Foi um **dos** poucos do seu tempo **que reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira.

(João Ribeiro, *AC*, 326.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de *um dos que* (= *um daqueles que*) o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

Ela passou-se para outro mais decidido, **um dos que moravam** no quartinho dos grandes.

(José Lins do Rego, *D*, 107.)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes:

O homem fora **um dos que** não **resistira** a tal sortilégio.

(Fernando Namora, *CS*, 168.)

O bispo de Silves foi **um dos que** caiu no erro funesto.

(Aquilino Ribeiro, *PSP*, 250.)

O sujeito é o pronome relativo *quem*.

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

E não fui eu **quem** te **salvou?**

(David Mourão-Ferreira, *I*, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efectivo da acção expressa pelo verbo:

Não sou **eu quem descrevo.** Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.

(Fernando Pessoa, *OP*, 55.)

Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.

(Jorge Amado, *GCC*, 249.)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de *de* (ou *dentre*) *nós* (ou *vós*).

1. Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos *quais? quantos?*, dos demonstrativos *(estes, esses, aqueles)* ou dos indefinidos do plural *(alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários)*, seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do género humano?

(Alexandre Herculano, *E*, 170.)

Muitos de nós andam por aí, querendo puxar conversa com vocês.

(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 163.)

2. Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

Quando as nuvens começaram a existir,
qual de nós estava presente?

(Cecília Meireles, *OP*, 299.)

Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dândi, olhai! do que eu!

(António Nobre, *S*, 83.)

O sujeito é um plural aparente.

Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

Mas **Vassouras** é que não o **esquecerá** tão cedo.

(Raimundo Correia, *PCP*, 492.)

Comparado, por exemplo, com *Agosto Azul*, **Regressos acusa** nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre.

(Urbano Tavares Rodrigues, *MTG*, 50.)

Quando precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

Os Estados Unidos, então, por sua vez, **tentam** uma demonstração espectacular.

(Urbano Tavares Rodrigues, *JE*, 308.)

As Memórias Póstumas de Brás Cubas lhe **davam** uma outra dimensão.

(Thiers Martins Moreira, *VVT*, 38.)

O sujeito é indeterminado.

Nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

— **Pediram**-me que a procurasse.

(Fernanda Botelho, *X*, 203.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois **cantou-se** e **tocou-se** ainda.

(Machado de Assis, *OC*, II, 106.)

Concordância do verbo *ser*.

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo. Assim:

1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*:

— **Que são seis meses?**

(Machado de Assis, *OC*, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?

(António Sérgio, *E*, IV, 245.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

— **Isto** não **são conversas** para ti, pequena.

(Fernando Namora, *TJ*, 196.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo era os estudos, brincadeiras.

(Luandino Vieira, *VE*, 49.)

Neste exemplo, o escritor, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procura realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

Atente-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância neste passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e **o que não é lágrimas são algemas.**

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido colectivo como *o resto, o mais*:

O mais são casas esparsas.

(Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 73.)

4.º) Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.

(António Botto, *AO*, 141.)

Observação:

Empregados com referência às horas do dia, os verbos *dar, bater, soar* e sinónimos concordam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales.

(Camilo Castelo Branco, *QA*, 163.)

Quando há o sujeito *relógio* (ou *sino, sineta*, etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas.

(Augusto Meyer, *P*, 159.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.

(António Feliciano de Castilho, *AO*, 25.)

Todo **eu era** olhos e coração.

(Machado de Assis, *OC*, I, 742.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se

considera em sua totalidade, o verbo *ser* fica no singular:

> **Oito anos** sempre **é** alguma coisa.
> (Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 146.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efectivamente o seu sujeito:

> **Tu** é que **deves escolher** o sítio.
> (Alves Redol, *BC*, 343.)

2. Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo.

Vimos que o adjectivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

> Que te **seja** propício **o astro e a flor,**
> Que a teus pés **se incline a Terra e o Mar.**
> (Florbela Espanca, *S*, 163.)

b) quando os sujeitos são sinónimos ou quase sinónimos:

> **O amor e a admiração** nas crianças **compraz-se** dos extremos.
> (Aquilino Ribeiro, *CRG*, 86.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

> **A mesma coisa, o mesmo acto, a mesma palavra provocava** ora risadas, ora castigos.
> (Monteiro Lobato, *N*, 4.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

> **A grandeza e a significação** das coisas **resulta** do grau de transcendência que encerram.
> (Miguel Torga, *TU*, 63.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido.

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, **era tudo** de um cinzento de borralho.
> (Raquel de Queirós, *TR*, 15.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> **Tudo** o **fazia** lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa.

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> **A Ideia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência,**
> Só **se revela** aos homens e às nações
> No céu incorruptível da Consciência!
> (Antero de Quental, *SC*, 62.)

Sujeitos ligados por *ou* e por *nem*.

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o *plural*, se o facto expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> Por muito que **o tempo ou a paisagem se repetissem,** essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância.
> (Fernando Namora, *TJ*, 301.)

> **Nem a monotonia nem o tédio a fariam** capitular agora.
> (Ciro dos Anjos, *M*, 235.)

b) para o *singular*, se o facto expresso pelo verbo só pode ser atribuído

a um dos sujeitos, isto é, se há ideia de alternativa:

> Fui devagar, mas **o pé ou o espelho traiu-me.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 763.)

> **Nem tormenta nem tormento**
> nos **poderia parar.**
> (Cecília Meireles, *OP*, 141.)

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*.

Encontra-se frequentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> **Nem João nem Carlos serão eleitos** presidente do clube.

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar a alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a acção se refira a cada um dos sujeitos. Assim:

> **Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação** de que eu pudesse persegui-los, **perturbava** o aconchego.
> (Dinah Silveira de Queirós, *EHT*, 53.)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência.

> Ou **ela ou eu havemos de abandonar** para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
> (Bernardo Guimarães, *EI*, 56.)

> **Nem tu nem eu soubemos ser** nós uma única vez.
> (Augusto Abelaira, *B*, 122.)

4. As expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjectivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> **Um ou outro porco era** cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizaram o inverno.
> (Carlos de Oliveira, *CD*, 96.)

> **Nem um nem outro havia idealizado** previamente este encontro.
> (Tasso da Silveira, *SC*, 220.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

> **Nem um nem outro desejavam** questionar.
> (Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 1145.)

A locução *um e outro*.

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

> **Um e outro é** sagaz e pressentido.
> **Um e outro** aos ladrões **declaram** guerra.
> (António Feliciano de Castilho, *F*, III, 19.)

Sujeitos ligados por *com*.

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

> **O mestre com o boleeiro fizeram** a emenda.
> (José Lins do Rego, *FM*, 94.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

> **A viúva,** com o resto da família, **mudara-se** para Vila Isabel, desde o rompimento.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 71.)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa.

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparati-

vas *como, assim como, bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto:

Assim, o verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito,* se quisermos destacá-lo:

O nome, como o corpo, **é** nós também.
(Vergílio Ferreira, *A*, 20.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como:*

É inútil acrescentar que **tanto ele como eu esperamos** que você nos dê sempre notícias.
(Ribeiro Couto, *C*, 202.)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por uma série aditiva enfática *(não só... mas* [*senão* ou *como*] *também):*

Qualquer se persuadirá de que **não só a nação mas também o príncipe estariam** pobres.
(Alexandre Herculano, *HP*, III, 303.)

REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;

b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;

c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações: complementos pedidos por substantivos, por adjectivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações. Procuraremos, agora, precisar melhor as formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

Regência verbal.

1. Vimos que, quanto à predicação, os verbos significativos se dividem em INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança **dormiu.** Pedro **viajou.**

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJECTO DIRECTO ou INDIRECTO) para integrar-lhes o sentido:

O menino **comprou um livro.**
O velho **carecia de roupa.**
Pedro **deu um presente ao amigo.**

2. A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *directamente,* sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJECTO DIRECTO.

b) *indirectamente,* mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJECTO INDIRECTO.

Diversidade e igualdade de regência.

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] **o ar de montanha.**
Aspirar [= desejar, pretender] **a um alto cargo.**

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência. Assim:

> Meditar **num assunto.**
> Meditar **sobre um assunto.**

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

> Carecer [= não ter] **de dinheiro.**
> Carecer [= precisar] **de dinheiro.**

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes factos:

1.º O OBJECTO INDIRECTO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te se, lhe, nos, vos* e *lhes.*

2.º Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJECTO INDIRECTO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJECTO DIRECTO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objecto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

> Viver **uma vida alegre.**
> Chorar **lágrimas de amargura.**

4.º Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

> O pior cego é o que não **quer ver.**
> Ele é manhoso: não **afirma** nem **nega.**

5.º Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjectivos cognatos:

Obedecer **ao chefe.**	Contentar-se **com a sorte.**
Obediência **ao chefe.**	Contentamento **com a sorte.**
Obediente **ao chefe**	Contente **com a sorte.**

SINTAXE DO VERBO *HAVER*

O verbo *haver,* conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de:*

> Também a mim me **hão ferido.**
> (José Régio, *F,* 56.)

> Outros **haverão de ter**
> O que **houvermos de perder.**
> (Fernando Pessoa, *OP,* 17.)

b) quando é VERBO PRINCIPAL, com as significações de «conseguir», «obter», «alcançar», «adquirir»:

> Donde **houveste,** ó pélago revolto,
> Esse rugido teu?
> (Gonçalves Dias, *PCPE,* 191.)

c) quando é VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de «portar-se», «proceder», «comportar-se», «conduzir-se»:

> Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que **se houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.
> (Joaquim Paço d'Arcos, *CVL,* 702.)

d) quando é VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de «entender-se», «avir-se», «ajustar contas»:

> O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele.**
> (José Lins do Rego, *MR,* 34.)

e) quando é VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a «ser possível»:

> Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.
> (Machado de Assis, *OC,* III, 536.)

2. Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa «existir», ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão-somente na 3.ª pessoa do singular:

> **Há** trovoadas em toda a parte...
> (Miguel Torga, *V,* 158.)

— **Há** dois dias que não vem trabalhar!
(Luandino Vieira, *NM*, 129.)

3. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal.

— Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.
(Eça de Queirós, *O*, I, 164.)

Podia haver complicações, quem sabe?
(Ciro dos Anjos, *M*, 193.)

Observação:

O verbo *haver*, quando sinónimo de *existir*, constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo directo, sendo o seu objecto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.
Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!
Existem tantas folhas pelas calçadas!

14.

Advérbio

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

O almoço **decorria agora lentamente.**
(Arnaldo Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas.
Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:

a) de um adjectivo:

Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**
(Guimarães Rosa, *S*, 346.)

b) de um advérbio:

O homem caminhava **muito devagar.**
(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração:[1]

Possivelmente, não haverá ceia este ano.
(Vergílio Ferreira, *A*, 137.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

[1] É o que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO.

Classificação dos advérbios.

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efectivamente, realmente,* etc.;

b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez,* etc.;

c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão,* etc.;

d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto,* etc.;

e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente,* etc.;

f) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: *não;*

g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde,* etc.

A Nomenclatura Gramatical Portuguesa acrescenta a essa lista três outras espécies:

a) ADVÉRBIOS DE ORDEM: *primeiramente, ultimamente, depois,* etc.;

b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e

c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira num grupo à parte, inominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, o adjectivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação de PALAVRAS DENOTATIVAS.

Advérbios interrogativos.

Por se empregarem nas interrogações directas e indirectas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: *por que?*

Por que não vieste à festa?
Não sei **por que** não vieste à festa.

b) DE LUGAR: *onde?*

Onde está o livro?
Ignoro **onde** está o livro.

c) DE MODO: *como?*

Como vais de saúde?
Dize-me **como** vais de saúde.

d) DE TEMPO: *quando?*

Quando voltas aqui?
Quero saber **quando** voltas aqui.

Advérbio relativo.

Como dissemos na página 351, o relativo *onde,* por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da Nomenclatura Gramatical Brasileira, mas que foi acolhida pela Portuguesa.

Locução adverbial.

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjectivo ou com um advérbio. Assim:

Fernanda sorriu **em silêncio.**
(Érico Veríssimo, *LS,* 133.)

Sorrindo mais, obedeceu **de novo.**
(Ferreira de Castro, *OC,* I, 4.)

— Vou começar **por aqui!**...
(Manuel da Fonseca, *SV,* 133.)

Mas há formações mais complexas, como:

O cachimbo de água passou **de mão em mão.**
(Castro Soromenho, *V,* 205.)

Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que **de vez em quando** tem uma.
(Rubem Braga, *CCE,* 97.)

Só **de longe em longe** se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 184-5.)

2. À semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser:

a) DE AFIRMAÇÃO (ou DÚVIDA): *com certeza, por certo, sem dúvida:*

Atente-se na distinção:

Com certeza [= provavelmente] ele virá.
Ele virá **com certeza** [= com segurança].

b) DE INTENSIDADE: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;

c) DE LUGAR: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;

d) DE MODO: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;

e) DE NEGAÇÃO: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;

f) DE TEMPO: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em (a) tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Observação:

Quando uma preposição vem *antes* do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: *de dentro, por detrás*, etc.
Se, ao contrário, a preposição vem *depois* de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *dentro de, por detrás de*, etc.

Colocação dos advérbios.

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJECTIVO, um PARTICÍPIO isolado, ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

Invejei o noivo, **tão alegre, tão amável,** a grossa gargalhada a irromper a cada instante.

(Graciliano Ramos, *C*, 156.)

Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.

(Manuel da Fonseca, *SV*, 193.)

— O teu pai está **muito mal.**

(Castro Soromenho, *TM*, 206.)

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:

a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

Ela ouvia-o **atentamente.**

(Almada Negreiros, *NG*, 61.)

b) os DE TEMPO e DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei **cedo.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 537.)

Hei-de atirar com esse tipo **de cá para fora.**

(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 683.)

Cá fora era noite.

(Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

c) o de NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

— Então **não** se cava a terra?... **não** se lavra?... **não** se aduba?... **não** se semeia?...

(Aquilino Ribeiro, *CRG*, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

Rapidamente Gertrudes riscou um fósforo e acendeu duas velas.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 54.)

Lá fora, na rua, um bonde passou com estrépito.

(Fernando Sabino, *EM*, 83.)

Repetição de advérbios em *-mente*.

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

É longa a estrada... Aos ríspidos estalos

Do impaciente látego, os cavalos
Correm **veloz, larga** e **fogosamente...**
(Raimundo Correia, *PCP*, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção *e* e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

De repente, pus-me de pé e aproximei-me **lentamente, ritmadamente, voluptuosamente,** da janela.
(Fernando Namora, *RT*, 169.)

GRADAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são susceptíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjectivos.

Grau comparativo.

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O filho andava **mais depressa que** (ou **do que**) o pai.

b) DE IGUALDADE — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

O filho andava **tão depressa como** (ou **quanto**) o pai.

c) DE INFERIORIDADE — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O pai andava **menos depressa do que** (ou **que**) o filho.

Grau superlativo.

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉCTICO — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjectivo de que se deriva o advérbio:

		Superlativo
Adjectivo	lento	lentíssimo
Advérbio	lentamente	lentissimamente

b) ANALÍTICO — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

— Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo — repreendeu Elmira.
(António de Assis Júnior, *SM*, 205.)

Outras formas de comparativo e superlativo.

1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS dos adjectivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal*. Neste caso são, naturalmente, invariáveis:

Quem escreveu **melhor**? Quem escreveu bem no Brasil?
(Graça Aranha, *OC*, 708.)

— E o professor não estaria aqui **pior**?
(Fernanda Botelho, *X*, 150.)

2. A par dessas formas anómalas, existem os COMPARATIVOS regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjectivos-particípios:

As paredes da sala estão **mais bem pintadas** que as dos quartos.
Não pode haver um projecto **mais mal executado** do que este.

Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos.
Não pode haver um projecto **executado pior** do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉCTICO, *bem* apresenta a forma *optimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente*:

Maria está passando **optimamente.**
O cavalo correu **pessimamente.**

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS *mais* e *menos*, e como SUPERLATIVOS *o mais* ou *muitíssimo* e *o menos* ou *pouquíssimo*,

respectivamente:

— Dom Juan, quando **menos** pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.

(Artur Azevedo, *CFM*, 9.)

— Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata **muitíssimo** bem e que... que... a ajuda...

(Sttau Monteiro, *APJ*, 138.)

Esse tipo de publicação, **pouquíssimo** difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.

(Emanuel Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo, 13.)

O certo é que tinha em mente gastar **o menos possível** com o enterro.

(Aquilino Ribeiro, *V*, 368.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo *o mais* ou *o menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

O administrador ia **o mais depressa possível.**

(Castro Soromenho, *TM*, 181.)

— Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui **o mais cedo que puder,** ou já...

(Machado de Assis, *OC*, I, 794.)

Diminutivo com valor superlativo.

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem **cedinho,** vem logo que amanheça!

(Eugénio de Castro, *UV*, 59.)

Advérbios que não se flexionam em grau.

Como sucede com alguns adjectivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

PALAVRAS DENOTATIVAS[2]

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os

2 A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica

advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.

São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: *até, inclusive, mesmo, também,* etc.:

Tudo na Vida engana, **até** a Glória.

(António Nobre, *D*, 114.)

b) EXCLUSÃO: *apenas, salvo, senão, só, somente,* etc.:

Da família **só** elas duas subsistiam.

(Josué Montello, *DP*, 382.)

c) DESIGNAÇÃO: *eis:*

Eis o dia, **eis** o Sol, o esposo amado!

(Antero de Quental, *SC*, 4.)

d) REALCE: *cá, lá, é que, só,* etc.:

Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.

(Castro Soromenho, *C*, 204.)

e) RECTIFICAÇÃO: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor,* etc.:

— Sinto que ele me escapa, **ou melhor:** que nunca me pertenceu.

(Augusto Abelaira, *CF*, 226.)

f) SITUAÇÃO: *afinal, agora, então, mas,* etc.:

— **Afinal,** ela não tem culpa de ser filha de ministro.

(Fernando Sabino, *EM*, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjectivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: «palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de rectificação», etc.

3. A Nomenclatura Gramatical Portuguesa admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que, neste Capítulo, denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*, 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55. À falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adoptamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que «denotar» é próprio das unidades lexicais em geral.

15.

Preposição

Função das preposições.

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE). Assim:

Antecedente	Preposição	Consequente
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

Forma das preposições.

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

a) SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;

b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente *de*).

Preposições simples.

As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a	com	em	por (per)
ante	contra	entre	sem
após	de	para	sob
até	desde	perante	sobre
			trás

Tais PREPOSIÇÕES denominam-se também ESSENCIAIS, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS. Assim: *afora, conforme, consoante, durante, excepto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

Locuções prepositivas.

Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de	apesar de	em baixo de	para baixo de
acerca de	a respeito de	em cima de	para cima de
acima de	atrás de	em frente a	para com
a despeito de	através de	em frente de	perto de
adiante de	de acordo com	em lugar de	por baixo de
a fim de	debaixo de	em redor de	por causa de
além de	de cima de	em torno de	por cima de
antes de	defronte de	em vez de	por detrás de
ao lado de	dentro de	graças a	por diante de
ao redor de	depois de	junto a	por entre
a par de	diante de	junto de	por trás de

Significação das preposições.

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.

Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em:

> Vou **a** Roma.
> Todos saíram **de** casa.

São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES *a, de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

> Chegaram **a** tempo.
> Chorava **de** dor.
> Estive **com** Pedro.
> Concordo **com** você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adoptaremos daqui por diante, para indicar a falta de movimento na relação estabelecida)

podem ser considerados em referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.
A PREPOSIÇÃO *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) ESPACIAL em:

Todos saíram **de** casa.

b) TEMPORAL em:

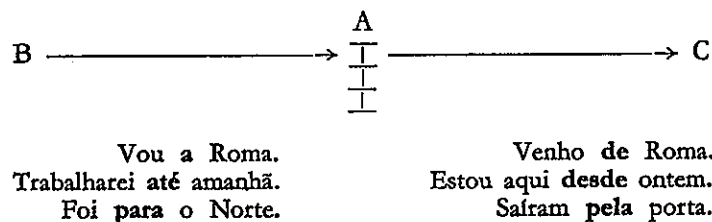
Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

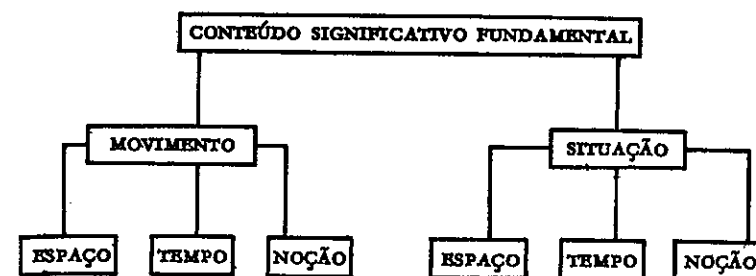
c) NOCIONAL em:

Chorava **de** dor.
Livro **de** Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: «movimento de afastamento de um limite», «procedência». Em outros casos, mais raros, predomina a noção, daí derivada, de «situação longe de». Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

Vou **a** Roma.	Venho **de** Roma.
Trabalharei **até** amanhã.	Estou aqui **desde** ontem.
Foi **para** o Norte.	Saíram **pela** porta.

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.

Esquematizando:

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.

Conteúdo significativo e função relacional.

1. Comparando as frases:

Viajei **com** Pedro.
Concordo **com** você.

observamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO *com* tem como antecedente uma forma verbal (*viajei* e *concordo*), ligada por ela a um consequente, que, no primeiro caso, é um termo acessório. (*com Pedro* = ADJUNTO ADVERBIAL) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = OBJECTO INDIRECTO) da oração.

2. A PREPOSIÇÃO *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de «associação», «companhia». E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo:

Viajei **com** Pedro.

do que no segundo:

Concordo **com** você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já

fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de «associação», «companhia», em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintáctico, vazio de conteúdo nocional.

Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintácticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA seleccionam determinadas PREPOSIÇÕES exactamente por causa do seu significado básico.

Exemplificando:

O verbo *concordar* elege a PREPOSIÇÃO *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de «associação» inerente a *com*.

O OBJECTO INDIRECTO, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um «movimento em direcção a», coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJECTO DIRECTO PREPOSICIONADO, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objecto:

> — Duas blasfémias, menina; a primeira é que não se deve amar **a ninguém** como **a Deus.**
>
> (Machado de Assis, *OC*, I, 662.)

5. Em resumo: a maior ou menor intensidade significativa da PREPOSIÇÃO depende do tipo de RELAÇÃO SINTÁCTICA por ela estabelecida. Essa RELAÇÃO, como esclareceremos a seguir, pode ser FIXA, NECESSÁRIA ou LIVRE.

Relações fixas.

Examinando as relações sintácticas estabelecidas, nas frases abaixo, pelas PREPOSIÇÕES marcadas em negrita:

> O rapaz entrou no café da Rua Luís **de** Camões.
>
> (Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

> Necessariamente hão-**de** vencer eles.
>
> (Camilo Castelo Branco, *OS*, I, 653.)

> Porém poesia não sai mais de mim senão de longe **em** longe.
>
> (Mário de Andrade, *CMB*, 214.)

> — Então, sigo em frente até dar **com** eles.
>
> (Aquilino Ribeiro, *V*, 438.)

verificamos que o uso associou de tal forma as PREPOSIÇÕES a determinadas palavras (ou grupo de palavras), que esses elementos não mais se desvinculam: passam a constituir um todo significativo, uma verdadeira palavra composta.

Nesses casos, a primitiva função relacional e o sentido mesmo da PREPOSIÇÃO se esvaziam profundamente, vindo a preponderar tanto na organização da frase como no valor significativo o conjunto léxico resultante da fixação da relação sintáctica preposicional.

Em *dar com* (= «topar»), por exemplo, a preposição, fixada à forma verbal, não lhe acrescenta apenas novos matizes conotativos, mas altera-lhe a própria denotação.

Relações necessárias.

Nas orações:

> — Eu já nem me lembro **de** nada...
>
> (Miguel Torga, *NCM*, 49.)

> — Foi vontade **de** Deus.
>
> (Graciliano Ramos, *SB*, 129.)

> Ontem fui **a** Cambridge.
>
> (Urbano Tavares Rodrigues, *JE*, 135.)

> Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita **por** alfaiate.
>
> (José Lins do Rego, *D*, 23.)

as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintacticamente necessário:

> lembro-me **de** nada (verbo + objecto indirecto)
> vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal)
> fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário)[1]
> feita **por** alfaiate (particípio + agente da passiva)

[1] «Tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direcção não pode ser considerado elemento meramente acessório» (Antenor Nascentes. *O problema da regência*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintáctica em si.

Relações livres.

A comparação dos enunciados:

Encontrar **com um amigo.**	Procurar **por alguém.**
Encontrar **um amigo.**	Procurar **alguém.**

mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintacticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de «associação» *(com)* e de «movimento que tende a completar-se numa direcção determinada» *(por)*.

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintáctica a plenitude do seu conteúdo significativo.

Valores das preposições.

A

1. **Movimento** = direcção a um limite:

a) no espaço:

Rompo à frente, tomo à mão esquerda.
(Aquilino Ribeiro, *M*, 59.)

b) no tempo:

— Daqui a uma semana o senhor vai lá em casa.
(Carlos Drummond de Andrade, *BV*, 18.)

c) na noção:

A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado **a** descanso causava má impressão e censuravam-no por ali com certo azedume.
(Rodrigo M. F. de Andrade, *V*, 133.)

2. **Situação** = coincidência, concomitância:

a) no espaço:

O que está ao pé é igual ao que está **ao** longe.
(Vergílio Ferreira, *NN*, 43.)

b) no tempo:

A tantos de novembro houve breves períodos de calmaria intermitente.
(Manuel Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.
(Pepetela, *M*, 182.)

— Não podemos gastar dinheiro **à** toa.
(Osman Lins, *FP*, 157.)

Ante

Situação = anterioridade relativa a um limite:

a) no espaço:

Parou **ante** o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.
(Aníbal M. Machado, *HR*, 194.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

Tenho de estar de volta **antes** das sete horas.
(Maria Judite de Carvalho, *AV*, 84.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.
(Nélida Piñon, *SA*, 25.)

Após

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. No discurso, pode adquirir o efeito secundário de «consequência»:

a) no espaço (usa-se também *após de*):

Após eles, iam ficando medas de cereal, restolhos — uma terra saqueada.
(Fernando Namora, *TJ*, 152.)

b) no tempo:

Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado.
(Manuel da Fonseca, *SV*, 164.)

Até

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco.
(Coelho Netto, *OS*, I, 1.237.)

b) no tempo:

Até meados do mês ventou.
(Manuel Lopes, *FVL*, 63.)

Observações:

1.ª No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição *a*.
Pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, actualmente, **até** com a preposição **a,** ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de **até** directamente ligada ao termo regido.

2.ª Cumpre distinguir a preposição **até,** que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 373. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos no capítulo 11.

Com

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, concessão:

na noção:

— Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

A proposta foi recebida **com** reserva.
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Contra

Movimento = direcção a um limite próximo, direcção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente do contexto:

a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.
(Alves Redol, *MB*, 329.)

b) na noção:

Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 66.)

Começaram a surgir argumentos **contra** eles.
(Afrânio Peixoto, *RC*, 259.)

De

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto:

a) no espaço:

Vinha **de** longe o mar...
Vinha **de** longe, **dos** confins do medo...
(Miguel Torga, *API*, 65.)

b) no tempo:

Roma fala **do** passado ao presente.
(Afonso Arinos de Melo Franco, *AR*, 27.)

c) na noção:

Ela vem falar **da** agricultura, isto é, **da** actividade fundamental **do** seu

grupo, que nela assenta a defesa **de** todos os seus valores, materiais e morais.
(Alfredo Margarido, *ELNA*, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho **do** trabalho, dos risos e cantigas.
(Luandino Vieira, *L*, 15.)

Desde

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico **desde** as Flandres até o estreito de Gibraltar.
(Jaime Cortesão, *FDFP*, 28.)

b) no tempo:

Desde o ano passado guardara essa mágoa.
(Aníbal M. Machado, *HR*, 272.)

Em

1. **Movimento** = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

Os Garcias entraram **em** casa calados.
(Vitorino Nemésio, *MTC*, 194.)

b) no tempo:

Nazário visitava-as de quando **em** quando.
(Coelho Netto, *OS*, I, 81.)

c) na noção:

Meu ser desfolha-se **em** íntimas lembranças, que revivem...
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 140.)

E a lagoa entrou **em** festa.
(Aníbal M. Machado, *JT*, 21.)

2. **Situação** = posição no interior de, dentro dos limites de, em contacto com, em cima de:

a) no espaço:

Trazia **no** sangue
o calor humano da amizade.
(Agostinho Neto, *SE*, 106.)

b) no tempo:

Tudo aconteceu **em** 24 horas.
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

c) na noção:

Somos muitos Severinos
iguais **em** tudo e **na** sina.
(João Cabral de Melo Neto, *DA*, 172.)

Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.
(Castro Soromenho, *TM*, 255.)

Entre

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, **entre** batatas loiras.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 37.)

b) no tempo:

Todos os barcos se perdem
entre o passado e o futuro.
(Cecília Meireles, *OP*, 37.)

c) na noção:

O cunhado, o Daniel, que tratava da mortalha, movia-se **entre** o dever e o desespero.
(Miguel Torga, *CM*, 179.)

Prossiga ela sempre dividida
Entre compensações e desenganos.
(Vinícius de Morais, *LS*, 74.)

Para

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direcção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direcção sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
(Castro Soromenho, *TM*, 200.)

b) no tempo:

— Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?
— Lá **para** o fim da semana.
(Augusto Abelaira, *BI*, 35.)

c) na noção:

Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 111.)

Cala-se **para** não mentir.
(Augusto Abelaira, *BI*, 95.)

Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto **para** conversa.
(Manuel Lopes, *FVL*, 185.)

Perante

Situação = posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de *ante*):

a) no espaço:

Permaneceu calada **perante** o olhar escuro de Leonardo.
(Augusto Abelaira, *CF*, 228.)

b) na noção:

Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida.
(Manuel Lopes, *FVL*, 14.)

Vejo a sua trémula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, **perante** o mistério e a dor.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 77.)

Por (per)

1. **Movimento** = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:

a) no espaço:

Vai-se **por** aí devagarinho.
(Coelho Netto, *OS*, I, 217.)

b) no tempo:

Devorou-o **por** semanas uma febre ligeira, mas impertinente.
(Raul Pompéia, *A*, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 535.)

A noite desfê-los, um **por** um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.
(Fernando Namora, *NM*, 147.)

2. **Situação** = resultado do movimento de aproximação a um limite:

a) no espaço:

O rumor fica em baixo, eu estou **por** cima.
(Vergílio Ferreira, *NN*, 73.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu.
(Carlos de Oliveira, *CD*, 169.)

c) na noção:

Volto-me **por** acaso.
(Urbano Tavares Rodrigues, *JE*, 168.)

— Estou preso; antes que te digam que **por** alguma indignidade, previno: **por** ter dado uma lição ao Malheiro.
(Raul Pompéia, *A*, 146.)

Sem

Situação = subtracção, ausência, desacompanhamento:

na noção:

É próprio do gato sair **sem** pedir licença, voltar **sem** dar satisfações.
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui.
(Miguel Torga, *P*, 120.)

Sob

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado):

a) no espaço:

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, **sob** uma chuva de jasmins-do-cabo.
(Pedro Nava, *BO*, 158.)

b) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.
(Eça de Queirós, *O*, I, 1.157.)

c) na noção:

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, «o último lusíada».
(David Mourão-Ferreira, *HL*, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo **sob** o revolutear dos pensamentos.
(Manuel da Fonseca, *SV*, 229.)

Sobre

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contacto, com aproximação, ou com alguma

distância; tempo aproximado:

a) no espaço:

Cruzou os braços **sobre** o peito e apertou as mãos às costas.
(Luís Bernardo Honwana, *NMCT*, 51.)

b) no tempo:

Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 255.)

c) na noção:

Pouco de preciso se conhece **sobre** a distribuição dos Lusitanos no território.
(Jaime Cortesão, *FDFP*, 35.)

Conversavam alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.
(Arnaldo Santos, *K*, 15.)

Trás

A PREPOSIÇÃO *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua actual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de;* mais raramente, por sua sinónima *após.*

O sentido originário desta preposição era «além de», que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem.*

16.

Conjunção

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes dizeres:

> O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
> Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.

Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

> Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.
> (Urbano Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

> Pediram-me **que** definisse o Arpoador.
> (Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparam construções de orações a construções de nomes.

Assim, nestes enunciados:

Estudar **e** trabalhar.	O estudo **e** o trabalho.
Estudar **ou** trabalhar.	O estudo **ou** o trabalho.

vê-se que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo.

Já nos enunciados seguintes:

> **Depois que** tiveres estudado, podes trabalhar.
> **Após** o estudo, o trabalho.

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.

No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa *(depois que)*, aparece uma preposição *(após)*, indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= e não].

> Leonor voltou-se **e** desfaleceu.
> (Graciliano Ramos, *I*, 81.)

2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste. Assim: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*:

> Apetece cantar, **mas** ninguém canta.
> (Miguel Torga, *CH*, 44.)

3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um facto, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora, quer, seja, nem*, etc.:

> **Ora** lia, **ora** fingia ler para impressionar aos demais passageiros.
> (Augusto Frederico Schmidt, *AP*, 74.)

4. CONCLUSIVAS, que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim*, etc.:

> Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, **logo** prejudica.
> (Almada Negreiros, *NG*, 150.)

5. EXPLICATIVAS, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira. São as conjunções *que, porque, pois, porquanto,*

em exemplos como:

Vamos comer, Açucena, **que** estou morrendo de fome.

(Adonias Filho, *LP*, 109.)

Posição das conjunções coordenativas.

1. Das CONJUNÇÕES COORDENATIVAS apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém, todavia, contudo, entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um de seus termos:

É noite, **mas** toda a noite se pesca.

(Raul Brandão, *P*, 139.)

A igreja também era velha, **porém** não tinha o mesmo prestígio.

(Carlos Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

A igreja também era velha; não tinha, **porém,** o mesmo prestígio.
A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, **porém.**

2. *Pois,* quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence:

Para ali estavam, **pois,** horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios.

(Fernando Namora, *CS*, 83.)

3. As CONCLUSIVAS *logo, portanto* e *por conseguinte* variam de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES.

As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais.

As INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

2. A Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui ainda as conjunções CONFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa não distingue das COMPARATIVAS.

Observação:

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo da oração principal.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque, pois, porquanto, como* [= porque], *pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que,* etc.:

Tenho continuado a poetar, **porque** decididamente se me renovou o estro.

(Antero de Quental, *C*, 357.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite um facto contrário à acção principal, mas incapaz de impedi-la): *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que, que,* etc.:

Não saberei nunca escrever sobre ele, **embora** tenha tentado mais de uma vez.

(Fernando Sabino, *G*, II, 76.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o facto principal): *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [= se não], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que,* etc.:

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar...

(Branquinho da Fonseca, *MS*, 41.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= para que]:

Não bastava a sua boa vontade **para que** tudo se arranjasse.

(Almada Negreiros, *NG*, 82.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que,*

assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.

(Graciliano Ramos, *Ins.*, 79.)

6. CONSECUTIVAS (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal, tanto, tão* ou *tamanho,* presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que,* etc.:

Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça.

(Ciro dos Anjos, *DR*, 108.)

7. COMPARATIVAS (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que, do que* (depois de *mais, menos, maior, menor, melhor* e *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como, assim como, bem como, como se, que nem:*

Mais **do que** as palavras, falavam os factos.

(Miguel Torga, *V*, 278.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJECTO DIRECTO, OBJECTO INDIRECTO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de outra oração). São as conjunções *que* e *se:*

Não sei, sequer, **se** me viste,
Não vou jurar **que** me vias.

(José Régio, *F*, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que:*

João Garcia garantiu **que** sim, **que** voltava.

(Vitorino Nemésio, *MTC*, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se *se*. Por exemplo:

a) numa dúvida:

Ninguém sabia **se** estava ferido ou **se** ferira alguém.

(Luís Jardim, *MP*, 54.)

b) numa interrogação indirecta:

Pergunto a Deus **se** estou viva,
se estou sonhando ou acordada.

(Cecília Meireles, *OP*, 417.)

Conjunções conformativas e proporcionais.

Como dissemos, a Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue ainda, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções *conforme, como* [= conforme], *segundo, consoante,* etc.:

O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe.

(Augusto Meyer, *SI*, 50.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um facto realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... mais, quanto mais... tanto mais, quanto mais... menos, quanto mais... tanto menos, quanto menos... menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos... mais, quanto menos... tanto mais:*

À medida que avançavam, iam penetrando no coração da trovoada.

(Miguel Torga, *V*, 295.)

Polissemia conjuncional.

Algumas conjunções subordinativas (*que, como, porque, se,* etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

LOCUÇÃO CONJUNTIVA

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios: *desde que, antes que, já que, até que, sem que, dado que, posto que, visto que,* etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

17.

Interjeição

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as nossas emoções.

A mesma reacção emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

Classificação das interjeições.

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: *ah! oh!* No Brasil também: *oba! opa!*
b) DE ANIMAÇÃO: *avante! coragem! eia! vamos!*
c) DE APLAUSO: *bis! bem! bravo! viva!*
d) DE DESEJO: *oh! oxalá!*
e) DE DOR: *ai! ui!*
f) DE ESPANTO OU SURPRESA: *ah! chi! ih! ué!* No Brasil também: *puxa!*
g) DE IMPACIÊNCIA: *hum! hem! irra!*
h) DE INVOCAÇÃO: *alô! ó! olá! psiu! psit!*
i) DE SILÊNCIO: *psiu! silêncio!*
j) DE SUSPENSÃO: *alto! basta! alto lá!*
l) DE TERROR: *ui! uh!*

Locução interjectiva.

Além de interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus!*

Observações:

1.ª Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no capítulo 5.
Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

18.

O período e sua construção

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No Capítulo 7 fizemos a análise interna da oração. Examinámos, aí, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostrámos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de examinarmos mais detidamente esse ponto.

Composição do período.

1. Tomemos o seguinte período:

> As horas passam, os homens caem,
> a poesia fica.
>
> (Emílio Moura, *IP*, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

1.ª = As horas passam,
2.ª = os homens caem,
3.ª = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da *mesma natureza*, pois:

a) são autónomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

A tais orações autónomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.

2. Examinemos agora este período:

> O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?
>
> (Vitorino Nemésio, *MTC*, 363.)

Aqui, também, estamos diante de um período de três orações:

1.ª = O meu André não lhe disse
2.ª = que temos aí um holandês
3.ª = que trouxe material novo

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração *principal* do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintáctica em outra oração do período; chama-se, por isso, ORAÇÃO PRINCIPAL;

b) a segunda oração tem a sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é OBJECTO DIRECTO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE dela;

c) a terceira oração tem a sua existência dependente da segunda, de cujo objecto directo é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

> Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.
>
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:

1.ª = Moleque Nicanor arregalou os olhos,
2.ª = e eu pensei
3.ª = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

A sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinámos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);

b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJECTO DIRECTO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS e SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO e SUBORDINAÇÃO.

Conclusão.

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintáctica em outra oração do período;

b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintáctica (SUJEITO, OBJECTO DIRECTO, OBJECTO INDIRECTO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL ou APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo.

c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, mas em sua integridade.

Observação:

A Nomenclatura Gramatical Portuguesa eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de «dar ensejo a duplas interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical.»

COORDENAÇÃO

Orações coordenadas sindéticas e assindéticas.

As ORAÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace:

Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /

(Augusto Abelaira, *QPN*, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

A Grécia seduzia-o, / **mas** Roma dominava-o. /

(Graça Aranha, *OC*, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, ou seja desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA, e a esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

Orações coordenadas sindéticas.

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu.** /
(Graciliano Ramos, *SB*, 29.)

2. COORDENADA SINDÉTICA ADVERSATIVA, se a conjunção é ADVERSATIVA:

Estava frio, / **mas ela não o sentia.** /
(Maria Judite de Carvalho, *TGM*, 75.)

3. COORDENADA SINDÉTICA ALTERNATIVA, se a conjunção é ALTERNATIVA:

Ou eu me engano muito / ou a égua manqueja. /
(Carlos de Oliveira, *AC*, 25.)

4. COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA, se a conjunção é CONCLUSIVA:

Não pacteia com a ordem; / **é, pois, uma rebelde.** /
(João Ribeiro, *PE*, 95.)

5. COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA, se a conjunção é EXPLICATIVA:

— Eh, camarada, espere um pouco, / **que isto acaba-se já.** /
(Fernando Namora, *NM*, 233.)

SUBORDINAÇÃO

A oração subordinada como termo de outra oração.

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES ou ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareçamos melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo:

É necessária **a tua vinda urgente.**

o sujeito da oração é *a tua vinda urgente,* TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o substantivo *vinda.*

Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo *vinda,* poderíamos dizer:

É necessário **que venhas urgente.**

O sujeito seria, então, *que venhas urgente,* TERMO ESSENCIAL representado por oração.

2. Neste exemplo:

Ninguém esperava **a tua vinda.**

o objecto directo de *esperava* é *a tua vinda,* TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo *vinda.*

Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava **que viesses.**

Com isso, o objecto directo de *esperava* passaria a ser *que viesses,* TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo:

Não desaprendi as lições **recebidas.**

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjectivo *recebidas.*

Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjectivo *recebidas* por *que recebi:*

Não desaprendi as lições **que recebi.**

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi.* Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo:

Ainda não o tinha visto **depois da volta.**

são três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:

a) *ainda* — adjunto adverbial de tempo;
b) *não* — adjunto adverbial de negação;
c) *depois da volta* — adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo *depois da volta,* poderíamos ter empregado uma oração — *depois que voltara:*

Ainda não o tinha visto **depois que voltara.**

Depois que voltara, adjunto adverbial de *tinha visto,* é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o facto de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

Classificação das orações subordinadas.

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJECTIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjectivos e advérbios.

Orações subordinadas substantivas.

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu

valor sintáctico, podem ser:

1. SUBJECTIVAS, quando exercem a função de sujeito:

É certo / **que a presença do dono o sossegava um pouco.** /
(Miguel Torga, *B*, 52-53.)

2. OBJECTIVAS DIRECTAS, quando exercem a função de objecto directo:

Respondi-lhe / **que já tinha lido a receita em qualquer parte.** /
(José Cardoso Pires, *D*, 295.)

Não sei / se **Padre Bernardino concordará comigo.** /
(Otto Lara Resende, *BD*, 109.)

3. OBJECTIVAS INDIRECTAS, quando exercem a função de objecto indirecto:

Não me esqueço / **de que estavas doente** / quando ele nasceu.
(Josué Montello, *SC*, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

Calipso! Ele tem a mania / **de que alho faz bem à saúde.** /
(Augusto Abelaira, *NC*, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

A verdade é / **que eu ia falar outra vez de Noémia.** /
(Agustina Bessa Luís, *AM*, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / **que a Moral católica está certa** / **e é irrepreensível.** /
(Otto Lara Resende, *BD*, 163.)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

— As ordens são dadas / **por quem pode.** /
(Fernando Namora, *NM*, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem, quantos, qualquer*, etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*.

Omissão da integrante *que*.

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE *que*:

Queira Deus / **não voltes mais triste...** /
(Manuel Bandeira, *PP*, 348.)

Orações subordinadas adjectivas.

1. As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJECTIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

Susana, / **que não se sentia bem,** / estava de cama.
(Miguel Torga, *V*, 178.)

O / **que tu vês** / é belo; / mais belo o / **que suspeitas;** / e o / **que ignoras** / muito mais belo ainda.
(Raul Brandão, *H*, 3.)

2. A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJECTIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJECTO DIRECTO, OBJECTO INDIRECTO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

Orações adjectivas restritivas e explicativas.

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJECTIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por

conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

És um dos raros homens / **que têm o mundo nas mãos.** /
(Augusto Abelaira, *NC*, 121.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

Tio Cosme, / **que era advogado,** / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

Orações subordinadas adverbiais.

Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTEGRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS). Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.** /
(Machado de Assis, *OC*, II, 204.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

A regra era ir sempre desacompanhado, / **mesmo que levasse o gado até aos confins da serra.** /
(Miguel Torga, *B*, 101.)

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /
Se a alma não é pequena. /
(Fernando Pessoa, *OP*, 19.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / **para que a vestissem com ele.** /
(José Lins do Rego, *A-M*, 343.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal:

/ **Quando estiou,** / partiram.
(Carlos de Oliveira, *AC*, 19.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

Era uma voz tão grave, / **que metia medo.** /
(Augusto Meyer, *SI*, 12.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa:

Não, meu coração não é maior / **que o mundo.** /
(Carlos Drummond de Andrade, R, 60.)

Observações:

1.ª O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [*tal*] *qual*, [*tal*] *como*, etc.:

Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / **qual era,** / mas / **qual fora,** / **quais fôramos ambos,** / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.
(Machado de Assis, *OC*, I, 419.)

2.ª Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

Tu vais a correr sozinho,
Ribeirinho, / **como eu.** /
(Fernando Pessoa, *QGP*, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

Orações conformativas e proporcionais.

Como, na classificação das conjunções subordinativas, a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa:

/ **Conforme declarei,** / Madalena possuía um excelente coração.
(Graciliano Ramos, *SB*, 122.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional:

/ **À medida que o tempo decorria** / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.

(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 295.)

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos... tanto mais:*

/ **Quanto mais o conheço,** / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto,* é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

/ **Quanto mais o conheço,** / mais o admiro.
/ **Mais o conheço,** / tanto mais o admiro.
/ **Mais o conheço,** / mais o admiro.

a primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

ORAÇÕES REDUZIDAS

Orações desenvolvidas e orações reduzidas.

Estudámos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexo subordinativo (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA (do indicativo ou do conjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada — a REDUZIDA — isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS — o INFINITIVO, o GERÚNDIO, ou o PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis:

Todos nós havemos de morrer; basta / **estarmos vivos.** /

(*OC*, I, 420.)

a oração *estarmos vivos* tem valor substantivo. Não a encabeça, porém, a integrante *que,* nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.

A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida *que estejamos vivos:*

Todos nós havemos de morrer; basta / **que estejamos vivos.** /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt:

Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações.** /

(*AP*, 17.)

a oração *ferindo os corações* tem valor ADJECTIVO. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do GERÚNDIO.

A oração denomina-se, neste caso, ADJECTIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, e corresponde à oração desenvolvida *que feria os corações:*

Era o sortilégio, a sedução / **que feria os corações.** /

3. Neste período de Manuel da Fonseca:

/ **Ansiado,** / agarrou-se à árvore.

(*FC*, 126.)

a oração *ansiado* tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por conjunção subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.

A oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e equivale à oração desenvolvida *porque estava ansiado:*

/ **Porque estava ansiado,** / agarrou-se à árvore.

Orações reduzidas de infinitivo.

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

Substantivas:

1. SUBJECTIVAS:

É preciso / **caminhar com o passo certo.** /

(Costa Andrade, *NVNT*, 30.)

2. Objectivas directas:

Espero também / **poder confiar em ti.** /
(José Régio, *SM*, 57.)

3. Objectivas indirectas:

Encarregara-a / **de anunciar-se pessoalmente.** /
(Nélida Piñon, *FD*, 69.)

4. Completivas nominais:

Estou ansioso / **por ir vê-lo.** /
(Antero de Quental, *C*, 228.)

5. Predicativas:

A sua intenção era / **comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente.** /
(Machado de Assis, *OC*, II, 97.)

6. Apositivas:

A coragem é isto: / **meter o pássaro do medo na capanga.** /
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Adjectivas:

Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / **a ocultarem, com o seu brilho, o** / que lá dentro existia.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 136.)

Observação:

As orações adjectivas reduzidas de infinitivo são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as adjectivas reduzidas de gerúndio.

Adverbiais:

1. Causais:

/ **Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes,** / ninguém repara nelas.
(Miguel Torga, *TU*, 63.)

2. Concessivas:

/ **Mesmo sem saber** / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas.
(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 102.)

3. Condicionais:

/ **A não ser isto,** / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
(José de Alencar, *CD*, 30.)

4. Consecutivas:

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / **a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.** /
(Rebelo da Silva, *CL*, 178.)

5. Finais:

Conheces-lhe a vida / **para poderes afirmar tal coisa.** /
(Augusto Abelaira, *CF*, 148.)

6. Temporais:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela / **ao entrares no porto** /
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Orações reduzidas de gerúndio.

Podem ser adjectivas ou adverbiais.

Adjectivas:

Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo.** /
(José Saramago, *MC*, 348.)

Observação:

O emprego do gerúndio com valor de oração adjectiva tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto,

acentuar que é antiga no idioma a construção quando o GERÚNDIO expressa a ideia de actividade actual e passageira.

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do GERÚNDIO como representante de uma ORAÇÃO ADJECTIVA que designa um modo de ser ou uma actividade permanente do substantivo a que se refere:

> Meu coração é um pórtico partido /
> **Dando excessivamente sobre o mar.** /
> (Fernando Pessoa, *OP*, 54.)

Tal construção é um simples decalque do francês.

Adverbiais:

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

> / **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro,** / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
> (José Lins do Rego, *FM*, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

> / **Pressentindo** / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 89.)

2. CONCESSIVAS:

> Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre,** / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

> **Pensando bem,** / tudo aquilo era muito estranho.
> (Augusto Meyer, *SI*, 25.)

Orações reduzidas de particípio.

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJECTIVAS OU ADVERBIAIS.

Adjectivas:

> As rosas brancas agrestes /
> **Trazidas do fim dos montes** /
> Vós mas tirastes, que as destes...
> (Fernando Pessoa, *OP*, 118.)

Adverbiais:

São mais comuns as TEMPORAIS:

> / **Acabada a cerimónia,** / demos a volta ao adro.
> (Vitorino Nemésio, *SOP*, 90.)

Não raro, ocorrem também as:

1. CAUSAIS:

> / **Desesperado,** / parecia um doido por toda a casa.
> (Miguel Torga, *NCM*, 36.)

2. CONCESSIVAS:

> Creio, porém, que, / **ainda admitidas as exagerações do Jornal do Comércio,** / pode-se assegurar que a guerra está concluída.
> (José de Alencar, *OC*, IV, 1.331.)

3. CONDICIONAIS:

> / **Dada essa hipótese,** / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta.
> (José de Alencar, *CD*, 33.)

19.

Figuras de sintaxe

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

São correntes, por exemplo, as ELIPSES:

a) do sujeito:

> Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:
> — Para onde? — exclamou.
>
> (Aníbal M. Machado, *JT*, 135.)

b) do verbo (parcial ou total):

> Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.
>
> (Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 26.)

> Vida ruim, a nossa.
>
> (Alves Redol, *G*, 105.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

> Miguel foi atrás dela, **mãos nos bolsos,** falando calmo.
>
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 69.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objectivas indirectas e as completivas nominais.

> Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de Dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.
>
> (Augusto Frederico Schmidt, *GB*, 44.)

> Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!...
>
> (Alves Redol, *G*, 65.)

e) da conjunção integrante *que:*

> Não **cuideis seja** a masmorra...
> Não **cuideis seja o** degredo...
>
> (Cecília Meireles, *OP*, 862.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.

É o caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

> Que talento, que bom gosto, uma delícia!
>
> (Augusto Meyer, *MA*, 153.)

ou mais sugestiva:

> Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!
>
> (Camilo Pessanha, *C*, 52.)

A elipse como processo estilístico.

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, em baixo:
— Papai! O telefone...
(Aníbal M. Machado, *CJ*, 119.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25 % e os ómnibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas — e deliciosamente vestidas. Militares. Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espectáculos. Cafés do centro, cheios.
(Mário de Sá-Carneiro, *C*, 91.)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irónicos:

Cada dia, cada via; cada vida, cada lida.
(Luandino Vieira, *JV*, 63.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no Capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação ou de dispersão:

Quando voltar, à tardinha, minha pele vai estar que é só boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.
(António Carlos Resende, *LD*, 1.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

Na vida dela houve só mudança de personagens: na dele mudança de personagens e de cenários.
(Joaquim Paço d'Arcos, *CVL*, 249.)

Isto é: na dele **houve** mudança de personagens e de cenários.

Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido é exactamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se à chamada zeugma COMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão. Assim:

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
(Carlos Drummond de Andrade, *R*, 181.)

Entenda-se:

Os altares **eram** humildes.

PLEONASMO

1. PLEONASMO é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

— **Sai** lá **para fora,** João.
(Miguel Torga, *NCM*, 228.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasmo é a reiteração da *ideia.* A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

Pleonasmo vicioso.

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força de expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exacto dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

Fazer uma **breve alocução.**
Ter o **monopólio exclusivo.**
Ser o **principal protagonista.**

Em todas elas o adjectivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um «discurso breve»; não há *monopólio* que não seja «exclusivo»; e *protagonista* significa «principal personagem».

Pleonasmo e epíteto de natureza.

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjectivo como EPÍTETO DE NATUREZA em expressões do tipo *céu azul, fria neve, prado verde, mar salgado, noite escura* e equivalentes. Comparem-se estes exemplos:

> Ó **mar salgado,** quanto do teu sal
> São lágrimas de Portugal!
> (Fernando Pessoa, *OP*, 19.)

> E a Noite sou eu própria! A **Noite escura!!**
> (Florbela Espanca, *S*, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjectivo insiste sobre o carácter intrínseco, normal ou dominante do objecto. É uma forma de ênfase, um recurso literário.

Observação:

Quanto ao objecto (directo e indirecto) pleonástico, leia-se o que dissemos no capítulo 7.

HIPÉRBATO

HIPÉRBATO (do grego *hypérbaton* «inversão», «transposição») é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como neste passo:

> **Essas** que ao vento vêm
> **Belas chuvas de junho!**
> (Joaquim Cardoso, *SE*, 16.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão da ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANÁSTROFE

ANÁSTROFE (do grego *anastrophé* «mudança de posição», «inversão», «transposição») é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado, como neste passo:

> Mas esse astro que fulgente
> **Das águias** brilhara à **frente,**
> Do Capitólio baixou.
> (Soares de Passos, *P*, 91-92.)

PROLEPSE

PROLEPSE (do grego *prólepsis* «acção de tomar antes»), figura também conhecida como ANTECIPAÇÃO, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

> **Os pastores** parece que vivem no fim do mundo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 435.)

SÍNQUISE

SÍNQUISE (do grego *sýgchysis* «confusão» «mistura») é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto *Taça de coral,* de Alberto de Oliveira:

> Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
> Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
> Em sede abrasa, qual de amor por Febe,
> — Sede também, sede maior, desmaia.
> (*P*, II, 111.)

Entenda-se:

«Lícias, pastor, — enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo —, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior.»

ASSÍNDETO

Dizemos que há ASSÍNDETO (do grego *asýndeton* «não unido», «não ligado») quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem

sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma atenção maior no exame de cada facto, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.
(Luandino Vieira, *JV*, 103.)

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivais, bandeiras desfraldadas,
Girândolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalhar de sinos...
(Raimundo Correia, *PCP*, 196.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego *polysýndeton* «que contém muitas conjunções») é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!
(Florbela Espanca, *S*, 59.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Morais:

E crescer, **e** saber, **e** ser, **e** haver
E perder, **e** sofrer, **e** ter horror
De ser **e** amar, **e** se sentir maldito...
(*LS*, 119.)

É a este emprego da conjunção que se costuma chamar «*e* de movimento».

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintáctica no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como neste exemplo:

Bom! bom! **eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém!
(José Régio, *SM*, 105.)

Observe-se que o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objecto indirecto (*me*).

SILEPSE

SILEPSE (do grego *sýllepsis*, «acção de reunir, de tomar em conjunto») é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o sentido, com a ideia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de género e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

Silepse de número.

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos colectivos.

Assim neste passo de Machado de Assis:

Deu-me notícias **da gente Aguiar; estão bons.**
(*OC*, I, 1.093.)

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjectivos e particípios que a eles se referem. Assim:

Sois injusto comigo.
(Alexandre Herculano, *MC*, II, 35.)

Silepse de género.

Sabemos que as expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona

como predicativo, o adjectivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

— **V. Ex.ª** parece **magoado**...
(Carlos Drummond de Andrade, *CB*, 119.)

Silepse de pessoa.

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

Todos entramos imediatamente.
(Otto Lara Resende, *BD*, 25.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural:

Mas suponho que **todos sois** da mesma opinião! **Todos acordais** em me condenar e abandonar.
(José Régio, *ERS*, 83.)

20.

Discurso directo, discurso indirecto e discurso indirecto livre

Estruturas de reprodução de enunciações.

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRECTO,
b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRECTO,
c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRECTO LIVRE.

DISCURSO DIRECTO

Examinando este passo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

Virgília replicou:
— **Promete que algum dia me fará baronesa?**
(*OC*, I, 462.)

verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria efectivamente seleccionado, organizado e emitido.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRECTO.

Características do discurso directo.

1. No PLANO FORMAL, um enunciado em DISCURSO DIRECTO é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder* e sinónimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir:

> Meneou a cabeça com ar triste e **acrescentou:** — O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem...
>
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> É esta a gaveta? — **perguntou ele.**
>
> (Osman Lins, *V*, 53.)

> Penso — **disse meu pai** — que te darás melhor em Letras.
>
> (Vergílio Ferreira, *A*, 26.)

Quando falta um desses verbos *dicendi,* cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala do personagem. É o que observamos nestes passos:

> «Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida.»
> «Para muitos é mais do que isso.»
> «Claro que é.»
>
> (Maria Judite de Carvalho, *TM*, 49.)

> O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — o seu chapéu, Zé Maria?
> — Ah, não uso mais!...
> — Felizardo!
>
> (Aníbal M. Machado, *HR*, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRECTO provém essencialmente da sua capacidade de actualizar o episódio, fazendo emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas.

Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adoptada nos actos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os lêem «a comédia humana, com a maior naturalidade possível» (E. Zola).

DISCURSO INDIRECTO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

> José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou **confessando que não era médico.**
>
> (*OC*, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso directo, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação do personagem (José Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRECTO.

Características do discurso indirecto.

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder,* etc.), as falas dos personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida:

> João Garcia garantiu **que sim, que voltava.**
>
> (Vitorino Nemésio, *MTC*, 11.)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

> Como supunha **fôssemos ter ainda uma quinzena de actividade e pudéssemos esgotar o programa,** demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.
>
> (Ciro dos Anjos, *DR*, 283.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRECTO pressupõe um tipo de relato de carácter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e actualizadora do DISCURSO DIRECTO. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintáctica estabelecida por meio de nexos e correspondências verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora.

Em síntese: no DISCURSO INDIRECTO o narrador subordina a si o personagem, com retirar-lhe a forma própria e afectivamente matizada da expres-

são. Mas não se conclua daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso directo para o indirecto.

1. Do confronto destas duas frases:

— A senhora **vai sair** — disse ela olhando-o muito.

(Eça de Queirós, *O*, I, 878.)

Ela disse olhando-o muito que a senhora **ia sair.**

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintáctico.

2. As principais transposições que ocorrem são:

Discurso directo	Discurso indirecto:
a) enunciado em 1.ª ou em 2.ª pessoa:	*a*) enunciado em 3.ª pessoa:
— **Preciso** de dinheiro — disse o capitão. (Agustina Bessa Luís, *M*, 151.)	Disse o capitão que **precisava** de dinheiro.
— **Não achas** melhor tirar esse poncho? — perguntou-lhe Rodrigo. (Érico Veríssimo, *A*, II, 323.)	Perguntou-lhe Rodrigo se **não achava** melhor tirar aquele poncho.
b) verbo enunciado no presente:	*b*) verbo enunciado no imperfeito:
— **Sou** a Julieta — disse, hesitante. (Augusto Abelaira, *B*, 81.)	Disse, hesitante, que **era** a Julieta.
c) verbo enunciado no pretérito perfeito:	*c*) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito:
— Nem banho **tomei,** ela esclarecia. (Nélida Piñon, *CP*, 82.)	Ela esclarecia que nem banho **tinha tomado.**

Discurso directo	Discurso indirecto
d) verbo enunciado no futuro do presente:	*d*) verbo enunciado no futuro do pretérito:
— Que **será** feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso. (Eça de Queirós, *O*, I, 43.)	Perguntou D. Joaquina Gansoso que **seria** feito do senhor Padre Brito.
e) verbo no modo imperativo:	*e*) verbo no modo conjuntivo:
— **Não faça** escândalo — disse a outra. (Osman Lins, *V*, 100.)	Disse a outra que **não fizesse** escândalo.
f) pronome demonstrativo de 1.ª *(este, esta, isto)* ou de 2.ª pessoa *(esse, essa, isso)*:	*f*) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa *(aquele, aquela, aquilo)*:
— Não abro a porta a **estas** horas a ninguém — disse Gracia. (Agustina Bessa Luís, *M*, 266.)	Disse Gracia que não abria a porta **àquelas** horas a ninguém.
— **Isso** é um número muito comprido, respondeu Cesária. (Graciliano Ramos, *AOH*, 108.)	Cesária respondeu que **aquilo** era um número muito comprido.
g) advérbio de lugar *aqui:*	*g*) advérbio de lugar *ali:*
— **Aqui** amanhece muito cedo — disse Sales. (Castro Soromenho, *C*, 199.)	Disse Sales que **ali** amanhecia muito cedo.
h) enunciado justaposto:	*h*) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que:*
— **Foi um tempo velhaco** — disse, concordante e enfastiado. (Fernando Namora, *NM*, 213.)	Disse, concordante e enfastiado, **que tinha sido um tempo velhaco.**
i) enunciado em forma interrogativa directa:	*i*) enunciado em forma interrogativa indirecta:
— «**Lá é bom?**» — perguntei. (Guimarães Rosa, *GS-V*, 103.)	Perguntei **se lá era bom.**

DISCURSO INDIRECTO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRECTO LIVRE, forma de expressão que, em vez de apresentar o personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRECTO), ou de informar objectivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRECTO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Atente-se no passo assinalado:

> O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. **Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.** Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.
>
> (Clarice Lispector, *LF*, 56.)

Características do discurso indirecto livre.

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRECTO LIVRE «pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintáctica do escritor (factor gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (factor estético)». Conserva ele toda a afectividade e a expressividade próprias do discurso directo, ao mesmo tempo que mantém as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicas do discurso indirecto.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no DISCURSO INDIRECTO, e, por outro, os cortes das aposições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRECTO, o DISCURSO INDIRECTO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados;

2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior;

3.º) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRECTO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente subtil.

21.

Pontuação

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)
b) o PONTO (.)
c) o PONTO E VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELODIA, a ENTOAÇÃO:

a) os DOIS PONTOS (:)
b) o PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
c) o PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
d) as RETICÊNCIAS (...)
e) as ASPAS (« »)
f) os PARÊNTESES (( ))
g) os COLCHETES ([ ])
h) o TRAVESSÃO (—)

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA

A vírgula.

A VÍRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No **interior da oração** serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintáctica (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e, ou* e *nem*. Exemplos:

A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores...
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 83.)

Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.
(Gilberto Amado, *TL*, 12.)

— Nós vivemos num canto da colónia, longe de tudo, sem recursos, sozinhos.
(Castro Soromenho, *TM*, 246.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintácticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

Alice, a menina, estava feliz.
(Fernando Namora, *TJ*, 30.)

b) para isolar o vocativo:

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

c) para isolar os elementos repetidos:

— Só minha, minha, minha, eu quero!...
(Luandino Vieira, *VE*, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.
(Carlos de Oliveira, *AC*, 17.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

No céu azul, dois fiapos de nuvens.
(Augusto Frederico Schmidt, *AP*, 176.)

Observação:

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a vírgula. A vírgula é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.
(José Lins do Rego, *U*, 320.)

Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...
(Augusto Abelaira, *D*, 30.)

Depois, tudo caiu em silêncio.
(Castro Soromenho, *TM*, 261.)

2. **Entre orações**, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Subiram ao sótão, desceram à cave, espreitaram no poço.
(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 74.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

«Lá vem ele com as raízes», resmungou Paulino, baixando a cabeça.
(Castro Soromenho, *C*, 137.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjectivas explicativas:

O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.
(Fernando Namora, *TJ*, 24.)

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.
(Ciro dos Anjos, *M*, 146.)

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais:

A não ser isto, é uma paz regalada.
(Castro Soromenho, *C*, 225.)

Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha.
(José Saramago, *MC*, 221.)

Fatigado, ia dormir.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

O ponto.

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fónico de final descendente.

Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas. A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.
(Érico Veríssimo, *A*, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.

Assim:

O Búzio não possuía nada, como uma árvore não possui nada. Vivia com a terra toda que era ele próprio.
A terra era sua mãe e sua mulher, sua casa e sua companhia, sua cama, seu alimento, seu destino e sua vida.
Os seus pés descalços pareciam escutar o chão que pisavam.
(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 145.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO FINAL.

Observação

Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: *V. S.ª (Vossa Senhoria)*, *Dr. (Doutor)*, *C. F. C. (Conselho Federal de Cultura)*, *I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica)*. Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

O ponto-e-vírgula.

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO-E-VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

Numa tarde de Outono murmuraste;
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe...
(Florbela Espanca, *S*, 49.)

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
(Machado de Assis, *OC*, II, 680.)

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I *(Dos fins da Educação)* da Lei brasileira de Directrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;

b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;

c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;

d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;

e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;

f) a preservação e expansão do património cultural;

g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Valor melódico dos sinais pausais.

Dissemos que a VÍRGULA, O PONTO e O PONTO-E-VÍRGULA marcam *sobretudo* — e não *exclusivamente* — a pausa. No correr do nosso estudo, ressaltámos até algumas das suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fónico;

b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;

c) o PONTO-E-VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA

Os dois pontos.

Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinónimos):

Clemente voltou para dizer:
— Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho.
(Fernando Namora, *NM*, 112.)

2.º) uma enumeração explicativa:

Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas.
(Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos.
(Augusto Abelaira, *NC*, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha.
(Cochat Osório, *CV*, 178.)

Observação:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS PONTOS, VÍRGULA ou PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	Prezado senhor.
Prezado senhor,	Prezado senhor

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O ponto de interrogação.

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação directa, ainda que a pergunta não exija resposta:

Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

— Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

— Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(Aníbal M. Machado, *HR*, 86.)

— Quem é que não conhece Coimbra?!!!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observação:

O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indirecta. Como salientámos no Capítulo 7, a interrogação indirecta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

— Quem chegou? [= interrogação directa]
— Diga-me quem chegou. [= interrogação indirecta]

O ponto de exclamação.

É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Emprega-se, pois, normalmente:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

— Credo em cruz! gemeu Raimundo assombrado.
(Graciliano Ramos, *AOH*, 147.)

Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correcção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!
(Camilo Castelo Branco, *OS*, I, 87.)

b) depois de um imperativo:

— Agarrem!
— Gentes, agarrem! agarrem!
(Castro Soromenho, *V*, 113.)

As reticências.

1. As reticências marcam uma interrupção da frase e, consequentemente, a suspensão da sua melodia.

Empregam-se em casos muito variados. Assim:

a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra cousa... Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui?
(Machado de Assis, *OC*, I, 757.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez, ou para assinalar certas inflexões de natureza emocional de quem fala:

— Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... — avisou o prior.
— A Raquel é boa rapariga... Mas a geração... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...
(Miguel Torga, *NCM*, 142.)

— Há que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 128.)

c) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei...
Algum dia há de ser dia...
(Fernando Pessoa, *QGP*, n.º 98.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

— A senhora ia dizer que...
— Nada... nada... — atalhou a mulher.
(Aníbal M. Machado, *HR*, 15.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

> E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...
>
> (Florbela Espanca, *S*, 30.)

4. Não se devem confundir as RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio, ou no fim de uma citação

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

As aspas.

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto:

> Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: «Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma».
>
> (Fernando Pessoa, *LD*, 100.)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

> Era melhor que fosse «clown».
>
> (Érico Veríssimo, *C*, 227.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

> A palavra «nordeste» é hoje uma palavra desfigurada pela expressão «obras do Nordeste» que quer dizer: «obras contra as secas». E quase não sugere senão as secas.
>
> (Gilberto Freyre, *OE*, 611.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

> — Está o mundo perdido, até a Judite já tem «arranjinho»!
>
> (Almada Negreiros, *OC*, II, 135.)

e) para indicar o título de uma obra:

> Belinha acaba de ler «Elzira, a Morta Virgem».
>
> (Érico Veríssimo, *C*, 197.)

Observação:

No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: «Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas.»

Os parênteses.

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

> É lá (no café) que se encontra a estalajadeira.
>
> (José Cardoso Pires, *D*, 51.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

> A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora.
>
> (Jorge de Sena, *SF*, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

> Havia a escola, que era azul e tinha
> Um mestre mau, de assustador pigarro...
> (Meu Deus! que é isto? que emoção a minha
> Quando estas coisas tão singelas narro?)
>
> (B. Lopes, *H*, 65.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

> Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
> Fantasma a quem odeio e a quem amo?
>
> (Antero de Quental, *SC*, 79.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

Observação:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece à seguinte norma constante dos acordos ortográficos luso-brasileiros: «Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação».

Os colchetes.

Os COLCHETES são uma variedade de PARÊNTESES, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

Entenda-se, pois: «Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)].»

(Casimiro de Abreu, *O*, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES, à semelhança do que ocorre com os segundos COLCHETES do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor — 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, Rue des Saints-Pères, 6 — Paris [1899].

Observação:

O uso dos COLCHETES é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia. Como dissemos no Capítulo 3, coloca-se entre COLCHETES uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

mundo ['mũdu] fugir [fu'ʒir]

Também entre COLCHETES se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre PARÊNTESES os que dele devem ser eliminados.

O travessão.

Emprega-se principalmente em dois casos:

1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

— Quem é o seu tabelião, Dâmaso?
— O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?
— Oh! nada.

(Eça de Queirós, *O*, II, 388.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLO:

— A Igreja — atalhou o Bispo — não pode desinteressar-se do problema social.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE*, 36.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente, a parte final de um enunciado:

Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte.

(Gilberto Amado, *TL*, 16.)

22.

Noções de versificação

ESTRUTURA DO VERSO

Ritmo e verso.

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

> **Vai,** Peregrino do caminho **santo,**
> **Faz** da tu'**alma lâm**pada do **cego,**
> Ilumi**nando, pe**go sobre **pego,**
> As invi**sí**veis ampli**dões** do **Pran**to.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrita, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas átonas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte de prazer a que chamamos RITMO.

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior à última tônica é necessariamente átona. Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tônica no vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu:

> Tu ontem
> Na dança,
> Que cansa,
> Voavas...

o pronome *tu*, monossílabo tônico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o *õ* de *ontem*, que lhe está contíguo.

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este caracteriza-se, em última análise, por ser *o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética*. Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação é IRREGULAR OU LIVRE.

Os limites do verso.

1. A forma do verso é determinada pela combinação de sílabas, acentos e pausas, contando-se as suas sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	la	dos	la	ti	dos	an	ces	**trais**	
No	tem	po	de	meu	Pai,	sob	es	tes	**ga**	lhos
Sob	a	for	ma	de	mí	ni	mas	ca	**mân**	dulas
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

porque não se leva em conta a átona final da palavra *galhos,* nem tampouco as duas finais da palavra *camândulas*.

2. O número de unidades silábicas que se contêm num verso, desde o seu início até a última sílaba tônica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento *-sílabo*: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO e DODECASSÍLABO.

Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

As ligações rítmicas.

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

Sinalefa, elisão e crase.

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Che	guei.	Che	gas	te.	Vi	nhas	fa	ti	ga	(da)
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti	ga	do eu	vi	(nha.)
Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)

Verificamos que no primeiro haverá sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tónica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba átona.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra seguinte. Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o *e* final de *triste* e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o *o* de *fatigado* e o ditongo do pronome *eu*;

b) no terceiro verso, ligamos o artigo *a* à vogal inicial de *alma*;

c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção *e*, do artigo *a*, e a inicial do substantivo *alma;* e, também, a vogal final do adjectivo *povoada* e o ditongo constituído pelo pronome *eu*.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contracção numa sílaba de duas ou mais vogais em contacto:

1.ª) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / **dwew** / [= fatigad**o eu**]

Dizemos que, neste caso, há SINALEFA.

2.ª) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / **dew** / [= fatigad**a eu**]

A este fenómeno chamamos ELISÃO.

3.ª) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti / nhas / **al** / ma / [= Tinhas **a alma**]

Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

Ectlipse.

Examinámos até aqui encontros vocálicos intervocabulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL; e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. É o que se observa, por exemplo, em ligações como *co'a, c'a, c'o* (= *com a, com o*), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados *(coa, ca, co)*. A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, dá-se o nome de ECTLIPSE.

Vejam-se os exemplos ocorrentes nestes versos de Casimiro de Abreu:

— Jesus! Como eras bonita,
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Observação:

Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tónica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tónica ou átona.

O hiato intervocabular.

Quando num encontro concorrem duas vogais tónicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo da primeira vogal, como notámos no dissílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.

A medida das palavras.

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os factores de ordem gramatical.

Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRITONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	ra	mos,	das	las	(cas,)
Das	pe	dras,	do	lí	quen,	das	he	ras,	dos	car	(dos,)
As	tre	vas	ras	tei	ras	com o	ven	tre	por	ter	(ra)
Sa	í	am	quais	ne	gros,	cru	éis	le	o	par	(dos.)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	

a palavra *rasteiras* conta-se em três sílabas e *quais*, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO [ej], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras *morria* e *saíam*, em que há os HIATOS / i-a / e / a-í-a /, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

Sinérese.

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

Por exemplo, a palavra *magoado* é tetrassílabo da língua corrente, já que apresenta o encontro *-oá-*, pronunciado de regra com as vogais em HIATO. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostra este heptassílabo de Augusto Gil:

Tão	ma	go	a	do,	tão	lin	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Não é raro, porém, o emprego desta palavra no verso como trissílabo, com a transformação do HIATO / o-a / (= / u-a /) no DITONGO [wa]. Compare-se ao que citámos anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas	o	seu	o	lhar	ma	goa	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se SINÉRESE.

Diérese.

Menos frequente do que a SINÉRESE é o fenómeno inverso, ou seja a transformação de um DITONGO normal em HIATO. A esse alongamento silábico dá-se o nome de DIÉRESE.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra *saudade* é um trissílabo *(sau-da-de)*, e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular. Mas, uma vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica *(sa-u-da-de)*. Assim, nesta quadrinha:

> A ausência tem uma filha,
> Que se chama **saudade**:
> Eu sustento mãe e filha,
> Bem contra minha vontade.

Crase, aférese, síncope e apócope.

Além dos que estudámos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma pala-

vra, segundo as necessidades métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1.º) A CRASE, ou seja a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois *-aa-* contíguos de *Saara* neste decassílabo de Castro Alves:

Quan	do eu	pas	so	no	Saa	ra a	mor	ta	lha	(da)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

2.º) A AFÉRESE, ou seja a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma *'stamos* por *estamos* neste decassílabo de Castro Alves:

'Sta	mos	em	ple	no	mar...	Do	fir	ma	men	(to)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

3.º) A SÍNCOPE, ou seja a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia *esp'ranças* por *esperanças* neste decassílabo de Casimiro de Abreu:

Es	p'ran	ças	al	tas...	Ei-	las	já	tão	ra	(sas)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

4.º) A APÓCOPE, ou seja a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de *mármor* pela forma *mármore* neste decassílabo de Castro Alves:

Ar	tis	ta —	cor	ta o	már	mor	de	Car	ra	(ra)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

A cesura e a pausa final.

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinale o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento da voz nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FÓNICOS, como dissemos no Capítulo 7.

Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

> Cheguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada...
> E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a esfera...
> Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredo...

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FÓNICOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham o mesmo número de sílabas.

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Cavalgamento («enjambement»).

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico do término de um período rítmico.

Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintáctica. É o que observamos nestes decassílabos do soneto *Nel mezzo del cammin...*, de Olavo Bilac:

> Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada /
> E triste, e triste e fatigado eu vinha. /
> Tinhas a alma de sonhos povoada, /
> E a alma de sonhos povoada eu tinha... /

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedidamente, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fónico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

> E parámos de súbito **na estrada**
> **Da vida:** longos anos, **presa à minha**
> **A tua mão,** a vista deslumbrada
> Tive da luz que teu olhar continha.

A esta bipartição do grupo fónico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, ENJAMBEMENT.

TIPOS DE VERSO

Os versos tradicionais.

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o dodecassílabo o verso mais longo normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

Monossílabos.

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

> Rua
> torta.
>
> Lua
> morta.
>
> Tua
> porta.

Dissílabos.

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema *A Valsa:*

> Quem dera
> Que sintas
> As dores
> De amores
> Que louco
> Senti!

Trissílabos.

Com versos de três sílabas se fizeram alguns poemas nas literaturas de

língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente combinados com HEPTASSÍLABOS.

Além do acento principal na 3.ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1.ª sílaba:

> **Sempre viva...**
> Que padece...

Tetrassílabos.

Podem apresentar três cadências, que documentamos com versos do poema *A lua,* de António Botto:

a) acentuação na 2.ª e na 4.ª sílaba (mais comum):

> Na **noite negra**

b) acentuação na 1.ª e na 4.ª sílaba:

> **Gente perdida**

c) acentuação apenas na 4.ª sílaba:

> Nos **corações**

Como verso auxiliar, o TETRASSÍLABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO.

Pentassílabos.

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDILHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2.ª e na 5.ª sílaba (mais comum):

> Bonina do **vale**

b) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 5.ª sílaba:

> **Luz** dos **olhos meus!**

c) acentuação na 3.ª e na 5.ª sílaba:

> Ao **romper** da **aurora**

d) acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

> **Pérola** do **mar**

Hexassílabos.

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HERÓICO, razão por que também se denomina HERÓICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente a sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre os nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema *Perguntas,* de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Ou **desse mesmo enigma**

b) acentuação na 2.ª e na 6.ª sílaba:

Pro**pí**cios a nau**frá**gio

c) acentuação na 4.ª e na 6.ª sílaba:

De me incli**nar** a**fli**to

d) acentuação na 1.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Desse ca**la**do ir**real**

e) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Magras **re**ses, ca**mi**nhos

f) acentuação na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Do pri**mei**ro re**tra**to

Heptassílabos.

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Velha, **gran**de, **tos**ca e **be**la.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1.ª sílaba:

O **luar** no **mar** es**prai**a

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5.ª sílaba:

Sinto os **o**lhos a tur**var**

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Na amu**ra**da dum ve**lei**ro

e) acentuação na 4.ª e na 7.ª sílaba:

Que me di**ri**a, afi**nal**,

f) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2.ª sílaba:

Nas **ne**gras **noi**tes de in**ver**no

g) variante do tipo *e*, com acentuação também na 1.ª sílaba:

Choupos tran**si**dos de **má**goa

h) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Da **ban**da de **lá** do **ri**o

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma — o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba —, por sua raridade, não deve agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

Sobre o compri**men**to do **ar**

Octossílabos.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphon-

sus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2.ª, na 4.ª, na 6.ª e na 8.ª sílaba:

> Baixava **lento**. A **noite vinha**.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6.ª sílaba:

> Espectros **cheios** de esper**ança**

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2.ª sílaba, mas podendo ter ou não a 1.ª sílaba acentuada:

> No campa**nário**, ao **sol** incerto
> **Basta**, tal**vez**, a **cova** enorme

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4.ª sílaba, ou na 1.ª e na 4.ª:

> O campa**nário** do deserto
> **Cheio** de **lúgubre** mistério

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4.ª sílaba:

> Paramos de re**pente** à **porta**

f) acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

> **Era tarde**. O **sol** no poente

g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1.ª sílaba:

> Com fadigas, **suores** e **pranto**

h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3.ª sílaba:

> **Quando** o Jubi**leu** se apro**xima**

i) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

> Em **ondas** o **basto** cabelo

j) acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 8.ª, podendo ter a 1.ª sílaba também forte:

> Entrevados de **muitos anos**
> **Junto deste** caixão **informe**

Eneassílabos.

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1.º) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba e, por sua cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do *Hino à Bandeira* (letra de Olavo Bilac):

> Contem**plando** o teu **vulto** sa**grado**,
> Compre**endemos** o **nosso** de**ver**;
> E o Bra**sil**, por seus **filhos** a**mado**,
> Pode**roso** e fe**liz** há-de **ser**.

2.º) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4.ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6.ª ou na 7.ª sílaba. Seus movimentos rítmicos, são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no *Só* de António Nobre:

a) acentuação na 4.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba, podendo ter a 1.ª ou a 2.ª sílaba também forte:

> O que no **Mundo cá** o espe**rava**
> **Adeus!** ó **Lua**, **Lua** dos **Meses**,
> **Lua** dos **Mares**, ora por **nós**!...

b) acentuação na 4.ª, na 7.ª e na 9.ª, com a possibilidade de ser a 1.ª ou a 2.ª também acentuada:

> **Adeus!** Que es**tranha** Vi**são** é a**quela**
> Que vem an**dando** por **sobre** o **mar**?
> **Todos** ex**clamam** de **mãos** para **ela**.

Decassílabos.

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga, possuía acento interno fundamental na 4.ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6.ª sílaba, veio a basear-se essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍ-

LABOS com acentuação interna fundamental na 5.ª e, mais raramente, na 3.ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa. São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HERÓICO, acentuado fundamentalmente na 6.ª e na 10.ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8.ª e numa das quatro primeiras sílabas:

> As **minhas mãos** magritas, afiladas,
> Tão **brancas** como a **água** da **nascente**,
> **Lembram pálidas** rosas entornadas
> Dum **regaço** de **Infanta** do **Oriente**.
> (Florbela Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÁFICO, que apresenta acentuação na 4.ª, na 8.ª e na 10.ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1.ª ou a 2.ª também fortes:

> **Quando** eu te **fujo** e me **desvio cauto**
> Da **luz** de **fogo** que te **cerca**, oh! **bela**,
> Contigo **dizes**, suspi**rando amores**
> «— Meu **Deus**! que **gelo**, que **frieza aquela**!»
> (Casimiro de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba, comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

> Já vai **florir** o po**mar** das ma**cieiras**...
> (Camilo Pessanha)

b) o DECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba:

> Prima**vera** que **durou** um mo**mento**...
> (Camilo Pessanha)

c) o DECASSÍLABO com acentuação na 5.ª, na 7.ª (ou na 8.ª) e na 10.ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo VERSO DE ARTE-MAIOR e

cadência frequente do DECASSÍLABO francês:

> Ao meu cora**ção** um **peso** de **ferro**
> Eu hei de **prender** na **volta** do **mar**.
> (Camilo Pessanha)

Hendecassílabos.

O HENDECASSÍLABO foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja com acentuação na 2.ª, na 5.ª, na 8.ª e na 11.ª sílaba:

> Nas **horas** ca**ladas** das **noites** d'estio
> Sen**tado** so**zinho** c'oa face na **mão**,
> Eu **choro** e so**luço** por **quem** me cha**mava**
> — «Oh **filho** que**rido** do **meu** cora**ção**!» —
> (Casimiro de Abreu)

Este tipo de HENDECASSÍLABO nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o VERSO DE ARTE-MAIOR, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando começou a ser eclipsado pelo decassílabo de origem italiana.

No nosso século tem havido tentativas isoladas de busca de novos ritmos para o hendecassílabo, tentativas de pouca ou nenhuma repercussão no meio literário.

Dodecassílabos.

O DODECASSÍLABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, denominação que tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo facto de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: o ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas) e o ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: o CLÁSSICO e o ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na 6.ª e na 12.ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

> Nessas noites de **luz** // mais belas do que a au**rora**,
> As errantes vi**sões** // das almas pere**grinas**
> Vão voando a can**tar** // pela amplidão a**fora**...

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRÂMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo de dodecassílabo se dá o nome de TRÍMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

> Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

Saliente-se por fim que os poetas da nossa língua têm obedecido com certo rigor a duas normas na juntura dos hemistíquios dos ALEXANDRINOS:

a) só empregar palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começar por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela sinérese das duas vogais em contacto, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:

> Ora, crespa, referve; // ora é um cristal sem ruga!

b) nunca usar palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

O verso livre.

O VERSO LIVRE, que foi posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra *Folhas de Erva* (*Leaves of Grass*, 1855), veio a dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;

b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;

c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;

d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na *Ode marítima*, de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

> Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
> Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
> Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstracta,
> Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
> Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
> Ir, ir, ir, ir de vez!

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista *a priori* uma técnica uniforme do VERSO LIVRE[1]. Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento, não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Advirta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poemática, estrutura que representa sempre uma organização interactiva. «A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que faz o poema. Exactamente como nos versos métricos»[2].

A RIMA

1. Lendo esta quadrinha popular:

> Tanto limão, tanta **lima**,
> Tanta silva, tanta am**ora**,
> Tanta menina bonita...
> Meu pai sem ter uma n**ora**!

verificamos que:

a) o 1.º e o 3.º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tónica: **i-a** (*lim***a**-*bonit***a**);

b) o 2.º e o 4.º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tónica, se igualam todos os fonemas (vogais e consoantes): **-ora** (*am***ora** — *n***ora**).

---

1 *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*, 2.ª ed. Paris, P.U.F., 1975, p. 1.119; e também *Le rythme du vers libre symboliste*, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

2 Henri Meschonnic. *Critique du rythme; anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier, 1982, p. 607.

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama RIMA. Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE, CONSOANTE ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tónica, ou das vogais a partir da tónica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A rima e o acento.

Quanto à posição do acento tónico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

> Vinhos dum vinhedo, frutos dum **pomar,**
> Que no céu os anjos regam com **luar...**
>
> (Guerra Junqueiro)

b) GRAVES:

> Calçou as sandálias, tocou-se de **flores,**
> Vestiu-se de Nossa Senhora das **Dores.**
>
> (António Nobre)

c) ESDRÚXULAS:

> No ar lento fumam gomas **aromáticas,**
> Brilham as navetas, brilham as **dalmáticas.**
>
> (Eugénio de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

Rima perfeita e rima imperfeita.

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

> Céu puro que o Sol **trouxe**
> Claro de norte a **sul,**
> O teu olhar é **doce,**
> Negro assim, qual se **fosse**
> Inteiramente **azul.**

tanto entre *sul* e *azul,* como entre as formas *trouxe, doce* e *fosse,* que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas *e* e *o* abertas com fechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adoptada desde então pelos poetas da língua:

> Quem disse à estrela o caminho
> Que ela há de seguir no **céu?**
> A fabricar o seu ninho
> Como é que a ave **aprendeu?**
>
> (Almeida Garrett)

b) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

> De que ele, o sol, inunda
> O mar, quando se **põe,**
> Imagem moribunda
> De um coração que **foi...**
>
> (João de Deus)

Rima pobre e rima rica.

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em *-ar,* dos particípios em *-ado,* dos gerúndios em *-ando,* dos diminutivos em *-inho,* dos advérbios em *-mente,* dos adjectivos em *-ante,* dos substantivos em *-ão* e *-eza,* das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: *amor-desamor, ver--rever,* etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

> O teu olhar, Senhora, é a estrela da **alva**
> Que entre alfombras de nuvens **irradia:**
> Salmo de amor, canto de alívio, e **salva**
> De palmas a saudar a luz do **dia...**

Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo *dia-irradia, sombra-assombra.*

3. Denominam-se RARAS OU PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de *cálix* com *digitális*, empregada nas *Horas*, de Eugénio de Castro:

> Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em **cálix**
> O seu colo! e os seus dedos de **digitális**! —

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugénio de Castro são estes versos, em que se dispõem em rima um substantivo com uma forma verbo-pronominal.

> Eis que diz uma: — Meus chapins **descalça-mos,**
> Unge meus pés brancos com cheirosos **bálsamos.**

Combinações de rimas.

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rímicas processam-se dentro de unidades menores do poema — as ESTROFES —, cujos principais tipos estudaremos adiante.

Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

> Ele deixava atrás tanta record**ação!**
> E o pesar, a saudade até no próprio **chão,**
> Debaixo dos seus pés, parece que ge**mia,**
> Levantava-se o sol, vinha rompendo o **dia,**
> E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em **flor**
> Vestiam-se de luz, como um peito de a**mor.**
>
> (Alberto de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1.º com o 3.º, etc.); de outro, os versos pares (o 2.º com o 4.º, etc.):

> Tu és um beijo mat**erno!**
> Tu és um riso inf**antil,**
> Sol entre as nuvens de inv**erno,**
> Rosa entre as flores de ab**ril!**
>
> (João de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS OU INTERPOLADAS, quando o 1.º verso rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º:

> Saudade! Olhar de minha mãe **rezando**
> E o pranto lento deslizando em **fio...**
> Saudade! Amor da minha terra... O **rio**
> Cantigas de águas claras soluç**ando.**
>
> (Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1.º verso rima com o 3.º; o 2.º com o 4.º e com o 6.º; o 5.º com o 7.º e o 9.º e assim por diante, como nestes versos do poema *Uma criatura*, de Machado de Assis:

> Sei de uma criatura antiga e formid**ável,**
> Que a si mesma devora os membros e as entr**anhas**
> Com a sofreguidão da fome insaci**ável.**
>
> Habita juntamente os vales e as mont**anhas**
> E no mar, que se rasga, à maneira de ab**ismo,**
> Espreguiça-se toda em convulsões estr**anhas.**
>
> Traz impresso na fronte o obscuro despot**ismo.**
> Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
> Parece uma expansão de amor e de ego**ísmo.**

Indicação esquemática das rimas.

Convencionalmente, indicam-se os versos com as letras do alfabeto. Aos versos presos pela mesma rima correspondem letras iguais. Assim o esquema das RIMAS EMPARELHADAS é *aa-bb-cc*, etc.; o das RIMAS ALTERNADAS é *ababab*, etc.; o das RIMAS OPOSTAS, *abba;* o das RIMAS ENCADEADAS, *aba-bcb-cdc*, etc.

Versos sem rima.

Elemento importantíssimo na poesia dos povos românticos, a rima serve principalmente a dois fins. É uma sonoridade, uma musicalidade que, introduzida no poema, satisfaz o ouvido. E é, por outro lado, uma forma de marcar enfaticamente o término do período rítmico formado pelo verso. Mas não constitui, como se tem dito, um elemento intrínseco, essencial do verso, tanto assim que era desusada na métrica latina de carácter culto e não faltam às literaturas modernas numerosos e admiráveis poemas compostos de versos BRANCOS, o que vale dizer — sem rima.

ESTROFAÇÃO

ESTROFE (do grego *strophé* «volta», «conversão») é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de ESTROFE:

O dístico.

É a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: *aa-bb-cc,* etc.:

> Filho meu, de nome **escrito**
> da minh'alma no **Infinito.**
>
> Escrito a estrelas e **sangue**
> no farol da lua **langue...**
>
> (Cruz e Sousa)

O terceto.

É a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, da qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da *Divina Comédia,* de Dante — a TERZA RIMA —, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: *aba-bcb-cdc...*). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: *xzx-z*).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (*aab-ccb, abc-abc,* etc.), ou mesmo sem rima.

A quadra.

É a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA *(abab)* ou OPOSTA *(abba),* como vimos anteriormente. Na literatura popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA é, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2.º com o 4.º verso. Exemplo:

> O pouco que Deus nos deu
> Cabe numa mão **fechada;**
> O pouco com Deus é muito,
> O muito sem Deus é **nada.**

A quintilha.

É a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries *abbab, abaab* e *ababa.* Da última veja-se este exemplo de Fernando Pessoa:

> O tempo que eu hei **sonhado**
> Quanto tempo foi de **vida!**
> Ah, quanto do meu **passado**
> Foi só a vida **mentida**
> De um futuro **imaginado!**
>
> (Fernando Pessoa)

A sextilha.

É a estrofe de seis versos. Nela, a disposição das rimas pode variar muito. Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema *aabbcc.* Nas *Sextilhas de Frei Antão,* Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares *(abcbdb).* E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema *aabccb.*

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo *ababab:*

> Por água brava ou **serena**
> Deixamos nosso **cantar,**
> Vendo a voz como é **pequena**
> Sobre o comprimento do **ar.**
> Se alguém ouvir temos **pena:**
> Só cantamos para o **mar...**
>
> (Cecília Meireles)

A estrofe de sete versos.

Frequente na poesia trovadoresca de carácter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema *abbaacc*, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

> Leva na cabeça o pote,
> o testo nas mãos de prata,
> cinta de fina escarlata,
> sainho de chamalote:
> traz a vasquinha de cote,
> mais branca que neve pura;
> vai fermosa, e não segura.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: *aabcbbc* (Álvares de Azevedo); *abababa, aabcddc, abbcddc* (Casimiro de Abreu); *abacbac* (Vicente de Carvalho); *aabaaca, abbacbc* (Fernando Pessoa); *abcdefd, ababcac, abcdbec, abcabbc* (Cecília Meireles).

A oitava.

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HERÓICA, e outro métrica e rimicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HERÓICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: *abababcc*). Foi a estrofe empregada por Camões em *Os Lusíadas:*

> De Formião, filósofo elegante,
> Vereis como Anibal escarnecia,
> Quando das artes bélicas diante
> Dele com larga voz tratava e lia.
> A disciplina militar prestante
> Não se aprende, senhor, na fantasia
> Sonhando, imaginando ou estudando,
> Senão vendo, tratando e pelejando.
> (Lus., X, 153.)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas *ababcdcd* e *abbacddc*. Para lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4.º com o 8.º Este, por exemplo, o caso dos esquemas *abbcaddc, ababccb* e *aaabcccb*.

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1.º e no 3.º verso, ou no 1.º e no 5.º, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas líricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema *abaaabab:*

> Pegou no copo, com graça,
> E brindou, em língua estranha...
> E a rainha, a vista baça,
> Como a um punhal que a trespassa,
> Encheu de prantos a taça,
> E o seu lenço de Bretanha...
> Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
> Esse brinde, em língua estranha!

A estrofe de nove versos.

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis, no poema *Visio* (esquema *aabcdbcdb*).

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em *O mostrengo* (esquema *aabaacdcd*), cuja primeira estrofe é a seguinte:

> O mostrengo que está no fim do mar
> Na noite de breu ergueu-se a voar;
> À roda da nau voou três vezes,
> Voou três vezes a chiar,
> E disse: «Quem é que ousou entrar
> Nas minhas cavernas que não desvendo,
> Meus tectos negros do fim do mundo?»
> E o homem do leme disse, tremendo,
> «El-Rei D. João Segundo!»

A décima.

Em geral, a DÉCIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DÉCIMA em heptassílabos era usada para poesias ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. Sá de Miranda empregou-a nos esquemas *abbacddccd* e *abaabcddcd;* Camões, na forma *abaabcdccd.* E Gregório de Matos, que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo *abbaaccddc*, de que nos dá mostra a seguinte, ende-

reçada «a um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre»:

Levou um livreiro a dente
De alface todo um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.
Porém, eu digo que mente
A quem disso o quer tachar;
Antes é para notar
Que trabalhou como um mouro,
Pois meter folhas no couro
Também é encadernar.

A esse tipo de décima de setissílabos, agrupados no esquema rímico *abbaaccddc*, dá-se o nome de ESPINELA, por ser atribuída a sua invenção ao poeta espanhol Vicente Espinel.

A partir do romantismo, novos tipos de DÉCIMA têm aparecido, em geral com intercalações de versos brancos.

Estrofes simples e compostas.

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são: *a*) a do decassílabo com o hexassílabo; *b*) a do hendecassílabo com o pentassílabo; *c*) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas; *d*) a do heptassílabo com os versos de três ou quatro sílabas.

Estrofe livre.

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE é a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

Há poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim o SONETO, o RONDÓ, o RONDEL, a BALADA, o CANTO REAL, o VILANCETE, a VILANELA, a SEXTINA, o PANTUM, o HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O soneto.

Há duas variedades do SONETO: o SONETO ITALIANO e o SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de catorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.

As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas: *abba-abba* ou *abab-abab*.

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas.

Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma alternada: *cdc-dcd*. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas:

1.º) *ccd-eed*, empregado preferentemente por Florbela Espanca, a exemplo destes tercetos de *Languidez*:

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,
Que pousam sobre duas violetas,
Asas leves cansadas de voar...

E a minha boca tem uns beijos mudos...
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,
Traçam gestos de sonho pelo ar...

2.º) *cdc-ede*, que se documenta nos tercetos de *Lar Paterno*, de Belmiro Braga:

Serras virentes, que não mais transponho,
Na retina fiel ainda eu vos tenho,
E revejo, através de um brando sonho,

A casa onde nasci, as mansas reses,
A várzea, o laranjal, a horta, o engenho
E a cruz onde rezei por tantas vezes...

3.º) *cde-cde*, que aparece nestes tercetos de *Zulmira*, de Raimundo Correia:

Não sei porque chorando toda a gente,
Quando Zulmira se casou, estava:
Belo era o noivo... que razões havia?

A mãe e a irmã choravam tristemente;
Só o pai de Zulmira não chorava...
E era o pai, afinal, quem mais sofria!

Estas as principais disposições rímicas do SONETO ITALIANO, ou seja da forma tradicional deste breve e afortunado poema.

3. O SONETO INGLÊS, modernamente introduzido nas literaturas de língua portuguesa, também consta de catorze versos, mas distribuídos em três quadras e um dístico final, que se escrevem sem espacejamento. Obedece a um dos dois esquemas: *a) abab bcbc cdcd ee; b) abab cdcd efef gg.* Na literatura inglesa, o primeiro tipo é conhecido por SONETO SPENSERIANO *(Spenserian sonnet)*, por ter sido cultivado inicialmente pelo poeta Edmund Spenser (1552?-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO *(Shakespearean sonnet)*, ou, simplesmente, SONETO INGLÊS *(English sonnet)* por se haver tornado a forma mais usual do poema desde que dela se serviu o genial dramaturgo nos 154 espécimes do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira é este soneto shakespeariano:

SONETO INGLÊS N.º 2

Aceitar o castigo imerecido,
Não por fraqueza, mas por altivez,
No tormento mais fundo o teu gemido
Trocar num grito de ódio a quem o fez.
As delícias da carne e pensamento
Com que o instinto da espécie nos engana
Sobpor ao generoso sentimento
De uma afeição mais simplesmente humana.
Não tremer de esperança nem de espanto.
Nada pedir nem desejar, senão
A coragem de ser um novo santo
Sem fé num mundo além do mundo. E então
Morrer sem uma lágrima, que a vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

Abgar Renault, *LSL* = RENAULT, Abgar. *A lápide sob a lua.* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

Adelino Magalhães, *OC* = MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

Adelmar Tavares, *PC* = TAVARES, Adelmar. *Poesias completas.* Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

Adonias Filho, *LP* = AGUIAR FILHO, Adonias. *Léguas da promissão;* novelas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Adonias Filho, *LBB* = ——. *Luanda, Beira, Bahia.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Adonias Filho, *F* = ——. *O forte;* romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Afonso Arinos, *OC* = ARINOS, Afonso. *Obra completa.* Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

Afonso Arinos de Melo Franco, *AR* = FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

Afrânio Peixoto, *NHLB* = PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

Afrânio Peixoto, *RC* = ——. *Romances completos.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

Agostinho Neto, *SE* = NETO, Agostinho. *Sagrada esperança;* poemas. 9.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Agustina Bessa Luís, *AM* = LUÍS, Agustina Bessa. *A muralha;* romance. Lisboa, Guimarães Editores, 1957.

Agustina Bessa Luís, *M* = ——. *O manto;* romance. Amadora, Bertrand, s.d.

Agustina Bessa Luís, *OM* = ——. *O mosteiro;* romance. 2.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia, 1980.

Agustina Bessa Luís, *QR* = ——. *As relações humanas: Os quatro rios;* romance. Lisboa, Guimarães Editores, s.d.

Agustina Bessa Luís, *S* = ——. *A sibila;* romance. 5.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., s.d.

Alberto Deodato, *POBD* = DEODATO, Alberto. *Políticos e outros bichos domésticos;* crônicas. 2.ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.

Alberto de Oliveira, *P* = OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias;* 1.ª e 2.ª séries, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3.ª série. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913, 4.ª série, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

Alberto de Oliveira, *Póst.* = ——. *Póstuma.* Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

Alberto Rangel, *IV* = RANGEL, Alberto. *Inferno verde: scenas e scenários do Amazonas.* 3.ª ed. Tours, Typ. E. Arrault, 1920.

Alceu Amoroso Lima, *AA* = LIMA, Alceu Amoroso [Tristão de Ataíde]. *Afonso Arinos.* Rio de Janeiro-Lisboa-Porto, 1922.

Alexandre Herculano, *E* = HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero.* 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s.d.

Alexandre Herculano, *HP* = ——. *História de Portugal,* desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III. 8.ª ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s.d. 8 t.

Alexandre Herculano, *LN* = ——. *Lendas e narrativas,* 22.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s./d. 2 t.

Alexandre Herculano, *MC* = —— *O Monge de Cister, ou a epocha de D. João I.* 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s.d., 2 t.

Alexandre Herculano, *OEIP* = ——. *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal;* tentativa historica, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

Alexandre O'Neill, *SO* = O'NEILL, Alexandre. *A saca de orelhas.* Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Alfredo Margarido, *ELNA* = MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa.* Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

Almada Negreiros, *NG* = NEGREIROS, José de Almada. *Nome de Guerra.* Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, *OC* = ——. *Obras completas.* Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, *O* = GARRETT, J. B. de Almeida. *OBRAS de Almeida Garrett.* Porto, Lello & Irmão, 1966, 2 v.

Almeida Garrett, *RCG* = ——. *Romanceiro e cancioneiro geral. I. Adozinda e outros.* Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis, 1843.

Alphonsus de Guimaraens, *OC* = GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

Aluísio Azevedo, *C* = AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço.* Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1890.

Alves Redol, *BC* = REDOL, Alves. *Barranco de cegos.* 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1973.

Alves Redol, *BSL* = ——. *A barca dos sete lemes.* 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *C* = ——. *Constantino, guardador de vacas e de sonhos.* Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *F* = ——. *Fanga.* 8.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *FM* = ——. *Uma fenda na muralha.* 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Alves Redol, *G* = ——. *Gaibéus.* 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *MB* = ——. *O muro branco.* 3.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Aníbal M. Machado, *CJ* = MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

Aníbal M. Machado, *HR* = ——. *Histórias reunidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

Aníbal M. Machado, *JT* = ——. *João Ternura.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

Antenor Nascentes, *PR* = NASCENTES, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva.* Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

Antero de Quental, *C* = QUENTAL, Antero de. *Cartas.* 2.ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

Antero de Quental, *P* = ——. *Prosas.* Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v.

Antero de Quental, *SC* = ——. publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

António Botto, *C* = BOTTO, António. *Canções.* Nova edição definitiva. Lisboa, Bertrand, 1941.

António Botto, *OA* = ——. *Ódio e amor.* Lisboa, Ática, 1947.

António Callado, *MC* = CALLADO, António. *A madona de cedro.* 2.ª ed. Nova Fronteira, 1981.

António Callado, *Q* = ——. *Quarup;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

António Carlos Resende, *LD* = RESENDE, António Carlos. *O Louva-a-Deus;* novela. Porto Alegre, Globo, 1980.

António Corrêa d'Oliveira, *M* = OLIVEIRA, António Corrêa d'. *Menino.* Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand; Rio de Janeiro, Francisco Alves, s.d.

António Corrêa d'Oliveira, *VSVA* = ——. *Verbo ser e verbo amar.* Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

António de Alcântara Machado, *NP* = MACHADO, António de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos Avulsos.* 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

António de Assis Júnior, *SM* = ASSIS JÚNIOR, António de. *O segredo da morta;* romance de costumes angolenses. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1979.

António Feliciano de Castilho, *AO* = CASTILHO, António Feliciano de. *Os amores de P. Ovídio Nasão.* Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858. 4 t.

António Feliciano de Castilho, *F* = ——. *Os fastos de Publio Ovidio Nasão.* Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, 1862. t. III.

António Ferreira, *C* = FERREIRA, António. *Castro.* In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas;* estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 143-262.

António Nobre, *CI* = NOBRE, António. *Cartas inéditas.* Coimbra, Presença, 1934.

António Nobre, *D* = ——. *Despedidas.* (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

António Nobre, *S* = ——. *Só.* 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

António Patrício, *P* = PATRÍCIO, António. *Poesias.* Lisboa, Ática, 1954.

António Sérgio, *D* = SÉRGIO, António. *Obras completas: Democracia.* Lisboa, Sá da Costa, 1974.

António Sérgio, *E* = ——. *Obras completas: Ensaios.* Lisboa, Sá da Costa, 1972-1974. 8 t.

Aquilino Ribeiro, *AFPB* = RIBEIRO, Aquilino. *Andam faunos pelo bosque;* romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

Aquilino Ribeiro, *CRG* = ——. *Cinco réis de gente;* romance. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

Aquilino Ribeiro, *ES* = ——. *Estrada de Santiago.* Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

Aquilino Ribeiro, *M* = ——. *O Malhadinhas — Mina de Diamantes.* Lisboa, Bertrand, 1958.

Aquilino Ribeiro, *PSP* = ——. *Portugueses das sete partidas.* 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s.d.

Aquilino Ribeiro, *SBAM* = ——. *S. Banaboião, anacoreta e mártir.* 2.ª ed. Lisboa, Bertrand, s.d.

Aquilino Ribeiro, *V* = ——. *Volfrâmio.* Nova ed. Lisboa, Bertrand, s.d.

Arnaldo Santos, *K* = SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas.* São Paulo, Ática, 1981.

Arnaldo Santos, *P* = *Prosas.* Lisboa, Edições 70, 1977.

Artur Azevedo, *CFM* = AZEVEDO, Arthur. *Contos fora da moda.* 7.ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

Augusto Abelaira, *B* = ABELAIRA, Augusto. *Bolor.* 3.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

Augusto Abelaira, *BI* = ——. *As boas intenções;* romance. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1971.

Augusto Abelaira, *CF* = ——. *A cidade das flores;* romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
Augusto Abelaira, *D* = ——. *Os desertores;* romance. 3.ª ed. Amadora, Bertrand [1971].
Augusto Abelaira, *NC* = ——. *O nariz de Cleópatra.* Comédia em 3 actos. Amadora, Bertrand [1962].
Augusto Abelaira, *QPN* = ——. *Quatro paredes nuas;* contos. Amadora, Bertrand, 1972.
Augusto Abelaira, *TM* = ——. *O triunfo da morte.* Lisboa, Sá da Costa, 1981.
Augusto dos Anjos, *E* = ANJOS, Augusto dos. *Eu.* Rio de Janeiro, s. ed., 1912.
Augusto Frederico Schmidt, *AP* = SCHMIDT, Augusto Frederico. *Antologia de prosa.* Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.
Augusto Frederico Schmidt, *F* = ——. *As florestas;* páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
Augusto Frederico Schmidt, *GB* = ——. *O galo branco;* páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
Augusto Frederico Schmidt, *PE* = ——. *Poesias escolhidas.* Rio de Janeiro, Améric-Edit., 1946.
Augusto Gil, *LJ* = GIL, Augusto. *Luar de janeiro.* 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, 1917.
Augusto Meyer, *CM* = MEYER, Augusto. *A chave e a máscara.* Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.
Augusto Meyer, *MA* = ——. *Machado de Assis* (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.
Augusto Meyer, *P* = ——. *Poesias* (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.
Augusto Meyer, *SI* = ——. *Segredos da infância.* Porto Alegre, Globo, 1949.
Autran Dourado, *IP* = ——. DOURADO, Autran. *As imaginações pecaminosas.* Rio de Janeiro, Record, 1981.
Autran Dourado, *RB* = ——. *O risco do bordado;* romance. 6.ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1976.
Autran Dourado, *TA* = ——. *Tempo de amor.* [São Paulo] Difel, 1979.

Baltasar Lopes da Silva, *C* = SILVA, Baltasar Lopes da. *Chiquinho;* romance. São Vicente-Cabo Verde, Claridade, 1947.
Barão do Rio-Branco, *D* = *OBRAS do Barão do Rio-Branco,* IX. *Discursos.* Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1948.
Bernardo Guimarães, *EI* = GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura;* romance. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.
Bernardo Santareno, *TPM* = SANTARENO, Bernardo. *A traição do Padre Martinho;* narrativa dramática em dois actos. Lisboa, Ática, 1969.
B. Lopes, *H* = LOPES, Bernardino da Costa. *Helenos.* Rio de Janeiro, s. ed., 1901.
Branquinho da Fonseca, *B* = FONSECA, Branquinho da. *O barão.* 6.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.
Branquinho da Fonseca, *MS* = ——. *Mar santo;* novela. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1964.

Caldas Aulete, *DCLP* = AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza;* feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antonio Maria Pereira, [1902]. 2 v.
Camilo Castelo Branco, *BE* = BRANCO, Camillo Castello. *Bohemia do espirito.* Porto, Livraria Civilização, 1886.
Camilo Castelo Branco, *BP* = ——. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho.* Porto, Ernesto Chardron, 1883.
Camilo Castelo Branco, *CC* = ——. *Scenas contemporaneas.* 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.
Camilo Castelo Branco, *CE* = ——. *Coisas espantosas.* 2.ª ed. Lisboa, António Maria Pereira, 1864.

Camilo Castelo Branco, *J* = ——. *O judeu;* romance historico. Porto, Casa de Viúva Moré, 1866.
Camilo Castelo Branco, *OS* = ——. *Obra selecta.* Organização, selecção introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 v.
Camilo Castelo Branco, *QA* = ——. *A queda d'um anjo.* Edição definitiva revista e corrigida pelo autor. Lisboa-Rio de Janeiro, Campos & C.ª, 1887.
Camilo Castelo Branco, *RI* = ——. Prefacio biographico. In: CASTRO, António Serrão de. *Os ratos da Inquisição.* Porto, Ernesto Chardron, 1883, p. 5-109.
Camilo Castelo Branco, *V* = ——. *Vingança.* Porto, Cruz Coutinho, 1863.
Camilo Pessanha, *C* = PESSANHA, Camilo. *Clépsidra.* Lisboa, Ática, 1945.
Carlos de Oliveira, *AC* = OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva;* romance. 8.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1975.
Carlos de Oliveira, *CD* = ——. *Casa na duna;* romance. 5.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.
Carlos de Oliveira, *PB* = ——. *Pequenos burgueses;* romance. 7.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981.
Carlos Drummond de Andrade, *BV* = ANDRADE, Carlos Drummond de. *A bolsa & a vida.* Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.
Carlos Drummond de Andrade, *CA* = ——. *Contos de aprendiz.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.
Carlos Drummond de Andrade, *CB* = ——. *Cadeira de balanço;* crónicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
Carlos Drummond de Andrade, *CJB* = ——. *Caminhos de João Brandão.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
Carlos Drummond de Andrade, *CM* = ——. *Confissões de Minas.* Rio de Janeiro, Améric-Edit., 1944.
Carlos Drummond de Andrade, *FA* = ——. *Fala, amendoeira.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
Carlos Drummond de Andrade, *IB* = ——. *As impurezas do branco.* Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973.
Carlos Drummond de Andrade, *MA* = ——. *Menino antigo (Boitempo-II).* Rio de Janeiro, Sabiá/José Olympio/MEC, 1973.
Carlos Drummond de Andrade, *OC* = ——. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.
Carlos Drummond de Andrade, *R* = ——. *Reunião;* 10 livros de poesia. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
Carlos Pena Filho, *LG* = PENA FILHO, Carlos. *Livro geral.* Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.
Casimiro de Abreu, *O* = *OBRAS de Casimiro de Abreu.* Apuração e revisão do texto, escorço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.
Castro Alves, *EF* = ALVES, Castro. *Espumas fluctuantes;* poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.
Castro Alves, *OC* = ——. *Obra completa.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.
Castro Soromenho, *C* = SOROMENHO, Castro. *A chaga;* romance. 2.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.
Castro Soromenho, *TM* = ——. *Terra morta;* romance. Lisboa, Sá da Costa, s. d.
Castro Soromenho, *V* = ——. *Viragem.* 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.
Cecília Meireles, *OP* = MEIRELES, Cecília. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.
Cecília Meireles, *Q, I* = MEIRELES, Cecília et alii. *Quadrante I;* crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.
Ciro dos Anjos, *DR* = ANJOS, Ciro dos. *2 romances: O amanuense Belmiro; Abdias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

Ciro dos Anjos, *M* = ——. *Montanha;* romance. Rio de Janeiro, 1956.
Ciro dos Anjos, *MS* = ——. *A menina do sobrado.* Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1979.
Clarice Lispector, *AV* = LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Clarice Lispector, *BF* = ——. *A bela e a fera.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Clarice Lispector, *FC* = ——. *Felicidade clandestina;* contos. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
Clarice Lispector, *HE* = ——. *A hora da estrela.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
Clarice Lispector, *LF* = ——. *Laços de família;* contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.
Clarice Lispector, *L* = ——. *O lustre;* romance. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
Clarice Lispector, *ME* = ——. *A maçã no escuro.* 6.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
Clarice Lispector, *PSGH* = ——. *A paixão segundo GH;* romance. 7.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Clarice Lispector, *SV* = ——. *Um sopro de vida (Pulsações).* 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
Cláudio Manuel da Costa, *OP* = COSTA, Claudio Manuel da. *Obras poéticas.* Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.
Cochat Osório, *CV* = OSÓRIO, Cochat. *Capim verde;* contos. Luanda, Lello, 1957.
Coelho Netto, *OS*, I = NETTO, Coelho. *Obra seleta.* I. *Romances.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.
Costa Andrade, *NVNT* = ANDRADE, Fernando Costa. *No velho ninguém toca.* Lisboa, Sá da Costa, 1974.
Cristóvão Falcão, *C* = FALCÃO, Cristóvão. *Crisfal.* In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas;* estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 57-142.
Cruz e Sousa, *OC* = CRUZ E SOUSA. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

Da Costa e Silva, *PC* = SILVA, Da Costa e. *Poesias completas.* 2.ª ed., revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1976.
David Mourão-Ferreira, *HL* = MOURÃO-FERREIRA, David. *Hospital das letras;* ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.
David Mourão-Ferreira, *I* = ——. *O irmão;* peça em 2 actos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.
Dinah Silveira de Queirós, *EHT* = QUEIROS, Dinah Silveira de. *Eles herdarão a terra.* Rio de Janeiro, GRD, 1960.
Dinah Silveira de Queirós, *FS* = ——. *Floradas na serra;* romance, 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.
Dinah Silveira de Queirós, *M* = ——. *A muralha.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
Dinah Silveira de Queirós, *MLR* = ——. *Margarida La Rocque.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.
Dinah Silveira de Queirós, *VI* = ——. *Verão dos infiéis;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971.
Djalma Andrade, *VEE* = ANDRADE, Djalma. *Versos escolhidos e epigramas.* 3.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.
Domingos Olímpio, *LH* = OLÍMPIO, Domingos. *Luzia homem.* Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903.

Eça de Queirós, *O* = *OBRAS de Eça de Queirós.* Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 v.
Eduardo Carlos Pereira, *GH* = PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica.* 9.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

Eduardo Prado, *IA* = PRADO, Eduardo. *A ilusão americana,* 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.
Emanuel Pereira Filho, in *TPB* de Gândavo. PEREIRA FILHO, Emanuel. In: GÂNDAVO, Pedro de Magalhães de. *Tratado da província do Brasil.* Edição crítica. MEC/INL, 1965.
Emílio Moura, *IP* = MOURA, Emílio. *Itinerário poético; poemas reunidos.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.
Érico Veríssimo, *A* = VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento.* III. *O arquipélago.* Porto Alegre, Globo, 1.ª ed., 2.ª impr. 1962-1966. 3 v.
Érico Veríssimo, *C* = ——. *Clarissa.* 6.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1947.
Érico Veríssimo, *GPCN* = ——. *Gato preto em campo de neve.* 9.ª ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.
Érico Veríssimo, *LS* = ——. *Um lugar ao sol.* 2.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1963.
Érico Veríssimo, *ML* = ——. *Música ao longe.* 8.ª ed. Porto Alegre, 1947.
Euclides da Cunha, *OC* = CUNHA, Euclides da. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, 2 v.
Eugénio de Castro, *OP* = CASTRO, Eugénio de. *Obras poéticas.* Lisboa, Lumen, 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944, 10 v.
Eugénio de Castro, *UV* = ——. *Últimos versos.* Lisboa, Bertrand, 1938.

F. Adolfo Varnhagen, *CTA* = VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *Cancioneirinho de trovas antigas colligidas de um grande cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano.* Viena, Typ. I. e R. do E. e da Corte, 1870.
Fagundes Varela, *PC* = VARELA, L. N. Fagundes. *Poesias completas.* Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreiro Guerra. São Paulo, Ed. Nacional, 1957, 3 v.
Fagundes Varela, *VA* = ——. *Vozes da America;* poesias. 2.ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.
Fernanda Botelho, *X* = BOTELHO, Fernanda. *Xerazade e os outros;* romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s.d.
Fernanda de Castro, *ANE* = CASTRO, Fernanda de. *Asa no espaço.* Lisboa, Ática, 1955.
Fernando Namora, *CS* = NAMORA, Fernando. *Cidade solitária;* narrativas. 4.ª ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.
Fernando Namora, *DT* = ——. *Domingo à tarde;* romance. 11.ª ed. Amadora, Bertrand, 1975.
Fernando Namora, *E* = ——. *ENCONTROS com Fernando Namora.* 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1981.
Fernando Namora, *HD* = ——. *O homem disfarçado;* romance. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1970.
Fernando Namora, *NM* = ——. *A noite e a madrugada;* romance. 5.ª ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.
Fernando Namora, *RT* = ——. *O rio triste;* romance. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.
Fernando Namora, *TJ* = ——. *O trigo e o joio.* 12.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.
Fernando Pessoa, *LD* = PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares.* Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
Fernando Pessoa, *OP* = ——. *Obra poética.* Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.
Fernando Pessoa, *QGP* = ——. *Quadras ao gosto popular.* Lisboa, Ática, 1965.

Fernando Pessoa, *SP* = ——. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional.* Recolha de textos: Dr.ª Maria Isabel Rocheta, Dr.ª Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa, Ática, 1978.

Fernando Sabino, *EM* = SABINO, Fernando. *O encontro marcado.* 8.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

Fernando Sabino, *G* = ——. *Gente.* Rio de Janeiro, Record, 1975, 2 t.

Fernando Sabino, *GM* = ——. *O grande mentecapto.* Rio de Janeiro, Record, [1979].

Fernando Sabino, *HN* = ——. *O homem nu.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

Fernando Sabino, *ME* = ——. *O menino no espelho;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Ferreira de Castro, *OC* = CASTRO, Ferreira de. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Florbela Espanca, *S* = ESPANCA, Florbela. *Sonetos;* edição integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

Fontoura Xavier, *O* = XAVIER, Fontoura. *Opalas;* edição definitiva, muito augmentada. Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

Francisco José Tenreiro, *OP* = TENREIRO, Francisco José. *Obra poética.* Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCSPU, 1967.

Gastão Cruls, *HA* = CRULS, Gastão. *Hiléia amazônica.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

Gastão Cruls, *QR* = ——. *Quatro romances.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

Genolino Amado, *RP* = AMADO, Genolino. *O reino perdido. (Histórias de um professor de História).* Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

Geraldo França de Lima, *JV* = LIMA, Geraldo França de. *Jazigo dos vivos;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

Gilberto Amado, *DP* = AMADO, Gilberto. *Depois da política.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

Gilberto Amado, *HMI* = ——. *História da minha infância.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

Gilberto Amado, *PP* = ——. *Presença na política.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

Gilberto Amado, *TL* = ——. *Três livros: A chave de Salomão e outros escritos, Grão de areia e estudos brasileiros, A dança sobre o abismo.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

Gilberto Freyre, *OE* = FREYRE, Gilberto. *Obra escolhida.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

Gonçalves Dias, *PCPE* = DIAS, António Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, *OC* = ARANHA, Graça. *Obra completa.* Rio de Janeiro, MEC/ /INL, 1969.

Graciliano Ramos, *A* = RAMOS, Graciliano. *Angústia;* romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Graciliano Ramos, *AOH* = ——. *Alexandre e outros heróis;* obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

Graciliano Ramos, *C* = ——. *Caetés;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Graciliano Ramos, *I* = ——. *Infância.* 9.ª ed. São Paulo, Martins, 1972.

Graciliano Ramos, *Ins.* = ——. *Insónia;* contos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Graciliano Ramos, *SB* = —— *São Bernardo;* romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Graciliano Ramos, *VS* = ——. *Vidas secas;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Guerra Junqueiro, *S* = JUNQUEIRO, Guerra. *Os simples.* Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guilherme de Almeida, *N* = ALMEIDA, Guilherme de. *Natalika.* Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

Guilherme de Almeida, *PV* = ——. *Poesia vária.* 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

Guilherme de Almeida, *TP* = ——. *Toda a poesia.* São Paulo, Martins, 1952. 7 t.

Guimarães Passos, *VS* = PASSOS, Guimarães. *Versos de um simples* (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, *CB* = ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile;* sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 v.

Guimarães Rosa, *GS-V* = ——. *Grande sertão: veredas.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, *PE* = ——. *Primeiras estórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, *S* = ——. *Sagarana.* 4.ª ed., versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, *T* = ——. *Tutaméia. Terceiras estórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Gustavo Barroso, *TS* = BARROSO, Gustavo. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte).* 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

Herberto Sales, *AM* = SALES, Herberto. *Além dos marimbus.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

Herberto Sales, *C* = ——. *Cascalho;* romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

Herberto Sales, *DBFM* = ——. *Dados biográficos do finado Marcelino;* romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

Herberto Sales, *HO* = ——. *Histórias ordinárias.* Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

Ilse Losa, *EO* = LOSA, Ilse. *Encontro no outono;* contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

Irene Lisboa, *MCN* = LISBOA, Irene. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma;* historietas. Lisboa, Portugália, s.d.

Jacinto do Prado Coelho, *PHL* = COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária.* Lisboa, Ática, 1961.

Jackson de Figueiredo, *C* = FIGUEIREDO, Jackson de. *Correspondência.* Rio de Janeiro, A.B.C., [1938].

Jaime Cortesão, *CP* = CORTESÃO, Jaime. *Cancioneiro popular.* Porto, Renascença, 1914.

Jaime Cortesão, *FDFP* = ——. *Os factores democráticos na formação de Portugal.* 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

Jaime Cortesão, *IHB* = ——. *Introdução à história das bandeiras.* Lisboa, Portugália, 1964. 2 v.

João Cabral de Melo Neto, *DA* = MELO NETO, João Cabral de. *Duas águas;* poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

João Cabral de Melo Neto, *PC* = ——. *Poesias completas* (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

João de Araújo Correia, *FX* = CORREIA, João de Araújo. *Folhas de xisto;* contos. Régua, Imprensa do Douro, 1959.

João de Deus, *CF* = DEUS, João de. *Campo de flores;* poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor por Theophilo Braga. 2.ª ed. — ne varietur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

João de Deus, *FS* = *Folhas soltas.* Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

João Ribeiro, *AC* = RIBEIRO, João. *Autores contemporaneos.* Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporaneos. 25.ª ed. refundida, annotada e actualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

João Ribeiro, *CD2* = ——. *Cartas devolvidas.* 2.ª ed. com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José.

João Ribeiro, *F* = —— *O fabordão;* crónica de vário assunto. Rio de Janeiro — Paris, Garnier, 1910.

João Ribeiro, *FE* = ——. *Floresta de exemplos*. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.
João Ribeiro, *Fl* = ——. *O folk-lore*. Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.
João Ribeiro, *PE* = ——. *Páginas de esthetica*. Lisboa, Clássica Editora, 1905.
Joaquim Cardoso, *SE* = CARDOZO, Joaquim. *Signo estrelado*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.
Joaquim Manuel de Macedo, *RQ* = MACEDO, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.
Joaquim Nabuco, *A* = NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IPÊ, 1949.
Joaquim Nabuco, *MF* = ——. *Minha formação*. São Paulo, IPÊ, 1947.
Joaquim Paço d'Arcos, *CVL* = ARCOS, Joaquim Paço d'. *Crónica da vida lisboeta*. Organização e introdução do Prof. António Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.
Jorge Amado, *GCC* = AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela;* crónica de uma cidade do interior. 15.ª ed. São Paulo, Martins, 1960.
Jorge Amado, *MG* = ——. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro, Record, 1982.
Jorge Amado, *MM* = ——. *Mar morto;* romance. 18.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.
Jorge Amado, *TBCG* = ——. *Teresa Batista cansada de guerra*. São Paulo, Martins, 1972.
Jorge de Lima, *OC* = LIMA, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.
Jorge de Sena, *G-C* = SENA, Jorge de. *Os grão-capitães;* contos. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1982.
Jorge de Sena, *NAD* = ——. *Novas andanças do demónio;* contos. Lisboa, Portugália, 1966.
Jorge de Sena, *SF* = ——. *Sinais de fogo (Monte cativo* — I); romance, 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1971.
José Cândido de Carvalho, *CL* = CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
José Cândido de Carvalho, *NMAI* = ——. *Não matem o arco-íris*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
José Cardoso Pires, *D* = PIRES, José Cardoso. *O delfim;* romance. 3.ª ed. Lisboa, Moraes, 1969.
José Condé, *C* = CONDÉ, José. *As chuvas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
José Condé, *TC* = ——. *Terra de Caruaru*. 2.ª ed. [Rio de Janeiro], Bloch, 1968.
José de Alencar, *CD* = MENEZES, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.
José de Alencar, *G* = ALENCAR, José de. *O Guarani;* romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.
José de Alencar, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.
José Lins do Rego, *A-M* = REGO, José Lins do. *Agua-mãe*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Lins do Rego, *C* = ——. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.
José Lins do Rego, *D* = ——. *Doidinho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Lins do Rego, *E* = ——. *Eurídice*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Lins do Rego, *FM* = ——. *Fogo morto*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.
José Lins do Régio, *ME* = ——. *Menino de engenho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

José Lins do Rego, *MR* = ——. *O moleque Ricardo*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Lins do Rego, *MVA* = ——. *Meus verdes anos;* memórias. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
José Lins do Rego, *P* = ——. *Pureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Lins do Rego, *RD* = ——. Riacho doce. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Lins do Rego, *U* = ——. *Usina*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
José Régio, *CL* = RÉGIO, José. *A chaga do lado;* sátiras e epigramas. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.
José Régio, *ED* = ——. *As encruzilhadas de Deus;* poema. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s.d.
José Régio, *ERS* = ——. *El-Rei Sebastião;* poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.
José Régio, *F* = ——. *Fado*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.
José Régio, *JA* = ——. *Jacob e o anjo;* mistério em três actos, um prólogo e um epílogo, 2.ª ed. Vila do Conde, Edições «Ser», 1953.
José Régio, *PDD* = ——. *Poemas de Deus e do Diabo*. 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.
José Régio, *SM* = ——. *A salvação do mundo;* tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquérito, 1954.
José Rodrigues Miguéis, *GTC* = MIGUÉIS, José Rodrigues. *Gente de terceira classe;* contos e novelas. 2.ª ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.
José Saramago, *LC* = SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 3.ª ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.
José Saramago, *MC* = ——. *Memorial do Convento;* romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.
Josué Montello, *A* = MONTELLO, Josué. *Aleluia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
Josué Montello, *DP* = ——. *Os degraus do paraíso;* romance. São Paulo, Martins, 1965.
Josué Montello, *DVP* = ——. *Duas vezes perdida;* novelas. São Paulo, Martins, 1966.
Josué Montello, *LE* = ——. *Labirinto de espelhos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
Josué Montello, *PMA* = ——. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.
Josué Montello, *SC* = ——. *O silêncio da confissão*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Josué Montello, *TSL* = ——. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

Leite de Vasconcelos, *LFP* = ——. VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.
Lima Barreto, *REIC* = BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.
Lima Barreto, *TFPQ* = ——. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1965.
Luandino Vieira, *CI* = ——. VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância;* estórias. 2.ª ed. Lisboa, União dos Escritores Angolanos — Edições 70, 1977.
Luandino Vieira, *JV* = ——. *João Vêncio:* os seus amores; estória. Lisboa, Edições 70, 1979.
Luandino Vieira, *L* = ——. *Luuanda;* estórias. São Paulo, Ática, 1982.
Luandino Vieira, *NANV* = ——. *No antigamente, na vida;* estórias. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1977.
Luandino Vieira, *NM* = ——. *Nós, os do Makulusu*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.
Luandino Vieira, *VE* = ——. *Velhas estórias;* contos. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.

Luandino Vieira, *VVDX* = ——. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo, Ática, s.d.
Luís Bernardo Honwana, *NMCT* = Honwana, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo, Ática, 1980.
Luís Forjaz Trigueiros, *ME* = Trigueiros, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso*. Amadora, Bertrand, s.d.
Luís Jardim, *AMCA* = Jardim, Luís. *Aventuras do menino Chico de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.
Luís Jardim, *BA* = ——. *O boi aruá*. Rio de Janeiro, Alba, 1940.
Luís Jardim, *CTG* = *Confissões do meu tio Gonzaga;* romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
Luís Jardim, *MP* = ——. *Maria perigosa*. 2.ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
Luís Jardim, *MPM* = ——. *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
Lygia Fagundes Telles, *ABV* = Telles, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.
Lygia Fagundes Telles, *DA* = ——. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Lygia Fagundes Telles, *M* = ——. *Mistério;* ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
Lygia Fagundes Telles, *SR* = ——. *Seminário dos ratos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

Machado de Assis, *OC* = Assis, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 v.
Manuel Bandeira, *AA* = Bandeira, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
Manuel Bandeira, *PP* = ——. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 v.
Manuel da Fonseca, *FC* = Fonseca, Manuel da. *O fogo e as cinzas;* contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1965.
Manuel da Fonseca, *SV* = ——. *Seara de vento*. 9.ª ed. [Lisboa], Forja, 1979.
Manuel Ferreira, *HB* = Ferreira, Manuel. *Hora di bai*. São Paulo, Ática, 1980.
Manuel Lopes, *FVL*. Lopes, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo, Ática, 1979.
Marcelino Mesquita, *LT* = Mesquita, Marcelino. *Leonor Teles*. Lisboa, s. ed., 1892.
Maria Judite de Carvalho, *AV* = Carvalho, Maria Judite de. *Os armários vazios*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1978.
Maria Judite de Carvalho, *PSB* = ——. *Paisagem sem barcos*. Lisboa, Arcádia, s.d.
Maria Judite de Carvalho, *TGM* = ——. *Tanta gente, Mariana...* 2.ª ed. Lisboa, Arcádia, 1960.
Maria Judite de Carvalho, *TM* = ——. *Tempo de mercês*. Lisboa, Seara Nova, 1973.
Mário Barreto, *CP* = Barreto, Mário. *Cartas persas*, de Montesquieu. Versão portuguesa e anotações de ——. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1923.
Mário Barreto, *FLP* = ——. *Factos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.
Mário de Andrade, *CMB* = Andrade, Mário. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.
Mário de Andrade, *OI* = ——. *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960.
Mário de Andrade, *PC* = ——. *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1955.
Mário de Sá-Carneiro, *C* = Sá-Carneiro, Mário de. *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*. Leitura, selecção e notas de Arnaldo Saraiva. Porto, Limiar, 1977.

Mário de Sá-Carneiro, *CF* = ——. *Céu em fogo;* novelas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1956.
Mário de Sá-Carneiro, *CFP* = ——. *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 v.
Mário de Sá-Carneiro, *CL* = ——. *A confissão de Lúcio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1945.
Mário de Sá-Carneiro, *P* = ——. *Poesias*. Lisboa, Ática, 1953.
Mário de Sousa Lima, *GP* = Lima, Mário Pereira de Souza. *Gramática portuguesa*. Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as 4 séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.
Mário Palmério, *CB* = Palmério, Mário. *Chapadão do Bugre;* romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
Mário Palmério, *VC* = ——. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
Mário Pederneiras, *LSMV* = Pederneiras, Mário. *Ao léu do sonho e à mercê da vida*. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.
Mário Quintana, *P* = Quintana, Mário. *Poesias*. 2.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1975.
Marquês de Maricá, *M* = *Máximas, pensamentos e reflexões do Marquês de Maricá*. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.
Marques Rebelo, *M* = Rebelo, Marques. *Marafa*. 3.ª ed. São Paulo, Martins, 1956.
Marques Rebelo, *SMAP* = ——. *Stela me abriu a porta;* contos. Porto Alegre, Globo, 1942.
Martins Pena, *T* = Pena, Martins, *Teatro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.
Miguel Torga, *API* = Torga, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra, s. ed., 1952.
Miguel Torga, *B* = ——. *Bichos*. 9.ª ed. Coimbra, s. ed., 1978.
Miguel Torga, *CH* = ——. *Cântico do homem;* poesia. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1954.
Miguel Torga, *CM* = ——. *Contos da montanha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.
Miguel Torga, *NCM* = ——. *Novos contos da montanha*. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1952.
Miguel Torga, *P* = ——. *Portugal*. Coimbra, s. ed., 1950.
Miguel Torga, *TU* = ——. *Traço de união;* temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., 1955.
Miguel Torga, *V* = ——. *Vindima*. 2.ª ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.
Monteiro Lobato, *GDB* = Lobato, Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.
Monteiro Lobato, *N* = ——. *Negrinha;* contos, 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.
Monteiro Lobato, *U* = ——. *Urupês*. 12.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.
Murilo Mendes, *P* = Mendes, Murilo. *Poesias* (1925-1955). Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
Murilo Rubião, *D* = Rubião, Murilo. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte, Edições MP, 1965.

Nélida Piñon, *CC* = Piñon, Nélida. *O calor das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Nélida Piñon, *CP* = ——. *A casa da paixão*, 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.
Nélida Piñon, *FD* = ——. *A força do destino*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
Nélida Piñon, *SA* = ——. *Sala de armas;* contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

Odorico Mendes, *VB* = Mendes, Manuel Odorico. *Virgílio brazileiro*. Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, s.d.

Olavo Bilac, *DN* = Bilac, Olavo. *A defesa nacional;* discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.
Olavo Bilac, *P* = ——. *Poesias.* Rio de Janeiro, Garnier, 1904.
Olavo Bilac, *PI* = ——. *Poesias infantis.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1904.
Olavo Bilac, *T* = ——. *Tarde.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.
Olegário Mariano, *TVP* = Marianno, Olegário. *Toda uma vida de poesia;* poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.
Orlando Mendes, *LFNF* = Mendes, Orlando. *Lume florindo na forja.* Lisboa, Edições 70, 1980.
Orlando Mendes, *P* = ——. *Portagem.* São Paulo, Ática, 1981.
Órris Soares, *DF* = Soares, Órris. *Dicionário de filosofia,* volume I — A-D. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952.
Óscar Ribas, *EMT* = Ribas, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos.* Lisboa, Distribuidores Lello & Cia, s.d.
Óscar Ribas, *U* = ——. *Uanga: feitiço;* romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s.d.
Osman Lins, *A* = Lins, Osman. *Avalovara;* romance. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
Osman Lins, *FP* = ——. *O fiel e a pedra;* romance. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1967.
Osman Lins, *V* = ——. *O visitante;* romance. 3.ª ed. São Paulo, Summus, 1979.
Oswald de Andrade, *PR* = Andrade, Oswald de. *Poesias reunidas.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
Otto Lara Resende, *BD* = Resende, Otto Lara. *O braço direito;* romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.
Otto Lara Resende, *PM* = ——. *As pompas do mundo.* Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.
Otto Lara Resende, *RG* = ——. *O retrato na gaveta.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.
Paulo Mendes Campos, *AB* = Campos, Paulo Mendes. *O anjo bêbado.* Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.
Pedro Nava, *BC* = Nava, Pedro. *Balão cativo;* 2.º volume de suas memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
Pedro Nava, *B-M* ——. *Beira-mar.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
Pedro Nava, *BO* = ——. *Baú de ossos;* memórias l. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.
Pepetela, *AN* = Pepetela. *As aventuras de Ngunga.* São Paulo, Ática, 1980.
Pepetela, *M* = ——. *Mayombe;* romance. São Paulo, Ática, 1982.

Raquel de Queirós, *CCE* = Queiroz, Rachel de. *100 crônicas escolhidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.
Raquel de Queirós, *TR* = ——. *3 romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de pedra.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
Raimundo Correia, *PCP* = Correia, Raimundo. *Poesia completa e prosa.* Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.
Raul Brandão, *H* = Brandão, Raul. *Húmus.* 4.ª ed. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s.d.
Raul Brandão, *P* = ——. *Os pescadores.* Lisboa, Estudios Cor, 1957.
Raul Pompéia, *A* = Pompéia, Raul. *O Atheneu;* chronica de saudades. 4.ª ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s.d.
Rebelo da Silva, *CL* = Silva, Rebello da. *Contos e lendas.* Lisboa, Mattos Moreira, 1873.
Ribeiro Couto, *C* = Couto, Ribeiro. *Cabocla;* romance. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1945.
Ribeiro Couto, *NC* = ——. *Uma noite de chuva e outros contos.* Lisboa, Inquérito, 1944.
Ribeiro Couto, *PR* = ——. *Poesias reunidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

Rodrigo M. F. de Andrade, *V* = Andrade, Rodrigo M. F. de, *Velorios.* Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, s.d.
Rubem Braga, *CCE* = Braga, Rubem. *100 crônicas escolhidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.
Rubem Braga, *CR* = ——. *A cidade e a roça e três primitivos.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1964.
Rubem Fonseca, *C* = Fonseca, Rubem. *O cobrador.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 198c.
Rui Barbosa, *EDS* = Barbosa, Rui. *Escritos e discursos seletos.* Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.
Rui Barbosa, R = ——. *Replica do Senador Ruy Barbosa ás defesas da redacção do projecto da Camara dos Deputados.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

Said Ali, *DLP* = Ali, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.
Said Ali, *GS* = ——. *Grammatica secundaria da lingua portuguesa.* 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
Serafim da Silva Neto, *HLP* = Silva Neto, Serafim. *História da língua portuguesa.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.
Serafim da Silva Neto, *IELPB* = ——. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.
Simões Lopes Neto, *CGLS* = Lopes Neto, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul.* Ed. crítica por Aurélio Buarque de Holanda. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.
Soares dos Passos, *P* = Passos, Soares dos. *Poesias.* 9.ª ed. Porto, Chardron, 1909.
Sophia de Mello Breyner Andresen, *CE* = Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares.* 6.ª ed. Lisboa, Portugália, s.d.
Sousa da Silveira, *LP* = Silveira, A. F. de Sousa da. *Lições de português.* 8.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.
Sttau Monteiro, *APJ* = Monteiro, Luís Sttau. *Angústia para o jantar.* 5.ª ed. Lisboa, Ática, 1967.
Sttau Monteiro, *FHL* = ——. *Felizmente há luar!;* teatro. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1962.

Tasso da Silveira, *PC* = Silveira, Tasso da. *Puro canto;* poemas completos. Rio de Janeiro, *GRD,* 1962.
Tasso da Silveira, *SC* = ——. *Sombras do caos.* Rio de Janeiro, *GRD,* s.d.
Teixeira de Pascoaes, *OC* = Pascoaes, Teixeira de. *Obras completas.* Paris--Lisboa, Aillaud e Bertrand, s. d. 7 v.
Thiers Martins Moreira, *MP* = Moreira, Thiers Martins. *O menino e o palacete.* Rio de Janeiro, Simões, 1954.
Thiers Martins Moreira, *VVT* = ——. *Visão em vários tempos.* Rio Janeiro, Livraria São José, 1970.
Tobias Barreto, *QV* = Barreto, Tobias. *Questões vigentes.* In: *Obras completas.* Ed. do Estado de Sergipe, 1926, t. 9.
Tomás António Gonzaga, *OC* = Gonzaga, Tomás António. *Obras completas.* Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2 v.
Trindade Coelho, *AL* = Coelho, Trindade. *Ao leitor.* In João de Deus. *A cartilha maternal e a crítica.* Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897.

Urbano Tavares Rodrigues, *AM* = Rodrigues, Urbano Tavares. *As aves da madrugada;* novelas. Amadora, Bertrand, 1959.
Urbano Tavares Rodrigues, *JE* = ——. *Jornadas na Europa.* [Lisboa] Europa--América, 1958.

Urbano Tavares Rodrigues, *MTG* = ——. *Manuel Teixeira Gomes;* introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugália, 1950.
Urbano Tavares Rodrigues, *NR* = ——. *A noite roxa;* novelas. Amadora, Bertrand, 1956.
Urbano Tavares Rodrigues, *NS* = ——. *Nus e suplicantes;* novelas. Amadora, Bertrand, 1960.
Urbano Tavares Rodrigues, *PC* = ——. *Uma pedrada no charco.* Lisboa, Bertrand, 1957.
Urbano Tavares Rodrigues, *TO* = ——. *Terra ocupada;* novelas. Amadora, Bertrand, s.d.
Urbano Tavares Rodrigues, *VP* = ——. *Vida perigosa;* novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

Vergílio Ferreira, *A* = FERREIRA, Vergílio. *Aparição.* 7.ª ed. Lisboa, Portugália, 1971.
Vergílio Ferreira, *CF* = ——. *Cântico final.* Lisboa, Ulisseia, s. d.
Vergílio Ferreira, *NN* = ——. *Nítido nulo;* romance. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.
Vianna Moog, T = MOOG, Viana. *Tóia;* romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.
Vinícius de Morais, *LS* = MORAES, Vinícius de. *Livro de sonetos.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.
Vinícius de Morais, *PCP* = ——. *Poesia completa e prosa.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.
Virgínia Vitorino, *F* = VITORINO, Virgínia. *Fascinação.* Lisboa, J. Rodrigues & C.º, 1933.
Visconde de Taunay, *I* = TAUNAY, Visconde de. *Innocencia.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1899.
VITORINO Nemésio, *CI* = NEMÉSIO, Vitorino. *Corsário das ilhas.* Lisboa, Bertrand [1956].
Vitorino Nemésio, *MPM* = ——. *O mistério do Paço do Milhafre.* Lisboa, Bertrand, 1949.
Vitorino Nemésio, *MTC* = ——. *Mau tempo no canal;* romance. 5.ª ed. Amadora, Bertrand, s.d.
Vitorino Nemésio, *SOP* = ——. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos.* Lisboa, Bertrand, 1954.
Vitorino Nemésio, *VM* = ——. *Violão de morro.* Lisboa, Edições Panorama, 1968.

Esta obra foi composta em caracteres Garamond
e impressa em 2006
por Tipografia Guerra, Viseu